



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MARCELO KACZAN MARQUES

**ENTRELAÇANDO CAMINHOS: HISTÓRIAS DE VIDA DOS PROFESSORES
DE MÚSICA EM FORTALEZA**

FORTALEZA

2017

MARCELO KACZAN MARQUES

ENTRELAÇANDO CAMINHOS: HISTÓRIAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE
MÚSICA EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Ensino de Música.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- K13e Kaczan, Marcelo.
Entrelaçando Caminhos: Histórias de Vida dos Professores de Música em Fortaleza / Marcelo Kaczan. –
2017.
151 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro.
1. Currículo Escolar. 2. Ensino de Música em Fortaleza. 3. Histórias de Vida. 4. Formação de Professores.
I. Título.

CDD 370

MARCELO KACZAN MARQUES

ENTRELAÇANDO CAMINHOS: HISTÓRIAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE
MÚSICA EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Ensino de Música.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jean-Robert Poulin
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

À música e à poesia.

AGRADECIMENTOS

À Música universal de todo o bem e de toda a paz.

À Educação que me forma e que nos transforma.

À minha mãe Ana e pai Josué, geradores e presentes.

À Anita, meu eterno amor.

À Sophia, minha eterna flor.

A todos os meus familiares.

Ao amigo-orientador, Prof. Dr. Henrique Beltrão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC.

À professora e aos professores examinadores.

Aos professores que colaboraram com esta pesquisa.

Aos meus amigos e colegas de sala de aula.

Aos músicos da Orquestra-Escola do Ceará.

Aos amigos e estudantes,

Principalmente, a Deus.

Se andamos juntos até aqui não nos perderemos no caminho. Há em nossa história de vida muito a revelar. Nossa trajetória para si vai nos empoderar e desvelar a trilha em que a música do Ceará vai ecoar. A nossa história de vida vai nos empoderar. Nossa trajetória para si tem muito a revelar. Desvelar a trilha em que a música do Ceará vai ecoar.

(Vida e Trajetórias, música de Marcelo Kaczan, junho de 2016).

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar, por meio das histórias de vida dos professores de Artes, licenciados em Música a importância desta no currículo escolar. O referencial teórico que fundamenta esta pesquisa encontra amparo em autores que ensejam reflexões críticas sobre a realidade da educação, do ensino de Música e da formação de professores em Fortaleza, no Brasil e no Mundo. Em seu aspecto metodológico, é uma pesquisa qualitativa à luz da abordagem de Histórias de Vida em Formação – HIVIF e da Praxiologia, ao mesmo tempo em que se articula de modo incontornável em ser uma pesquisa de campo acerca da Educação Musical em escolas públicas de Fortaleza (Ceará) no ano de 2017. A investigação utiliza as entrevistas narrativas dos professores de Música como instrumento para a coleta de dados de egressos dos cursos de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade Federal do Ceará – UFC, que atuam hoje como docentes nas escolas públicas de Fortaleza. Traz uma análise do conteúdo das narrativas que, somadas aos gráficos do *software* IRAMUTEQ e de sua classificação, exprime seus resultados, mostrando a diferença que faz ter o professor de Música na escola e a importância de um *habitus* musical em sua formação e prática docente.

Palavras-chave: Currículo Escolar. Ensino de Música em Fortaleza. Histórias de Vida. Formação de Professores.

ABSTRACT

The purpose of this study is to identify, through the life histories of the Arts teachers, graduates in Music the importance of this in the school curriculum. The theoretical framework that underlies this research finds support in authors that offer critical reflections on the reality of education, Music teaching and teacher training in Fortaleza, Brazil and in the World. In its methodological aspect, it is a qualitative research in the light of the approach of Life Stories in Formation - HIVIF and Praxiologia, at the same time that articulates in an unavoidable way in being a field research about the Musical Education in public schools of Fortaleza (Ceará) in the year 2017. The research uses the narrative interviews of the teachers of Music as an instrument for the data collection of graduates of the Licenciatura in Music courses at the State University of Ceará - UECE and the Federal University of Ceará - UFC, Today as teachers in the public schools of Fortaleza. It brings an analysis of the content of the narratives that, together with the IRAMUTEQ software graphics and its classification, expresses its results, showing the difference that has the teacher of Music in the school and the importance of a musical habitus in its training and teaching practice.

Keywords: School curriculum. Music Teaching in Fortaleza. Life stories. Teacher training.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es identificar, a través de las historias de vida de los profesores de Artes, licenciados en Música la importancia de ésta en el currículo escolar. El referencial teórico que fundamenta esta investigación encuentra amparo en autores que plantean reflexiones críticas sobre la realidad de la educación, de la enseñanza de Música y de la formación de profesores en Fortaleza, en Brasil y en el Mundo. En su aspecto metodológico, es una investigación cualitativa a la luz del abordaje de Historias de Vida en Formación - HIVIF y de la praxiología, al mismo tiempo que se articula de modo ineludible en ser una investigación de campo acerca de la Educación Musical en escuelas públicas de Fortaleza (Ceará) en el año 2017. La investigación utiliza las entrevistas narrativas de los profesores de Música como instrumento para la recolección de datos de egresados de los cursos de Licenciatura en Música de la Universidad Estatal de Ceará - UECE y Universidad Federal de Ceará - UFC, que actúan hoy como docentes en las escuelas públicas de Fortaleza. Se trata de un análisis del contenido de las narrativas que, sumadas a los gráficos del software IRAMUTEQ y de su clasificación, expresa sus resultados, mostrando la diferencia que hace tener el profesor de Música en la escuela y la importancia de un habitus musical en su formación y práctica docente.

Palabras chave: Currículo Escolar. Enseñanza de Música en Fortaleza. Historias de vida. Formación de profesores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

1 – Foto do autor.....	21
2 – Foto de ingressos de <i>shows</i> da Banda Poesia de Concreto.....	25
3 – Foto de reportagem no jornal Tribuna do Ceará.....	25
4 – Foto de reportagem no jornal Diário do Nordeste.....	26
5 – Foto em reportagem na página da SEDUC	28
6 – Foto da Banda Salt 2017.....	29
7 – Foto da capa e contracapa do CD “Da Flor, o Amor”	30
8 – Foto do convite do lançamento do CD “Da Flor, o Amor”	30
9 – Foto do <i>show</i> de lançamento do CD “Da Flor, o Amor”.....	31
10 – Foto com a banca de qualificação.....	34
11 – Mapa dos bairros de Fortaleza alcançados pela pesquisa.....	98

Gráficos

1 – Diagrama de <i>Zipf</i> das entrevistas narrativas	72
2 – Dendograma da CHD das entrevistas narrativas	73
3 – Dendograma da CHD das entrevistas narrativas	74
4 – Nuvem de palavras dos professores entrevistados	75
5 – Nuvem de palavras do professor do pré-teste.....	99
6 – Nuvem de palavras do Professor Dó	107
7 – Nuvem de palavras do Professor Ré.....	114
8 – Nuvem de palavras do Professor Mi.....	121
9 – Nuvem de palavras do Professor Fá	126
10 – Nuvem de palavras do Professor Sol.....	133
11 – Nuvem de palavras do Professor Lá.....	139
12 – Nuvem de palavras do Professor Si.....	144

Tabelas

1 – Quadro com roteiro das entrevistas	61
2 – Quadro com o perfil dos professores entrevistados.....	64
3 – Quadro comparativo do projeto pedagógico dos cursos de música da UECE e UFC.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
ANPPOM	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CIPA	Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica
CODEA	Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem
EEF	Escola de Ensino Fundamental
EEFM	Escola de Ensino Fundamental e Médio
FACED/UFC	Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
HIVIF	Histórias de Vida em Formação
IBEU-Centro	Instituto Brasil Estados Unidos no Centro de Fortaleza
ICA-UFC	Instituto de Cultura e Arte da UFC
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IRAMUTEQ	Interface de R para análises multidimensionais de textos e de questionários
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OEC	Orquestra-Escola do Ceará
ONG	Organização não-governamental
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPGEB	Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
PROF-ARTES	Mestrado Profissional em Artes
SALT	“Banda SALT” (Sociedade Alternativa)
SEDUC-CE	Secretaria da Educação do Ceará
SEFAZ-CE	Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Artística
SESC	Serviço Social do Comércio
SME	Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza
UECE	Universidade Estadual do Ceará

UFC Universidade Federal do Ceará
UNIFOR Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ENSAIAR, NARRAR, COMPARTILHAR: A TECITURA DA NARRATIVA DE MINHA HISTÓRIA DE VIDA	21
3 ASPECTOS HISTÓRICOS, EPISTEMOLÓGICOS E LEGAIS DO ENSINO DE MÚSICA.....	36
3.1 Educação musical brasileira: paradoxo entre a lei e a realidade	36
3.2 Currículo escolar e cultura em formação: um <i>habitus</i> musical nas escolas	43
3.3 Pedagogia musical e sua importância epistemológica: por uma educação para a sensibilidade	48
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO.....	54
4.1 Os caminhos metodológicos da pesquisa	54
4.2 Caracterização do campo da pesquisa: o Município de Fortaleza	56
4.3 Método para coleta de dados: entrevistas narrativas	60
4.4 Entrevistas e participantes da pesquisa	62
5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	64
5.1 Entrelaçamento de trajetórias musicais	64
5.2 Perfis dos participantes.....	65
5.2.1 Professor de música Dó	65
5.2.2 Professor de música Ré	66
5.2.3 Professor de música Mi	66
5.2.4 Professor de música Fá	67
5.2.5 Professor de música Sol.....	68
5.2.6 Professor de música Lá.....	69
5.2.7 Professor de música Si.....	70
5.3 IRAMUTEQ: ferramenta de análise de dados da pesquisa	71
5.4 Análise de conteúdo	75
6 CONCLUSÕES	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DOS PPC DOS CURSOS DE MÚSICA DA UECE E UFC	95

APÊNDICE B – MAPA DOS BAIRROS ONDE SE LOCALIZAM AS ESCOLAS DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA	98
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	99
ANEXO A – ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS	146

1 INTRODUÇÃO

Este estudo investiga as narrativas de professores de Artes e licenciados em Música que lecionam em escolas públicas de Fortaleza no ano de 2017, rumo ao desvelar da reinserção do Ensino de Música no currículo da Educação Básica, em virtude de sua obrigatoriedade e de sua relevância. Esta investigação acadêmica inicialmente foi motivada pela promulgação da lei 11.769/2008, que alterou em seu Art. 1º o conteúdo do Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/1996, incluindo em seu § 6º que “[...] a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo [...]” do componente curricular de arte.

Com a publicação da Lei 13.278/2016, o estudo se amplia para investigar essa alteração legal que modifica mais uma vez o conteúdo do § 6º da LDB, incluindo em sua redação o texto considerando que “[...] as artes visuais, a dança, a música e o teatro” são as linguagens que constituirão o componente do ensino de arte obrigatório. Mencionada lei estabelece o prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino se organizem no sentido de pôr em prática essas alterações, ou, ainda, para a necessária adequação e formação dos respectivos professores em suas linguagens, em número suficiente para atender a essa demanda e, conseqüentemente, poderem atuar na Educação Básica, já que o prazo de três anos estabelecido anteriormente na Lei 11.769/2008 não foi cumprido no período de sua vigência.

Em 2017, o contexto é o da reforma curricular do Ensino Médio proposta pela Lei 13.415 de 16/02/2017¹, em seu Art. 35-A § 2º, se submete à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a responsabilidade de incluir obrigatoriamente estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia, o que em nosso entendimento torna essas disciplinas facultativas nesse nível de ensino. Essa reforma altera significativamente o currículo e retira a disciplinaridade no Ensino Médio, dividindo-o desde sua publicação nas seguintes áreas do conhecimento: I Linguagens e suas Tecnologias (aqui onde se encontram as Artes), II Matemática e suas Tecnologias, III Ciências da Natureza e suas Tecnologias e IV Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Tais mudanças no currículo representam um novo desafio para a Educação brasileira, na medida em que diversos fatores ligados ao ensino das Artes no currículo escolar precisam ser redimensionados para que, de fato, a Música e todas as artes estejam na escola pública

¹ Gerada pela MP 746/2016, que promove mudanças para o Ensino Médio, última etapa da Educação Básica brasileira. Na verdade, restringe a obrigatoriedade do ensino das Artes, tornando-se facultativas.

brasileira e sejam acessíveis a todos os estudantes, de modo a promover o pleno desenvolvimento cultural de todos.

Na perspectiva de Moraes (2016), a arte na escola se consolida em um “saber fazer” que torna possível a formação de um “novo homem” para um “novo tempo”. Ela possibilita o caminho para se desvendar o que é o saber, o conhecimento e para que e a quem serve esse conhecimento. Tal sabedoria converge para o que Morin (2010, p. 94), por exemplo, propõe em suas discussões. A Educação para um novo tempo deve formar pessoas que sejam ao mesmo tempo operadoras dialógicas, operadoras recursivas e operadoras hologramáticas².

Desse modo, a Música, por ter uma linguagem complexa, interacional e fonte vasta de conhecimento, que harmoniza, melodia e contribui para a formação integral do educando e para uma maior autonomia das pessoas com vistas à emancipação humana, nos remete à visão de Gardner (2001, p. 57), quando assevera que “[...] a inteligência musical tem uma estrutura quase paralela à da inteligência linguística”. Talvez, por isso, ela tenha sido (e ainda é) pouco considerada na história da Educação brasileira, uma vez que nossa educação formal institucionalizada está fortemente influenciada por um contexto de dominação colonial/cultural, constituída com o objetivo de subjugar e limitar nossas capacidades, potencialidades e inteligências; uma educação que, segundo Freire (1987, p. 30), “roubou nossa humanidade” e nos distanciou de um processo educativo permeado por sentido e afetividade.

Em amparo às nossas reflexões, aportamos às ideias e contribuições de Bastian (2009, p. 56), quando defende a existência de uma “competência social” proveniente das práticas educativas musicais; e de autores como Morin (2010); Gardner (2001) e Freire (1987), dentre outros, que fazem reflexões críticas e desvelam o panorama da educação e do ensino no Brasil e no Mundo. É imprescindível assinalarmos o fato de que referido aporte teórico até aqui mostrado se entrelaça à Praxiologia, ou melhor, à ciência da prática e da ação humana, no entendimento dos conceitos de “campo” e de “*habitus*”, de Bourdieu (2001), que assegura a Música como uma das mais primorosas entre as artes, o que confere à prática de a educação musical ser um elemento essencial à constituição de uma cultura de formação musical.

Além desse *corpus* teórico, citamos as contribuições de Albuquerque (2012; 2016); Moraes (2011; 2016); Castro (2014) e Rogério et al (2012) quando defendem a utilização das artes, especificamente da Música e do seu ensino como campo epistemológico de saberes, constituindo-se, assim, elemento essencial à formação de professores e alunos. Advogam a

² Tem inspiração na imagem do holograma, que contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa (MORIN, 2010, p. 94).

ideia de que o Ensino de Música se consolide, indiscutivelmente, como um instrumento pedagógico fecundo na formação do conhecimento no campo das artes, proporcionando uma educação mais direcionada para os nossos afetos e nossa sensibilidade.

No aspecto metodológico, guiamo-nos pela abordagem das Histórias de Vida em Formação – HIVIF, com fundamento nas ideias de Lani-Bayle (2008); Josso (2004) e Castro (2014) para melhor compreendermos as narrativas dos professores de Música acerca da Educação musical nas escolas públicas de Fortaleza (Ceará) no ano de 2017.

Com efeito, a realização deste estudo emerge em virtude da necessidade de interpretar esse “retorno” da Música nas escolas públicas cearenses, mas como parte do processo que intenciona desencadear a sua “disciplinarização” (SOBREIRA, 2012, p. 56), uma vez que corroboramos essa autora, quando defende o argumento de promover o disciplinamento da Música em instituições comprometidas possibilita o estabelecimento de um modelo de educação diferenciada que colabora para a promoção do que Aquino (2013, p. 09) denomina de “democratização qualificada”. Assim, nossa pesquisa se volta para a importância deste componente no currículo das escolas públicas brasileiras, como elemento essencial que contribui para a formação afetiva e efetiva dos educadores e educandos.

Convém esclarecer o fato de que a Música se localiza numa seara social ampla, não sendo intenção deste estudo promover um direcionamento de ritmos ou estilos no universo escolar; muito menos orientar a escolha “da melhor música” a ser ensinada nas escolas; mas, sim, de refletir musicalmente e de tomá-la como um terreno epistemológico para a promoção do conhecimento. Acima de tudo, o caso é o de se trabalhar a escuta, no intuito de promover o que Green (1997, p. 28) identifica como um “significado delineado”, na busca de compreender o real significado da prática musical, como elaboração social e sua importância para os distintos grupos sociais que dela se beneficiam. No entender de Santos (2012, p. 243), a escuta de determinada música não remete apenas aos aspectos propriamente sonoros, porém vai mais além, buscando dar conta também de aspectos não sonoros que aparecem impregnados àquela música.

Por isso, consideramos de enorme relevância conhecer a real situação do ensino de Música nas escolas públicas do município de Fortaleza, trazendo uma análise da legislação em vigor, em comparação com a realidade, traçando uma mediação da situação real com a que se proclama como desejável. É com suporte numa mudança no currículo escolar, no que tange à definição do ensino de Música como projeto pedagógico, que podemos vislumbrar a

possibilidade de uma reorganização curricular, com vistas à inclusão da Música e das Artes na atual realidade das escolas públicas.

Nosso estudo debruça-se, mais especificamente, nos limites e possibilidades encontradas hoje por professores de Música nas escolas públicas de Fortaleza e para se implementar efetivamente a Música no contexto da Educação Básica. Reconhecemos as dificuldades na efetivação do ensino de Música, principalmente quando deparamos com a necessidade de ampliação do número de professores de Artes e de Música nos sistemas educacionais. Para tanto, é preciso que o Governo Federal, os estados e os municípios e o Distrito Federal tracem diretrizes no sentido de incentivar e favorecer ações mais eficazes ante a importância e a relevância da Música como área de conhecimento, e da necessidade de se reinserir o ensino de Música no contexto da Educação Escolar Básica, por seu influxo no desenvolvimento cognitivo, emocional e relacional dos educandos.

A priori, vamos nos deter, neste estudo, em saber como está ocorrendo sua implementação, sob quais parâmetros, que significados e estratégias a inclusão de Música requer, ou o que significa incluir o componente desta especialidade pedagógica no conteúdo de arte na fala dos professores.

Desse modo, cumpre-nos indagar: como a rede de ensino em Fortaleza está se organizando nesse novo contexto perante as diretrizes emanadas das referidas leis? Quanto às modalidades de execução – organização curricular, formação de professores e sua prática – como promover de fato o ensino de Música com qualidade nas escolas públicas fortalezenses?

Partimos conscientes de que a escola é uma das instâncias de reprodução social, e que também é uma instituição da qual os sujeitos participam ativamente, e que cumpre uma função primordial na constituição de “identidade e de singularização”. É lugar de processos de subjetivação que em certa medida contribuem para emancipar, mas que também podem “produzir a liquidação dos sujeitos (aquele a quem falta a cultura ideal, o repertório de referência, a técnica correta - sujeito avaliado pelo seu déficit)”, como assevera Santos (2012, p. 241). A escola, mesmo atendendo a funcionalidade para a reprodução das “velhas estruturas”, reverte-se em lugar de encontros, de partilha de saberes e práticas a educandos de culturas diversas ou mesmo classes sociais diferentes. Esse lugar, que mesmo de modo controverso atende tão bem aos rigores da ordem vigente, também exerce papel fundamental no “resgate das estruturas formais de consciência”. (FREITAG, 1989, p. 08).

Nesse sentido, a pesquisa ocorre em um contexto de reforma do Ensino Médio, onde a educação e as escolas passam por mudanças em seu currículo sob a égide do Ministério da

Educação – MEC e da BNCC. Por mais que funcionem como elementos de reprodução do *status quo*, estas ainda são concebidas como lugar no qual se manifestam ideologias, podendo operar ainda como um espaço privilegiado para a ruptura da hegemonia, ou seja, para uma contra-hegemonia. Por isso, a necessidade de pautarmos a discussão da importância do ensino de Música e das Artes no contexto macroestrutural da sociedade atual, justamente por considerarmos esse um paradoxo que ainda carece de uma reflexão mais profunda.

Pretendemos com esta pesquisa dar maior visibilidade ao ensino de Música e das Artes, num ponto de enorme importância no complexo âmbito da Educação. Com esteio na análise e nos resultados desta investigação, que possibilite-nos conhecimentos mais profundos das condições efetivas, por meio das quais é realizado o ensino de Música nas escolas públicas fortalezenses, já que esta envolve temáticas com desdobramentos socioculturais importantes, e, ainda, os desafios enfrentados pela Educação Pública em nosso País³.

Definimos como objetivo geral da pesquisa: identificar, por intermédio das histórias de vida dos professores a importância da Música no currículo escolar no contexto atual, com vistas a promover a efetivação do ensino de Música nas escolas públicas do Município de Fortaleza. E, como desdobramentos dos pontos suscitados, definimos os seguintes objetivos específicos: verificar, *in loco*, ações concretas viabilizadas nas escolas públicas para o atendimento das diretrizes legais; identificar nas narrativas dos professores de Música de escolas públicas de Fortaleza, saberes e práticas educacionais tecidas no atendimento do ensino de Música; analisar os aspectos e as dimensões de um *habitus* musical incorporado na formação dos educadores entrevistados.

Convém ressaltar que as considerações acerca dessa problemática há pouco mencionada não intencionam encerrar uma temática tão complexa. Direccionam-se, porém, no sentido de fomentar essas discussões, trazendo a Música para o centro do nosso debate, evidenciando que ela compõe um campo epistemológico fértil na formação de um sujeito mais crítico e mais autônomo; um ser que se emancipa e que assim se liberta, corroborando os

³ A realidade da escola pública brasileira em face de seus problemas históricos vivencia ampla divulgação sobre o crescimento da oferta de ensino em nosso País, interpretado como maiores possibilidades de acesso à Educação; todavia, na realidade, o que se mostra é o agravamento de uma série de problemas enfrentados pelos alunos da escola pública no efetivo exercício do direito à educação na sociedade contemporânea, expressos como evasão, repetência, fracasso escolar, dentre outros. Dados do Ministério da Educação – MEC e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP apontam que, no ano de 2015, as escolas públicas brasileiras obtiveram os seguintes resultados: reprovação no Ensino Fundamental de 8,2%, no Ensino Médio de 11,5%; e abandono no Ensino Fundamental de 1,9%, no Ensino Médio de 6,8%. Quanto a matrícula no ano de 2016 houve um total de 48.817.479 estudantes matriculados na educação básica, sendo 27.588.905 estudantes no Ensino Fundamental e 8.131.988 estudantes no Ensino Médio. (INEP)

ideais já defendidos por Freire (1996) em sua proposta de Educação libertadora: para sermos mais.

Delineamos a seguir os pontos centrais abordados nos capítulos subsequentes, visando a oferecer, desde já, uma síntese dos temas discutidos. Na sequência, trazemos, no segundo capítulo, o entrelaçar do educador e pesquisador com a temática da Música, por meio da narrativa escrita de suas experiências em sua formação.

No terceiro segmento, traçamos um panorama histórico e também legal da Música no contexto educacional, destacando assim os momentos em que esta experimentou evidência no currículo da escola brasileira, sem deixar de demarcar as ocasiões de alternância em que esta foi suprimida do currículo. Com efeito, foi necessário discorrer sobre o percurso histórico da Música na realidade brasileira, acerca da sua instituição legal como proposta educativa no âmbito da Educação Básica, até a implementação das Leis 11.769/2008 e 13.278/2016, que privilegiam tanto a obrigatoriedade da Música no campo educacional, quanto a consideram uma linguagem capaz de promover o pleno desenvolvimento cultural, cognitivo, afetivo e social dos nossos estudantes.

As reflexões sobre a trajetória histórico-legal do ensino de Música no currículo escolar apontam para as discontinuidades e rupturas, evidenciando seu controverso e descontínuo percurso. A necessidade de se tomar “a arte e a música não apenas como reflexo de realidades passadas, mas principalmente como ferramenta para construir a música e a sociedade do futuro numa perspectiva diferente”, como assevera Albuquerque. (2012, p.23).

Ainda no terceiro capítulo situamos o marco referencial de nossas discussões em uma visita aos teóricos: Harvard Gardner (2001), Hans Günther Bastian (2009) e Pierre Bourdieu (2001), em que tecemos considerações sobre uma inteligência musical e a respeito da necessidade de uma pedagogia musical, de pensar a Música necessariamente. Tratamos da importância de uma educação voltada para os afetos, ou seja, uma educação dos sentidos e da sensibilidade; que prime pelo aspecto humano e para a possibilidade de uma transformação radical das formas de opressão.

Já no quarto capítulo, explicamos a metodologia desta pesquisa. Contextualizamos e caracterizamos o campo e os participantes de nossa pesquisa: professores de Artes licenciados em Música das escolas públicas de Fortaleza. Utilizamos as entrevistas narrativas para coletar os dados que subsidiam a investigação.

No quinto capítulo, tratamos especificamente da análise e discussão dos resultados, ouvindo as histórias de vida dos educadores, suas experiências e desafios, para desvelar o panorama do ensino de Música na realidade educacional e local.

Ao revelar a relevância do ensino da Música, trata-se de sua inclusão como disciplina obrigatória no currículo das escolas públicas, por considerarmos que ela é basilar no desenvolvimento de um *habitus* musical para o estudante, bem assim para o estabelecimento de um “capital cultural incorporado” (BOURDIEU, 1998), capaz de promover maior autonomia nesses sujeitos. A existência de uma educação musical contribui significativamente para o “alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade” (KOELLREUTTER, 1997, p. 72) sendo, portanto, necessária à compreensão do homem em nosso tempo e para o nosso empoderamento.

No sentido de concluir esse esforço teórico-crítico consideramos que as mudanças de atitudes e práticas são indispensáveis para poder integrar a Música ao currículo e promover uma cultura musical nas escolas, capaz de instaurar uma mudança, uma situação totalmente irreversível nas escolas públicas e na sociedade em geral..

2 ENSAIAR, NARRAR, COMPARTILHAR: TECITURA DA NARRATIVA DE MINHA HISTÓRIA DE VIDA

Com vistas a conduzir o debate e a defesa da importância de uma formação musical consistente e contribuidora para a formação do homem integral, neste capítulo trago por meio de minha narrativa as experiências no meu processo de formação músico-professoral, pelo qual enveredei e que me possibilitaram constituir quem sou hoje.



Um Raio de Luz
(Letra e música: Marcelo Kaczan Marques)

Raio de luz
Vem iluminar
Toda palavra que vem pra mudar
Todos os homens,
Toda maldade do planeta,
As desigualdades
E toda indiferença...
Pra começar
Venha mudar
Todos os sonhos vai realizar
Tranque as vaidades,
Liberte os segredos desse mundo,
Plante a bondade
Num desejo mais profundo...
Raio de luz
Vem iluminar
Todos os homens vai acordar
Do mais frio escuro
Ou em qualquer canto do universo
Num rápido efeito
Isso é tudo o que eu te peço.

É difícil estabelecermos o começo de nossa história de vida, mas pretendemos, neste escrito, ensaiar-narrar-compartilhar e nos empoderar de nossas experiências, dentre as mais marcantes, vividas e convividas, que nos fizeram ser o que somos hoje.

Essa trajetória, que me conduziu a propor um projeto de pesquisa sobre a importância da Música no contexto escolar, no mestrado e no Eixo de Ensino de Música⁴ do curso de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Ceará, desde o semestre 2015.2, onde estou desenvolvendo uma análise do ensino de Música no currículo escolar das escolas públicas de Fortaleza/Ceará. Portanto, trata-se, de aprofundar o conhecimento sobre a constituição de um *habitus* (BOURDIEU, 2007, p. 57) musical, contribuindo, assim, para se pensar o desenvolvimento de uma pedagogia musical dentro da escola pública.

Desenvolver esta pesquisa sobre o contexto no qual se insere a Educação Musical atende a uma inquietação pessoal, por ocasião de minha atuação como músico, gestor escolar, professor da rede estadual e municipal de Fortaleza, bem como pela relevância social e acadêmica do tema. Nesse sentido, o intuito aqui é o de narrar como me tornei o agente que sou: administrador, professor de Filosofia, de Ensino Religioso e de práticas musicais das escolas da rede pública de ensino, compositor, músico e amante das vivências e experiências que podem ser propiciadas em um campo sócio-músico-educacional.

A inspiração para esta minha narrativa tem raízes em autores que se utilizam da perspectiva de História de Vida em Formação como abordagem epistemológica em pesquisa, autores que venho descobrindo nessa minha nova experiência ensejada pela pós-graduação.

Dentre esses autores, trago aqui para ilustrar as considerações com que se entrelaçam minhas histórias, as reflexões de Josso (2004, p. 32) quando esta assevera que

[...] a narrativa experiencial serve de base para um inventário de capacidades e competências e traduz-se num *portfólio* que funciona como um recurso que a pessoa poderá utilizar, quer num contexto de emprego, quer num contexto de formação.

Desse modo, narrar minhas experiências e vivências⁵ é reler minha vida em busca de saberes e conhecimentos e, com origem deles, me “(trans)formar”, pois, segundo Castro (2014, p. 288), essa abordagem metodológica “[...] abre um campo de vastidão em pesquisa e (auto)formação, em que esta narrativa autobiográfica se torna possível e revela o que fui, transforma o que sou, bem como me deixa entrever o que sou capaz de vir a ser”. Portanto, reconheço nesta abordagem o caminho da possibilidade de desvendar as dimensões formadoras das histórias de vida e que são capazes de dar conta da “globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria.” (JOSSO, 2004, p. 31).

⁴ O eixo temático "Ensino de Música", no âmbito da linha de Pesquisa "Educação Currículo e Ensino", realiza seus estudos de mestrado e doutorado e efetiva pesquisas sobre o Ensino de Música na realidade brasileira.

⁵ Josso distingue-as: as experiências são vivências que ganharam significado.

Lani-Bayle (2008, p. 302), outra referência fundamental, incontornável na área da pesquisa de História de Vida em Formação, considera haver em nós “dimensões bastante fabulosas”, saberes que a autora denomina de ‘*insus*’ aqueles não sabidos, não conhecidos por nós. É o que chama de “conhecimento insciente”, ou seja, saberes que podem ser desconhecidos pelos sujeitos ou não possíveis de serem ditos, mas que fazem parte do seu universo cognitivo, que há em sua subjetividade, mesmo que ocultamente.

Segundo Lani-Bayle (2008, p. 302),

[...] há em nós um mundo muito mais importante do que se pode crer, habitado por um amontoado de histórias latentes, implícitas. Desenvolvê-las dá relevo à existência diferente da linearidade limitada do aqui agora, e que nos escapa cada vez que avançamos. Sua expressão manifesta é quando uma narrativa, assim desencadeada, conduz a uma exclamação de surpresa: ‘eu conto isso e eu nem mesmo sabia que eu sabia’!

Estes saberes, para Lani-Bayle, compõem a seara de nossa experiência afetiva e cognitiva individual, mas que é perpassado por uma experiência de vida coletiva, uma vez que esses saberes adquiridos ao longo das trajetórias de vida formam incontestavelmente uma fundamentação epistemológica legítima, como uma experiência formadora e constituinte do sujeito.

Portanto, na busca de exprimir um pouco do que sou e como me tornei o que sou hoje, teço narrativas com suporte nas minhas origens, para demonstrar como me constituí ao longo de minha história de vida: filho de Josué Marques, empreendedor e técnico em máquinas têxteis, e Ana Kaczan, exemplo de vigor e religiosidade, irmão de Mônica e Marcos, tio de Luan e Lucas, companheiro de Anita Lustosa e pai de Sophia Vieira Lustosa Kaczan... amigo de muitos e de muitos amigos...

São relatos que compõem um pouco da sinfonia de minha caminhada perpassada constantemente pelo conhecimento da Música que sempre ocupou e ocupa até hoje um espaço importante em minha vida. Minha companheira, inclusive, costuma dizer que funciono com esteio numa abordagem musical. Desse modo, atitudes e decisões vão sendo tomadas desde essa perspectiva de vida. Sinto uma relação profundamente intensa com o som que me conduz na escrita de harmonias e melodias que transformo em músicas de que compartilho. Portanto, me considero músico-educador-poeta-compositor.

No tecer dessa história, registro aqui um recorte dessas experiências com as músicas que me marcaram na infância e juventude. Lembro-me do meu pai e seu som *Polivox*, no qual muitas vezes ouvimos suas fitas e depois as minhas; evoco de um violão em cima do guarda-roupa da casa de minha avó paterna, o prazer que senti ao tocar pela primeira vez suas cordas;

do piano que, na casa de meus tios alegrava os encontros familiares. Lembro-me, também, de quando meus pais me levavam aos cultos, onde ouvia e cantava os cânticos numerados da Harpa Cristã⁶. Gostava de perceber o som de todos os instrumentos da orquestra e acompanhar as cantatas do coral da igreja.

Recordo-me, ainda, da música na escola – do dobrar dos sinos ao cantar dos hinos – nas filas, antes de entrar em sala, e mesmo da música para retornar dos intervalos. Relembro como ficava maravilhado com a oportunidade de comprar, naquelas lojas exclusivas de discos, as gravações em fitas e de poder ouvi-las no toca-fitas do carro do meu pai.

É nesse devir histórico que teço aqui considerações para ilustrar como fazemos parte intensamente de contextos perpassados pela experiência musical, como estamos envoltos nessas experiências, por vezes até sem perceber, pois elas fazem parte de nossa vida pessoal, educacional, profissional, eu diria até mesmo existencial.

Minhas vivências musicais se intensificaram por volta de 1988. Alguns amigos de minha convivência mais próxima (da vizinhança) formaram uma banda de *rock* chamada: “Cataclisma”, da qual passei a assistir aos ensaios. Essa aproximação e contato com outros instrumentos (bateria, teclado e violão) despertaram ainda mais meu interesse pela Música, o que me motivou a aprender a tocar um instrumento e a ingressar na Sociedade Musical Henrique Jorge, no intuito de desenvolver melhor a minha habilidade musical com o contrabaixo que já “arranhava”, o que intensificou ainda mais minha relação com esse instrumento, ao ponto de nunca mais deixar de tocá-lo.

Essa minha relação com a Música era tão intensa que me tornei músico (baixista) integrante de um grupo da igreja católica, conhecido por Movimento dos Focolares⁷, e, assim, tive a oportunidade de vivenciar a primeira experiência musical com um grupo em minha vida. Nesse mesmo período, surgiu assim uma parceria com o cantor-poeta-compositor Júnior Farias. Formamos uma banda chamada “Poesia de Concreto”. A nossa proposta musical era de compor músicas autorais e fazer um *rock* brasileiro urbano com muita poesia.

Eis momentos de grandes dificuldades: a aquisição de instrumentos e a falta de recursos materiais. No início da banda, pedíamos emprestados instrumentos para tocar. Foi difícil encontrar locais para ensaios ou mesmo *shows*, pois não tínhamos dinheiro para deslocamentos, dentre outros obstáculos que foram suplantados pela alegria de vermos duas

⁶ Hinário religioso utilizado para cultos públicos. Tem sua primeira edição datada de 1922 e atualmente conta com 524 cânticos.

⁷ Movimento religioso com a filosofia da unidade, adequada à sociedade multiétnica, multicultural e multireligiosa, um mundo novo, sob a orientação de Chiara Lubich.

de nossas músicas tocadas em rádios da nossa Capital. Isto se tornou meu maior orgulho: conseguir em 1993 colocar duas músicas para tocar nas rádios de Fortaleza e de Teresina: “Amor Derradeiro” e “Sol da Primavera”. Orgulhava-me o fato de estas músicas alcançarem o primeiro lugar em pedidos na audiência da antiga Rádio *Rock* - FM 100,9 de Fortaleza.

Seguindo o percurso de minha trajetória, considero importante registrar minha alegria ao participar de várias apresentações da banda Poesia de Concreto, realizadas ao longo dos anos, algumas marcantes, como no antigo Teatro Bar Chico Anysio, na Avenida da Universidade, no Benfica (hoje demolido para a construção de um prédio residencial), no Bar Cana Verde, em 03 de abril de 1992, no Ânima Café Concerto, localizado na Avenida Visconde do Rio Branco (com Trem do Futuro e Gang da Cidade); na praia, ao pôr do sol na Barraca *Kafúia*, e também na extinta Barraca Subindo ao Céu. Nesses locais, tivemos a oportunidade de um contato maior com outros músicos e artistas cearenses; lembranças daquela época ficaram marcadas em minha memória. A banda Poesia de Concreto também chegou a participar de alguns festivais, dentre eles, no Colégio Lourenço Filho, no extinto IBEU-Centro e no Festival London Rock no Bar London-London, em 23 de abril de 1992. O desejo era o de nos tornar no cenário artístico musical uma espécie de lenda urbana.

Figura 2 – Ingressos de shows da Poesia de Concreto



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 3 – Reportagem no jornal Tribuna do Ceará (em 23 de março de 1992)



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 4 – Reportagem no jornal Diário do Nordeste (agosto de 1993)



Foto: Kiko Silva

Júnior Farias e Marcelo Kaczan: dois terços da banda cearense Poesia de Concreto

Mais peso para a Poesia de Concreto

Quatro anos de ensaios, shows e muita vontade de vencer no mundo do rock brasileiro. Assim se caracteriza a carreira do grupo cearense Poesia de Concreto, que faz show hoje, no Teatro-Bar Chico Anysio (av. da Universidade, 2176 - Benfica) a partir das 22 horas. Ele já se apresentou em vários 'points' da cidade mostrando seu rock de letras contestadoras e românticas. "As pessoas conhecem mais as músicas românticas, mas nossas melhores composições têm letras que questionam a situação atual", fala Júnior.

A formação atual do Poesia de Concreto conta com Júnior Farias (guitarra e voz), Marcelo Kaczan (baixo) e Armando Moura (bateria). Segundo eles, o rock cearense não encontra apoio e falta até mesmo espaços para shows. "A gente chega a passar meses sem se apresentar por falta de espaço. Por mim, eu tocaria todo o final de semana", diz o cantor/guitarrista. Nos planos da banda estão a divulgação do trabalho através de fitas demo. "A

gente quer mandar umas músicas para a rádio Fluminense no Rio. Aqui é muito difícil tocar nas rádios", depõe Marcelo.

As dificuldades de levar uma banda de rock para frente, no Ceará, gera inclusive a desistência de alguns membros. Armando é o oitavo baterista a integrar a Poesia de Concreto. Para o show de logo mais, eles apresentam um repertório composto em sua maioria de músicas de autoria da banda, entre as quais "Traficantes", "Labirinto", "Ainda Te Quero", "Subversão", "Anos de Promessa", entre outras.

Não descartam covers, com arranjos da banda, para "With Or Without You" do U2, "Smells Like Teen Spirit" do Nirvana, "War Pigs" do Black Sabbath, entre outros. "A gente mudou muito de uns tempos para cá. Nosso som está mais pesado. Não somos mais 'pop' como éramos no começo. As músicas estão mais trabalhadas e longas", declara Júnior. O ingresso é Cr\$ 50 mil.

Fonte: arquivo pessoal do autor

A Poesia de Concreto, em sua última formação, contava apenas com três músicos, o que no campo musical chamamos de *power* trio. Nossas perspectivas eram dar maior visibilidade à nossa música, cavar mais espaços para apresentações locais e divulgar nosso som e trabalho para fora do Estado do Ceará.

A história de vida relatada evidencia o fato de que, com muito esforço, fomos conseguindo aos poucos adquirir nossos próprios instrumentos, não demorando muito para também realizarmos algumas gravações. Nesse percurso, realizamos *shows*, entrevistas, porém, com o passar do tempo, cada membro foi tomando rumo diferenciado e nosso

caminho se dissipou, mas considero que esse trabalho se incorpora à minha memória de maneira inesquecível, contribuindo para formar o músico e compositor que sou.

A experiência em um curso universitário em nenhum momento me distanciou da Música. Ao entrar no curso de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará – UECE, em 1994, motivado principalmente pela possibilidade de aprender a compor melhores letras de música, continuei minha caminhada embalada por novas experiências. No Centro de Humanidades – UECE promovi alguns eventos e calouradas, inventando as “vinholadas” nas sextas que me deram ensejo a uma convivência harmoniosa e muitos amigos, embalando conversas no nosso ponto de encontro, Bar do Mila, ao som do violão.

No ano de 1999, na busca de um estágio de observação, finalmente, me encontrei com a docência e a exercê-la na EEF Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, escola pública estadual no bairro do Montese. Tornei-me, então, músico-professor, experienciando a docência pela primeira vez em turmas de ensino fundamental na disciplina História. Descobrimo-me e me reinventando, exerci, ainda, nessa mesma instituição de ensino, o papel de Orientador de Aprendizagem nas turmas de Ensino Fundamental. E em uma grata surpresa, nessa mesma escola, por meio de uma seleção pública, passei a compor o núcleo gestor desta instituição, deparando-me também com o papel de administrador escolar, fato este, inclusive, que despertou meu interesse para cursar Administração de Empresas (sonho antigo de meu pai, ter um filho administrador). Ingressei então no curso de Administração de Empresas da UECE, que somente pôde ser concluído em 2015, e, em decorrência dessa formação e da experiência em gestão educacional, fiz concomitantemente duas especializações nessa área educacional, pois o meu maior interesse era, na realidade, tentar minimizar as dificuldades e ensinar experiências educativas significativas de aprendizagem dos alunos da Educação Pública.

Minha vida sempre esteve entrelaçada com experiências musicais em atividades de educador e coordenador. Constantemente, eram realizados eventos culturais com os quais os estudantes tinham (con)vivências interdisciplinares. Na função como gestor, tive a oportunidade de implementar na escola o projeto “Música no intervalo”, articulando a esse a criação de uma rádio-escola, projeto que era coordenado por mim e realizado pelos próprios estudantes. Desse modo, essas situações educativas musicais serviram para que eles pudessem conhecer a diversidade de outras culturas, ritmos diferenciados daqueles propostos por uma cultura massificadora que homogeneiza e conforma no tempo toda uma geração.

Seguindo os rumos de minha caminhada, fui surpreendido por uma mudança de unidade escolar e passei a integrar o núcleo gestor da escola na EEFM Senador Osíres Pontes no Bom Jardim (Fortaleza), exercendo o cargo de coordenador administrativo-financeiro por mais de oito anos.

Na qualidade de coordenador dessa unidade de ensino, sempre procurei desenvolver na escola atividades educativas relacionadas com experiências musicais. Dessa vez, busquei apoio em recursos federais e desenvolvi, com verba do programa “Mais Educação”, um projeto-piloto para a criação de um Laboratório de Música voltado para o desenvolvimento de habilidades artístico-musicais, um cuidado com “uma formação para a sensibilidade do homem”. (MORAES, 2011, p. 95).

Percebo que essas experiências, ensejadas pelas vivências musicais, serviam de incentivo, motivação e exemplo para muitos estudantes. E durante 2011, surgiu um convite da Secretaria da Educação do Ceará - SEDUC/CE para que eu acompanhasse os estudantes das escolas estaduais no VIII Festival Música na Ibiapaba, promovido pelo Governo do Estado em sua Secretaria de Cultura, o que me levou a conhecer e participar do grupo de arte-educadores “Música é para a Vida” e vivenciar com eles algumas atividades de formação na área musical.

Figura 5 – Foto da reportagem do Festival de Música de Ibiapaba

Alunos e professores da rede estadual participam do Festival Música na Ibiapaba



Um total de 40 estudantes e 10 professores da rede estadual participa até o próximo dia 30 do VIII Festival Música na Ibiapaba, em Viçosa do Ceará, promovido pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Cultura. Durante o evento, os participantes terão oportunidade de aprender mais sobre temas como leitura musical e arranjo vocal de música popular, além de conhecer a obra de importantes nomes da música brasileira. As aulas serão ministradas por artistas reconhecidos nacionalmente e com vasta experiência e irão propiciar a integração e a troca de experiências musicais.

Para assegurar a participação dos estudantes, a Secretaria da Educação (Seduc) disponibilizou transporte e alimentação para os alunos que terão alojamentos garantidos pelo Festival. Os professores que acompanham os estudantes terão os mesmos benefícios, além da hospedagem paga pela Seduc.

Wanderson Mariano do Nascimento, de 16 anos, é um dos participantes. Aluno do 2º ano do Ensino Médio na Escola Liceu do Conjunto Ceará, em Fortaleza, toca bateria desde os 12 anos. Está inscrito nas oficinas de bateria de nível avançado e casulo de música. Ele não esconde sua alegria em participar do evento. “Minha expectativa é que os jovens e adolescentes que estão aqui deem o máximo de si, para que no futuro venham a ser grandes músicos” - ressalta.

O professor Marcelo Kaczan explica que além de acompanhar os alunos da rede estadual na capital, também está no Festival como músico. “Meu intuito é aprender com os melhores professores da região, “respirando” música durante os 10 dias na companhia de mais de 1000 profissionais que participam do evento” - completa.

Kaczan participa de quatro oficinas nos turnos manhã e tarde, são elas: contrabaixo onde aperfeiçoará o seu instrumento; mercado musical que trata de forma geral do grande mercado da música; história da música popular brasileira que faz um grande apanhado da música popular brasileira; e música no ensino fundamental que já apresenta e pensa a prática da Educação Musical na escola.

O evento homenageia oito importantes nomes da música brasileira - cearense e de outras partes do Brasil, alguns vivos e outros em memória. São eles: Carlinhos Ferreira, Radegundis Feitosa, Ramos Cotoco, Assis Valente, Evaldo Gouveia, Mário Lago, João Gilberto e Roberto Carlos.

Fonte: página institucional as SEDUC/CE (julho/2011)

Ao relembrar a história de minha vida, percebo que muita coisa esquecida vai sendo deliciosamente desvendada e, por essa razão, muitas histórias selecionadas se tornam necessárias ao serem narradas, revelando-se significativas para minha constituição formativa; memórias que me fazem retornar ao ano de 1998, quando, em uma boa carona (Praia do Futuro/Casa do Português) com o amigo Luciano Barbosa, depois de uma partida de futebol, surgiu o convite para participar de uma banda que, meses depois, e agora há quase 20 anos, chamamos de “Sociedade Alternativa - SALT”. Essa longa caminhada da SALT se fez permeada por muitas alegrias, convivências e aprendizagens significativas. Estreamos em 21 de agosto de 1998 e o nosso primeiro *show*, por grata coincidência, também foi no Teatro Bar Chico Anysio.

Figura 6 – Foto da Banda Salt 2017. Carlos Feitosa, Rodrigo BZ, Glayton Jorge, Felipe Sampaio, Leonardo Barros, Marcelo Kaczan e Luciano Barbosa



Fonte: arquivo pessoal do autor

Nesse período, muitos *shows* foram realizados e passamos a nos apresentar uma vez por mês no Compasso Bar – Praia de Iracema. Realizamos gravações no Estúdio Iracema, apresentações em programas de televisão e entrevistas em rádios, *shows* no anfiteatro Dragão do Mar, além de participações em festivais nas universidades, contando ainda com uma apresentação no festival da SEFAZ-Cultura. Assim ganhamos melhor visão pública e, então, surgiram mais convites para apresentarmos este trabalho em locais como SESC, BNB Fortaleza, clubes e casas de *shows* noturnas e diurnas de Fortaleza, além de outras cidades no Ceará, como Juazeiro do Norte, Sobral, Morrinhos, Barreira, Nova Olinda e até mesmo em outros estados, como a Paraíba (Sousa). Nossa proposta, desde o início, foi fazer um trabalho cultural com as músicas do roqueiro Raul Seixas, levando suas composições a se propagarem

ainda mais para gerações que não conheceram a obra do Raulzito. A Banda está em atividade até hoje, composta pelos músicos como Luciano “Salt” nos vocais, Carlos Feitosa na guitarra, Felipe Sampaio no violão, Rodrigo BZ na bateria e eu, Marcelo Kaczan, no contrabaixo ainda.

Nesse período de convivência com a banda SALT e com a banda Poesia de Concreto, além de outros trabalhos musicais que foram tecendo essa minha trajetória, muitas ideias, melodias, poesias e parcerias afloraram e compuseram a sinfonia de meu percurso. Alguns desses muitos momentos vividos foram transformados em músicas e gravadas recentemente em meu primeiro CD autoral *Da Flor, o Amor*.

Figura 7 – Capa e contra capa do álbum “Da Flor, o Amor” 2014



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 8 – Convite do show de lançamento do CD autoral “Da Flor, o Amor”



Fonte: arquivo pessoal do autor

Figura 9 – Show de lançamento do CD “Da Flor, o Amor”



Fonte: arquivo pessoal do autor

Em 06 de dezembro de 2014, após quatro anos de gravações, consegui lançar de modo independente meu disco intitulado *Da Flor, o Amor*; trabalho que era a realização de um sonho meu de início, mas que contaminou familiares, amigos, músicos-parceiros, amigos-dantes-desconhecidos. Nele estão organizadas nove músicas, oito delas de minha autoria. Uma em especial, “*Caminho Livre*”, presente que recebi de dois parceiros autorais e musicais – Henrique Beltrão e Paulo Branco, gravação esta que também se encontra no CD “*Plural*” de Henrique Beltrão e amigos lançado no ano de 2015.

Na realização deste disco independente pude contar com a participação dos músicos: Carlos Feitosa, Luciano Barbosa, Felipe Sampaio, Gianni Zion, Marcelo Herbert, Rennis Alves, Rodrigo BZ e Awaes de Menezes, com quem componho a vida a fios sonoros.

Em especial, escolhi para gravar primeiro a música “*Da Flor, o Amor*”, e que deu nome ao álbum. Ela é uma música e um poema de minha autoria que conta minha história de amor, digo entre uma *Flor e o Mar*, canção gravada também parte desse álbum em uma versão em espanhol *De la Flor, el Amor*. Esse tecer é ilustrado com outra de minhas composições nesse percurso narrativo-musical.

Preste atenção.
 Quero te dizer
 Vamos falar sobre nós dois então.
 E de tudo aquilo que deixamos pra depois.
 No que se refletiu
 Eu e você
 O Amor surgiu em nossas vidas,
 E não podemos terminar.
 Tem o amor que ainda vai voltar,
 O amor que ainda vai chegar,
 E aquele que eu nem sei...
 Vou te buscar
 Vou além
 Vou por onde ninguém vem.
 Vamos dar as mãos.
 Construir nosso caminho.
 Quero te entender
 Quero te beijar
 Quero te ter
 Quero te amar
 Quero tudo aquilo
 O que tivemos juntos
 Nada vai poder mudar.
 A Flor que mora em frente ao Mar
 A Lua que já vai voltar.
 O Sol que não brilhou.
 Vai brilhar!
 (Da Flor, o Amor – Marcelo Kaczan, 2014)

Mire con atención
 A lo que quiero decirte
 Hablemos de nosotros
 Y de todo lo que dejamos para después
 En lo que se reflejó
 Tú y yo
 En nuestras vidas el amor surgió
 Y ya no podemos terminar
 Hay el amor que aún volverá
 El amor que todavía llegará
 Y lo que yo tampoco lo sé
 Voy a buscarte
 Voy más allá
 Voy a donde nadie va
 Vamos a darnos las manos
 Y construir nuestro camino.
 Quiero comprenderte
 Quiero besarte
 Quiero tenerte
 Quiero amarte
 Quiero todo
 Lo que tuvimos juntos
 Nada podrá cambiar
 a Flor que vive frente al Mar
 La luna que ya volverá
 El sol que aún no ha brillado
 Luego brillará
 (De la Flor, el Amor – Marcelo Kaczan, 2014)

Agora com o sonho de músico realizado – ter meu próprio disco inserido no campo musical cearense – passei a dedicar-me ao Marcelo Kaczan professor-pesquisador que quer muito contribuir de alguma maneira para o fortalecimento do ensino de Música nas escolas públicas do Ceará.

Minha caminhada docente segue no Curso de Mestrado em Educação, no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, na linha Educação, Currículo e Ensino, eixo Ensino de Música.

No decurso dessa caminhada, concluí o primeiro ano do Curso de Mestrado em Educação cumprindo algumas das disciplinas obrigatórias que contribuíram de modo significativo para minhas reflexões, tanto na trajetória musical, quanto na senda educacional; em especial, os créditos da disciplina História de Vida e Praxiologia, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – PPGEB, ministrada, conjuntamente, pelos professores Dr. Henrique Beltrão de Castro, Ph.D. Luiz Botelho Albuquerque e Dr. Pedro Rogério. Essa experiência me deu o ensejo de compreender o processo de formação e as experiências que contribuem para a formação docente, ou seja, a revelar como nos tornamos professores.

Essa disciplina ocorreu durante todas as quartas-feiras do semestre 2016/1 das 8h às 12h na Faculdade de Educação – FACED/UFC, com a participação, por videoconferência, de professores, doutorandos e mestrandos dos *campi* de Sobral e Juazeiro do Norte, de professores e alunos doutorandos e mestrandos do Curso de Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes/UFC; além de professores convidados, doutorandos e mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da própria UFC de Fortaleza, contando, ainda, com a colaboração e palestras de professores de instituições superiores da própria capital, de Lyon (França) e de professores-ouvintes sem vínculo institucional.

Nossas aulas foram repletas de debates em torno de vários temas, como: a concepção de campo e *habitus*, as questões da negação dos afetos em nossa formação, as questões contra-hegemônicas; como a descolonialidade do saber, a desnaturalização do processo de aprendizagem, o *habitus* musical, o *habitus* docente ou professoral, a autonomização do campo musical do Ceará, o empoderamento das narrativas de si, as modificações e consequências do deslocamento espaço-tempo em nossa formação, a autonomia do campo de ensino de Música do Ceará, a valorização da história de vida, a busca da legitimidade da Música como *locus* do saber, dentre outros que tangenciaram nossas discussões durante os encontros.

Outra experiência marcante em minha vida e formação acadêmico-musical é a de integrar, na qualidade de músico baixista, a Orquestra-Escola do Ceará – OEC, um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, cujo o intuito é levar a música para as escolas cearenses. Estas experiências são uma oportunidade única que fortalecem minha pesquisa sobre a educação musical pública, “em desvelar o caminho em que a música do Ceará vai ecoar”. (KACZAN, 2016).

Esse eco investigativo-musical reverberou em minha produção acadêmica, rendendo alguns frutos, artigos escritos durante esse novo percurso como pesquisador em Educação. No ano de 2015, apresentei no XV Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza – UNIFOR o artigo “A música como possibilidade educativa nos limites da escola pública” juntamente com meu orientador Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro.

No ano 2016, a pesquisa reverberou ainda mais longe. Publiquei no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (VII CIPA), que aconteceu em Cuiabá – Mato Grosso, o artigo “Tecendo Narrativas e Experiências”. Eu considero este artigo a escrita inicial deste desafio de narrar minha história de vida. Neste mesmo ano (2016), levei minha

proposta de pesquisa: investigar a reinserção do ensino de Música nas escolas públicas do Município de Fortaleza, com amparo nas narrativas dos professores no contexto de sua obrigatoriedade legal, para a banca examinadora de qualificação, composta pelos professores doutores: Henrique Sérgio Beltrão de Castro (orientador), Karla Patrícia Martins Ferreira, Luiz Botelho Albuquerque e Jean-Robert Poulin. Suas contribuições foram fundamentais no encaminhamento da pesquisa. Deixo aqui minha admiração por todos.

Figura 10 – Exame de qualificação (em setembro de 2016)



Fonte – arquivo pessoal do autor

Ainda em 2016, apresentei em Teresina-PI, no XIII Encontro Regional Nordeste da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, o artigo intitulado “Ensino de Música nas Escolas Públicas de Fortaleza: entre a lei e a realidade”, que se reporta à trajetória da Música na Educação Brasileira, bem como a importância de uma cultura musical no currículo escolar, ou seja, da possibilidade de incorporação de um *habitus* musical no contexto da formação humana nas escolas públicas.

Em 2017, um dos acontecimentos musicais importantes em minha performance artística foi o retorno oficial da Banda Salt após um ano fora do circuito musical de Fortaleza. O *show-retorno* da banda ocorreu em 21 de janeiro, no anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Outro acontecimento musical importante foi a participação como instrumentista na gravação de um material (quatro músicas) para o livro coletivo *Mutirão* a convite do Poeta de Meia Tigela. Foi um enorme prazer produzir junto este material ao lado dos músicos e amigos: Elismário Pereira, Henrique Beltrão, Lucas Jackson, Michel Barros, Rodrigo BZ e Rogério Franco.

Mesmo sabendo que estamos em permanente constituição humana e cultural, me deparo, na escrita, com uma das mais difíceis tarefas: concluir minha narrativa de vida. Este é um trabalho que para mim é tão difícil quanto iniciá-lo, muito embora, nesse percurso, seja preciso exprimir que não a considero final, mas uma reticência e para qual escolho versos de minha autoria no sentido de ilustrar o caminho que irá revelar as trilhas de nossas trajetórias e vidas. “Se andamos juntos até aqui, não nos perderemos no caminho, há em nossa história de vida muito a revelar [...]”

3 ASPECTOS HISTÓRICOS, EPISTEMOLÓGICOS E LEGAIS DO ENSINO DE MÚSICA

Neste capítulo, trazemos uma exposição do percurso histórico da música como instrumento pedagógico, evidenciando os momentos em que esta figurou como disciplina formal e no qual exerceu papel de destaque, assim como os instantes em que esta foi suprimida do currículo escolar. Trazemos, ainda, a discussão da importância de implementação da Música na escola como elemento essencial à formação de um *habitus* musical nos educandos e educadores, fator este, inclusive, que pode fomentar tanto uma valorização profissional quanto emancipação humana e educacional. Além dos aspectos acima mencionados, este capítulo traz o debate sobre a implementação de uma pedagogia musical no universo escolar e sua importância para o desenvolvimento das “múltiplas inteligências” (GARDNER, 2001, p. 39), além de esta figurar como elemento essencial ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos educandos.

3.1 Educação musical brasileira: paradoxo entre a lei e a realidade

A Música sempre teve relação muito próxima com o campo educativo, uma vez que, ao percorrermos sua historiografia, é possível identificarmos os mais diversos momentos em que esta já figurou como disciplina escolar formal, ocupando assim posição de destaque no contexto social e, por conseguinte, no universo escolar. Por ser uma arte milenar⁸ e uma linguagem universal de grande relevância na história da humanidade, e até mesmo, uma das mais importantes manifestações artísticas, a Música se define em um campo de conhecimento, produção de saberes e epistemologias.

Sua historiografia indica que a Música tenha surgido no Continente africano há cerca de 40.000-35.000 anos, aproximadamente. Estudos arqueológicos revelam achados em cavernas com pinturas rupestres nas quais os homens já se utilizavam de tambores e flautas como modalidade de expressão e comunicação.

⁸ Para Chauí (2002, p. 69), podemos identificar, dentre as descobertas de Pitágoras, a música como um campo universal. Para ela o mundo é regido pelas mesmas leis de proporcionalidade das cordas da lira. Por isso afirma “que há uma música universal e que não a ouvimos porque nascemos e vivemos em seu interior e não possuímos o contraste do silêncio que nos permitiria ouvi-la, ao recomeçar”. No mundo, as cordas da lira são esferas celestes onde se encontram os astros, e a esfera terrestre, onde nos encontramos. A música ou harmonia universal é a relação proporcional e ordenada entre as esferas ou entre os céus e a terra. Por isso afirmava “o poder da lira sagrada de Orfeu, porque a harmonia de seus sons auxiliava o esforço da alma para ser, ela também harmonia [...] a alma é harmonia”.

Há indícios de que uma de suas primeiras manifestações musicais esteja relacionada aos rituais “como nascimento, casamento, mudanças de estações de ano e em outros rituais valorizados pelas sociedades”. (BRÉSCIA, 2003, p. 29). Não nos causa estranheza a ideia de que a Música tenha exercido papel de destaque na Grécia Antiga, onde a encontramos como parte integrante da formação humana.

No que diz respeito à origem e importância da Música, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1999, p. 303) destaca que

[...] os cantos e a palavra têm origem comum. [...] os primeiros discursos constituíram as primeiras canções; as repetições periódicas e medidas do ritmo e as inflexões melodiosas dos acentos deram nascimento, com a língua, à poesia e à música [...].

No intuito de remontar as origens desse percurso musical, recorreremos a Bréscia (2003) quando informa que nas antigas civilizações, por exemplo, no Egito, a Música também esteve associada aos rituais religiosos e aos louvores a líderes políticos, sendo possível, portanto, auferir sua relevância no universo artístico, cultural, religioso e político.

No Brasil, a Música já fazia parte da cultura dos primeiros habitantes dessas terras, antes mesmo do convívio com os europeus e da forte ligação dos indígenas com as mais variadas manifestações artísticas. Eles, ainda hoje, cantam, dançam, louvam e cultuam seus deuses durante o cultivo, a caça, a pesca, o nascimento, o casamento, a morte, ou simplesmente em agradecimento por suas conquistas.

Em decorrência da importância do uso da música na catequese dos nativos, esta passa a integrar o currículo das “Escolas de Ler e Escrever”, em 1759, quando os jesuítas ensinavam a Música por meio do que denominavam de “Artinha” - cartilha utilizada nas suas aulas de iniciação musical⁹. Com o processo de colonização, a Música europeia passou a figurar no panorama brasileiro, sendo utilizada como ferramenta pedagógica pelos padres jesuítas para catequizar os que aqui se encontravam, figurando com grande aceitação.

Em breve percurso histórico, situamos alguns períodos em que a Música já figurava na realidade social e educativa brasileira. As primeiras iniciativas com experiências musicais no currículo escolar já eram adotadas desde o Império¹⁰, quando esta constituía elemento que contribuía significativamente para a formação plena das pessoas. Isto pode ser notado desde o

⁹ Pode-se perceber é que a Música já existia nas aldeias por onde José de Anchieta passava e nas “Escolas de ler, contar e tocar alguns instrumentos” que fundava (LOUREIRO, 2012, p. 44).

¹⁰ A primeira vez que o ensino de Música nas escolas surgiu na ambiência educacional brasileiro foi por meio do Decreto nº 1.331, de 1854, e alcançou legitimidade por meio dos decretos nº 19.890, de 18 de abril de 1931, nº 4.794, de 14 de julho de 1934 e nº 4.993, de 26 de novembro de 1942 estruturados na proposta de Villa-Lobos. A partir da Lei nº 4.024/61 (LDB) ela é suprimida do currículo retornando apenas com a Lei 11.769/2008.

primeiro documento que regulamenta o ensino de Música no País até a vigência da mais recente lei. Assim, levando em consideração os pontos a pouco expressos, se faz oportuno discorrer sobre essa maneira de expressão cultural, demarcando os períodos históricos da Música no panorama social e escolar.

Para Queiroz e Marinho (2009, p. 61/62), as iniciativas mais marcantes do ensino de Música no cenário educacional brasileiro se configuraram por meio da implantação de políticas públicas que datam do século XIX, por volta de 1854. Esses autores trazem um histórico dessas políticas, elencando as mais relevantes:

1) a aprovação do Decreto n. 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, primeiro documento que faz menção ao ensino de música na “instrução pública secundária” do “Município da Corte” – cidade do Rio de Janeiro (Brasil, 1854, p. 61); 2) a nova configuração política estabelecida para a música na “Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal”, a partir do Decreto n. 991, já no Brasil republicano (Brasil, 1890); 3) a inserção e a prática do canto orfeônico como base para as aulas de música no ensino secundário, a partir de 1931 para o Distrito Federal – definido pelo Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931 (Brasil, 1931) – e a sua expansão para outras partes do país, a partir de 1942 com a criação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico – Decreto n. 4.993, de 26 de novembro de 1942 (Brasil, 1942); 4) a definição de “atividades complementares de iniciação artística” como “norma” para a escola de educação básica, instituída pela LDB 4.024/1961, que não faz mais qualquer menção à presença do canto orfeônico na escola regular (Brasil, 1961); 5) o estabelecimento da Educação Artística como campo de formação nas diferentes linguagens das artes na escola, a partir da LDB 5.692/71 (Brasil, 1971); 6) a definição do “ensino da arte” como componente curricular obrigatório, estabelecido pela LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996); 7) e, finalmente, a aprovação da Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que altera a LDB vigente, determinando o ensino de música como “componente curricular obrigatório” do ensino de arte. (BRASIL, 2008).

Cabe acrescentar o fato de que, após a Lei 11.769/2008, foi publicada a Lei 13.278, de 02 de maio de 2016, que insere Dança, Teatro e Artes Visuais, juntamente à Música, como as linguagens artísticas a serem privilegiadas no currículo de arte da Educação Básica.

Portanto, convém esclarecer que a utilização da Música como elemento importante para a formação cultural, principalmente como instrumento que auxilia a prática pedagógica dos professores, não é algo novo. Desse modo, é válido acentuar, que o emprego da Música por professores para auxiliar suas práticas educacionais já podia ser visto desde as primeiras iniciativas de instrução e catequese dos nativos.

Nesse *detour*, muitas iniciativas no que se refere ao ensino da Música foram sendo observadas. Alertamos, todavia, para o fato de que as experiências da inserção do conteúdo musical no currículo ainda transitam com avanços e retrocessos nesse campo de debate (Albuquerque; Rogério 2012, p. 229). Isso nos permite perceber que sua participação nesse contexto ocorre de modo descontínuo, principalmente no que concerne à obrigatoriedade

legal, o que talvez ainda impeça o seu disciplinamento defendido por Sobreira (2012, p. 04) e uma presença mais efetiva nas escolas.

Podemos, certamente, afirmar que pensar-escrever-compartilhar a música sempre foi aspecto pouco considerado na história da Educação brasileira, em virtude talvez da intensiva influência que recebemos de uma dominação colonial/cultural¹¹. Albuquerque (2012, p. 23) chama nossa atenção para a ideia de que, “Nosso passado musical foi gerado a partir de um projeto de dominação colonial, que empregou todos os recursos imagináveis para se viabilizar, aí incluídas as formas de violência, brutalidade, ternura, engano, promessas, sedução e logro”, nos subjugaram e desqualificaram em nossa condição humana, autonomia, liberdade, formação e até mesmo a nossa história.

Dentre essas iniciativas de se trabalhar com a música no campo educacional formal, destaca-se a modalidade de ensino musical que privilegiava o canto orfeônico¹² estabelecida no período de 1930 a 1960. Essa proposta ascendeu em meio ao ideário de nacionalização e reformas do ensino pelo conhecido movimento da Escola Nova, influenciado também pela Semana de Arte Moderna, em 1922.

Santos (2012, p. 181), ao tomar como referência a experiência de Villa-Lobos, expõe que

[...] só a implantação do ensino musical na escola renovada, por intermédio do canto coletivo, seria capaz de iniciar a formação de uma consciência musical brasileira [...] O canto orfeônico [...] com seu enorme poder de coesão, criando um poderoso organismo coletivo, ele integra o indivíduo no patrimônio social da pátria [...] resolvi iniciar uma campanha pelo ensino popular da música no Brasil, crente de que o canto orfeônico é uma fonte de energia cívica vitalizadora e um poderoso fator educacional.

Essa prática do canto orfeônico já era utilizada em algumas escolas de São Paulo¹³, mas o modelo que virou referência para o Brasil foi o formulado por Villa-Lobos, implementado nas escolas por meio do Decreto nº 19.890/1931, também conhecido como

¹¹ Desde a invasão de nossos territórios pelos europeus em 1500, nós, latino-americanos, suportamos uma carga hegemônica de dominação cultural que nos enxerga como “menores”, em uma posição inferior.

¹² No século XIX, surgiu na Europa o canto orfeônico como um projeto de educadores com o propósito de mudar os padrões estéticos das classes sociais menos favorecidas. Além de ensinar o povo a ler, a escrever e a contar, foi introduzido o cantar, que visava a aprimorar “os costumes e uma moral ‘civilizada’ na população”. Em sentido estrito essa prática se destinava a aprender a ler e interpretar partituras e a apreciar a tradição erudita ocidental, evitando assim a música baseada na oralidade. (Revista História <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/erudicao-nas-escolas>)

¹³ No Brasil, as reformas republicanas da instrução pública já evidenciavam no campo social da prática do canto orfeônico. Este floresceu nos anos de 1870, mesmo com pouco sucesso em estados como Minas Gerais e São Paulo, eixos da política do café-com-leite. Desde 1905, já podiam ser observados registros de apresentações de corais orfeônicos em Belo Horizonte. (fonte revista História <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/erudicao-nas-escolas>)

Reforma Francisco Campos, que trata especificamente da organização do ensino secundário brasileiro e que exprime em seu corpo a Música (canto orfeônico) como matéria obrigatória no primário e no ginásio. Nesse projeto as expectativas eram de “salvação nacional” e de “identidade nacional”. Havia então com tal decreto o objetivo de desenvolver na escola: a disciplina, o civismo e a educação artística (SANTOS, 2012, p. 182-183).

Paz (1995, p. 17) compreende que o modelo de educação instituído por Villa-Lobos, mais conhecido por canto orfeônico, se destinava à prática do canto coletivo, constituindo-se no início da formação de uma “consciência musical brasileira”. A autora destaca ainda que os aspectos mais relevantes em que repousam a filosofia e metodologia de ensino musical de Villa-Lobos podem ser assim descritos:

- a) basear-se na distinção e compreensão dos termos, palavras e expressões musicais;
- b) excluir completamente os falsos valores, priorizando a educação do ouvido e da alma extirpando o academicismo da “música de papel”; e c) conscientizar nossos intérpretes e compositores de sua missão de servidores da humanidade.

Com o passar do tempo, mesmo com inúmeras tentativas (criação da comissão consultiva musical, elaboração de material pedagógico etc.) da Superintendência de Educação Musical e Artística - SEMA para incentivar a prática da Educação musical nas escolas, o modelo de educação promovido pela prática do canto orfeônico foi perdendo o espaço e a relevância no currículo das escolas brasileiras, mais especificamente, no fim do Estado Novo, no ano de 1945.

Segundo Fuks (1991, p. 124),

[...] pouco a pouco as escolas, principalmente as públicas, foram calando seu canto. Mas este silêncio musical também expressava o término do modernismo, de cuja efervescência viera o brilho que a educação musical dos anos 30 e parte dos 40 tiveram.

Para as autoras e pesquisadoras brasileiras Santos (2012) e Loureiro (2012), a trajetória do ensino de Música nas escolas, nos anos consecutivos, principalmente nos anos de 1970 e 1980, foi alvo de declínio, constituindo-se uma época de retrocessos no tocante à sua trajetória no currículo escolar, fato este que traz consequências negativas no que concerne a sua permanência e utilização no aprimoramento da educação dos jovens aprendizes. O percurso do ensino de Música nos anos seguintes, para Loureiro (2012 p. 63), foi alvo de uma “ruptura estética”, inaugurando outra maneira de ensinar música e fazer arte na qual a força motriz era criar e experimentar.

Em muitos momentos de nossa história, o canto foi utilizado para “controle e integração dos alunos” (LOUREIRO, 2012, p. 49). Na perspectiva de autores como Moraes (2011), Rogério e Albuquerque (2012), o que se evidencia em períodos históricos anteriores é que a Música foi utilizada ainda como mecanismo de controle social e político, o que ainda hoje repercute em nossa educação formal institucionalizada como referências do poder hegemônico. É reconhecido o fato de que a Música ocupou lugar privilegiado nos mais variados tempos na educação da classe dominante, sendo utilizada para transmitir ideias, valores e comportamentos, o que também lhe atribuía a tarefa eminente do disciplinamento de corpos. Como nos alerta, Moraes (2011, p. 43),

Em qualquer dos casos, antes que nosso raciocínio esteja ligado a nos comandar, somos atingidos pelas vibrações rítmicas da música ou o fluir sonoro livre de pressões, e já realizamos movimentos corporais, digamos, quase que inconscientes. [...] Assim, a música [...] emprenha a criatura humana pelo ouvido. Seduz o ouvinte. Uma criação assim, com tal força expressiva, pode amordaçar ou libertar uma coletividade.

Mudanças significativas se evidenciam no âmbito curricular dessa época, como a inserção, por meio da LDB 5.692/71, da disciplina Educação Artística no currículo obrigatoriamente a retirada do ensino de Música do currículo escolar, passando esta a figurar apenas como atividade educativa, redação dada pelo parecer 540/1977.

No entender de Loureiro (2012, p. 69),

Na prática, o que ocorreu foi uma interpretação equivocada dos termos integração e polivalência, que terminou por diluir os conteúdos específicos de cada área ou por excluí-los da escola. Isso ocorreu especialmente com a música, sendo comum as pessoas recordarem com saudade do tempo em que o canto orfeônico esteve presente nas escolas.

Para Santos (2012, p. 194), pode-se constatar que, nesse período, ocorreu uma “polivalência desenfreada e descabida” da disciplina Educação Artística, um problema que os professores arte-educadores enfrentam até hoje em sua atuação profissional. Faz-se menção à Música como uma das linguagens da Educação Artística, passando a ser considerada mera atividade, destituída assim do seu posto de campo de conhecimento. Mesmo com o Parecer 540/1977, o qual institucionaliza a Música como disciplina (Teoria Musical), capaz de ensejar conhecimentos, ainda era considerada um conhecimento limitado, uma vez que não deixava muita margem à “criatividade e à autoexpressão”. (BRASIL, 1977, p. 27).

A perspectiva da Educação Artística nesse período não se preocupava com a formação humana, mas era voltada apenas para o lazer, a apreciação. No entender de Santos (2012, p. 195), esse modelo de ser promovido por via da educação artística funcionava por meio de

tendências e interesses. Isso repercutiu em um descompasso na educação musical nos anos 1980 e até mesmo “contrapõem-se uma prática musical sem história, uma arte-educação sem os conteúdos de uma linguagem”.

Podemos destacar a noção de que os intensos debates dos profissionais ligados à defesa do ensino de Música no currículo escolar são profícuos e contínuos. No caso da experiência brasileira, conduziram, inclusive, à elaboração de instrumentos legais para orientar a implementação da Música no universo das escolas brasileiras. A rigor, as discussões no campo educacional promoveram mudanças que culminaram na publicação da nova LDB, Lei nº 9.394/96, que estabelece em seu art. 2º:

[...] a educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o **pleno desenvolvimento do educando**, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (grifamos)

Além desses intensos debates e da criação dos instrumentos legais, como decretos e leis que visam à legalização do ensino de Música, destaca-se o papel importante da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM, organizações compostas por pesquisadores nesse campo que discutem essa temática e que sob este aspecto subsidiam as diretrizes curriculares nacionais para essa disciplina, tomando esse ponto em profundidade.

Convém esclarecer que, mesmo não sendo objeto primordial deste estudo discorrer sobre o papel dessas organizações no panorama social e acadêmico, nossa incursão por esse terreno se torna relevante no sentido de dar notoriedade às discussões e produções acadêmicas promovidas pela ABEM na defesa da legalização e reconhecimento da Música e de seu ensino nas mais variadas instâncias da sociedade. Recentemente, sua participação esteve ligada às discussões da Base Nacional Comum Curricular, no intuito de fazer valer um direito constitucional que se reverte na melhoria da qualidade do ensino.

Dentre essas discussões que ora versam sobre a Base Nacional Comum Curricular, destacamos as que se referem ao ensino da Música como integrante do currículo escolar de modo obrigatório e simultâneo do seu delineamento como linguagem promotora do desenvolvimento dos alunos. Nos debates promovidos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016, p. 116) no que compete à Música, é unânime a compreensão desta feita uma

[...] expressão humana que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado nas interações sociais, sendo resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no âmbito de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, pela experimentação, pela

reprodução, pela manipulação e pela criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical do estudante.

Essas discussões reforçam a defesa da efetivação da Música como instrumento pedagógico que auxilia práticas diferenciadas no âmbito escolar, compreendem e reconhecem que o processo de formação mediado pelo ensino de Música promove aos estudantes a vivenciarem como linguagem “inter-relacionada à diversidade”, promovendo “saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade”. Como expressão artística, a Música tem a potencialidade de promover um conhecimento diferenciado que abrange diversas temáticas de saberes interdisciplinares, que se somam às demais linguagens da Arte, e que se articulam aos outros componentes e áreas do currículo escolar (BRASIL, BNCC, 2016).

3.2 Currículo escolar e cultura em formação: um *habitus* musical nas escolas

Permanece vivo no Brasil um ideal de escola democrática que promete uma ascensão social para todos aqueles que por ela passam, mas que em sua maioria ainda está longe de ser atingido. Como podemos asseverar, a função precípua da escola destina-se à conservação do legado cultural e histórico, ou, como bem denomina Saviani (1992), o repasse de uma cultura letrada socialmente constituída às novas gerações; uma cultura legitimada pela sociedade como promotora de saberes e socialização.

Por certo, as discussões antropológicas em torno dos conceitos de Educação e escola admitem os processos de transmissão da cultura às gerações futuras, sem o intermédio da instituição escolar. Faz parte de um momento no qual ainda eram desconhecidas as práticas normalizadoras de ensino, ou seja, período em que não existiam instituições sociais de aprendizagem, não sendo, portanto, identificadas situações propriamente escolares, ocorrendo a Educação, nesse período, de modo natural e contínuo.

Torna-se necessário aqui ratificar entendimento da educação como inerente à condição humana que ocorre em todo lugar e em qualquer momento. Esse processo que existe sob diversas modalidades sendo praticado em situações diversas, que muitas vezes, de tão intrínseco à humanização, pode até parecer invisível.

Conforme destaca Saviani (1992, p. 21), as pessoas são “produtos e produtores de sua própria história, uma vez que a natureza humana não é dada ao homem, mas é construída por ele no processo histórico a partir da sua natureza biofísica”. Portanto, no entender do referido autor, “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo

singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Desse modo, a produção do “saber objetivo” coincide com a produção do saber não material/espiritual produzido coletivamente em decorrência do processo histórico, tornando-se imprescindível para que as pessoas possam compreender o mundo, expressando ideias, cultura e valores. Educar é produzir sentido, respeitando a autonomia do educando, seu tempo, sua curiosidade e sentidos, imprescindíveis no ensino-aprendizagem.

Pelo fato, porém, de a sociedade ter atingido um estágio complexo de organização social e de sua cultura, surge então à necessidade de se pensar no repasse do conhecimento, ou seja, na melhor maneira de se ensinar o saber adquirido às gerações futuras. Desse modo, era necessário tanto repensar o conjunto de valores sociais e culturais, a serem repassados, quanto o melhor jeito de transmitir esses conhecimentos. Desse modo, é preciso reconhecer que a escola, antes mesmo de ser vista como espaço de socialização do conhecimento, ela deve ser também um espaço de crítica deste conhecimento produzido.

Nesse sentido, as discussões sobre o currículo, programas e práticas pedagógicas se acirram em um contexto marcado por conflitos e rupturas religiosas, momento no qual a sociedade busca romper paradigmas em prol de uma sociedade letrada; pensar no currículo escolar como um conjunto de práticas sociais que é responsável por dar sentido e significado à relação entre a sociedade e a escola, sujeito e cultura, ensino e aprendizagem.

Assim, traçar uma definição precisa sobre currículo não é uma tarefa simples e se constitui de maneira bastante complexa, em virtude de uma variedade de definições no entendimento do que venha a ser currículo, podendo apresentar-se, assim, sob vários aspectos. Ao tentar defini-lo, encontramos extensa variedade de conceituações, evidenciando aspectos que o comportam. De modo ampla, entendemos o currículo como organização do conhecimento escolar, de conteúdos que pretendem ter uma base comum. Na visão tradicional, o currículo é expresso sob a denominação de uma “grade” curricular compartimentada, que mais aliena e fragmenta as disciplinas, que impossibilita o diálogo, ou seja, a interdisciplinaridade.

Em uma conceituação de currículo que vai muito além da visão tradicional, as novas propostas curriculares foram introduzidas nas escolas brasileiras pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), dentre elas a interdisciplinaridade e a transversalidade, e, para isso, devemos levar em consideração alguns elementos básicos para sua formulação, desvelando os desafios que se exibem.

Não podemos nos esquecer do fato de que o desenvolvimento do currículo é cultural e local, privilegia a cultura prévia dos sujeitos e sua interação social, levando em conta a multiplicidade e a pluralidade das diferenças em curso na escola, heterogeneidade esta que lhe impossibilita uma neutralidade. Enquanto o estudante traz consigo uma quantidade enorme de experiências que devem ser consideradas, cabe à escola tornar os conteúdos ensinados mais significativos, levando em conta a vivência dos seus alunos.

Outro princípio que não podemos deixar de destacar é que o currículo não é um conhecimento estático, ou seja, ele é dinâmico e continuamente em elaboração, considerando-se as rápidas e gerais transformações ocorrentes no mundo contemporâneo.

Do jeito que se exprime, podemos dizer que, nas escolas brasileiras o currículo ainda se organiza fragmentada e hierarquicamente, sendo as disciplinas ainda dispostas separadamente, sendo inclusive, algumas disciplinas consideradas mais importantes do que outras, o que reflete em diferenças e uma carga horária privilegiada para algumas delas, no contexto escolar. Temos como exemplo claro dessa hierarquização nas disciplinas que privilegiam os conteúdos de Português e Matemática em relação às disciplinas de Arte-Educação, Filosofia e Sociologia, representando distorção no âmbito do currículo escolar brasileiro.

Diversos autores, tais como Morin (2010); Barguil (2006); Moraes (2006); Gardner (2001); Freire (1987), dentre outros, propõem a possibilidade de uma organização curricular que compreenda a complexidade do mundo desde uma visão multifacetada, com visões, das muitas áreas de conhecimento, não mais organizado em disciplinas com teores isolados que limitam o conhecimento; mas que viabilize uma interdisciplinaridade, uma contextualização e uma transdisciplinaridade, que assegurem livre comunicação entre as diversas áreas, maior aprendizagem aos educandos, possibilitando-lhes o aprendizado da complexidade global.

Nesse sentido, entendemos que os muitos desafios do currículo, instrumento central do processo educativo, não podem ser tratados como questão individual, mas de modo coletivo. É fundamental que a escola garanta espaços de reflexão coletiva entre professores e alunos, com vistas a favorecer processos em que exista o diálogo e a criação conjunta em busca de estabelecer a igualdade social.

Compreendendo em acepção atual o currículo como “lugar de produção de identidades” (SANTOS 2012, p. 241-242), pode-se destacar a noção de que a Música é um dos caminhos para a produção das identidades culturais, exercendo, assim, papel imprescindível no desenvolvimento de hábitos sociais. Para Albuquerque (2016), a Música

como objeto de conhecimento seguro deveria figurar na realidade escolar com vistas a reafirmar esse pleno desenvolvimento humano na constituição de um novo ser para outra sociedade.

A influência das análises e dos conceitos na seara da Sociologia da Educação e da Cultura proposta por Bourdieu (2001) trata da produção, distribuição e acesso dos bens culturais e simbólicos, dentre os quais, os que se desenvolvem no universo escolar, área privilegiada de análise desse autor. Corroboramos suas ideias, quando este compreende a cultura como um aspecto fundamental no alcance da lógica que estabelece o domínio cultural em uma hierarquia social, e no qual a escola se constitui principal reprodutora dessa relação de domínio que não é explícita.

Mendes e Seixas (2003, p.124) explicitam que

Todo trabalho teórico e empírico de Pierre Bourdieu procura explicitar os mecanismos e a lógica de dominação nas sociedades desenvolvidas, apontando e denunciando o papel legitimador da escola na reprodução material e simbólica das hierarquias sociais, na reprodução da nova aristocracia ou da nova nobreza.

Desse modo, para compreendermos a perspectiva do conhecimento adquirido dos educandos no universo escolar, para a constituição de sujeitos autônomos, dispostos a fugir da lógica estrutural do sistema, convém adotarmos uma posição educacional que favoreça um processo cultural amplo, qualificado na teoria bourdieusiana por noção de *habitus*, que podemos entender como razão prática.

Para melhor apreensão dessa categoria, nos utilizamos da definição proposta por Bourdieu (2007), quando este filósofo francês compreende ser o *habitus* um “sistema de disposições incorporadas que se exteriorizam”. Em suas palavras o *habitus* se define por uma “estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas” (2007, p. 57). Constitui-se campo epistemológico do conhecimento que corrobora o processo de formação dos sujeitos em meio a uma pluralidade social e diversa, de uma leitura da realidade percorrida e vivenciada, pois auxilia os educandos na compreensão de seu desenvolvimento, sua trajetória e escolhas, no complexo percurso da produção do conhecimento mediado pelo universo escolar. É ele que fornece instrumentos para uma leitura crítica da realidade.

O autor reconhece, no entanto, que essa prática cultural, ou seja, a formação de um *habitus*, não é algo fácil e simples de ser introjetado pelos educandos, pois essas estruturas garantes de leitura crítica do mundo é algo que se processa lentamente, justo por serem mediadas por práticas sociais diversas entre as pessoas na sociedade ao longo do tempo.

Para Saviani (1992, p. 28-29), adquirir um *habitus* é atingir a segunda natureza humana, pois

[...] um *habitus* significa criar uma situação irreversível. Para isso, porém, é preciso insistência e persistência; faz-se mister repetir muitas vezes determinados atos até que eles se fixem. Não é, pois, por acaso que a duração da escola primária é fixada em todos os países em pelo menos quatro anos. Isso indica que esse tempo é o mínimo indispensável. Pode-se chegar a decifrar a escrita, a reconhecer os códigos em um ano, assim como com algumas lições práticas será possível dirigir um automóvel. Mas do mesmo modo que a interrupção, o abandono do volante antes que se complete a aprendizagem determinará uma reversão, também isso ocorre com o aprendizado da leitura. Inversamente, completado o processo, adquirido o *habitus*, atingida a segunda natureza, a interrupção da atividade, ainda que por longo tempo, não acarreta a reversão.

Por isso, corroboramos com Bourdieu (1998) quando este defende a necessidade de uma formação cultural sólida e permanente, ou seja, a instauração de um *habitus* que consolide um “capital cultural em estado incorporado” (1998, p. 71-79), um conhecimento adquirido que, ao se fazer prática recorrente, auxilia a leitura dos signos e símbolos de um mundo estruturado socialmente. Nesse sentido, o acesso à cultura torna-se imprescindível para uma leitura de mundo, permitindo aos sujeitos se reconhecerem como (co)construtores de sua realidade, sendo significativa para seu desenvolvimento integral e formação.

Para Bourdieu (*apud.* MENDES E SEIXAS 2003, p.125), é fundamental percebermos como funciona o social e como ele se articula, e assim nos empoderarmos para agir.

[...] Ser edificado um sistema de ensino tão democrático quanto possível. O que é de reter nessas propostas são as recomendações visando multiplicar as formas de excelência cultural e socialmente reconhecidas, que não somente escolares; contrariar a hierarquização das práticas e dos saberes; atenuar as consequências vitalícias do veredito escolar; dessacralizar o título escolar; e estabelecer uma educação contínua e alternativa ao longo da vida.

Considerações como estas nos fazem questionar: que os conhecimentos e saberes podem ser experienciados pela Educação “dialógica” (FREIRE 1996, p 136) no campo da área musical, que culminem com a possibilidade de uma formação integral do educando, com vistas à emancipação humana e à sua liberdade plena?

As pesquisas de Castro (2014), Moraes (2011) e Bastian (2009), dentre outros autores, consideram a importância da Educação Musical para o desenvolvimento integral dos sujeitos, e, por conseguinte, defendem o ensino de Música no ambiente escolar. A propósito, Aquino (2013, p. 09) argumenta que introduzir

[...] a música enquanto conhecimento especializado no ambiente escolar pode trazer transformações importantes que vão desde uma reorganização curricular até a

construção coletiva de novas identidades para sujeitos, entidades e instituições comprometidas com uma educação musical democraticamente qualificada.

Desse modo, defendemos o ensino da Música e da prática musical com instrumentos nas escolas, no desenvolvimento de uma cultura que privilegie a criatividade, o senso crítico e a emancipação humana, e por ela nos fornecer subsídios para o enfrentamento do quadro de negligência no qual estão imersos o mundo e a educação no atual estágio social. Nas palavras de Castro (2014, p. 236), há na arte um empoderamento, porquanto

A arte é caminho de transcendência. A arte é transformadora. A arte reúne razão e afetividade, corpo e espírito, indivíduo e coletividade, tempo e espaço. A arte é a nau de minha viagem.

Na compreensão de Paz (1995, p. 16), torna-se essencial educar musicalmente desde cedo as crianças

[...] sobretudo com as crianças de cinco a catorze anos. Seu fim não é o de criar artistas nem teóricos de música senão criar o gosto pela mesma e ensinar a ouvir. Todo mundo tem capacidade para receber ensinamentos, pois sendo capaz de emitir esses sons para falar, pode emití-los também para cantar; assim como tem ouvidos para escutar palavras e sons, também os terão para a música [...]

Entende Santos (2012 p. 246-247), que refletir sobre Educação, Cultura, Música e sua institucionalização escolar nos conduz a compreender a produção de conhecimentos como uma conquista que desafia e faz pensar uma “prática de convivência, singularização, inclusão e potência de emancipação”. No entender da autora, é por intermédio da Música que podemos percorrer caminhos diversos, ampliar horizontes culturais, transitando do mais “diferenciado” para instabilizar representações sociais, fato este que nos “possibilita outra subjetivação”.

3.3 Pedagogia musical e sua importância epistemológica: por uma educação para a sensibilidade

Debater sobre uma epistemologia da Educação Musical demanda, dentre outros aspectos, a consciência da importância da Música na constituição do ser humano. É preciso atentar para o fato de que o homem trata-se de um projeto inacabado de saberes e de práticas, uma vez que a todo momento o ser humano se constitui desde suas experiências sociais, culturais e políticas. Requer, sobretudo, reconhecer a fecunda importância desta área do saber na construção do conhecimento, não apenas no seu aspecto antropológico, mas também sua

relevância dentro do próprio campo das Artes. Nesse sentido, indiscutivelmente, a Música tem importância epistemológica.

No alcance do pensamento de Moraes (2011, p. 63), se percorrermos o viés das tendências filosóficas no tocante a tradição artística, estas nos revelam que

[...] a arte é uma ação comunicativa da criatura humana, uma ação histórica, portanto, uma ação datada e localizada. A criação artística, assim, pode ser um fator de identificação, um fator de integração social, já que, sendo ação de homens e mulheres e, como tal, ação histórica, é ação social. [...] necessidade latente, e sempre presente na espécie humana.

Portanto, por ser uma linguagem que viabiliza a interação social entre os sujeitos e, portanto, de compreensão do mundo, esta possui função primordial na vida do ser humano, e, por conseguinte, na escola, pois é por meio dela que podemos superar a barreira de uma formação meramente cognitiva para alcançarmos uma educação dos sentidos e da sensibilidade. Consoante Moraes (2011, p. 113) é preciso, “Superar a formação cognitiva pela formação da sensibilidade”; um modelo de educação que de fato promova a emancipação plena dos sujeitos. No entender de Moraes, as possibilidades que se desdobram com esteio nessa proposta representam uma oportunidade dos educandos experienciarem uma educação que privilegia afetos (emoções e sentimentos) e é voltada para os sentidos.

Assim, encontramos nos estudos e pesquisas de Moraes (2011); Bastian (2009) e Gardner (2001) os subsídios que embasam nossa defesa da implementação do ensino da Música na escola regular, destacando sua importância para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Comprometido com a proposta há pouco mencionada, utilizamo-nos ainda, da “Teoria das Inteligências Múltiplas”, defendida por Gardner (2001), cujas bases têm como fundamento a pessoa humana como um ser social, ressaltando a importância da interação humana e das relações sociais para o desenvolvimento pleno dessas inteligências.

Em sua formulação conceitual sobre a problemática desta teoria, Gardner (2001, p. 47) conceitua inteligência como

[...] um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura. Essa moderna modificação no enunciado é importante porque sugere que as inteligências não são objetos que podem ser vistos nem contados. Elas são potenciais – neurais presumivelmente – que poderão ser ou não ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros.

Convém ressaltar que esse autor postula para a inteligência musical o caráter de uma contribuição de fundamental importância para a formação do ser humano. Em suas teorizações, ele crítica o ideal ocidental da psicométrica, no qual se defende a ideia de que existem pessoas mais inteligentes do que outras, podendo assim ser mensuradas ou até utilizadas em testes para aferir a inteligência humana.

Segundo esse autor, “[...] a inteligência é a habilidade para resolver problemas ou criar produtos valorizados em um ou mais cenários culturais” (GARDNER, 2001, p. 46) e não meio que produza desigualdades ou que venha a servir para embasar rotulações e preconceitos de toda ordem.

Em sua teoria, ele destaca tipos de inteligências originariamente humanas qualificadas em linguística, lógico-matemática, espacial, interpessoal, intrapessoal, corporal, naturalista e existencial, musical, entre outras, ressaltando de maneira notável a inteligência musical como uma das habilidades imprescindíveis para a atuação em sociedade.

Nas palavras de Gardner (2001, p. 57), a inteligência musical

[...] acarreta a habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. [...] a inteligência musical tem uma estrutura quase paralela à da inteligência linguística, e não faz sentido científica nem logicamente chamar uma de inteligência (em geral a linguística) e a outra (em geral a musical) de talento.

Para Gardner (2001), todos possuem capacidades e potenciais, sendo inclusive capazes de conhecê-las e também de desenvolvê-las; e defende o ponto de vista de que, com a convivência nos mais variados contextos da sociedade, essas inteligências são despertadas.

Igualmente a Gardner (2001), Bastian (2009) também enfatiza a existência de uma inteligência musical desenvolvida nos diversos espaços de socialização, principalmente no ambiente escolar como promotora de uma “competência social”. Desse modo, mencionado autor toma como referência Bemhard Koring (*apud* BASTIAN, 2009, p. 57) para caracterizar essa competência social como

[...] aquele feixe de capacidades necessárias para conviver socialmente com as demais pessoas, a fim de poder compreender e agir de forma adequada e pertinente (mas não estática), para poder participar significativamente em comunidades, para integrar-se na sociedade. As competências sociais fundamentais surgem mediante a socialização, desenvolvem-se, portanto, na convivência familiar, em instituições, com coetâneos e com adultos.

Assim, defendemos o ponto de vista segundo o qual há uma aproximação entre as teses desses autores quando asseguram eles a existência de uma inteligência musical e a

possibilidade de a escola desenvolver uma competência social que, ao ser trabalhada nela, contribui para fomentar em nossos educandos uma educação mais voltada para os afetos.

Sendo assim, Bastian (2009) postula uma iniciação musical formal para crianças em idade escolar. Suas pesquisas empíricas desenvolvidas nas escolas primárias de Berlim¹⁴ assinalam o ensino da Música como prerrogativa para a formação de sujeitos críticos e comprometidos socialmente. E esclarece sobre as dimensões e eficácia que a Música pode atingir quando utilizada em idade escolar. Bastian (2009, p. 136) ainda faz uma denúncia com respeito ao descaso das políticas educacionais quando não consideram sua importância. Indaga, então,

[...] por quanto tempo ainda os políticos responsáveis pela cultura farão ouvidos de mercador e tratarão a educação musical como uma indesejável enteada. As vantagens dessa formação são evidentes. Na verdade, os políticos mesmos deveriam prestar atenção – no próprio interesse – depois que se tornou claro: a música desenvolve a inteligência e favorece a integração social.

Desse modo, advoga o ensino da Música e da prática musical como recursos pedagógicos no desenvolvimento de uma cultura que privilegie a criatividade, o senso crítico e a formação humana, e por ela nos fornecer subsídios para o enfrentamento do quadro de negligência no qual está imersa a educação no atual estágio social.

Assim, entendemos que a prática da Educação Musical promove habilidades e potencialidades específicas do ser humano, fundamentais para a sua vida em sociedade, como também promove seu desenvolvimento cognitivo, o raciocínio lógico-matemático, aumentando, assim, o poder de concentração, seu modo de agir e interagir no mundo multicultural de hoje.

Bastian (2009), autor de referência terciária, indispensável nesse campo de investigação, expressou em sua pesquisa uma proposta de pedagogia musical na qual relata as contribuições da Música para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos educandos, sendo esta ainda responsável pela melhoria qualificada na relação estabelecida entre esses alunos, justamente por ser natural do ser humano seu caráter social e cultural.

Nesse sentido, destaca não haver na história, muito menos atualmente, uma cultura sequer sem música, razão por qual assevera que, ao ser introduzida a Educação Musical no

¹⁴ A escolha desse autor para referendar nossas discussões se dá justamente pela importância desse seu trabalho no campo musical das escolas da Alemanha, intervindo em decisões político-educacionais. Hans Günther Bastian desenvolveu nas escolas da Alemanha uma pesquisa de longa duração, que demonstra a importância da Educação Musical para o estudante em vários aspectos, produzindo efeitos positivos quando aplicada sistematicamente.

cotidiano escolar, se desenvolve nos jovens uma cultura sob a qual estes se tornam “criadores de cultura” (BASTIAN, 2009, p. 34-35).

Conforme seu pensamento, a relação do ser humano com a Música pode se dar em seus aspectos antropológicos, uma vez que, ao promover uma harmonia entre os mundos físico e subjetivo, assume uma comunicação “não-verbal de extremo valor simbólico para as culturas juvenis”. Por essa razão, a Música é capaz de fazer vibrar completamente a pessoa, concedendo-nos a oportunidade de um contato mais próximo com a essência humana, o que ele considera personalização humana de um ‘eu definido’. Portanto, entende que a Música não é apenas um adorno mas algo vital e indispensável ao ser humano. (BASTIAN, 2009, p. 34).

Percebemos que, desde a Antiguidade Clássica, já existiam movimentos em favor da Música e da Educação pela Música, ou seja, a defesa de uma pedagogia musical, quando os filósofos consideravam o potencial transformador da Música e o seu efeito sobre as pessoas. Para Bastian (2009, p. 29), “[...] à música e a seu efeito sempre coube, eufórica e unissonamente, uma posição especial, promotora de educação, enobrecedora do ser humano e suavizadora da existência”. Com efeito, Bastian (2009) creditou grandes méritos a essa modalidade universal de comunicação, educação e interação humana, sendo esta, inclusive, habilitada a dirimir a “crise de sentidos” sem precedentes que assola a existência humana na sociedade hodierna.

Destarte, o autor defende a implantação de uma pedagogia musical, por considerar o lugar privilegiado que a Música ocupa na cultura do Ocidente; e se utiliza do argumento de Sócrates, quando este privilegia uma educação mediada pelo campo musical como um tipo de educação “primorosa”, pois, em seu entender, o ritmo e a harmonia entranham profundamente no íntimo da alma humana, sendo capaz, inclusive, de conferir-lhe “a natureza do belo e do gracioso”. (PLATÃO, 2009, p. 93).

Os estudos e pesquisas de Bastian (2009), Gardner (2001), Morin (2010), Moraes (2011), Koellreutter (1997), Albuquerque (2012), Rogério (2012) e demais autores nos confirmam que, tanto numa perspectiva individual quanto coletiva da Educação, o emprego da Música mostra-se como instrumento necessário ao desenvolvimento integral do aluno, sendo, também, importante para a formação das pessoas, para uma vida autônoma em sociedade e, principalmente, para a consolidação de uma cidadania planetária. E ultrapasse a dimensão cognitiva, a Música, como via de sensibilidade do ser humano, pode se consubstanciar em acesso a uma educação ética e estética da pessoa, para o estabelecimento do senso crítico e problematizador, uma vez que cabe à educação lidar com o enfrentamento

dos agravados problemas sociopolíticos e econômicos que tenderam a fustigar nossa sociedade no início deste século XXI.

4. PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

Apresentamos nesse capítulo o percurso metodológico do estudo, contextualizando a abordagem das Histórias de Vida e Formação, associada à Praxiologia, além da caracterização do campo, dos participantes e dos instrumentos utilizados para recolher os indicadores tratados na investigação.

4.1 Os caminhos metodológicos da pesquisa

A abordagem metodológica escolhida tem aporte seara da pesquisa qualitativa em Educação¹⁵. Essa abordagem é importante instrumento de investigação direcionada aos estudos que fazem parte do âmbito dos “[...] fenômenos humanos e sociais com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado” (MINAYO, 2013, p. 21), trazendo o sujeito para a cena das questões que queremos tratar em virtude de representarem os múltiplos sentidos e significações da realidade analisada (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Destarte, os caminhos epistemológicos que envolvem a opção teórico-metodológica adotada nesta pesquisa vêm imbricados da possibilidade político-ideológica de conhecer mais para melhor intervir neste espaço, com vistas à emancipação do sujeito. Por esse motivo, na tecitura desse nosso percurso metodológico, utilizamos a abordagem de Histórias de Vida em Formação – HIVIF, associada à Praxiologia, para subsidiar nossas análises do ensino de Música nas escolas públicas de Fortaleza.

Nesse sentido, optamos pela aplicação da HIVIF, por esta constituir uma abordagem na seara da pesquisa que entrelaça o objeto particular ao campo do universal, e se traduz em uma escolha que melhor atende a nossa proposta de estudo. No tocante à História de Vida em Formação, compreendemos que esta abordagem é essencial para desencadear a reflexão, tanto sobre as experiências de formações pessoais, quanto sobre as implicações dessa formação na

¹⁵ Esse tipo de investigação ganhou espaço no contexto educacional, configurando-se como elemento imprescindível a este modelo de pesquisa, uma vez que seus estudos se adequam à complexidade e ao dinamismo da escola, do currículo e do próprio cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, representa um dos pilares da atividade acadêmica em que se apoiam pesquisadores dessa área de investigação com o objetivo de produzir conhecimento, contribuindo, assim, para o avanço da ciência e o desenvolvimento social, se consolidando também como importante instrumento para a formação humana. Para Minayo (2004, p. 23) esse modelo de pesquisa em educação configura “atividade teórico-prática intrinsecamente inacabada e permanente, caracterizada por uma busca incessante”, configurando-se como uma “ação intencional” e “metodologicamente estruturada” na busca por “respostas” às questões postas no cotidiano acadêmico e social. Desse modo, Ferreira (2009, p. 44) entende que produzir pesquisa é: “[...] ser criativo, reinventar história e os fazeres humanos sobre um olhar particularizado” interpretado à luz de uma determinada teoria [...] trata-se uma atividade coletiva, cuja função primordial é atribuir sentidos ao cotidiano revendo e significando identidade e histórias”.

história de vida dos diversos professores que com e nela se implicam. Essa é uma das ideias mais atuantes nas narrativas de si: o que de nós podemos aprender, e, como ao longo da nossa vida e formação incorporamos novos saberes; compreender a importância das experiências para as possibilidades experimentais futuras; saber que nosso processo de formação procede, também, das experiências de si e do outro. Falar de Histórias de Vida em Formação é relatar vivências significativas que têm o grande poder de desvendar e compartilhar o conhecimento.

Assim, nosso intuito é desvelar as histórias de vida e trajetórias de formação do professor de Música com um enfoque prioritário na credibilidade da melhoria das ações educativas voltadas ao ensino dessa especialidade e na aprendizagem dos alunos, já que nos Projetos Pedagógico Curriculares – PPC, da UECE e UFC (ver quadro comparativo em Apêndice A), indicam o perfil desse profissional, que se alinha ao entendimento desta abordagem metodológica de se constituir elemento essencial à formação humana; em busca de “ser mais”, como nos ensina Freire (1992, p. 51), desse constante inacabamento do ser que se constitui em um “*devir*” eterno, esse movimento de humanizar-se. Destacamos a formação desse profissional e o que dizem os PPCs sobre o perfil do professor de música

O curso de Educação Musical formará profissionais da Educação comprometidos com o fazer musical da realidade na qual estão inseridos, incentivando nestes uma postura crítica, participativa, criativa e utópica, de maneira que a música possa ser compreendida como uma atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões. (PPC/UFC, 2015 p. 13).

Será um profissional munido de conhecimentos e habilidades que o caracterizarão como cidadão crítico e consciente de sua cidadania e, como profissional, dotado de autonomia intelectual para o exercício do pensamento reflexivo, a sensibilidade artística e a capacidade de manifestação do indivíduo na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas. (PPC/UECE, 2012 p. 14).

No campo da História de Vida em Formação, nosso aporte primordial está fundamentado nos estudos e pesquisas de Lani-Bayle (2008); Josso (2004); Castro (2014); Albuquerque (2012) e Rogério (2012), que discutem em suas pesquisas, fundamentalmente, a importância epistemológica da ação formadora dessa abordagem, garantindo assim sua validade e a relevância na utilização das narrativas de suas experiências em formação, por meio da demonstração de seu percurso no entendimento real do processo de formação humana e do seu sentido.

No que tange à Praxiologia, nossa análise aufere sentido com os conceitos de *habitus* e campo de (BOURDIEU, 1998), ao analisar criticamente as trajetórias de vida, posições ocupadas em um espaço dinâmico e sujeito a transformações, fazendo-nos divisar o modo como estes acontecimentos ocorrem no espaço social, em determinado *locus* de atuação,

sendo, portanto, de fundamental importância compreender esse momento de transição, de mudança de posição na atuação do sujeito como agente do campo ao qual pertence; compreender o papel desses agentes que nos inseriram nessa seara; quais as instâncias, as instituições que nos formaram, e quais os agentes responsáveis por esta formação, olhando para o *habitus* musical.

Nesse enredo epistemológico-musical, partimos na busca de melhor compreensão das histórias de vida e trajetórias dos professores de Música por meio da aplicação de uma entrevista narrativa gravada com a prévia autorização dos participantes, aqui utilizada como procedimento para a coleta de dados. A utilização das entrevistas narrativas em nossa pesquisa segue na intenção de compreender como são as aulas de Música nas escolas públicas de Fortaleza no intuito de identificar um *habitus* musical nesse professor de Música, tendo em vista o contexto no qual ele está inserido.

Desse modo, no sentido de melhor esclarecer os caminhos por nós percorridos, exporemos o percurso metodológico deste estudo, explicitando, no tópico subsequente as primeiras aproximações com o campo e com os sujeitos; além de apresentar as etapas desenvolvidas na pesquisa e que colaboraram para compreender a realidade da Música no panorama educacional das escolas públicas de Fortaleza.

4.2 Caracterização do campo da pesquisa: o Município de Fortaleza

Etapa imprescindível na implementação desta pesquisa sob método se deu com a escolha do campo de pesquisa no qual desenvolveu nosso estudo. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre o seu contexto e caracterização.

O *locus* no qual desenvolvemos a investigação foi a rede de ensino público do Município de Fortaleza. Atualmente, a Capital cearense possui 2.609.716 habitantes (fonte IBGE-2016). Todo o atendimento à Educação pública regular é composto por duas redes escolares: uma estadual e outra municipal. O Governo Estadual disponibiliza na Capital cerca de 170 (cento e setenta) escolas e ofereceu em 2017 135.000 vagas estimadas para matrícula. Já o Governo municipal dispõe de 287 escolas, ofertando 200 mil vagas para atender o ensino público. A rede estadual está dividida conforme as regiões e a rede municipal por distritos. Sendo assim, são 457 escolas em toda a Capital que atendem em média 335 mil alunos no ensino público de Fortaleza (fonte: páginas institucionais da SEDUC, SME e INEP – Censo 2016).

Na fase exploratória do campo, de início, pesquisamos as páginas institucionais dessas secretarias, onde obtivemos alguns dados. Posteriormente, fizemos contato com alguns dos gestores da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-CE) e da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME), para obtermos dados para a pesquisa por meio de uma fonte segura, na busca dos contatos com os professores de artes licenciados em Música e informá-los acerca do estudo em Educação Musical.

Na página institucional da SEDUC, hoje encontramos o seguinte compromisso e missão: “garantir a educação básica com equidade e foco no sucesso do aluno”. No que tange ao ensino de Música, na mesma página da SEDUC, encontramos um documento oficial intitulado “Ensino de Música nas Escolas”¹⁶, ano de 2012, da Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem – CODEA (Anexo A). Esta fonte traz textualmente o cumprimento com a LDB relativamente à valorização do ensino da Arte no Estado do Ceará. Segundo citada peça, em 2010, foram 576 escolas de Ensino Médio que receberam instrumentos musicais repassados pelo Governo do Estado/SEDUC.

As escolas receberam kits sonoros com as seguintes composições: violões acústicos, teclados, flautas doces, *timbás* pequenas, pandeiros, triângulos... *afoxés*, surdos mor com baqueta, repiques, ganzás, reco-recos, agogôs, atabaques etc. Mais 50 escolas foram beneficiadas com bandas de fanfarra, com objetivo de preservar nosso patrimônio e aumentar o repertório musical nacional e internacional. Possibilitar, portanto, uma condição de aprendizagem musical através do apreciar, interpretar, criar, improvisar e aprender com os outros. (CEARÁ-SEDUC, 2012, p. 1-2).

Já a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza – SME, em cumprimento da lei complementar 169/2014, em 2016, criou o programa Música na Escola e fez a aquisição de 1.700 instrumentos musicais para orquestras, no intuito de fortalecer o Ensino de Música nas escolas da Prefeitura. Distribui esses instrumentos mediante projetos de Música nas escolas que especifiquem objetivos, ações com prazo de desenvolvimento e disponibilidade de instrutor, além de termo de responsabilidade e manutenção do material.

Após o contato com as secretarias estadual e municipal de Educação, foram feitas algumas visitas às escolas à procura dos participantes da pesquisa, no objetivo de conhecer melhor as unidades escolares e verificar se elas têm Música em seu currículo. Nesse momento, estabelecemos o contato com os professores, visando, inicialmente, à apresentação dos propósitos da pesquisa: investigar a reinserção do ensino de Música nas escolas públicas

¹⁶ Este documento remete às principais questões referentes a implementação da Música no currículo das escolas da rede estadual do Ceará.

do Município de Fortaleza, com amparo nas narrativas dos professores no contexto de sua obrigatoriedade legal.

Estabelecemos, então, os seguintes critérios de inclusão dos professores para participarem dessa pesquisa: ser professor de Artes, licenciado em Música, que esteja lecionando nas escolas públicas de Fortaleza em 2017. E percebemos, logo de início, que temos poucos professores com esse perfil nas escolas públicas de Fortaleza: professores de Artes licenciados em Música atuantes nas escolas públicas, neste ano.

Cunha (2011), que desenvolveu uma pesquisa sobre a prática docente dos professores de Artes de Fortaleza, exprime que uma das primeiras dificuldades na implementação da Música diz respeito ao fato de ainda termos poucos professores formados em Música lotados na disciplina Artes das escolas públicas de Fortaleza; dado igualmente evidenciado em nossa pesquisa e que se assemelha aos resultados encontrados por Azevêdo (2013) que, noutro ensaio, também, detectou a falta de docentes com formação em Música ministrando a disciplina Artes nas escolas públicas na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará.

Azevêdo (2013, p. 36-37) ainda considera que tal aspecto se evidencia em virtude de a legislação educacional ainda destinar à escola a escolha das áreas artísticas a serem trabalhadas no componente curricular de Artes. Para a autora, isto evidencia que

[...] entre a Música, as Artes Cênicas, as Artes Visuais e a Dança, qualquer ou quaisquer delas podem ficar fora do planejamento. Isso é, em regra, o que geralmente acontece. Com essa liberdade quase absoluta, as escolas podem, ainda, determinar a carga horária das disciplinas. Com isso, a prática é que, em geral, as aulas de Arte aconteçam apenas uma vez por semana, em uma aula com duração de cinquenta minutos. No Ensino Médio, é comum que se ofereçam essas aulas apenas no primeiro ano, ficando o segundo e o terceiro anos sem qualquer contato com as atividades da referida disciplina.

Assim, igualmente aos estudos e pesquisas apresentados, consideramos que essa falta de formação em Música do professor configura grande obstáculo para que a Música possa figurar adequadamente e para que se cumpram os objetivos essenciais à formação integral do educando.

No decurso de nosso estudo, e obedecendo ao critério inicialmente estabelecido para a escolha dos participantes, esclarecemos que a quantidade de professores de Música entrevistados dependeu da motivação destes professores em participarem da pesquisa em tela. Destacamos, entretanto, que apenas um dos professores contatados não se interessou por participar da pesquisa. Obtivemos, pois, uma excelente receptividade dos docentes de Música à proposta. Respeitados esses critérios iniciais de escolha dos participantes, foi constituído um

grupo de sete docentes, os quais se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa por meio de suas narrativas e experiências profissionais, pessoais e musicais.

Na etapa deste estudo, que corresponde à implementação da pesquisa em si, optamos pelas entrevistas narrativas para descobrirmos como esse professor de Música da escola pública ensina seus conteúdos, no sentido de identificarmos suas práticas com base na voz dos próprios professores entrevistados, sem deixarmos de considerar nossas observações e interações estabelecidas com estes profissionais.

Desse modo, as entrevistas narrativas destinadas aos docentes foram utilizadas como instrumento de coleta de dados para registrar, por meio de um gravador, as falas dos professores. Para essa etapa, elaboramos uma pergunta deflagradora, desde o conteúdo e das informações reunidas, nas observações coletadas e nos referenciais incorporados no percurso da busca ora relatoriada.

Assim, as entrevistas foram realizadas de 10 de fevereiro a 03 de março de 2017, com professores licenciados em Música que lecionam em escolas localizadas nos bairros de Parangaba, Messejana, Henrique Jorge, Cajazeiras, Bom Jardim, Granja Portugal, Passaré, Parquelândia, Antônio Bezerra e José Walter, totalizando dez bairros da Capital do Ceará e um total de 12 escolas. (ver mapa ilustrativo em Apêndice B, no qual destacamos os bairros onde se localizam as escolas desses professores de Música).

Referidas entrevistas narrativas intencionaram abordar as temáticas que envolvem os objetivos da pesquisa e as principais dificuldades dos docentes, assinaladas pelo grupo, em face da implementação das Leis 11.769/2008, 13.278/2016 e 13.415/2017, no intuito de desvendar suas percepções e expectativas quanto ao ensino de música e demais linguagens artísticas (Teatro, Dança e Artes Visuais) e seus conteúdos.

Guiado por estes procedimentos e instrumentos até aqui utilizados, buscamos compreender, na produção docente, como se constitui o *habitus* musical na formação desses educadores, no sentido de melhor elucidar as nuances (contradições e possibilidades), com base nesses elementos com relação ao panorama das escolas de Fortaleza, e quanto ao componente curricular de Música, contribuindo, assim, para a sua efetivação no Ensino Público.

A seguir mostraremos a escolha do método de análise dos dados, na escuta das narrativas, nossa intenção foi obter por meio das experiências o conhecimento desses professores, o seu aspecto intersubjetivo, a implementação de um *habitus*, para, assim, podermos desvelar as epistemologias que há no ensino de música de Fortaleza.

4.3 Método para coleta de dados: entrevistas narrativas

A gênese da cultura levou as pessoas a consolidarem um sistema simbólico que possibilitou a comunicação entre todos. Contar e narrar tornaram-se vias epistemológicas do pensar e do saber. Para Reuter (2014, p. 09),

Nossa cultura reserva um largo espaço às narrativas, dos mitos e lendas – antigos e modernos –, a todas as narrativas cotidianas da vida familiar, passando pela narrativa da imprensa ou dos romances literários. Além disso, existe um grande número de teorias, muito diferentes, para compreender e interpretar essas narrativas múltiplas e proteiformes. Algumas teorias devolvem-nas à história, outras tratam de abordá-las de um ponto de vista sociológico ou psicanalítico, outras ainda estudam as formas e as funções da gênese das narrativas pela criança etc. Algumas se interessam essencialmente pelas suas condições de recepção, outras vêem essas narrativas em si mesmas.

Optamos pela entrevista narrativa, por ser esta um recurso investigativo de raiz qualitativo, que possibilita uma interpretação por parte do pesquisador das histórias de vida dos participantes. Como leciona Muylaert (2014, p. 194), “[...] a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Graças à existência da linguagem a narrativa pode se enraizar no outro”. Sendo assim, a narrativa é instrumento fundamental para constituir noção de coletivo. Nesse sentido, as entrevistas narrativas têm a função de contribuir para estabelecer a realidade.

Neste experimento, pretendemos alcançar as peculiaridades do campo do ensino de Música por meio das narrativas dos professores entrevistados e transmitir os conteúdos de suas experiências para constituirmos melhor nosso futuro. No entender de Lani-Bayle (2008, p. 310),

[...] Olhar para frente torna possível ir adiante. É como num carro, para avançar com um mínimo de segurança, nós precisamos olhar o que se passa atrás, justamente por onde já passamos. Com efeito, o passado se movimenta com o avanço e convém manter-se vigilante com relação a ele, sobretudo, quando se pretende bifurcar, mas não somente nesse caso, para seguir o seu caminho simplesmente.

Feitas essas considerações sobre as bases teórico-metodológicas desta investigação, iniciamos pela aplicação de uma entrevista, denominada na literatura como pré-teste. Essa foi uma etapa da pesquisa que nos possibilitou testar e avaliar as possibilidades e perspectivas do estudo.

Para atender a esse percurso metodológico, foi necessário elaborarmos uma pergunta inicial que deixasse os participantes bem à vontade para fazer suas narrativas. A busca pela

pergunta deflagradora foi uma elaboração pensada, maturada e refletida, que resultou na seguinte exposição:

Pesquise histórias de vida de professores de Música da cidade de Fortaleza. Para conhecê-lo melhor e sua realidade, peço que narre sua experiência como professor de Música, considerando a importância desta em sua história de vida e para o currículo escolar, sobretudo no contexto das leis que trouxeram a reinserção da Música nas escolas. Leve o tempo que quiser. Conte como quiser. Peço apenas que conte livremente o entrelaçar da Música em sua vida. Não vou interrompê-lo, apenas avise quando terminar.

Além da pergunta deflagradora, estabelecemos um roteiro de acompanhamento para a entrevista (Tabela 1) utilizado como guia para a entrevista, sempre observando após o término da narrativa livre, instante que a literatura denomina de momento CODA, quando o entrevistado avisa que finalizou sua resposta sem ter sido interrompido. Nessa ocasião adotamos o roteiro para aprofundar pontos relevantes envolvidos na pesquisa que não tinham sido citados pelos professores participantes.

Tabela 1 – Roteiro de acompanhamento da entrevista

ROTEIRO
• Fale sobre a música na sua infância.
• Fale sobre você e sua prática no ensino de música.
• Quais as facilidades e dificuldades encontradas no ensino de música hoje nas escolas públicas.
• Como está sendo o processo de inclusão da música nas escolas em que você leciona.

Fonte: elaborado pelo autor

Vale ressaltar o fato de que o professor da entrevista pré-teste é o único dos entrevistados em nossa pesquisa que leciona a disciplina de Música, na única escola da rede pública de Fortaleza encontrada por nós que inseriu essa disciplina no currículo escolar. Existe nesse professor, no entanto, uma peculiaridade: ainda não tem uma formação específica em Música, fato que nos levou a adotar a formação em Música como critério de inclusão do participante na pesquisa.

Este professor, embora graduado em História pela UFC, atua como docente na rede estadual de ensino de Fortaleza, uma das escolas pioneiras que disponibiliza a disciplina Música em seu currículo para as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. Além disso, atualmente cursa Mestrado em Educação na UFC, no eixo temático Ensino de Música. Referido professor, inclusive, relata com bastante entusiasmo e propriedade seu envolvimento

com a Música, considerando-a como parte integrante de sua história de vida e, portanto, instrumento essencial na formação intelectual dos seus alunos.

Na sequência, após a aplicação do pré-teste, que para nós atendeu as exigências iniciais de nossa investigação, demos sequência à efetivação da pesquisa com os outros professores de Música que aceitaram participar do estudo. Nesta fase, os professores entrevistados puderam contar livremente suas narrativas de vida. Pedimos que escolhessem um local onde ficassem bem à vontade e que não fôssemos interrompidos durante a entrevista, que foi gravada.

4.4 Entrevistas e participantes da pesquisa

Estabelecemos no início do estudo utilizar como critério de escolha do campo a divisão das escolas feita por distritos no Município de Fortaleza, e pinçar uma representação de até duas escolas de cada distrito que possuem professores de Música, mesmo que estas escolas ainda não tenham inserido a Música em seu currículo escolar de forma obrigatória. O total das escolas pesquisadas, no entanto, abrangem os distritos III, IV, V e VI, alcançando dez bairros, 12 escolas e sete professores, não sendo contempladas apenas as escolas dos distritos I e II. Assim, a pesquisa teve o alcance de sete escolas estaduais e cinco municipais. Como o limite da pesquisa é o Município de Fortaleza, optamos por considerar as escolas e a divisão por bairros que compõem o Município.

É oportuno destacar, no entanto, o fato de que, até o término da pesquisa, não tivemos acesso a uma relação das escolas que oferecem Música no currículo, tanto por parte da SEDUC quanto da SME. Por isso, foi necessário um contato mais direto com os professores de Música, sendo preciso eleger como critério inicial para a escolha destes professores, o fato de que fossem licenciados em Música e que estivessem exercendo efetivamente a docência da disciplina em escolas públicas do Município de Fortaleza.

Convém esclarecer que, como o foco específico desta busca foi para os professores da disciplina de Artes, que fossem licenciados em Música, era preciso que os docentes atendessem inicialmente a este formato. Ainda no ano de 2016, localizamos 12 professores com esse perfil. No novo contexto do ano de 2017, entretanto, ano em que se efetivou a pesquisa, dois dos professores licenciados em Música passaram a ensinar em outros municípios do Ceará, deixando de ser participantes do estudo. Também fora identificado no decurso da pesquisa o fato de que dois professores que exerciam a docência no ensino de

Artes não possuíam formação específica em Música e, por esse motivo, não poderiam participar da pesquisa. Outro sujeito de nossa investigação, mesmo sendo professor de Artes e licenciado em Música não quis participar. Desse modo, contamos com a participação de sete professores de Artes licenciados em Música e que ministram a disciplina Artes na Educação Básica, em escolas da rede pública do Município de Fortaleza, os quais foram identificados por codinomes, no intuito de resguardar os respectivos entrevistados e manter sua identidade em sigilo, conforme determina a ética em buscas científicas com seres humanos, a chamada pesquisa IN ANIMA NOBILI, adotamos o anonimato dos professores participantes. Em razão desse número de sete professores participantes da pesquisa, optamos por identificá-los por uma escala musical de professores licenciados em Música com as sete notas musicais em substituição aos seus respectivos nomes. Assim, passamos a chamá-los de professores Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Delineamos a seguir uma análise dos resultados indicados e conteúdos das entrevistas narrativas com professores de Arte, licenciados em Música, que exercem atividades docentes na rede de ensino público de Fortaleza e que conduziram ao estudo da problemática da reinserção do ensino de Música no currículo no contexto de sua obrigatoriedade legal. As narrativas desses professores, além de evidenciarem seus saberes e práticas tecidos por meio de suas histórias de vida e trajetórias de formação, contribuíram para uma reflexão sobre a possibilidade de maior empoderamento epistemológico por ora de suas vivências musicais em sala de aula e que foram imprescindíveis à compreensão da problemática referida na pesquisa.

5.1 Entrelaçamento de trajetórias musicais

A fim de melhor conhecer os professores de Artes licenciados em Música, foi necessário colhermos alguns dados desses educadores e assim traçar o perfil do professor de Música identificado, que no ano de 2017 desenvolve atividades docentes no contexto da escola pública de Fortaleza. Esse perfil foi traçado com base nos seguintes dados: formação e ano de conclusão, esfera administrativa com a qual têm vínculo (estadual ou municipal), idade e tempo na docência.

Tabela 2 – Perfil dos professores entrevistados

ENTREVISTADOS	FORMAÇÃO/ INSTITUIÇÃO/ANO	ESFERA GOVERNAMENTAL	IDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA
Dó	Música/UFC/2015	Municipal	27	2 anos
Ré	Música/UFC/2014	Estadual e municipal	24	3 anos
Mi	Música/UECE/2006	Estadual	46	27 anos
Fá	Música/UECE/1991	Estadual	51	15 anos
Sol	Música/UECE/2011	Estadual	37	15 anos
Lá	Música/UECE/1991	Estadual e Municipal	45	27 anos
Si	Música/UFC/2015	Municipal	24	2 anos

Fonte: elaborado pelo autor

Observando a tabela, podemos destacar que nossos professores entrevistados têm em média 36 anos e a média de tempo na docência de 13 anos. Dos sete entrevistados: quatro concluíram licenciatura na UECE e três na UFC. Dois deles lecionam apenas na esfera

municipal, três somente no âmbito estadual e dois atuam tanto na área estadual quanto municipal. Um aspecto a ser destacado é que os professores licenciados pela UFC são os mais jovens, possuindo idade de 24 a 27 anos, e também atuam há menos tempo na docência da Educação Básica. Já os docentes licenciados pela UECE têm idade de 37 a 51 anos e atuam há mais tempo na docência de Música.

5.2 Perfis dos participantes

5.2.1 *Professor de música Dó*

A entrevista com o Professor Dó aconteceu no dia 03 de março de 2017, na biblioteca de uma das escolas do Município de Fortaleza, na qual referido professor leciona, entrevista essa que durou cerca de 44min27s. Cabe ressaltar que ele é licenciado em Música pela UFC e leciona em escolas da esfera municipal, além de desenvolver atividades docentes em uma organização não governamental - ONG em Fortaleza, instituição onde atua na formação de jovens e adolescentes, mais especificamente no campo da formação artística, justamente porque reconhece a importância da Arte como inclusão.

A relação desse professor com a Música é para ele uma experiência inerente a sua condição humana. Em sua narrativa, revela que essa relação se deu “desde sua vida intra-uterina”. Segundo ele, desde a gravidez, sua mãe já cantava, tocava e o embalava com sons musicais. Entende ele que é de fundamental importância na formação humana uma aproximação com a Música desde a tenra idade, assim como extremamente necessária essa experiência musical na fase escolar, conteúdo que não vivenciou em sua formação na Educação Básica. Este professor foi inicialmente músico autodidata, de práticas aurais¹⁷ e somente veio a ter uma experiência de formação musical institucional e formal na Universidade, instituição na qual se formou como professor de Música de fato. Vale ressaltar que, quando optou pelo Curso de Música em sua formação, não houve um apoio da família, o que é comum com outros estudantes que fazem a escolha por este curso. Este mesmo professor ainda destaca que sua trajetória de vida é fortemente marcada por instrumentos musicais, como o teclado e a sanfona, adicionando-se a prática do canto coral.

¹⁷ Segundo Couto 2008, definem-se por práticas aurais aquelas relacionadas com o tocar de ouvido, ou seja, fazer música sem o auxílio de notação musical escrita. Para saber mais ver [<http://revista.uemg.br/index.php/modus/article/viewFile/767/483>]

5.2.2 Professor de música Ré

Ré é licenciado em Música pela UFC desde 2014 e atua como docente em duas escolas da rede estadual e duas escolas do sistema municipal de ensino de Fortaleza.

O momento de escuta no qual Ré narrou sua trajetória de vida e formação aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2017 na “sala de vídeo”, em uma das escolas da rede estadual de ensino na qual leciona, tendo uma duração de 56min07s. Sua narrativa revela que a Música para ele é algo apaixonante, além de ter significativa importância na sua história de vida. Suas experiências iniciais com a Música remetem à sua infância, quando vivenciou em outro país aulas de Música com elementos próprios da linguagem musical, onde a vivência dentro de um coral na escola e as apresentações deste coral o levaram a trilhar o caminho da Música e, mais tarde, escolher o curso de Música para sua formação. Percebemos que o canto o encantou. A ênfase que é dada na voz e no canto pelo curso de Música da UFC foram determinantes para sua decisão pela sua formação nessa academia. O fascínio pelo canto mais tarde o fez integrante do Coral da UFC no ano de 2012. Para Ré ser professor de Música é cantar na escola. É desencantar a ideia de que ser músico é um dom. Para ser um músico, impõem-se estudo, prática e dedicação. As estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor Ré no ensino de Música em sala de aula são trabalhar o canto coral e os ritmos com os estudantes.

5.2.3 Professor de música Mi

A entrevista do Professor Mi ocorreu em 2 de março de 2017 em uma das salas da coordenação da escola municipal de Fortaleza onde ele leciona. Durou 41min17s. Ele destacou que a escola funciona em regime de tempo integral e que nesse modelo de escola é bem mais fácil de trabalhar com a Música como elemento pedagógico, justamente porque os alunos dispõem de mais tempo para esse tipo de atividade.

Cabe destacar que o professor Mi, assim como os demais, teve contato com a Música logo na infância, quando seu pai o levou para fazer parte de um projeto de canto coral no qual aprendeu e vivenciou a Música, primeiro como aprendiz e, tempos depois, como professor-formador. Fez parte de um projeto bastante conhecido – “Um canto em cada canto” – e foi multiplicador dessa proposta, formando professores nos municípios do Estado do Ceará. Relativamente a formação, é licenciado em Música pela UECE.

Sua narrativa revela que utiliza a Música para atrair os estudantes para as aulas de Artes, mas que ainda não existe o professor de Música nas escolas. Faz uma crítica à forma como a música foi “jogada” nas escolas, sem uma reflexão anterior de tempo e espaços, apenas porque era necessária. Mesmo assim, ante a polivalência deparada, na disciplina de Artes, com a Música, ele consegue trabalhar em somente uma aula, mas adverte a grande dificuldade no domínio das outras linguagens e em se trabalhar o Teatro, a Dança e as Artes Visuais em apenas uma aula de 50 minutos, esta última, principalmente, pois necessita da fruição sem uma delimitação temporal e, por vezes, utiliza-se da aula seguinte quando trabalha com Artes Visuais. Sua narrativa revela que trabalha com os estudantes o canto coral em suas aulas de Música e, quando há interesse dos estudantes em aprender um instrumento musical, esbarra nas dificuldades da escola pública de não possuir instrumentos e espaços apropriados para as aulas de Música.

5.2.4 Professor de música Fá

A entrevista com Fá se deu em 18 de fevereiro de 2017. Esta transcorreu na residência do professor, tendo um tempo de 1h12min59s de duração. Ele também é formado em Música pela UECE. Essa entrevista trouxe um aspecto importante de ser destacado: entre os entrevistados, este professor é o único que possui formação no patamar de doutorado.

O professor Fá revela em sua narrativa aspectos de sua formação que demonstram a grande dificuldade que teve em obter os capitais necessários para ampliar o seu conhecimento sobre Música, pois morava numa cidade pequena, tinha dificuldades financeiras, o que não possibilitava pagar um professor de Música, e que dificilmente os métodos de ensino chegavam lá, “[...] era muito mesmo nessa de autodidata e pegar dicas de colegas, trocas e experiências muito colaborativas, muito no âmbito da colaboração mesmo, você aprendia uma música, passa pra um, e vai”.

Segundo o professor Fá, hoje mudou muito a consciência da importância da Música no contexto escolar e na formação do educando. No passado, a Música era vista com uma característica de recreação e não se encaixava como disciplina escolar. Ele ressalta em sua fala sobre a importância de um local apropriado para serem desenvolvidas as aulas das linguagens artísticas e musicais. Considera-se um sortudo, porque, durante a sua trajetória como professor de Música, sempre conseguiu montar nas escolas que trabalhou uma sala de Artes, deixando de ser um pouco o professor “pinga-pinga”, como ele mesmo enfatiza, aquele

que vai aula por aula, sala por sala. Sua fala suscita e reafirma os propósitos defendidos por nós em outro trabalho no qual defendemos a criação, nas escolas públicas, de laboratórios específicos de Música, nos quais os professores e alunos pudessem desenvolver habilidades musicais e artísticas. Muito da experiência desse professor se relaciona com projetos com o aporte da SEDUC e do Governo Federal, como “Mais Educação”, onde afirma “Eu tive pouca experiência nessa prática de sala de aula, essa de pinga-pinga, uma aula aqui outra ali. Então a minha experiência é mais com projetos”. Comenta então a dificuldade de ser professor da disciplina de Música em Fortaleza,

A não ser que você consiga trabalhar com sala de artes, eu tive o privilégio de ter minha sala, isso foi um benefício, então eu não tive muito sofrimento não, a gente sabe que o trabalho do professor de música, do professor de artes é bem penoso, é muito mais difícil até porque também não tem essa cultura artística, não existe essa disseminação da cultura artística como um valor.

Ao falar em sua narrativa, porém, de uma visão de futuro, comenta a recente conquista, “essa da inserção da música como uma disciplina obrigatória acho que só vem confirmar a importância da música na formação do jovem, da cultura, principalmente na nossa cultura brasileira”.

5.2.5 Professor de música Sol

A entrevista com Sol ocorreu no dia 24 de fevereiro de 2017. Aconteceu na residência dele e durou 56min59s. Esse professor também tem formação acadêmica pela UECE e atua nas escolas públicas da esfera estadual de Fortaleza.

Sua narrativa revela o contato com a Música desde a infância. Admite sua facilidade em compor e fazer melodias desde os quatro anos, o que o faz perceber hoje que a criação musical é um exercício fundamental na formação do músico e que, inclusive, deveria fazer parte do exercício musical na formação de qualquer músico. E admite: “o que eu compreendo de música, grande parte eu devo à questão do exercício de compor”. Reconhece que sua formação em técnico de Música no IFCE na adolescência contribuiu muito para sua trajetória musical de músico e compositor, mas a possibilidade da docência só veio a aflorar após a licenciatura, o que lhe permitiu ver a sala de aula como um lugar agradável para compartilhar a música e o conhecimento. Entende Sol que, os professores de Arte sofrem a intermitente necessidade de justificar e de provar a utilidade da Arte. Para ele, “essa questão da utilidade ela precisa ser repensada, porque toda arte é útil”.

5.2.6 Professor de música Lá

Essa entrevista na qual obtivemos a narrativa do Professor Lá aconteceu na sua residência, no dia 24 de fevereiro de 2017, perfazendo um tempo total de 44min21s. Identificamos, de início, que esse professor, além de ser licenciado em Música pela UECE, também possui mestrado pelo Prof-Artes, da UFC. Atua como professor de Artes, tanto em escolas estaduais quanto municipais há pelo menos 17 anos.

Sua narrativa revela o contato com a Música desde a infância, tendo o seu pai como principal influência e o violão como um instrumento essencial na sua trajetória como músico nas noites e nos bares de Fortaleza. O professor Lá percebeu em seu percurso a importância em aprofundar seus conhecimentos na Música, fato que mais tarde o fez se transferir do curso de História, já com três anos cursados, para o curso de Música, que o levou a uma especialização em Metodologias no Ensino das Artes e, mais recentemente, ao mestrado profissional em Artes. Em sua trajetória, percebe-se experiências significativas na docência, sua prática em conservatório e escolas de Música como professor, experiências que foram incorporadas em suas práticas nas escolas públicas onde ensina e na execução de projetos de Música implementados por ele dentro das escolas. São projetos que, segundo Lá, não têm uma continuidade, pois sem o apoio das secretarias estadual e municipal da educação, e que querem apenas uma atividade temporária, onde argumentam que “o lugar do professor é na sala de aula”, segundo o professor Lá.

[...] se você chegar com uma proposta dessas lá nas regionais, na SEDUC, no geral, eles barram. A não ser que seja uma necessidade deles. Mas se você chegar: não! Não pode não, professor tem que estar em sala! Essa é a realidade para os projetos, que é algo que me desestimulou muito.

Com relação à obrigatoriedade do ensino de Música, percebemos a expectativa com a obrigatoriedade da Música gerada no professor Fá, de início, em 2008. Achava que, então, com a lei seria a vez dos músicos dentro da escola; mas hoje, em 2017, segundo ele, “minha euforia com a questão da implementação do ensino de música perdeu um pouco do encanto”, na realidade atual em que a atividade docente se resume à sala de aula, exclui-se a possibilidade da execução de projetos que tenham à sua frente os professores efetivos da rede. Para ele, “não é fácil você implementar um projeto de música nas escolas nesse contexto”.

5.2.7 Professor de música Si

A entrevista mais curta de nossa pesquisa se deu com a narrativa do Professor Si, ocorrida no pátio da escola no dia 02 (dois) de março de 2017 na escola municipal onde ele leciona. Essa entrevista foi de 14min34s.

A narrativa do professor Si revela que seu contato com a Música foi aos 11 anos, dentro da igreja que participava, frequentando o canto coral. Em sua narrativa, além de relatar experiências pessoais com o campo musical, ele também trouxe informações sobre sua formação acadêmica na UFC acerca de sua atuação como professor de Música na rede municipal de ensino em Fortaleza.

Podemos destacar o fato de que este professor considera quase impossível trabalhar a Música apenas com a voz ou somente com a teoria musical. Segundo ele, “trabalhar música dentro de sala de aula, também tem esse desafio, não só de trabalhar aquele instrumento que aquele professor domina, mas de dominar vários instrumentos”. Ele acredita que a dificuldade em obter instrumentos, em manter e/ou até mesmo a falta de espaço e tempo adequados (aulas fracionadas em tempo de 50 min) para se trabalhar a Música na escola, assenta no pressuposto teórico desta como uma linguagem promotora do desenvolvimento humano, podendo isto ser destacado como importantes obstáculos à consolidação dessa proposta. Consoante ele, no entanto, “[...] dá pra se trabalhar música com certeza, eu trabalho muito em cima da questão da apreciação musical, da composição”.

Um aspecto relevante em sua narrativa é que sua experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, em turmas da Educação Infantil, fez com que percebesse a importância do ensino de Música nessa modalidade de ensino, e que, em sua opinião, facilita aprofundar conteúdos e obter melhores resultados com o ensino de Música nas turmas do Ensino Fundamental I, fato este que aponta na direção do que Bastian (2009, p. 101) considera, pois “[...] vista a longo prazo, a música, a prática da música e a educação musical melhoram sensivelmente os valores da inteligência da criança”.

No intuito de atender a essa etapa imprescindível da pesquisa – análise dos resultados obtidos por meio da coleta de dados – foi necessário inicialmente elencar as principais categorias evidenciadas nas narrativas dos professores, com o auxílio do programa IRAMUTEQ, ferramenta utilizada para categorizar as informações evidenciadas nas narrativas. Após essa fase, transcrevemos as referidas entrevistas na íntegra, que foram submetidas a uma análise do software IRAMUTEQ. O uso desse *software* é bem recente no

Brasil, desde 2013, apresentando distintos tipos de análises textuais, o que nos possibilitou a identificação de palavras-chaves e a frequência de sua ocorrência. Essa é uma ferramenta de análise de *corpus* textual que permite uma visão estatística, ilustrada com gráficos, o que nos permitiu recorrer a um olhar criterioso sobre as narrativas dos professores entrevistados. A seguir expomos a análise feita pelo programa IRAMUTEQ trazendo alguns gráficos que apontam o entrelaçar das entrevistas narrativas.

5.3 IRAMUTEQ: ferramenta de análise de dados da pesquisa

Em nossa análise do conteúdo das narrativas, combinadas às análises feitas pelo IRAMUTEQ, optamos por dividi-las em duas etapas distintas e relacionadas: a primeira foi uma análise dos textos, individualmente, obtendo de cada um dos professores entrevistados gráficos e estatísticas (Apêndice A), que nos permitiram uma compreensão das narrativas desses professores sob um aspecto de análise textual: desde a mais simples, como a análise lexicográfica¹⁸, até a percepção de análises multivariadas das categorias que são mais complexas. Já na segunda etapa, aplicamos a análise do IRAMUTEQ no conjunto das entrevistas narrativas, juntas em um só *corpus* textual. Assim como na etapa anterior, obtivemos gráficos que nos permitem uma visão geral e peculiar desse *corpus*.

Na primeira etapa da análise realizada pelo referido programa, foi possível identificar cinco tipos de análise distintas: estatísticas textuais simples, pesquisa de especificidades de grupos, classificação hierárquica descendente, análise de similitude e nuvem de palavras. Cabe salientar que, para a análise textual, foi preciso fazer a opção por categorias basilares, sendo ainda necessário eliminar da análise algumas classes de palavras, mantendo ativas, apenas, adjetivos, verbos e substantivos.

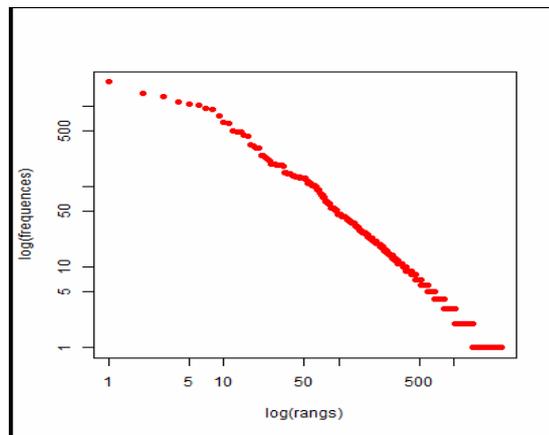
Já na segunda etapa, a igual do ocorrido na etapa anterior, obtivemos uma nuvem de palavras, onde divisamos com maior evidência as palavras música, professor e escola, relação fundamental para que tenhamos a música em nossas escolas públicas. Esta fase da análise foi feita com todas as entrevistas narrativas juntas em um só *corpus* textual. O *software* fez uma análise de todas as narrativas na qual obtivemos os seguintes gráficos abaixo comentados.

No Gráfico 1, logo abaixo, temos uma análise quantitativa que demonstra a relação entre a frequência, ou seja, quantas vezes uma mesma palavra surge na narrativa, e a quantidade total de palavras das entrevistas narrativas. Identificamos facilmente as três

¹⁸ Conforme tutorial do *software* IRAMUTEQ, as análises lexicográficas são aquelas que podem ser identificadas e reformatadas em unidades de texto, criando-se, assim, um dicionário de formas reduzidas.

palavras que mais apareceram nas entrevistas narrativas dos professores de Música: música (476 vezes), professor (191 vezes) e escola (187 vezes). No resumo exibido pelo *software* IRAMUTEQ, encontramos total de 2569 palavras, sendo que, destas, 1123 palavras aparecem uma só vez no *corpus* textual, correspondendo a 3,20% das ocorrências dentro do texto, e 43,71% do total de todas as palavras encontradas. O Diagrama abaixo ilustra esses dados, onde observamos que no eixo vertical a frequência que as palavras aparecem no texto e no eixo horizontal a quantidade de palavras.

Gráfico 1 – Diagrama de Zipf das entrevistas narrativas



Fonte: elaborado pelo autor

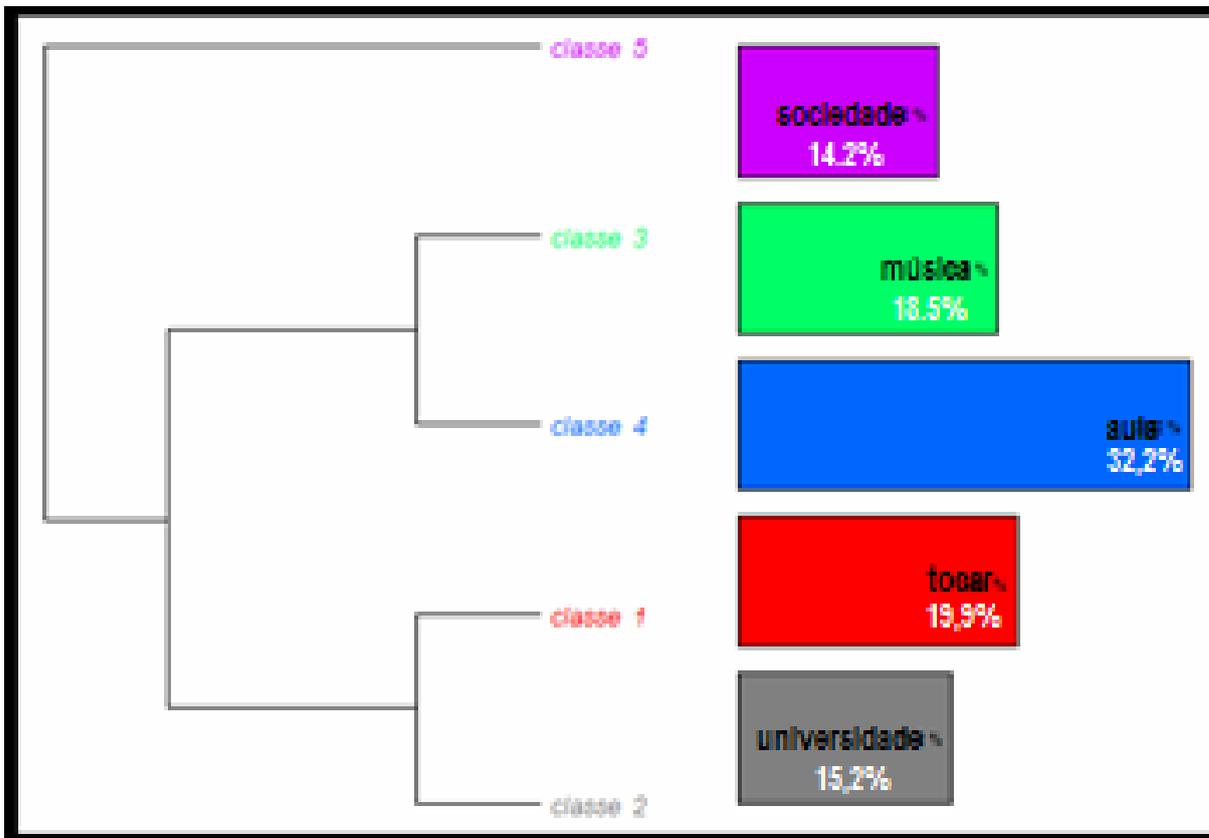
O *software* IRAMUTEQ ainda traz uma categorização denominada de Classificação Hierárquica Descendente – CHD, na qual foram realizadas divisões sequenciais do *corpus* e para a qual se originam cinco classes de palavras (Gráfico 2). Essa classificação nos faz compreender uma relação das palavras e expressões narradas pelos professores de Música entrevistados. Foram considerados 971 segmentos de texto, com 2569 palavras “lematizadas”¹⁹, 2260 formas ativas, 88 suplementares, com média de 35,99 por segmento de texto, sendo considerando 90,27% dos segmentos de texto para a análise, satisfazendo critério mínimo apontado pela literatura, que é de 75% de aproveitamento do *corpus* (CAMARGO; JUSTO, 2016).

Cada classe resultante pela CHD é composta pelas palavras mais significativas (maior frequência dentro da classe) e pelas respectivas associações com a classe (qui-quadrado). Podemos identificar no Gráfico 2 a relação entre as classes. Lendo de cima para baixo, vemos que há a primeira divisão apresentando a classe 5, sendo representada pela palavra sociedade, e que corresponde a uma intervenção social. Na segunda divisão, a classe 5 origina dois

¹⁹ A lematização é um processo de deflexionar uma palavra.

subgrupos de classes (em ordem: 3, 4, 1 e 2,), que se aproximam-se: as classes 3 e 4 e as classes 1 e 2. O subgrupo superior, digamos assim, dividiu-se, formando a classe 3, representada pela palavra música, e a classe 4 pela palavra aula, que corresponde ao ensino de Música. Já o subgrupo inferior dividiu-se na classe 1, onde se destacou o termo tocar e, na classe 2, o vocábulo universidade. Essa subdivisão significa que as classes 3 e 4 têm maior proximidade entre si, assim como as classes 1 e 2.

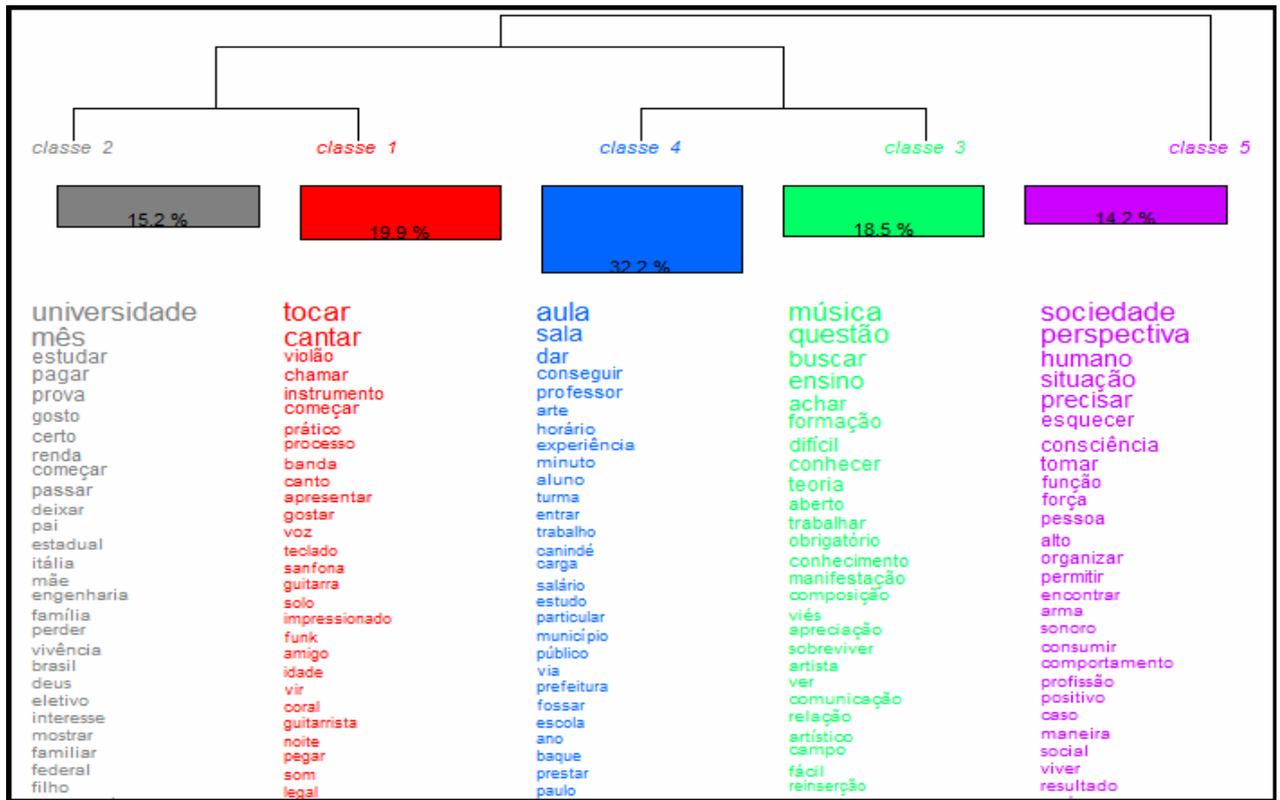
Gráfico 2 – Dendograma da CHD das entrevistas narrativas



Fonte: elaborado pelo autor

A Classificação Hierárquica Descendente – CHD também pode ser expressa de modo que as palavras que compõem cada classe apareçam no gráfico. No Gráfico 3, podemos identificar o conteúdo lexical de cada classe.

Gráfico 3 – Dendograma do CHD das entrevistas narrativas



Fonte: elaborado pelo autor.

Por último, trazemos no Gráfico 4 a nuvem de palavras obtida com a análise de todas as entrevistas narrativas relacionadas. Encontramos em evidência as palavras música, professor, escola, saber, aluno e arte. Esse resultado nos remete à importância da Música na escola, do professor para a formação do aluno e da Arte para o conhecimento.

a classificação formatada pelo IRAMUTEQ e as categorias desveladas e interpretadas pelo pesquisador.

A classificação mais geral encontrada foi denominada de intervenção social. Podemos destacar o fato de que a aproximação das outras classes se associam à institucionalização e/ou inclusão das Artes e da Música nas escolas – em destaque o papel do professor de Música – e um esclarecimento do *habitus* musical do professor de Música das escolas públicas de Fortaleza. Com relação à possibilidade do estabelecimento de um *habitus* musical incorporado às práticas dos professores de Música, foi possível identificar por meio da fala desses professores que eles têm, desde a tenra infância, uma relação muito próxima com a Música, sendo, inclusive, para muitos deles a Música lugar comum nas memórias de infância e em situações familiares. Para ilustrar esse aspecto evidenciado pelos professores, deles destacamos algumas narrativas.

É essencial que nossa sociedade tome a consciência da função da Música e da Arte para todos. Por meio da Música, é possível obter um retrato de determinada sociedade em seu mais elevado grau. Como assevera Albuquerque (2015), ter “a arte e a música [...] principalmente como ferramenta para construir a música e a sociedade do futuro numa perspectiva diferente”. Em decorrência da importância, associamos a classe intervenção social com a categoria teórica **campo**, justamente por este estudo pretender desvelar o campo do ensino de Música de Fortaleza, onde operam os seus agentes que se organizam na profissão, que têm perspectivas e comportamentos próprios da atuação dos docentes de Música envolvidos na pesquisa e, quiçá, aí promover uma intervenção.

Para compreender melhor os mecanismos que envolvem o ensino de Música em escolas de Fortaleza, é necessário que nos apropriemos do conceito de campo de Bourdieu (2001). Compreende-se o campo como o espaço social estruturado, como no caso da Música, onde seus agentes têm práticas musicais e curriculares, além de experiências formadoras, agora reveladas aqui em suas histórias de vida, e que trazem a possibilidade de empoderar seus agentes para maior controle das normas e regras desse campo. Assim revela um de nossos professores:

[...] o combustível gerador do movimento de transformação de uma sociedade ele passa pela aquisição de conhecimento e aplicação do mesmo. O conhecimento não é poder, o conhecimento aplicado é poder; mas até chegar na aplicação desse conhecimento existe a necessidade do repasse desse conhecimento. Os professores estudam muitas ferramentas pra aplicação desse conhecimento e no caso da música não é diferente, da arte de maneira geral não é diferente [...] Então é muito interessante no caso de nós músicos talvez a percepção de que a música seja algo fundamental, ou digamos assim pra ampliar essa perspectiva de que a arte ela seja

fundamental a questão da educação, por trazer a pauta de uma perspectiva de linguagem não linear, tem uma riqueza muito grande, tem um valor muito grande. (Sol).

É nesse sentido que se faz necessária a compreensão das especificidades desse campo, ou seja, de utilizar a Arte para cantar e desencantar o mundo. Como anota Castro (2016) “[...] a humanidade inteira está vinculada à Arte”. Trazemos então as falas de nossos professores sobre a utilização da Arte na escola,

[...] a arte é aquela que transcende as limitações da linguagem formal e permite a perspectiva de uma linguagem que ela é por seus próprios meios. Chegar a lugares mais íntimos mais profundos em uma pessoa e permitir que a pessoa possa expressar determinadas experiências que a linguagem formal não permitiria [...] Então nesse caso a música também pode ser muito útil pra gente poder perceber a nossa situação social, a gente ter um pouco mais de consciência da situação que nós estamos vivendo. (Sol).

[...] as artes conseguem trabalhar em uma direção que nenhuma outra disciplina consegue, em termos de você alcançar objetivos na mudança de atitude e comportamento de determinados alunos que outras disciplinas não conseguem. (Fá).

O discurso desses professores remete à importância do conhecimento musical para constituir a autonomia dos educandos, uma educação capaz de promover um nexo de cultura e/ou habilidade para o enfrentamento dos obstáculos no ensino-aprendizagem, especificamente com relação ao ensino de Música de Fortaleza e da Música no currículo das escolas de nossa cidade. Tal aspecto se pode notar nas falas dos sujeitos:

[...] nós temos consciência de que a nossa educação ela está muito longe do mínimo que nós precisamos, muito longe do mínimo que nós precisamos pra nos desenvolvermos. (Sol).

[...] a gente percebe também é o fato do não reconhecimento da importância da música no contexto escolar e na formação cultural do aluno. (Fá).

Isto também pode ser evidenciado nas discussões travadas na atualidade com relação à reforma curricular. Observa-se que tanto os órgãos competentes do Estado do Ceará quanto do Município de Fortaleza e suas secretarias, ainda não sabem o que e como fazer para que a aula de música – componente curricular dentro do conteúdo de Artes – aconteça efetivamente em todas as escolas da rede pública de Fortaleza.

No que tange às categorias **Ensino** e **Música**, apontadas pelo IRAMUTEQ, emerge a importância do professor de Música na escola e a relevância que têm o ensino de Música no currículo da escola. Associamos a essas categorias o **ensino de Música no currículo**, que é pautado pela grande dificuldade em efetivar-se, bem como de se consolidar no currículo das escolas brasileiras. Percebem-se claramente os fundamentos de uma pedagogia musical nas

práticas curriculares utilizadas por esses professores na docência, evidenciando-se na peculiaridade específica das Artes.

Com amparo nessas narrativas que compuseram nossa pesquisa, evidencia-se que as escolas ainda não estão organizadas no aspecto didático e curricular para atender a essa demanda de institucionalização da Música como componente curricular obrigatório do conteúdo de Artes, pois se constata que em apenas uma das escolas pesquisadas, de fato, se incorporaram ao currículo as aulas de Música, conforme identificado nos questionamentos deste professor,

Tomara que melhorem a forma de enxergar isso dentro das escolas, porque não dá pra fazer um trabalho! É legal, você vê que a gente fez algo diferente, mas não podia ser muito melhor? Não podia ter uma sala aonde eu recebesse os alunos que não fosse essa sala de aula tradicional cheia de mesas e cadeiras? Não podia ter uma sala com um pouco mais de tempo pra se fazer um trabalho legal com esses meninos, tipo mexer o corpo de fato? Se pudesse fazer do trabalho algo mais prazeroso do que desgastante? Porque eu vou dizer, conseguimos fazer um trabalho mas é desgastante dada a estrutura. (Mi).

Na nossa pesquisa, com relação às práticas dos professores que ensinam a disciplina Arte, eles tentam focar concepções sobre Educação Musical nas escolas públicas municipais de Fortaleza, mas que estas aulas, em ambientes inadequados, acontecem sem uma estrutura para que elas ocorram, quadro identificado ao analisarmos a fala do professor Fá. Segundo nosso participante,

Essa é uma dificuldade que acho que trava muito o trabalho de muitos colegas, porque você não pode estar levando todos os instrumentos, a sala não é apropriada, os alunos não têm a condição.

Desse modo é possível perceber que, na maioria das escolas públicas de Fortaleza, os professores encontram dificuldades, como falta de estrutura, ausência de instrumentos, e o que é pior: não há interesse nem compromisso dos gestores públicos responsáveis pela Educação de nosso Estado e do Município de Fortaleza. Esse mesmo professor dá prosseguimento em sua narrativa para ilustrar de modo mais contundente:

O que eu percebo assim do ensino de música que eu possa falar com relação aos conteúdos eu vejo um problema. Porque é difícil você trabalhar, principalmente hoje com todos esses aparatos da tecnologia que a gente tem da informação e da comunicação, da WEB, o aluno é outro. Quem tem quinze, vinte anos de magistério, esse aluno mudou muito por conta de todas essas mudanças da cultura. O mundo hoje é muito mais complexo, e nesse sentido a gente precisa estar atualizado. Então eu vejo muito essa questão de você seguir de repente uma cartilha que na verdade não se aplica mais àquele público... Então o aluno é diferente, ele tem um perfil diferente. (Fá).

Assim, podemos asseverar que as narrativas revelam as experiências e práticas educacionais desenvolvidas por estes professores para o atendimento do ensino de Música no currículo e trazem relatos das dificuldades enfrentadas por eles no cotidiano de suas práticas : ausência de local apropriado para as aulas de Música, falta de instrumentos, o que inviabiliza uma aula prática e interessante, aulas fracionadas e/ou mesmo superlotação na maioria das salas de aula. Elas evidenciam, acima de tudo, mingua de apoio e investimento do Estado e do Município, bem assim dos demais órgãos responsáveis no que diz respeito à gestão educacional. De nosso participante, percebemos sua apreensão em frase única

[...] eu acho que a maior das dificuldades é essa, de você não ter um local apropriado para trabalhar música. (Fá).

Com base no exposto, identificamos que esses são os maiores impedimentos, que não permitem a Música e as Artes cumprirem o seu maior objetivo, que é a emancipação humana. Em sua posição, Bastian (2009, p. 99) acentua que “A música encerra a oportunidade para compensar as deficiências cognitivas e emocionais oriundas do ambiente em que vivem, e das quais essas crianças não são culpadas”. Este fato é, também, evidenciado por Gardner (2001, p. 59) quando defende o argumento de que “[...] cada um de nós é equipado com esses potenciais intelectuais, que podemos mobilizar e conectar segundo nossas próprias inclinações e as preferências de nossa cultura”. Ou seja, ter a Música na escola enseja às crianças e aos jovens uma experiência pela via da sensibilidade que os emancipa.

Notadamente esses problemas no âmbito da estrutura da escola pública são recorrentes e ainda permanecem não solucionados no âmbito da Educação, como evidencia o discurso de um de nossos colaboradores, que ilustra bem essa situação quando compara as duas esferas atuantes na Educação Pública em Fortaleza.

Na prefeitura de Fortaleza foi choque de realidade porque as escolas eram péssimas, estrutura horrível e os alunos... eu não acredito que seja só porque os alunos são ruins, acho que é por que a estrutura torna os alunos ruins. Uma coisa é você assistir aula assim, vamos ali pra sala de vídeo, botar uns slides, no ar condicionado, sala limpa, sala organizada. (Ré).

Nas narrativas dos professores de Música desta pesquisa, o que se revelou comum foi a grande dificuldade de se trabalhar com a Música nas escolas sem os instrumentos necessários, além da falta de um espaço adequado da especificidade dessa linguagem e do horário (tempo livre), pois as aulas acontecem fracionadas em 50 minutos, dificultando ou mesmo inviabilizando a criatividade/fruição e desempenho dos professores e estudantes. Esta

verdade é evidenciada pelos professores de Música, quando abordam em suas narrativas o problema da carga horária.

Eu entro numa turma aqui por 50 minutos e daqui a uma semana eu entro mais 50 minutos nessa turma. Se eu fosse desenvolver um trabalho de artes visuais isso não demora menos que 2 horas ou 3, porque quando se trata de criatividade você não pode estar dizendo ei menino tá bom! para aí! vamos parar aqui de fazer o seu trabalho porque acabou o tempo! Então é bem sofrível pra um professor de artes. (Mi).

Uma das grandes dificuldades é o tempo de aula. Se a gente pegar e trabalhar, vamos supor num contexto, se eu tivesse só aula de música. Se eu tivesse 50 minutos por semana pra trabalhar com 30, 40 alunos, já estaria longe do ideal. Só que já não tem isso. Eu só tenho 50 minutos para trabalhar todas as artes uma vez por semana. Então já começa por aí. Outra situação que dificulta muito é a falta de espaço adequado, de material adequado. Em nenhuma escola que eu trabalhei eu tive material de música pra todo mundo. Quando tem instrumento musical, quando tem alguma coisa é 1, é 2, é 3, não dá pra trabalhar todo mundo. (Dó).

Por exemplo, nós não temos infraestrutura adequada pra ensino de música da forma como eu fui formado [...]uma das dificuldades que eu tenho em sala de aula é a superlotação em sala de aula, hoje em dia eu tenho sala de aula com 40 alunos. (Sf).

[...] a sala é essa, são 40 alunos, tem que trabalhar com 40 alunos, essa é uma dificuldade que eu vejo pra gente trabalhar com música, não são todas as práticas que você consegue fazer com 40 alunos, é muito difícil. (Fá).

Outra dificuldade emersa das falas dos professores é quando se referem a Música no universo escolar, vista meramente como um projeto contingencial que atende apenas a necessidade de uma figuração artística, capaz unicamente de promover a escola e seus gestores. Essa situação é facilmente identificada em suas falas,

Eu fiquei muito animado e lembro que falei pra os meus amigos: agora chegou a minha vez! Só que na prática não foi bem o que aconteceu. Primeiro que veio a lei, importantíssima, mas faltou o acompanhamento, é tanto que eu penso que as cabeças pensantes aqui do governo, da prefeitura e do estado ficaram sem saber o que fazer. Mas a minha euforia com a questão da implementação do ensino de música perdeu um pouco do encanto. Depois que vamos vendo na prática que essa questão é complicada. Então, em resumo é assim, eles querem que tenha a música, eles aplaudem, tiram foto junto quando estão se apresentando. Mas o proporcionar isso na escola não é tão fácil. (Lá).

A gestão tem que endossar, se não endossar não rola. (Ré).

Percebe-se na fala dos professores quando apontam que, para termos Música dentro das escolas contínua e efetivamente, é preciso maior esforço conjunto de todos os que compõem a escola e da necessidade de maior investimento do Estado no apoio à sua implementação. Na realidade, evidencia-se que a Música ainda figura como mera atração para a promoção política e deleite dos gestores da Educação, utilizando-se dela em encontros e reuniões. Dentro da escola, entretanto, mesmo com a implementação de uma regulamentação

legal, essa realidade ainda não se modificou. Esse mesmo professor relata sobre a efetivação da Música na escola,

Essa questão da efetivação da lei foi um negócio meio complicado. Hoje mesmo eu recebi uma proposta da minha diretora de trabalhar música com os alunos. Porque ontem teve uma apresentação, junto com o prefeito. Tinha uma banda lá tocando, uma banda de uns alunos de uma escola. Ela achou bonito, e já disse: olha eu vou tirar você de alguns momentos da sala, algumas horas, pra você trabalhar isso. Vamos ver se vai dar. Mas no geral funcionam os projetos quando o diretor compra a briga, se você comprar junto também. Não é muito efetiva. Eu entendi o seguinte é porque não é pra ser fixa, é temporário, é só o momento. Escolhe o professor temporário, faz o projeto naquele momento, depois acaba e fica por isso mesmo. Não tem esse sentido da continuidade. Os projetos que eu fiz em escolas eles nunca tiveram uma continuidade, parece que não é o desejo deles que a coisa continue. Eles adoram, que você leve, apresente, mostrar que são os alunos da rede, mas dar o apoio dificilmente eles fazem. Foi uma luta do diretor na época pra poder implementar. Ele queria mesmo o projeto, então ele levou assim, quase que na marra, sabe! (Lá).

A Música é expressa como algo urgente e necessário no currículo, pois já reconhecemos que ela configura elemento essencial para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, seja no campo cognitivo, afetivo ou mesmo no espaço da interação humana. Moraes (2011, p. 38) assinala que “[...] no mundo cultural pleno de diferenças e complexidades, retorna-se à descoberta da arte como uma das grandes estratégias, uma das mais ricas de exercício de humanidade”. As reformas anunciadas na política pública de Educação para a proposta de formação tecnicista do Ensino Médio, que se espraiam na atualidade, buscam desconsiderar por completo a área das Ciências Humanas. É notória a diversidade de opiniões sobre a miscelânea disciplinar dos conteúdos curriculares que permeiam a escola pública brasileira e a necessidade de uma discussão mais profunda.

No decorrer desta pesquisa ouviu-se dos professores participantes a ideia de que a Música, além de figurar irregularmente, ainda há graves peculiaridades na área educacional: a polivalência do professor da disciplina Artes, o que compromete a eficiência de uma formação em todas as linguagens nesse campo; e não menos grave a atuação de professores licenciados em outras disciplinas ocupando o lugar do licenciado em Música, Dança, Teatro e Artes Visuais. Em sua fala, um de nossos professores ilustra sua indignação,

Da mesma forma que eu quando era adolescente odiava o currículo do ensino médio, agora adulto e professor de artes eu odeio essa de colocarem qualquer pessoa para dar aula de artes. (Ré).

Pode-se perceber que o professor de Artes de Fortaleza, licenciado em Música, para ensinar na escola pública tem que se apropriar de outras linguagens para cumprir com o

programa polivalente da disciplina, fato também identificado por outros professores de Artes das escolas de Fortaleza,

Primeira dificuldade que todas as escolas do município têm é o professor ter que dividir o ensino de música com as outras artes. Essa é a primeira dificuldade que o professor tem em qualquer escola de educação básica. (Dó).

Eu sou lotado dentro do município como professor de artes. Claro que eu tenho o domínio mais de uma linguagem do que das outras, mas tenho que envolver outras linguagens dentro de uma aula de 50 minutos por semana. Dá pra entender qual é a complicação disso tudo? Eu creio que você entenda. É uma crítica que eu faço ao sistema, porque está lá nos PCNs e tudo, que eu tenho que incluir tudo isso, mas isso não foi estudado de fato ao meu ver, de como isso funcionaria. Foi meio que: ah! vamos jogar música nas escolas porque a música é necessária. Mas também sou obrigado a entrar nas salas de aula em 50 minutos pra desenvolver um trabalho com outras linguagens, tenho que envolver teatro, dança, a música obviamente e as artes visuais. Por aí você tira como é que eu consigo lidar com isso em 50 minutos por semana. Na prefeitura a disciplina não é música, a disciplina é artes. A música é um conteúdo obrigatório dentro da disciplina de artes, mas não é propriamente o ensino da música, não é a disciplina música. (Mi).

No intuito de problematizar ainda mais o exposto, trazemos a compreensão de Moraes (2011, p. 12), quando assevera que “[...] a arte é uma porta que, aberta, descortina para nós nosso mundo interior, nossa força para desvendar a vida e nossa maneira de ser e criar nossos dizeres e entendimentos”. Assim, compreendemos que a Música, como também todas as artes, no currículo, se configuram indispensáveis para a formação de um sujeito crítico e para o processo de emancipação humana. Nas falas dos professores, é possível claramente identificar as percepções desses professores quanto à importância do ensino de Música e das Artes.

No município como é que eu trabalho. Eu trabalho música, mas não trabalho só música. Porque penso eu como professor de arte, que eu vou ser um dos poucos momentos, uma das poucas ocasiões que os alunos vão ter contato com a arte. E da mesma forma que eu fui privado da música no ensino formal, na escola, e até hoje eu me revolto com a escola por isso. Eu não queria privar os meus alunos das outras manifestações artísticas pelo fato de eu ser professor de música. Eu não acho justo com eles. Eu não acho justo com eles. Porque têm alunos que querem trabalhar outras artes, têm alunos que querem dançar, desenhar, escrever poesia, tem aluno meu que quer fazer artes plásticas. Então eu tenho que abraçar essas pessoas também. (Dó).

Acredito que qualquer interferência, qualquer intervenção musical que se faça com esses meninos aqui, você também vai causar impacto para o resto da vida deles. Esse é o meu objetivo. É devolver, pelo menos minimamente o que eu tive. que a maior parte das escolas eu não vejo que tenha. (Mi).

O contato com a arte, não só com a música, mas o contato com a arte em geral sob uma perspectiva educativa é transformador sim. (Sol).

Nesse sentido, é importante identificar nas narrativas dos entrevistados o papel do docente de Música e como estão realizando na sua prática para melhorar suas aulas.

Meu objetivo é fazer com que o aluno tenha contato com a produção artística, fazer com que o aluno tenha contato diretamente com aquilo. Levar a arte pra dentro de sala de aula. Fazer com que eles forjem através da arte uma lente de leitura da realidade mais ampla, que eles criem o hábito de renovar, de limpar a lente recorrentemente e regularmente. (Sol).

O processo primeiro da música é desmistificar a música, desmistificar a arte, desmistificar isso, o que é fazer arte? (Ré).

Então o mínimo que eu posso fazer é isso: usar a música pra conhecer mais. (Mi).

Procurando identificar o perfil desses professores investimos em analisar os PPCs da UECE e UFC, planos curriculares dos cursos de Música em Fortaleza sobre o papel do professor. Identificamos o possível estabelecimento de um *habitus*, consubstanciado em sua formação acadêmica.

O egresso deste curso será portador do título de Licenciatura em Música para o exercício da docência no ensino básico e participação nas atividades próprias da ação docente - como planejamento pedagógico, reuniões pedagógicas e eventos programados pela instituição de ensino. Será um profissional munido de conhecimentos e habilidades que o caracterizarão como cidadão crítico e consciente de sua cidadania e, como profissional, dotado de autonomia intelectual para o exercício do pensamento reflexivo, a sensibilidade artística e a capacidade de manifestação do indivíduo na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas. (PPC da UECE).

O Curso de Música (Licenciatura) visa formar educadores musicais que dominem os conteúdos, métodos e técnicas relativos aos processos de ensino e aprendizagem da música, que tenham conhecimento acerca da linguagem musical e que possam se expressar com desenvoltura através do instrumento musical natural do Ser Humano: a voz. A ação do Educador em Música que será formado na UFC receberá complementação instrumental por meio da prática instrumentos melódicos e/ou harmônicos. O Curso de Educação Musical formará profissionais da Educação comprometidos com o fazer musical da realidade na qual estão inseridos, incentivando nestes uma postura crítica, participativa, criativa e utópica, de maneira que a música possa ser compreendida como uma atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões. (PPC da UFC).

No tocante às categorias tocar e universidade, mostram-se tanto o aspecto mais prático da Música quanto seu lado cognitivo, que aqui se aproximam na análise do IRAMUTEQ. As duas classes correspondem ao estudo da Música, única e diretamente relacionados à percepção de um *habitus musical*, que há na prática dos professores de Música rumo à inserção do ensino de Música nas escolas.

Tomando como referência a análise dos PPCs da UECE e UFC, que são as duas grandes instituições formadoras do *habitus* musical dos professores de Música de Fortaleza, foi possível desvelar a prática e a visão para o seu estado incorporado que hoje ecoa nas escolas públicas fortalezenses. De acordo com Moraes (2011, p. 220), “Só posso dizer que tenho um conhecimento incorporado fazendo parte de meu eu quando ele se me achega de

estalo, como uma intuição. E eu resolvo algum impasse, assim, como num passe de mágica!”. Desse modo, identificamos nas narrativas dos professores de Música os aspectos cognitivos, afetivos, ético-políticos e motores aplicados em sua prática.

[...] eu pego um tema e abordo essa temática de pluri manifestação artística por exemplo: na quadrilha, num evento só eu abordo a dança eu abordo a música com quem quiser cantar tocar. (Dó).

[...] quando eu falava vamos cantar essa música aqui a galera zoava e eles ridicularizavam, mas quando eu falava vamos fazer esse ritmo aqui na carteira! colocava um ritmo: oh! por exemplo, o ritmo do funk é assim! o ritmo rap é assim. (Ré).

[...] esse conhecimento ele não é um objeto que a pessoa carrega no bolso e leva pra onde quer e liga esse conhecimento e ouve música por conta desse conhecimento, se conecta com outra pessoa por causa desse conhecimento, mas a sua função fundamental é transformar, é ser o combustível transformador da vida da pessoa e essa pessoa como Ser atuante na sociedade transformar a sociedade em que vive. (Sol).

Esses relatos que emergem da fala desses docentes evidenciam que, mesmo com todas essas dificuldades, muitos desses professores procuram trabalhar a Música na escola, tentando propiciar aos estudantes uma experiência musical transformadora e humanizadora; trazendo para suas aulas e para o conhecimento dos estudantes elementos da cultura cearense, de uma identificação maior e empoderamento com a cultura local, muitas vezes desconhecidos devido à imposição massificada de uma cultura única, uma ditadura da mídia e do mercado musical que não lhes permitem ir além dos padrões do consumo.

Desse modo, nosso posicionamento vem no sentido de reconhecer que as práticas de Educação Musical, que colaborem para uma educação integral, promovendo, assim, maior autonomia e reconhecimento do aluno, precisam ser ministradas por professores-músicos com espaço próprio e adequado, autônomo e independente, para que sejam trabalhados seus conteúdos musicais, não podendo, assim, ser trabalhada por um professor sem formação em Música.

Essas ações concretas e/ou ações mais efetivas viabilizadas dentro da escola pública para o atendimento de uma demanda legal são oriundas do esforço pessoal dos professores licenciados em Música pela UECE e UFC, que atuam como principais centros de formação desses profissionais em Fortaleza. Revelamos a importância do professor de Música dentro da escola. Nas narrativas, encontramos as principais dimensões que indicam a incorporação de um *habitus* musical nesses educadores. Segundo Silva (2016, p. 50), “compreender a formação do docente de música sob a perspectiva da constituição do *habitus*, implica

empreender um estudo que demonstre essa elaboração perpassando os diversos contextos, espaços, experiências e instâncias de formação que se apresentam ao longo da vida”.

Ao tomar como referência as narrativas dos professores de Música, foi possível identificar a implementação de um *habitus* musical nas suas práticas pedagógicas.

A educação pela Arte é feita na prática, se apropriar desse conhecimento. E esse conhecimento ele tem que ser prático. (Sol).

Eu lembro o que eu passei pra aprender, os caminhos que eu segui. (Lá).

Eu acho que a questão da criação musical deveria fazer parte do exercício musical de qualquer músico em formação. (Sol).

A gente brinca um pouquinho de ritmo, de duração. Eu faço desenhos na lousa dizendo que ali vai demorar uma palma, duas, três, pra contar um determinado andamento. Isso só pra brincar com eles, com isso também porque é preciso musicalizar, mais uma forma de musicalizar. Então isso vai acontecendo nas minhas aulas de uma forma meio lúdica mesmo. Usar a música para o conhecimento. (Mi).

Tentar trazer o campo de trocas pra dentro da sala de aula. (Fá).

E foi massa, os meninos terminam a aula esbravejando, num sei o que, todos felizes com o estímulo pelo triunfo dos outros. Que Swanwick fala muito no benefício da aprendizagem do grupo, estímulo pelo triunfo do grupo. Então quando tem o triunfo do grupo os meninos ficam. Então a gente vai trabalhando essas coisas, e essas coisas me deixam feliz, sabe? (Dó).

Eu trabalho muito em cima da questão da apreciação musical, da composição. Aqui dentro da escola eu procuro trabalhar bastante a apreciação musical e o conhecimento deles sobre cantores, sobre artistas, sobre movimentos culturais da nossa realidade, dentro do nosso contexto social. Então eu já trouxe pra cá Maracatú pra que eles possam conhecer a nossa cultura. (Si).

Vemos que ser professor de Música na cidade de Fortaleza exige do docente o enfrentamento das dificuldades expressas em sua prática diária. Ministrando a disciplina Artes exige desse profissional um conhecimento suplementar em sua formação de pelo menos três linguagens expressas, na Dança, Teatro e Artes Visuais. No caso do professor licenciado em Música da UECE e UFC, eis o objetivo do curso de Música dessas duas universidades, segundo os seus PPCs,

O curso de Licenciatura em Música deve ensejar como perfil do formando a capacitação para apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística e estética. Deve ter domínio do conhecimento das diferentes propostas pedagógico-musicais, formação fundamentada nos princípios didáticos da área de Educação Musical, com suporte nos estudos de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, bem como ter o domínio da própria linguagem musical - de estilos, repertórios, obras e outras criações musicais - revelando, assim, ser possuidor de habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões educacionais, artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área da Música. (PPC da UECE).

Formar o professor de música, em nível superior, com conhecimentos da pedagogia e linguagem musical, capaz de atuar de maneira crítica e reflexiva interagindo com o meio em que atua enquanto educador musical. (PPC da UFC).

Portanto, a pesquisa evidencia e deixa claro que não é suficiente, para se promover o processo de enculturação desse *habitus* na escola, apenas uma formação associada à boa vontade do professor, pois é necessário bem mais.

A falta de apoio dos gestores políticos, assim como no âmbito específico da escola, ainda configura um dos maiores obstáculos à efetividade da Música como elemento pedagógico indispensável à formação de um pensamento crítico da realidade.

Outro aspecto bastante evidenciado nas falas dos professores se traduz na relação intrínseca e inerente que estes sujeitos vivenciaram com a Música ao tecer suas histórias de vida.

[...] a minha experiência com a música ela começa desde a vida intrauterina porque a minha principal fonte musicalizadora foi a minha mãe desde quando ela estava grávida de mim ela já tocava violão ela já cantava. (Dó).

[...] mas artes visuais e música foram lugares comuns durante esses anos de vida pra mim e na minha formação as minhas primeiras experiências artísticas relacionadas à música vêm de um pai que tinha alguns instrumentos musicais: sanfona, violão. E era um autodidata. (Fá).

[...] a música sempre foi importante pra mim. Eu tenho lembranças da minha infância que remontam aos meus três, quatro anos de idade onde a música já tinha muita força muita influência pra mim eu posso dizer que eu já compunha música aos 4 anos. (Sol).

No entender de Bastian (2009, p. 33-36), “o envolvimento com a música desde a mais tenra infância tem comprovados efeitos positivos no desenvolvimento dos jovens. [...] de abrir possibilidades subjetivas de plenitude de vida”. Conforme evidenciado pelos participantes, podemos identificar em suas falas o fato de que essa relação se deu desde muito cedo, sendo possível identificar a incorporação de um *habitus* musical que transcende o aspecto meramente prático de um fazer pedagógico, mas que corresponde ao modo de vida. Notoriamente, a ideia da arte está imediatamente ligada à noção da pessoa que se liberta.

Ante os resultados, ressaltamos o quanto é urgente e necessário a ministração de Música e da prática musical nas escolas, o mais cedo possível e em todos os níveis. Conforme nos alerta Bastian (2009, p. 23-26), nunca foi tão necessária quanto hoje essa discussão, uma vez que “a cultura tem a tarefa de construir alternativas espirituais em uma sociedade que está a ponto de destruir-se”.

6. CONCLUSÕES

Narrar, contar e versar sobre o lugar da Música no universo escolar foi uma experiência prazerosa em todos os sentidos e imbuída de expectativas; destacar os pontos curriculares na Educação, apreciar o currículo escolar, o ensino de Música; conhecer melhor a escola pública e a realidade de outros colegas de profissão, da realidade dos professores de Artes; elaborar um olhar que contribua para que muitos dos dirigentes, dos gestores, professores ou mesmo estudantes, demais organismos da sociedade civil conheçam essa problemática e reconheçam a importância e o papel da música no desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo.

Sabemos que as questões do ensino de Música vão além da sua inclusão no currículo. Ainda é preciso estabelecer espaços e tempos adequados, desenvolver metodologias e práticas que possam de fato efetivar sua ocorrência: ou seja, é uma mudança de atitudes e práticas indispensáveis para se poder integrá-la ao currículo e promover, assim, uma cultura musical nas escolas, capaz de instaurar uma mudança de *habitus*, criar uma situação totalmente irreversível nas escolas públicas.

Os caminhos incansavelmente percorridos por nós neste trabalho se traduzem em trajetórias antes desconhecidas, mas que nos conduziram a uma percepção do quanto ainda estamos distantes de alcançar o principal objetivo – uma educação musical em todas as escolas públicas de Fortaleza e, por que não dizer, em todas as escolas brasileiras. A pesquisa em tela desvelou que a Música ainda faz parte da escola como projetos circunstanciais, como um mero momento de entretenimento, ou mesmo quando é utilizada para a promoção dos gestores e políticos em eventos do Governo.

A lente de leitura de mundo desses profissionais que atuam no ensino de Música das escolas de Fortaleza, certamente, é musical. Falam, pensam e agem musicalmente; correspondem à sua história de vida, trajetória e formação docente, refletindo isso em sua prática docente.

Neste experimento, foi identificado por nós um problema que já é recorrente, mas que ainda ocorre nas escolas: é que a disciplina de Artes permanece sendo utilizada em algumas unidades escolares apenas para fechar a lotação (carga horária) de professores de outras disciplinas, que assumem, então, a docência em artes, sem serem licenciados em nenhuma dessas linguagens.

Outro aspecto a ser destacado e que fora evidenciado no decorrer de nossa investigação diz respeito à escassez de fontes e de registros do panorama educacional

cearense ou mesmo de uma situação que evidencie se e como as escolas de Fortaleza trabalhavam no passado as práticas da Educação Musical nas escolas públicas regulares e do seu lugar no currículo das escolas de Fortaleza. Foi evidenciado que há um desconhecimento no nosso campo com relação a essas informações, ou seja, como o ensino de Música ocorreu em Fortaleza no passado. Portanto, consideramos que não é um trabalho fácil discorrer sobre o percurso do ensino de Música nas escolas públicas de nossa Cidade no passado, ou mesmo dizer ao certo por quanto tempo o ensino de Música existiu nas escolas públicas cearenses.

No que diz respeito às determinações legais da Música e das Artes, no decorrer desta pesquisa, algumas atualizações nos surpreenderam, trazendo novos elementos, como, por exemplo: que, a partir de 2016, o Ministério da Educação – MEC, SEDUC e SME contam com um novo prazo de cinco anos para cumprir as exigências legais das linguagens artísticas estarem nas escolas com a lei 13.278/2016; e com a Lei 13.415/2017, que altera o currículo do Ensino Médio retirando o *status* da disciplina Arte e de todas as outras disciplinas, tornando a arte um componente curricular obrigatório, assim como Educação Física, Sociologia e Filosofia. Talvez seja muito cedo para emitirmos uma opinião, já que essa mudança é recente e ocorrerá aos poucos. Não podemos, entretanto, deixar de refletir na ideia de que um dos principais motivos pela dificuldade na implementação da Música nas escolas foi não considerá-la também uma disciplina. E hoje, no currículo do Ensino Médio, não há mais disciplinas; dividiram-se em áreas. Ratificamos a ideia de que a nova lei nos exprime a obrigatoriedade de estudos e práticas de Educação Física, Arte, Filosofia, Sociologia, dentre outras disciplinas. No nosso entendimento, estudos e práticas não garantem sua ocorrência no currículo.

Essas mudanças nas escolas e do currículo escolar é um desafio enorme para educadores e gestores da Educação Pública brasileira. Cabe a todos incentivar, promover e cobrar cada vez mais a Arte nas escolas da rede pública de nosso País. De fato, para viabilizar o ensino das diversas linguagens da Arte no contexto escolar, exigem-se necessariamente algumas mudanças que em sua maioria esbarram na falta de apoio das organizações estatais e no descaso do Poder público relativamente à educação das classes menos favorecidas.

No caso específico, para o ensino de Música, essas mudanças se expressam como por demais necessárias: a contratação de mais professores formados em Música, formação continuada em metodologias compartilhadas, organização didático-pedagógica, salas apropriadas para as diversas linguagens, instrumentos musicais disponíveis para todos e materiais didáticos acessíveis aos estudantes.

Implementar o ensino de Música e de todas as Artes no contexto das escolas da rede pública é considerar a justa e merecida relevância da Música como área de conhecimento. Ideias como a da Orquestra-Escola do Ceará – OEC, em parceria com a SEDUC, e “Música na Escola”, da SME do Município de Fortaleza, possibilitam aos educadores e àqueles que lutam pelo ensino de Música no Estado sonharem com a sua efetiva participação no currículo escolar. É impossível, porém, esquecer da importância de se pensar a Música e as Artes efetivamente no currículo escolar.

Sabemos que a ausência nas escolas, da Música, das Artes Visuais, da Dança e do Teatro é um prejuízo irreparável na formação humana e que, se houvesse um investimento maior e mais compromisso com o desenvolvimento do processo educacional, visando à promoção da cidadania, poderíamos minimizar o quadro social caótico e violento que deparamos todos os dias. Indiscutivelmente, vemos a humanidade neste século distanciar-se ainda mais de um projeto de emancipação, que possa transformar, ou mesmo que seja capaz de compreender criticamente o sentido pleno da existência. O desenvolvimento social e econômico, bem como a complexificação das ciências e do conhecimento, que deveriam rimar com o desenvolvimento social e humano, distanciam ainda mais as pessoas de uma ética universal, ou seja, da possibilidade destas exercerem uma ética universal em nossas relações, com maior respeito ao Planeta, à humanidade, ao diverso e ao plural.

Este trabalho é a realização de um músico-professor, que sonha em contribuir com o campo da educação do Município de Fortaleza (CE). Ter o ensino de Música como objeto de estudo é velejar em mar sereno e sonoro. Esperamos fornecer elementos que edifiquem a pesquisa em Música no desvelamento da importância da Arte, nas escolas públicas, em especial.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro (organizadores) – **Educação Musical: campos de pesquisa, formação e experiências** / Luiz Botelho Albuquerque e Pedro Rogério - Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- _____. **Educação Musical: reflexões, experiências e inovações** / Luiz Botelho Albuquerque, Pedro Rogério, Marco Antônio Toledo Nascimento [organizadores] – Fortaleza: Edições UFC, 2015.
- _____, **1ª Semana Prof-artes**, Auditório Walnir Chagas Faculdade de Educação – UFC (Fortaleza – Ceará), 2016.
- AQUINO, Thaís Lobosque. **Pela Disciplinarização da Música no Currículo Escolar**. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 2013. Disponível em <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_3022_texto.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- AZEVÊDO, Isaura Rute Gino de. **Formação do professor de arte do ensino médio público em Juazeiro do Norte: reflexos do ensino de música**. Dissertação (Mestrado). Ceará: Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2013. Disponível em <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6001/1/2013-DIS-IRGAZEVEDO.pdf>>. Acesso em: 08 de mar.2017.
- BARGUIL, Paulo Meireles. **O homem e a conquista dos espaços – o que os alunos e professores fazem, sentem e aprendem na escola** / Paulo Meireles Barguil. – Fortaleza: Gráfica e editora LCR, 2006.
- BASTIAN. Hans Günther. **Música na Escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança**, tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: 2009.
- BENVENUTO, J. E. A.; ROGÉRIO, Pedro; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho. **Música para a Formação Humana: reflexões sobre a importância da educação musical no contexto escolar**. In: **Educação Musical em todos os Sentidos** pp. 225-244, 2012.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas Átomo, 2003.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do Capital Cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Ailce; CATANI, Afrânio (orgs). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**, pp. 71-79. Petrópolis: vozes, 1998.
- _____. **A gênese dos conceitos de hábitos e de campo**. In: Bourdieu, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Filósofos e a educação**. São Paulo: Atta, Paulus, 2011. 1 DVD (33 min.)

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília, 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 20 set. de 2014.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. 2ª versão revista, abril de 2016. Disponível em <<http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2016/05/BNCC-BOOK-WEB.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

_____, Presidência da República. **Lei 13.278**, 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 22 jul. de 2016.

_____, Presidência da República. **Lei 13.415**, 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>>. Acesso em: 13 mar. de 2017.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.. **Tutorial para uso do IRAMUTEQ**. 2016. Disponível em:<http://iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_s_17.03.2016.pdf> Acesso em: 29 de mar. 2017.

CASTRO, Henrique Sérgio Beltrão de. **No ar, um poeta**. Fortaleza: edições UFC, 2014.

_____. **Nota de aula** em 22 de junho de 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, volume 1 / Marilena Chauí – 2 ed., ver. e ampl. – São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

COUTO, Ana Carolina Nunes do. Música Popular e Aprendizagem: Algumas Considerações. **Revista MODUS – ANO V / Nº 6 – Belo Horizonte – Maio 2008**, p. 55-68 Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/modus/article/viewFile/767/483>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

CUNHA, Conceição de Maria. **Relações entre concepções de Educação Musical, formação e práticas docentes de professores de Artes das Escolas Públicas do município de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). Ceará: Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2011.

FERREIRA, Liliana Soares. A pesquisa educacional no Brasil: tendências e perspectivas. **Contrapontos** – Volume 9 n.1 – pp. 43-54 – Itajaí, jan./abr.2009

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural** / Bárbara Freitag. – São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1989.

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GARDNER, Howard. **Inteligência**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Coleção Grandes Educadores**. São Paulo: Atta, Paulus, 2006. 1 DVD (40 min.)

GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 4, n° 1, pp. 25-35, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopses estatísticas e Indicadores educacionais. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>> e <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>> Acesso em: 31 jul. 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio Antônio Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; São Paulo: Cortez, 2004.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. “Sobre o valor e o desvalor da obra musical”. In KATER, Carlos (org.). **Cadernos de estudo**: educação musical n.6. SP/BH: Atravez/EMUFMG/FEA,1997, pp. 69-75.

LANI-BAYLE, Martine *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de Música na escola fundamental** – 8. ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012 – (Coleção Papyrus Educação).

MARCELO KACZAN. **Da Flor o Amor**. Fortaleza: Independente, 2014. 1CD (27 min 46s)

MENDES, José Manuel; SEIXAS, Ana Maria. Escola, desigualdades sociais e democracia: as classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu. **Educação, sociedades e culturas**. n° 19. 2003, pp. 103-129

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 33. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

_____. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, Ma. Izaíra Silvino. ...**Ah, se eu tivesse asas...** Fortaleza: Diz Editor(a)ção. Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2011.

_____. **Conferência de abertura da 1ª Semana Prof-artes,** Auditório Walnir Chagas Faculdade de Educação – UFC (Fortaleza – Ceará), 2016.

MORAES, Silvia Elizabeth. Interdisciplinaridade e transversalidade mediante projetos temáticos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, v. 86, p. 38-54, março, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento;** Tradução Eloá Jacobina – 17 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUYLAERT, C.J.; SARUBBI, V.J.; GALLO, P.R.; REIS, A.O.A.; ROLIM, M.L.N. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm USP.** pp. 193-199. 2014.

PAZ, Ermelinda A. Um estudo sobre as correntes pedagógico-musicais brasileiras /**Cadernos didáticos UFRJ.** 2. edição. Rio de Janeiro 1995. Disponível em <<http://www.ermelinda-paz.mus.br/Livros/Cadernos%20Didaticos%20UFRJ%2011.pdf>>. Acesso em: 13 abril 2016.

PLATÃO. **A República.** Platão. Tradução e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. – Fortaleza: Edições UFC, Banco do Nordeste [distribuidor], 2009.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. **Música na Educação Básica.** Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. ISSN 2175 3172.

REUTER, Yves, **Análise da Narrativa: o texto a ficção e a narração.** Tradução Mario Pontes. – 4 ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2014

ROGÉRIO, Pedro; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; SALES, José Álbio Moreira. Educação Musical na UFC: o início do campo de pesquisa. In: **Educação Musical: Campos de Pesquisa Formação e Experiências.** ROGÉRIO, Pedro; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho (organizadores), - Fortaleza: Edições UFC, 2012. pp. 29-40.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social: ensaio sobre a origem das línguas.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SANTOS, Regina Márcia Simão Santos. Educação musical, educação artística, arte-educação e música na escola básica do Brasil: trajetórias de pensamento e prática. In: **Música, Cultura e Educação: os múltiplos espaços de educação musical** / org. por Regina Márcia Simão Santos. Porto Alegre: Sulina, 2012 – 2 ed.

SAVIANI, Dermeval, **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações** / Dermeval Saviani, - 3. ed – São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1992. – Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 40.

SILVA, Maria Goretti Herculano. **Ao tecer somos tecidos** : (re) significando a docência na constituição do *habitus* em estudantes de Música – licenciatura – 2016. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22730/1/2016_tese_mghsilva.pdf>. Acesso em: 21 de mai. de 2017.

SOBREIRA, Silvia Garcia. **Disciplinarização da Música e produção dos sentidos sobre educação musical**: investigando o papel da ABEM no contexto da Lei 11.769/2008. Rio de Janeiro: UFRJ: 2012.

UFC. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UFC. Fortaleza, CE, Agosto de 2015. Disponível em <https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=657465> . Acesso em: 25 de set. 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Departamento de Música. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UECE. Vol. I, Fortaleza: Ce, 2012.

Páginas Consultadas

<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/bourdieu-e-a-educacao>>. Acesso em 14 mar. 2015. Revista Cult.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/erudicao-nas-escolas>>. Acesso em: 10 jun. 2016. Revista História

<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/3046-alunos-e-professores-da-rede-estadual-participam-do-festival-musica-na-ibiapaba>
acesso em: 23 jan. 2017

<<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>> Acesso em 23 mar 2017

**APÊNDICE A - QUADRO COMPARATIVO DOS PPC'S DOS CURSOS DE MÚSICA
DA UECE (2012) E UFC (2015)**

CURSOS DE MÚSICA DA UECE (2012) E UFC(2015)	
UECE	UFC
Licenciatura	Licenciatura
25 vagas/ano	40 vagas/ano
Curso diurno	Curso diurno
CH 3.060 h (4 anos)	CH 3.224h (4 anos)
Reconhecimento: Decreto 331/80 – DOU 05/09/80	2005
Campus do Itaperi, Bloco F	Campus do Pici – ICA
PRINCÍPIOS NORTEADORES	
Autonomia	- Democratização do Acesso ao Conhecimento Musical
Contextualização	- A Criação Musical como base do processo formativo
Democratização	- Compromisso para com o contexto local e a para com Formação de Profissionais para a Educação Básica
Ética	- Construção do Conhecimento Musical com base no trabalho coletivo enfatizando a aprendizagem musical compartilhada
Interdisciplinaridade	- Interdisciplinaridade, Ensino, Pesquisa e Extensão
Pertinência e relevância social	
Sensibilidade afetiva e estética.	

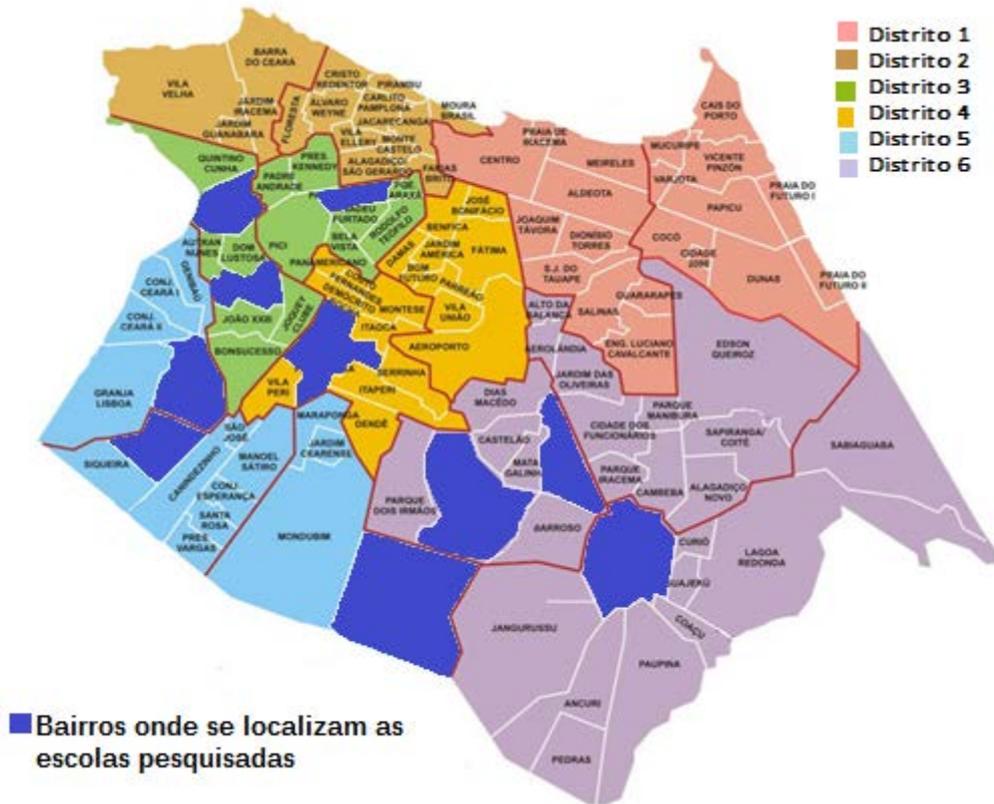
HABILIDADES E COMPETÊNCIAS	
UECE	UFC
I. Intervir na sociedade de acordo com suas manifestações culturais, demonstrando sensibilidade pedagógica, criatividade artística e excelência prática;	Após sua trajetória como discente do Curso de Licenciatura-Música do Campus de Fortaleza, o profissional terá recebido formação para atuar como um artista educador, músico professor que domina os conteúdos, métodos e técnicas relativos aos processos de ensino e aprendizagem da música; que tenha conhecimento acerca da linguagem musical; que possa se expressar com desenvoltura através do instrumento musical natural do Ser Humano: a voz; que sabe falar e escrever sobre suas práticas docentes; que busca conhecer e interferir na realidade educacional à qual estará a serviço; que esteja atendo às necessidades e aspirações artístico-musicais de seus alunos e de seu entorno; que seja competente na execução e no ensino de um instrumento musical; que esteja preparado para o exercício de sua capacidade criativo musical em todos os momentos do exercício de sua profissão, pronto, portanto, para multiplicar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, essencialmente mediante o ensino de música na Educação Básica e o respectivo exercício da implementação e condução de grupos musicais, considerando, além do perfil de instrumentos musicais à disposição em cada escola, possibilidades alternativas de desenvolver um processo de educação musical.
II. Viabilizar pesquisa científica e tecnológica em educação musical, visando à criação, compreensão e difusão da cultura e seu desenvolvimento;	
III. Atuar, de forma significativa, nas instituições educacionais e em manifestações musicais, instituídas ou emergentes;	
IV. Atuar, em articulação com as diversas instituições, nos diferenciados espaços culturais e, especialmente, em instituições de ensino específico de música;	
V. Estimular criações musicais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico.	
PERFIL DO PROFISSIONAL	
O egresso deste Curso será portador do título de Licenciatura em Música para o exercício da docência no ensino básico e participação nas atividades próprias da ação docente - como planejamento pedagógico, reuniões pedagógicas e eventos programados pela instituição de ensino. Será um profissional munido de conhecimentos e habilidades que o caracterizarão como cidadão crítico e consciente de sua cidadania e, como profissional, dotado de autonomia intelectual para o exercício do pensamento reflexivo, a sensibilidade artística e a capacidade de manifestação do indivíduo na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas.	O Curso de Música (Licenciatura) visa formar educadores musicais que dominem os conteúdos, métodos e técnicas relativos aos processos de ensino e aprendizagem da música, que tenham conhecimento acerca da linguagem musical e que possam se expressar com desenvoltura através do instrumento musical natural do Ser Humano: a voz. A ação do Educador em Música que será formado na UFC receberá complementação instrumental por meio da prática instrumentos melódicos e/ou harmônicos. O Curso de Educação Musical formará profissionais da Educação comprometidos com o fazer musical da realidade na qual estão inseridos, incentivando nestes uma postura crítica, participativa, criativa e utópica, de maneira que a música possa ser compreendida como uma atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões.

OBJETIVO DO CURSO	
UECE	UFC
<p>O curso de Licenciatura em Música deve ensejar como perfil do formando a capacitação para apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística e estética. Deve ter domínio do conhecimento das diferentes propostas pedagógicomusicais, formação fundamentada nos princípios didáticos da área de Educação Musical, com suporte nos estudos de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, bem como ter o domínio da própria linguagem musical - de estilos, repertórios, obras e outras criações musicais - revelando, assim, ser possuidor de habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões educacionais, artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área da Música.</p>	<p>Formar o professor de música, em nível superior, com conhecimentos da pedagogia e linguagem musical, capaz de atuar de maneira crítica e reflexiva interagindo com o meio em que atua enquanto educador musical.</p>
CAMPO DE ATUAÇÃO	
<p>Os graduados no Curso de Licenciatura em Música, possuidores das habilidades e das competências acima mencionadas, estarão aptos a atuar em espaços escolares e não-escolares tais como: escolas do sistema de educação básica, universidades, movimentos sociais, sindicatos, associações, comunidades, projetos de desenvolvimento, podendo sua formação também possibilitar atuação em organizações não-governamentais, empresas e na área de saúde e segurança.</p>	<p>Escolas de Ensino Fundamental e Médio, escolas livres de música, conservatórios de música, escolas especiais, Organizações Não Governamentais etc.</p>

Tabela 3 – Quadro comparativo do projeto pedagógico curricular dos cursos de música da UECE e UFC

APÊNDICE B – MAPA DOS BAIRROS EM QUE SE LOCALIZAM AS ESCOLAS DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Figura 11 – Mapa de Fortaleza



Fonte: elaborado pelo autor

resolvia tudo, e aquela multidão de pessoas nas reuniões, todos animados por aquele violãozinho e aquela panderolinha, e o camarada lá se garantindo e tudo. Eu achava aquilo o máximo.

A música sempre esteve presente na minha vida. Eu não avaliava como sendo algo que fosse secundário, mas também não fazia a avaliação que fosse algo que me desse direção. Era um coadjuvante muito presente.

Eu sei que um amigo meu ganhou do pai dele um violão. Mas esse violão que esse meu amigo ganhou foi fundamental, porque tinha um amigo nosso que tocava, e ele ensinou três acordes pra esse meu amigo e ele foi me mostrar o violão com esses ditos três acordes: um Ré, um Lá7 e um Mi menor. Muito legal aquele som do violão, o som muito perto assim dos meus ouvidos, assim natural. Era um som médio grave assim aveludado, sabe, nunca me esqueço desse negócio, aquilo ali me encantou, aí eu quis pegar nele, quis tocar nele entendeu. E desde então eu aprendi esses ditos três acordes: um Ré, um Lá7 e um Mi menor.

E aí fui aprendendo só. Isso eu já tinha uns 14 anos. Sem falar que lá no lugar onde nós ouvíamos esses grupos, tinha uns grupos lá pelo Bonsucesso ali, tinha um grupo que tinha uma catequese, tinha um grupo de jovens, tinha essa parte musical, o amigo que sabia mais tocava. Esse meu amigo que tinha ganhado o violão levava também, ficava aprendendo na hora lá. Ai você vê essa questão de como é o aprendizado, tem muito a ver com o prazer de fazer aquela música, com a sua vontade de adquirir aquele capital ali. Porque lá, o músico que tocava não estava nem aí para as meninas, mas as meninas ficavam lá vidradas olhando para o sujeito tocar, e a gente queria aquilo ali. Porque as meninas ficavam olhando os meninos tocando, e nós queríamos aquilo também. Ai o meu amigo aprendendo lá e eu ficava naquela de querer também, porque pra nós era importante aquela hora, as meninas ficarem interessadas por aquele capital que tínhamos.

Eu comecei de forma autodidata mesmo, não tinha internet, no rádio não ensinava ninguém, a gente adquiria aquelas revistinhas com músicas cifradas, ía no “pau” mesmo, ali tentando, no erro, e as impressões não saíam os acordes encima exatamente da letra. Isso era interessante porque ao ouvir a música percebia que ali não estava condizendo com o que tinha que ser. Ficávamos autônomos de certa forma em avaliar os compassos, as contagens dos tempos, as batidas, isso pra mim eu achei interessante. Sofríamos muito para pegar uma música, duas músicas, eu lembro que avaliávamos o quanto tocava pela quantidade de músicas que estava tocando. Então os meninos que estavam aprendendo diziam, e aí quantas músicas você já tocam? 5! égua eu ainda toco só 3.

Depois eu soube de um curso de violão e eu fui fazer com minha irmã mais nova que eu num CIES, um centro comunitário e tinha uma sala imensa, os violões todos pendurados nas paredes, eu achei aquilo incrível. Eu não tinha violão e nos matriculamos e o professor era um do cabelão, camisa colorida, aquele bem assim com o estereótipo de artista. Ele já era cantor, já tinha gravado uns negócios e era conhecido e dava aula lá. Como eu era esforçado eu via que ele ficava, de certa forma assim, se escorando um pouco, e eu ajudava os alunos a aprender também, botar o dedo direitinho no braço do violão. Eu estava aprendendo, mas acabava ensinando também. E por um momento eu avaliei, rapaz que sujeito escorão, em vez de ele dar aula aqui pra gente ele fica usando nós aqui. Mas hoje eu percebo o quão rico foi aquilo, porque eu estava vendo recentemente uma pirâmide, um quadrinho que demonstrava o nível de aprendizado das pessoas: quando elas leem o quanto que elas aprendem 5 por cento, 10 por cento, quando leem e falam ao mesmo tempo aí vai aumentando, vai aumentando. Eu sei que o último estágio que aprendemos mais é quando ensinamos. Então quando há essa troca também de passagem vamos notando que aprendemos mais, e nessa história eu acho que eu levei jeito de apoiar alguém a aprender também um instrumento. Isso eu tinha 14 pra 15 anos.

Eu saí porque era longe, era difícil a ida, não tinha quem nos levasse, então essas dificuldades todas. Saí mas continuei aprendendo, minha irmã desistiu e com o passar do tempo, era difícil, também o violão não tinha. Mas meu pai deu um jeito quando ele me viu treinando um dedilhado numa mesinha de sala de área que tínhamos lá em casa feita com aqueles tipo macarrão, a pessoa chama macarrão, aqueles cordões de plástico. Eu estava dedilhando ali bicho, treinando um dedilhado na mesinha, quando ele viu aquilo ali eu acho que ele chorou. Ele disse, meu filho você quer um violão. Eu disse quero pai, eu queria. Rapaz no outro dia ele apareceu com um Di giorgio. Um rapaz da outra rua estava vendendo. Não sei como ele soube. Eu sei que ele apareceu com um Di giorgio, o instrumento mais lindo e me deu. Eu sei que tinha na época, no interior também, tinha um violão por lá que um cavalo pisou, e o bicho era cheio de massa corrida, sei lá, alguém consertou com massa. Eu sei que eu matava meu verme nesse violão lá também quando íamos para o interior. A maior história. Mas o meu primeiro violão foi esse que o meu pai me deu, que era um Di giorgio, também com um som lindo, gostei de mais do som porque se assemelhava muito ao som do violão do meu amigo lá, esse médio grave aveludado, e foi isso.

Entre os 15 e 17 foi a época de maior aprendizado, essa época do tempo livre, a gente estudava pela manhã, os amigos na calçada, eu lembro que era um período de muito Legião Urbana, e tinha muita gente envolvida, inclusive na rua lá de casa, um pessoal que tinha uma espécie de fã clube, tudo, era um pessoal com a idade bem mais avançada que nós, mas sempre ficavam antenado naquilo. E as músicas da Legião Urbana eram fáceis de tocar, interessante porque tinham uma harmonização assim meio impactante, com acordes de empréstimo modal. Eu não explicava desse jeito lá na época, mas eu sei que aquilo impactava exatamente por causa dessas peculiaridades. E muita música estrangeira também: Guns n' roses, nirvana. E é isso, jovens nessa idade entre 15 e 17 anos, meninhas, namoradas na calçada, ficar, festinha na pracinha do João XXIII. Ali as festas do São João, e tudo isso era regado à violão, música, igreja, grupos de jovens. O violão era uma peça chave e agora

avaliando eu noto o quanto o violão esteve presente na minha juventude desde os 14 anos, estava sempre presente e nunca dediquei a ele uma diretriz com relação ao aprendizado. Simplesmente fui fazendo, fui tocando, fui me envolvendo.

Quando eu terminei o ensino médio eu fui fazer História na UFC, e continuei com a música ainda mais de forma assim secundária. Terminei. Demorei um tempo, demorei uns dez anos para terminar, porque sempre trabalhei como professor de história, e paralelamente nas escolas se houvesse a possibilidade de ter uma oficina, algo de violão, eu é que estava lá engendrando esse negócio. E eu lembro que todas as escolas que eu lecionei desde a minha primeira escola, sempre havia atividades com música e eu estava lá com o violão, tanto nas comemorações, como também em oficinas. Usava na aula direto, dando exemplos com música, usava muito, ainda uso, mesmo em outras disciplinas como Filosofia e Sociologia, uso bastante, interessante os livros didáticos hoje trazem muito já isso, atreladas dentro do próprio livro, tudo. Mas não era muito comum, e eu lembro que isso era um diferencial também.

Como eu sempre fui autodidata e fui levando a sério essa questão do aprendizado do instrumento, é tiro e queda das pessoas quando me veem tocando aqui, acolá e de repente pela experiência vai galgando outros degraus, assim outros níveis e tudo o pessoal vai perguntando rapaz você toca bem e tudo, quanto é que você cobra pra ensinar. Então nessa história, eu acho que logo cedo, assim com uns dezoito anos eu já vi que dava pra dar aula de música, mas nunca na escola efetivamente assim, sempre tinha umas oficinas, mas não era assim oficial.

Eu notei que tinham uns colegas, no decorrer dos 15 aos 17 anos, que estavam sempre comigo lá, que aprenderam comigo, e eu não tinha me lembrado disso, tinham dois amigos na rua que aprenderam a tocar comigo, e de repente me viram tocar e adquiriram um instrumento e eu não levei em consideração daquilo como aula, mas íamos junto e fazendo assim, foi indo, foi indo, e dois camaradas aprenderam assim. Depois que eu fui notar essa questão.

Ainda como professor de história na escola. Eu lembro que no ano 2000 quando eu entrei na escola, no colégio Kerigma que é da fundação Batista. Lá eu fui ser professor de história, mas existia também uma parte musical efetiva no currículo escolar no contra turno, não era na chamada grade curricular, nome horrível, mas era no contra turno e eu também assumi essa parte como sendo o professor efetivo da musicalização, tinha uma professora de musicalização, professora muito interessada ensinava os meninos do fundamental I e no infantil, e eu fiquei com o fundamental II e ensino médio, o que tivesse de aluno pra essa parte musical eu assumi. Ai era musicalização. Tinha introdução à flauta, ah! havia esquecido, o meu primeiro instrumento musical de fato foi uma flauta, eu lembro que eu comprei como um brinquedo e comecei a pegar as músicas. Olha só, eu acho que tinha uns 12 pra 13 anos, um instrumento muito intuitivo que você começa a pegar as músicas de ouvido, vê que é fácil pegar as músicas numa certa tonalidade, e em outras é difícil porque as notas são mais complicadas em outras escalas diatônicas como a do Ré, que já tem sustenidos, Lá que tem sustenidos, Mi que tem quatro sustenidos. Eu vi essas dificuldades e isso aí me fez pensar nessas escalas, em tudo, e foi também um instrumento muito interessante pra mim. Inclusive hoje, também aqui na escola que eu leciono temos três oficinas por ano. Começa com uma de flauta, passa pra uma de violão e faz uma de teclado. Todos eles fizeram parte assim da minha vida, sendo que o principal foi o violão.

E aí as aulas de violão na escola, oficiais, muita gente, muitos alunos. E lá também muitos alunos se tornaram profissionais, inclusive músicos. Têm uns alunos lá os irmãos Fares que um deles toca na igreja, a gente já se encontrou num evento tocando e ele falou: professor você lembra de mim! era ele tocando baixo. Interessante demais. Outros na igreja também durante este tempo todo. Com 15 anos eu fui me congrega na Assembleia de Deus. Eu me batizei na igreja Batista e tudo. Lá conheci a minha esposa, aos 17 fui para a Assembleia de Deus e lá também pra ser músico eu sofri um pouquinho, porque já tinham uns músicos lá no esquema, e aí como é que eu vou entrar nessa? Eu sei que nessa história eu já estava me preparando pra casar, fazendo minha casa. Aí eu entrei no Iguatemi, eu saí de uma escola que eu trabalhava, logo eu tinha uns 18 anos, 17 pra 18 anos, antes de entrar na universidade eu já ensinava numa escola. Ai quando passei na universidade, cursando e tudo, decidi me casar e saí dessa escola pra poder arrumar um emprego que ganhasse mais dinheiro e ai fui trabalhar no Iguatemi como vendedor. Eu sei que no meu primeiro salário adivinha o que foi eu que eu comprei? Um violão, um violão novo, um violão elétrico e tal, bonito. No outro mês, o que foi que eu comprei? Uma guitarra.

E essa história da guitarra foi que me levou a tocar na igreja evangélica Assembleia de Deus. E lá porque já tinha um esquema todo formado dos meninos e tudo, e não era assim vem tocar comigo, tá aqui um canal, bota aqui tua guitarra, não é assim. Então os meninos ficam observando ali de longe, aquela história toda, aquele rapaz chegando da igreja batista, aquelas diferenças doutrinárias, e tudo, eles olham meio torto pra gente e tudo. E aí onde é que eu vou entrar nessa história. Eu entrei nas lacunas, nos espaços em branco, eu notei que os conjuntos musicais da igreja padeciam por falta de músicos nos ensaios e ai eu comecei a ir para os ensaios. Escutava as músicas, pegava as músicas, como estava só no ensaio pegava os arranjos de introdução, os meios, os finais, fazia transposições, fazia arranjo para tocar só, eu fazia tudo na guitarra, tocando sozinho, fazendo chord melody, tocava a harmonia junto com a melodia do que precisávamos. Isso era diferente lá, por que os meninos que tocavam em conjunto, um fazia um solo, outro fazia harmonia, outro tocava teclado, não sentiam a falta de fazer tudo junto, e como eu tocava só nos ensaios, sentia a falta disso e dava qualidade a isso fazendo chord

melody. E aí fui aparecendo. Nos cultos o conjunto aparecia, mas não tocava porque quem tinha ensaiado, o gordinho ali, chama ali o gordinho, aí eu ia com a minha guitarrinha e o cabo e botava. Já na primeira vez que aconteceu isso no culto aí já fiquei, já me integrei na banda, foi um tempo de muito aprendizado. Porque pra tocar em conjunto precisamos aprender algo e foi bem interessante essa parte.

Nisso aí, quando eu saí do Iguatemi, retornei ao magistério, comecei de fato já como professor formado e sempre a música em paralelo. Dei aula em numa escola chamada CECRAN, que era um centro de cultura onde ensinavam artes plásticas, ensinavam música e tudo. Eu ensinava musicalização e violão, passei dois anos lá. Precisei sair do Kerigma e também fiquei dois anos mais ou menos assim vivendo de música, dando aulas particulares. A relação era sempre com o pessoal da igreja. Eu ia para as igrejas, me convidavam pra tocar, pra cantar. Os conjuntos quando viam um músico acompanhando sozinho um conjunto que visitávamos, sozinho acompanhando e fazia aquilo tudo num instrumento. Começou a chamar atenção, e o pessoal perguntava se eu não dava cursos, eu comecei a dar cursos nas igrejas e nessa história eu passei uns 2 anos dando cursos de violão. Aí era assim, o valor não era alto e as pessoas não tinham muito compromisso e tudo, e faltavam. Mas aqueles que realmente queriam, acabavam ficando. Às vezes eu dava um curso pra uma pessoa, aí ela se tornava o músico da congregação lá. Isso ainda é interessante porque mesmo começando com muita gente e terminando com um, mas o fruto ainda fica lá.

A música foi ficando seria na minha vida e eu fui dedicando cada vez mais tempo a ela e sempre atrelando a ela a minha profissão de professor, ao professor de música também, passei um tempo sem lecionar, 6 anos, e retornei em 2013. Então, passei 6 anos, de 2007 a 2013 sem ensinar em escola. Eu trabalhei numa editora, trabalhando com publicidade, e sempre viajava, levava os instrumentos, tocava nas igrejas lá onde eu ia, não dava mais aulas assim, era raro, muito raro. Lembro que aconteceu um aluno, que era o que eu tinha tempo de dar essa aula pra ele, hoje ele faz educação física numa universidade e está quase se formando aí, mas ele é instrumentista, ele tem vários instrumentos. Eu acho muito parecido comigo na minha época, só que eu fui um professor pra ele já. Um rapaz que tinha problemas auditivos, que não escutava bem as músicas, se esforçou demais pra poder aprender a tocar, ele não ouvia direito ele não conseguia cantar, hoje ele canta e toca afinadíssimo. A música foi por onde ele se encontrou como sendo alguém de valor. Interessante isso pra esse rapaz. Onde ele me encontra ele para, se ele vai de carro ele para o carro e vai conversar comigo, quando ele compra uma guitarra nova ele me chama pra dar uma olhada lá na casa dele, pra ver, pra fazer ajustes. Temos essa ligação ainda, um grande amigo. E acho interessante isso, olhando agora pra trás e olhando a quantidade de estudantes, aluno é uma palavra tão ruim, pejorativa a quantidade de pessoas com quem tive o contato do ensinar, do aprender juntos, que foram assim estudantes de verdade, mas de forma não institucional, de forma não oficial, de forma fora da escola, do espaço específico do aprendizado, e quão firme são esses aprendizados, e quão verdadeiros eles foram e se tornaram e modificaram a vida dessas pessoas. É um embate em que lutamos pela institucionalização para dar segurança a elas, mas ao mesmo tempo vemos que nem sempre precisa. E às vezes é até ruim. Hoje eu dou aula de música nessa escola, a minha lotação esta lá como professor de música também, tem outras lotações como professor de música.

Vemos aí como não existe uma linearidade na história da gente. Eu tenho notado esta questão das trajetórias e o meu trabalho é com biografia. Quer dizer a história das pessoas assim não é linear, não só porque temos a memória seletiva, vamos lembrando do que a gente considera que seja relevante, importante, e tudo. A ausência de memória é uma avaliação que fazemos da importância dos eventos, das pessoas, assim. É interessante notar, não é desconexão, mas não é uma linearidade, não conta assim de forma linear. Conta uma experiência da frente, conta algo lá de trás, mas a trajetória da vida é assim mesmo.

Quando eu entrei agora no concurso para professor do estado, fiz em 2013, eu passei como professor de história, a minha formação é como professor de história. Eu sou músico autodidata, a minha vida inteira eu lidei com música, assim da adolescência até essa minha idade 41 anos, mas não tenho assim oficialmente uma formação em música. Mas achei interessante o fato de que determinados trabalhos que realizamos, eu sou mais conhecido pela minha formação, que é “não formação” em música, do que na minha formação em História. Quando eu passei nesse concurso eu fui lotado nessa escola que eu estou também, mas numa outra escola que fica ali no Pici. A experiência lá foi muito legal. Tinha um projeto lá chamado “Rimando e Cantando”, que o pessoal do multimeios elaborou para incentivar a leitura a produção de textos. Enfim, a culminância desse projeto seria a apresentação que poderia ser musical também, já que boa parte da literatura estudada, muita dela foi musicada, e tudo. Então o projeto foi interessante porque o pessoal do multimeios queria formar um grupo vocal pra poder fazer backs, back vocal das apresentações que estavam pontuadas pra acontecer no final do projeto, na culminância. E esse pessoal que acabou sendo minha responsabilidade também, de fazer essas questões, virou um grupo vocal, um grupo coral, a gente dividia, chegou a dividir as vozes. Menino esse negócio deu tão certo que ficou legal, no projeto ficou legal, que a gente se estendeu, recebeu convites, fomos cantar duas vezes em eventos do Hemoce, uma vez no Deo Paseo, lá num evento da igreja católica lá da Messejana. Então, a gente teve uma agenda de lugares, foi muito interessante. O que chamava a atenção era a vivacidade dos jovens, dos estudantes, muita gente nova cantando músicas novas e não tão novas, mas de um jeito interessante, diferente, usando o corpo e eu acho que o diferencial desse grupo vocal foi isso, essa vivacidade, esse movimento dos

jovens, outra também que cantávamos músicas tanto em português quanto em inglês, em italiano, em espanhol, isso chama muita a atenção do pessoal e foi bem interessante.

Lá eu dava também aulas de violão. Só que lá não andava muito bem porque as pessoas tinham que levar os instrumentos, e nem todo mundo tinha. Não caminhava muito bem porque a escola não tinha os meios materiais para que as aulas acontecessem. Também não tinha na grade curricular a música institucionalmente. Tinha artes, mas era aquele jeito que conhecemos, como tem se desenrolado nos últimos anos, tem artes plásticas, artes visuais, tem a música, mas dependendo da formação do profissional a disciplina de artes caminha mais pra determinado lado. E lá foi muito interessante esse projeto, mas não tinha a música assim. Enfim, foi muito marcante lá.

A diretora dessa escola a qual eu estou agora conseguiu uma lotação de todas as minhas horas pra cá, resolveu me puxar todo pra cá. Nisso foi interessante porque ela viu a possibilidade. Ela me trouxe todo pra cá, não foi porque eu era um brilhante professor de história, foi também por causa da música. Por que ela vislumbrou uma possibilidade aqui de ter no currículo aqui, pelo menos do fundamental, dentro da grade curricular a música e é um diferencial. E se não me engano foi a primeira escola no estado que colocou a música no currículo oficialmente. Eu achei ótimo, achei muito bom, e nós vamos falar dessa experiência agora como professor de música durante esse tempo aqui na escola.

Passamos por uma greve e uma das reivindicações era um projeto de lei do governo que fazia modificações no currículo do ensino médio, e uma delas fazia referência ao profissional chamado de notório saber. Hoje nós estamos falando no dia 10, mas foi dia 7, ou foi dia 8 agora, ela passou, já foi votada, foi aprovada e o texto diz que o notório saber está exclusivamente pra as disciplinas do técnico, daquela parte técnica, não é do acadêmico, menos ruim. Mas eu me sinto o professor do notório saber tomando o espaço do professor que é formado em música que deveria estar aqui na escola. Ao mesmo tempo, acho que a gente não deve se prender a essas histórias, é uma questão política pra a valorização do trabalho da docência, da formação do docente e tudo. Mas acho injusto também de uma pessoa que tem a trajetória de vida que tem a música como elemento fundante, e ela não poder, vamos dizer de forma oficial trabalhar com aquilo. Enfim são outras questões.

Mas a minha experiência aqui como professor de música, aqui no fundamental. Eu tive turmas do 8º ano, 2 turmas de oitavo, 3 turmas de 9º ano, alunos que variavam de idades entre 13 e 18 anos. Tinham alguns alunos fora de faixa. Foi uma experiência assim interessantíssima, porque era diferente pra os alunos, pra os estudantes, de ter 1 aula na semana que fosse música, eu queria que fossem 3, 4. Mas tinha a música uma hora-aula por semana, mas aquela história, sempre esperada. Os alunos perguntam, hoje tem aula de música? O que é que nós vamos ver hoje? O que é que a gente vai aprender hoje. Boa parte da turma, dependendo do horário, por que se for sexto tempo a negada queria ir pra casa. Então tinha um 9º ano aí, o 9º C, que a turma tinha uns 30 alunos à tarde, mas como a aula era sempre uma 6ª aula de sexta-feira, imagina. 6, 5 alunos, eu já cheguei dar aula pra 2 alunos, o resto fugia, entendeu. Mas interessante, que dos que ficaram um estudante está me pedindo o violão todo dia aqui pra tocar na escola, sempre que eu estou a tarde aqui na escola ele está pedindo o violão e tá tocando já, e eu sei que é fruto disso. Ele veio de outra escola e quando chegou aqui se encantou pelo fato de os violões estarem disponíveis. Isso daí é um diferencial também. Aqui eu não sabia, quando eu iniciei, tinha aqui um armário com quase vinte violões, três teclados e um monte de instrumento de percussão. Por falar em percussão aqui a fanfarra da escola funciona muito bem, tem um sujeito que é fera demais que ensina aqui a fanfarra. Ele se garante, é um daqueles tipo o mestre da arte. No interior não tem os mestres da cultura, eu acho que ele podia ser um, e se garante demais ensinando a percussão aqui. Faz sucesso, eles são chamados por outras escolas, a banda daqui, a banda marcial, politicamente é uma coisa horrenda porque nos remete a um tempo horrível, mas musicalmente, e é isso que interessa aqui aos alunos que participam, eles não têm nenhuma intenção política de retornar a um regime como aquele, eles também nem lembram disso, não viveram aquilo, graças a Deus. Mas tem sido interessante pra eles. Tem sido inclusive um instrumento de resgate pra muitos que estavam envolvidos com drogas e tudo, e vemos que bom a música os trouxe de volta viu.

Mas eu tinha esses instrumentos todos, mas que eram trancados aí. Não tinha uma sala de música. Nós estamos fazendo essa entrevista numa sala que era chamada sala de vídeo, e os instrumentos estavam todos aqui, e eu passei a dar minhas aulas de música aqui também. Tem uma bateria completa, têm estantes, tem 1 computador à disposição, TV, vários instrumentos de percussão, temos violões, 19 violões, 1 cavaquinho que eu afinei como ukulele, por causa da moda do ukulele, tem sempre alguém tocando ali, um violão canhoto e algumas flautas.

Apesar de todo esse material eu decidi começar com a flauta pela verificação da minha experiência com a flauta como foi. Eu montei a estrutura curricular pra esse ano assim. A gente começando com flauta, fazendo violão e depois teclado. Deu certo a flauta e o violão. E paralelamente a isso a percussão. Descobrimos aqui ótimos percussionistas, por que sempre nas aulas precisávamos de uma marcação, nem que fosse de metrônomo o estudante estava trabalhando ali na bateria, de metrônomo, pa,pu,pa,pu,pa.. Descobri alguns bateristas, um pessoal que não tocava mas via uma facilidade tremenda, aquela estória do Gardner das inteligências múltiplas, ele se descobriu nessa daí e realmente pode apostar que vai dar muito bem.

Não eram oficinas, não eram aulas de percussão, mas eu acabava ensinando a tocar alguma música, como fazer um ritmo, como é que vai a marcação e tudo. Eu decidi fazer esse primeiro contato já com os instrumentos,

experimentando a música, ouvindo, fazendo jogos mais práticos de ritmo, sabe, de reconhecimento de notas, escutar as escalas, fazia tudo isso com o violão de base. Vendo a percepção musical de cada um, os gostos musicais. Fornecendo à classe outros estilos pra que eles escutassem também, então tem muita gente aí que aprendeu a gostar de outros ritmos, porque só ouvia funk, só funk, só funk, mas agora tem ouvido pra outros estilos musicais, também, ele pode continuar gostando de funk, mas ele precisa experimentar outros, também.

Nesse primeiro contato não tínhamos flautas suficientes, eu comprei as flautas e conversei com as turmas se elas aceitavam pagar três reais na flauta, e aí foi o preço que consegui, comprei as flautas, todas as turmas concordaram apesar de, acho que 10% de todas as turmas me pagaram, mas não tem problema, eu fiquei com o ônus das flautas, mas as que levaram, levaram, e eu fiquei, resguardei ali 36 flautas para servir de turma, flautas para turma. Sempre que um não trazia eu tinha sempre a flauta ali pra poder usar, e depois das aulas tem essa história de lavar os bocais, pra guardar tudo. Então, mas é pouco, então, vale a pena o trabalho.

Alguns alunos se dedicaram mais a flauta. Eu acho que eu conto nas turmas talvez 10%, em uma turma de 30 pessoas, talvez uns dois ou três ficaram com a flauta como um instrumento mesmo. Eu lembro que nos 9º anos têm um menino, tem mais duas meninas que eu não estou recordando aqui o nome, que decidiram ficar mesmo com a flauta, aprendendo, tocando. Outros tinham esse instrumento em casa como um brinquedo e passaram a levar um pouco mais à sério. Então assim o que eu tenho notado em quantificação, em números, é que parece que gira em torno de 10% da turma, de um aproveitamento no sentido da continuidade daquilo, como algo mais sério, entendeu, de aceitação da turma é muito bom, a aceitação da turma é sempre muito bom, mas que vai levar realmente a sério, até agora eu tenho quantificado 10% por turma, é um número que eu tenho verificado, espero que se amplie, que se aumente.

A Orquestra-Escola do Ceará, que é um projeto da Universidade Federal com a SEDUC, da qual comecei a fazer parte a um ano atrás, um ano e pouco atrás, ela também foi importante, porque criou um elo de funcionalidade pras aulas, eu trazia as músicas do repertório da orquestra. E como eram músicas do Ceará, também despertou a curiosidade pra saber de outras músicas. É interessante assim, que independente de dizer de onde seja, quando os estudantes se apaixonam por alguma música. Tinha uma música a Flor de Maracujá, de um acreano, é um consenso, todo mundo ama, todo mundo gosta, inclusive quando a orquestra veio aqui pra escola, muita gente conhecia o repertório, isso foi muito bom. Terral, Asa Branca, enfim, outras músicas do repertório da Orquestra-Escola foram importantes pra dar um Sul, pra não dizer o Norte, vamos usar aí o Boaventura e dizer que é o Sul, deu um Sul pra o nosso estudo.

Nisso aí passamos um tempo na flauta, veio o violão. Dos 19 violões que temos aqui uns 10, 11 utilizamos, o restante pedi cordas desde o início do ano mas temos a dificuldade em ter o material. Às vezes assim nem é difícil, é burocrático, o fornecedor que ganhou a licitação pra poder fornecer as coisas, recebe e não dá o material, fica maçando, sabe, é difícil, muda pra outro, o fornecedor consegue, e tudo mas, ou seja, o ano está acabando, o ano letivo e não tive cordas, não tive. Se eu não faço aquele lance das flautas eu também não vou ter as flautas, porque demora. Então, ou fazemos ou não acontece, isso é uma crítica. E não é por falta de convivência com pessoal, está todo mundo muito bem articulado, mas é porque é maçante mesmo, o negócio demora mesmo, é moroso mesmo, então, é horrível isso. Fontes para os teclados estavam todas queimadas. Os teclados eu verifiquei, todos funcionando por que eu coloquei pilhas. Trabalhamos esse ano só com flautas, violões e a bateria, e algumas percussões adendas aqui, triângulo...

Todo mundo pergunta pelas aulas de música, acho que entrou pra ficar. É interessante por que os alunos, têm aqueles preconceitos dos estudantes, vamos pra aula de música pra ouvir música! vamos pra aula de música pra ouvir o que gostamos! porque queremos! ah! essa música eu acho feia! eu não gosto dessa música! aí não quer participar. Então assim, temos que estar sempre colocando aquela questão da ordem, de classe, da cultura escolar. Não é assim algo muito amarrado, mas temos que ter o mínimo de institucionalidade, da cultura escolar pra poder dá uma segurada também nisso. Imagine você com vinte e tantos alunos numa sala, se formos ter que ouvir a música que cada um gosta, ou ter que aprender uma música dele. E se fosse colocar na fila, mesmo que todos concordassem, quando o último iria aprender com a turma a sua música. Sempre coloquei isso, gente estamos aqui aprendendo música, estudando música pra aprender tanto a técnica, como a fricção da música, a percepção musical, verificar os tipos, ter uma noção de ritmos, ter a noção de escalas, ter a noção de tipos, de timbres, de variação de instrumentos. E você aprende a técnica, aprende a música, aprende a literatura musical pra você poder tocar o que você quiser com o tipo de música que você quiser. Isso aí muitos pegaram.

Além das aulas de música que era uma hora, é muito pouco, sentimos a necessidade, vi um espaço de horários na sexta-feira, sexta-feira de manhã vinha o pessoal da tarde, sexta à tarde vinha o pessoal da manhã pra oficina de violão. Passávamos aqui 2 horas, bem mais tempo, e aprendíamos a técnica do violão aplicada, aprendia mesmo a música, a notação musical. Terminamos agora o curso com quatro alunos que já estavam lendo peças de semibreves, de mínima, de semínima, de colcheia, até colcheia eles já estavam lendo legal. Sem parar, sem errar, com as pausas. Então, isso aí também é interessante, vemos que aconteceu. E tem aquele pessoal que é muito prático, aquele pessoal que não quer aquilo ali agora, quando for no futuro ele vai ver que vai precisar daquilo. Mas aquele pessoal que é muito prático e me ajudou bastante nas oficinas pela praticidade que eles já tinham de eles aprenderem juntos. Fazíamos a primeira parte da aula teórica que era pra todo mundo, passava a parte

teórica também para o pessoal que já estava mais adiantado e aí dávamos o tempo para o pessoal tocar, treinar, fazer, realizar. Não precisa pedir, fatalmente todos eles vão se fazer em grupos, eu notei isso, eu tirei fotos pra mostrar que eles se agrupam naturalmente, por interesse, por áreas de interesse, por áreas de dificuldade. Os estudantes que já estão mais adiantados ajudam com destreza. A linguagem que eu uso pra minha parte da aula não é a linguagem que ele como estudante usa pra poder ensinar, mais eu vejo que às vezes é muito mais frutífero o jeito que ele faz. Então eu acho isso interessantíssimo. Eu vi aí a aprendizagem cooperativa, vi que o coletivo é importantíssimo para o desenvolvimento do individual, vi que pessoas que não eram integradas de jeito nenhum.

Tem a história de um menino do 9º ano tarde, ele tem um laudo de retardo, ele não conversa muito, ele tem pouquíssimos amigos, ele tem uns dois companheiros na sala, mais ou menos, mas é muito esforçado, ele estuda bastante, e a maior nota da última prova de história foi a dele, e a anterior também. Ele fechou os bimestres com 10, 9, 10 e 10, em história viu mestre. Então o estudante é muito fera e ele é laudado com retardo, tu acredita nisso! Na aula de música e ele não se integra direito porque tem muita gente. Mas quando eu conversei com ele particularmente o rapaz conhece de tudo: Fagner, conhece Belchior, conhece Zé Ramalho, conhece Fábio Júnior, Amado Batista, Waldik Soriano, o menino é eclético demais, ele escuta de tudo e conhece as letras. O último instrumento que ele comprou agora que a mãe dele comprou pra ele, que ele pediu, foi uma gaita. E ele está aprendendo também a tocar gaita. Eu acho isso aí tremendo, eu tenho certeza que aquele menino tem um futuro como músico.

Tem coisa que não descobrimos na sala, que você descobre na relação extra sala, como é importante a pessoa se integrar assim, é aí que vemos que de verdade, de verdade. Burs Skinner que disse que a educação é aquilo que fica quando você esquece de tudo o que aprendeu na escola. É uma frase interessante, mas não é totalmente verdade. Mas é uma coisa interessante pra gente notar o quanto essas áreas não institucionais, essas horas não curriculares, as horas que não estão na obrigatoriedade de um horário de ser cumprido, elas são importantes pra gente notar o que de verdade elas são, às vezes são mais do que as outras, são mais do que estas que são institucionais, são mais do que essas que são obrigatórias pela hora. Aquela hora da espera, de uma aula pra outra, esperar o resto da turma, de repente o estudante senta ali na bateria e faz uma marmota, ele pensa que eu não estou ouvindo, ele pensa que eu não estou observando, ele pega num instrumento despreziosamente, então nessas horas do despreziosamente eu notei muitas experiências boas, nessas horas do despreziosamente. Vai chegando aí, o resto da turma está vindo aí. Pois tá bom. Pronto. Enquanto eu esperava. Mas enquanto eu engomo a calça eu vou lhe contar... É essa historinha aí que acontece nessas entrelinhas. Eu notei que esses espaços são às vezes mais importantes do que os espaços curriculares. Essa hora da espera.

Porque que eu decidi disponibilizar os violões, os violões trancados na sala, trancados no armário, eu vou deixar isso ali e o aluno que quiser pegar numa hora que se justifique como livre para ele, ele pode vir aqui pegar o violão. Agora institucionalizamos uma listinha porque sumiram dois e não apareceram mais, então aí foi necessário institucionalizar uma lista. Mas durante todo o semestre, esse segundo semestre, ocorreu de maneira normal, agora semana passada sumiram os dois. Mas estava caminhando tudo bem. Então eu achei isso interessante porque esses espaços ali, quando eu vejo um aluno com o outro, um estudante com o outro, um com um violão outro também aprendendo com outro, é aquilo de verdade que está acontecendo a aprendizagem ali. Eu posso dar um apoio, uma orientação, dar um sul pra ele seguir, mas eu tiro por mim, o que acontece de verdade, o que ele vai lembrar é daquela hora que, sei lá, a menina passou e olhou pra ele enquanto ele estava ali, aquilo e que vai marcar, aquilo é que ficou. Sinceramente eu não lembro qual foi a aula que o professor, quando eu fui pra aquele curso ali no centro comunitário, eu não me lembro qual foi folhinha que ele me deu, o que foi que ele me ensinou, mas eu lembro de muito de quando ficávamos nas calçadas, eu lembro de muita coisa quando estávamos no centro comunitário do Bonsucesso. Eu lembro dos aprendizados lá, e eram despreziosos. O Sérgio Buarque de Holanda, no livro Raízes do Brasil, ele conta dessa despreziosidade brasileira herdada talvez por um senso português, avalia a colonização, uns veem de uma forma positiva outros veem de uma forma negativa. O que é fato é que ela acontece aqui, parece que nós damos muito valor a essas coisas que não são oficiais, nós damos muito valor a elas, não sei, eu não sei explicar, eu também não vou entrar em detalhes na tentativa da explicação deste fato sociológico brasileiro, mas que ele acontece, ele acontece. O que é importante é que a gente note isso e deixe acontecer. Porque o aprendizado acontece muito e mais nesses momentos despreziosos do prazer. Na verdade devia ser assim.

Olha, essa sala está pronta, as carteiras estão todas enfileiradas, esse é um formato horrível de sala de aula, não existe isso, o formato de sala é aquele ali, de círculo, de mesas em círculo, em semicírculo, de pessoas perto umas das outras, ajudando umas às outras, tendo liberdade de atuação, tendo os prazos estabelecidos para serem cumpridos, ele tendo a responsabilidade de gerenciar o seu tempo, a forma como ele vai fazer aquilo e tudo se realiza da melhor forma possível.

A minha experiência como professor de música foi enriquecedora demais pra mim, eu tenho certeza que foi interessante para os estudantes, que foi uma experiência nova, que há o que se mexer, eu sei exatamente o que não vou fazer nesse próximo ano, eu sei exatamente o que eu não vou fazer na aula de música, vai ser diferente,

alguns elementos vão ser diferentes, e esse dinamismo tem que acontecer sempre, pra mim foi um aprendizado também porque a gente também estuda mais, uma pergunta que um estudante faz e você não sabe responder na hora, não sabe demonstrar na hora, e também acabamos tendo que estudar mais pra não ficar numa dessa, de ficar sem resposta, de um nome de acorde, de o aluno não compreender porque que ele pode ter mais de um nome, e aí você está sabendo que está explicando, mas o estudante não está entendendo, então tem alguma coisa errada, então tem que explicar de novo de uma outra forma, não é repetir a informação, tem que fazer de novo de outro jeito que é pra compreender. Isto são incentivos também pra gente

Senti falta de espaços na escola que pudéssemos aproveitar os meninos. Apesar de a gestão pedir esses espaços não tinham objetivamente como acontecerem, não tinha como disponibilizar lugar pra ensaio, os alunos caminhando por aí ou no pátio são vistos como não estão fazendo nada, estão vagabundando, de fato estão trabalhando também. Verificamos uma coisa muito positiva principalmente nessa relação do estudo com a música aqui na escola foi a realização de um projeto que aqui que era um projeto super fechado no formato, os trabalhos científicos tinham que ter a ABNT, era um negócio surreal sabe, a avaliação era muito maçante e os alunos, eles não eram principal, o saber de certa forma era o ator principal e o aluno era só coadjuvante. Eu disse vamos refazer isso. Eu acho interessante porque pessoas, não é assim puxando a sardinha para a minha brasa, mas pessoas que tem a sensibilidade artística e musical também, elas são mais abertas para mudanças, para a reestruturação, pra fazer pelo prazer também, pelo achar bom, pelo ser prazeroso, por ser interessante. Então eu trouxe pra mim a responsabilidade de refazer o edital dessa mostra cultural e científica, e reescrevi, enxuguei o máximo possível e coloquei tudo nas mãos dos alunos pra fazer, dos estudantes. E o resultado foi uma experiência impressionantemente, na avaliação de todos os professores, na avaliação de todos os estudantes, foi infinitamente melhor do que as outras que foram passadas. Tivemos uma perda porque o período da greve nos cortou um tempo de realização, e o que faríamos em dois meses tivemos que fazer em duas semanas, mas mesmo assim foi bom, você imagina se tivesse sido com dois meses a escola tinha se revolucionado aqui em junção com a comunidade e tudo. Os professores que mais se destacaram na ajuda, na execução, na avaliação foram os professores de artes a professora artes.

As professoras de Literatura fizeram assim, concomitantemente no multimeios, tivemos uma reunião na semana passada para premiar os alunos que participaram desse projeto, que mais leram livro na biblioteca, que mais pegaram livros, e também que produziram textos para poder expor, e durante o ano todinho foi exposto. Nós descobrimos vários escritores. Aqui dois alunos participaram esse ano, mas já participaram ano passado de um projeto do Jornal o Povo do Demócrito Rocha que eles publicam e sai nas colunas do domingo, e os alunos daqui publicaram, dois alunos. Porque que eu estou citando esta parte da importância da leitura, da literatura, desses projetos que acontecem pra gente se integrar neles, porque eu estava lá parabenizando os meninos e vi que tinham lá dois dos meus alunos de violão que não são meus alunos do currículo, e também não são meus alunos da música porque eles fazem o 2º ano da tarde e não tem nada a ver, mas eles estavam lá um deles com o violão na mão pra tocar lá, dos outros que tinham, dos outros 8 alunos, 4 eram meus alunos da oficina, e um deles era aluno mesmo do currículo do 9º ano, de música. Quer dizer na prática 80% que estava ali tinham a ver com o que tínhamos trabalhado aqui o ano todinho com música. Estavam lá sendo premiados com outra coisa. Então é interessante isso. A escola tem que se abrir mais pra isso.

Eu não quero perder meu lugar aqui, eu não queria, mas realmente aquela história do notório saber, eu me sinto assim pouco à vontade por não ter uma formação em música. Ao mesmo tempo me sinto assim orgulhoso, de poder estar, e as pessoas confiarem, a gestão confiar um projeto de música na minha mão. Eu creio que é o que eu mais gosto de fazer é tocar. Eu gosto. E a música pra mim tem sido uma maravilha. Uma maravilha. Apesar de não ter dado reconhecimento a ela que eu devia ter dado a mais tempo no que diz respeito a institucionalizar o meu trabalho que eu faço agora, mas eu noto o quanto ela foi importante mesmo sem eu perceber, hoje eu me vejo músico mais que historiador.

E agradeço também o fato de ter entrado nesse mestrado que eu estou fazendo aqui na educação. Contato com amigos que foram fundamentais nessa entrada, o convite, o convite do Marcelo Kaczan. Outro amigo de outra escola, o Robson que faz doutorado lá na mesma instituição, no mesmo programa no PPGE, ele disse vamos lá e tal, mas assim, enquanto eu estava lá na escola que ele lecionava também eu não fui, mas o pouco contato que eu tive com o Marcelo Kaczan eu acabei indo porque a ligação era também musical. E vi que tinha tudo a ver. A minha trajetória de vida tem tudo a ver com o que eu estou fazendo agora. As pessoas com quem eu tenho me relacionado nesse período de um ano, um ano e pouco, aqui da escola, o Marcelo, o pessoal da orquestra, o professor Pedro, professor Henrique, professor Botelho, as pessoas da Orquestra-Escola, Izaira Silvino em intervenções geniais que ficamos lembrando das intervenções geniais, Didi Moraes, o maestro Ellismário. São pessoas assim que penso puxa vida, porque não nos conhecemos antes! Mas tudo tem o seu propósito, no tempo, não sou dos que pensam mais ou menos desse jeito, mas eu creio que tudo tem sua hora, nada se perde, não se perde, nós aprendemos em todos os momentos e eu creio que seja isso.

nada. Eu só ia pra escola, pra aula, assistir aula e voltava pra casa e acabou. Eu não fazia mais outra coisa além disso. Nesse período a música me ajudou a fazer amigos, pessoas legais. Em meio aos *bullies* que eu sofria a música me ajudou a encontrar pessoas bacanas, porque pela afinidade da música que é uma afinidade muito forte, quem trabalha com música, quem é músico sabe que quando você encontra uma outra pessoa que tem um vínculo forte com a música, já é uma afinidade assim fortíssima, então pra você conseguir fazer amizade com ela é um pulo, porque a música realmente toma conta da vida dessas pessoas, quem convive com ela. E eu consegui fazer muitos amigos e também consegui mostrar pra quem me rondava que eu não era só um cara meio feinho, que eu tinha outras qualidades e a qualidade que o pessoal mais percebia era esse meu lado artístico musical, que era o que o pessoal mais gostava, que o pessoal gostava muito de me ver tocar, pediam muito pra tocar, até porque eu tinha uma prática já de um certo tempo, tocava assim várias coisas que eles queriam. Então eu consegui me diferenciar daquele bolo de gente que era a escola por causa da música. A música mesmo assim ela me ajudou a sobreviver na violência, assim mesmo. E passou comigo até o colégio, até os 16 anos que eu tive uma revolução familiar, que eu saí da casa da minha mãe, fui para a casa do meu pai, por uma questão envolvendo religião, e foi por causa da música que eu fiz essa mudança em minha vida, essa revolução. Eu fiz duas grandes revoluções na minha vida, a primeira foi essa que eu tive que sair de um ambiente religioso, um ambiente que eu tinha um círculo de amigos. E mudei esse círculo de amigos, mudei a minha morada, mudei a minha rotina pela música pra poder estar ativamente mais dentro da música, não só dentro da música, mas da arte como um todo.

Então com 16 anos eu não só tocava dentro da escola, eu comecei a dançar dentro da escola, eu comecei a fazer parte do coral da escola, eu comecei a fazer outras coisas dentro da escola. Então a escola deixou de ser um lugar de martírio pra ser um lugar de prazer, que eu gostava de estar na escola. E a música me ajudou a gostar de estar na escola. Porque foi com a música que eu passei a fazer essas revoluções e conhecer outros amigos na escola que eu não tinha acesso. Eu não tinha acesso a essas outras coisas que a escola me oferecia. Detalhe que nem um desses momentos a música foi dentro do momento formal de ensino. Eu nunca tive aula de música dentro do currículo. Nunca, nunca tive nada. Tudo que vivenciei de música na escola foi via extracurricular.

Eu completei 17 anos. Fui fazer o 3º ano e tive uma dúvida de qual faculdade eu iria fazer. E como eu tinha assim uma cabeça de quem queria ganhar dinheiro, que eu queria ter uma vida boa. Enfim, que eu queria ter posses e tudo mais. Eu não optei pela música como uma escolha profissional. Eu fui pra Engenharia, na época eu tinha passado dois anos no curso de engenharia mecatrônica do IFCE. Mas é engraçado, quando é uma coisa da gente ela não sai da gente. Então eu fui lá pro IFCE e no primeiro momento que eu tive no IFCE eu fui logo ver onde é que tinha música no IFCE, onde é que a música estava presente no IFCE. Fiz parte do coral do IFCE no período em que eu estava lá. Eu tive contato com a música no IFCE, não só no coral do IFCE, mas de forma informal, conversando com os colegas e tocando nos corredores. Então a música sempre foi muito forte inclusive quando eu estava na engenharia. Só que foi chegando o momento eu que eu vi que a engenharia realmente não tinha muito a ver, apesar de eu gostar muito das ciências exatas. Na época da escola, das ciências, as ciências que eu era mais apegado eram as ciências exatas mesmo. Eu gostava muito de física, gostava muito de matemática. Então assim, apesar de eu gostar, não era aquilo dali, eu não queria aquilo dali como fonte de renda. E durante as vivências, uma vivência que eu tive com um professor que era muito carrasco mas ele era muito bom, mas ele era carrasco, ele botou a gente pra refletir, que a gente, resumindo as falas dele, a gente trabalha no mínimo 8 horas diárias para aquela profissão, mas só que fora o trabalho a gente passa 1 hora se arrumando, 1 hora se deslocando. Então, já pega aí em torno de 10, 12 horas por dia só envolvendo aquele trabalho. E foi aí que eu comecei a pensar o que eu queria de fato pra mim. E no 4º semestre da engenharia eu resolvi fazer música contra a opinião e a vontade da minha família inteira, inteira mesmo. Eu não tive um membro da minha família que me apoiou nessa minha decisão, ninguém, nem minha mãe, nem meu pai, nem a família da minha mãe. Teve um tio meu que ele foi músico durante um tempo e largou a música porque passou num concurso público e chegou junto, querendo me dizer que não tinha condição, que eu poderia encontrar a droga, que eu poderia realmente cair na desgraça. Só que eu sempre quis mostrar que eu tinha esse desejo de trabalhar com música, mas não era um desejo infantil, e que eu sabia muito bem o que eu queria, desde o começo eu sabia. Eu queria trabalhar de uma forma séria e não ia trabalhar de qualquer jeito. Eu não iria trabalhar de qualquer forma. Eu iria ver dentro das possibilidades o que poderia me trazer uma renda dentro da música, qual das possibilidades que poderia me trazer essa renda.

Passei pra UFC e comecei a fazer música na UFC em 2010. E lá eu tive um êxtase, tive um período de êxtase muito grande porque pra mim eu não me sentia indo pra faculdade, me sentia indo fazer uma coisa que eu sempre fiz em casa, que era estudar música, só que estudar num ambiente de faculdade. Então nos dois primeiros anos da faculdade de música, assim pra mim foi um paraíso mesmo. Eu tinha muita vivência musical, só que eu não tinha vivência formal nenhuma, nem ler cifras eu sabia ler direito, sabe! Quanto mais partituras. Então umas das coisas assim que eu tenho e sou grato à UFC foi o fato de eles terem aberto a possibilidade de pessoas que não tiveram acesso ao ensino formal de música poder fazer sem o teste de aptidão. Eu sou muito grato à UFC por isso. Porque se não tivesse isso talvez o meu caminho teria sido muito mais tortuoso pra eu chegar na universidade. Porque realmente eu não tinha contato formal nenhum. Meu contato era todo baseado nas práticas

aurais, que o pessoal na academia chama muito de práticas aurais, que são práticas envolvendo a percepção musical. Então eu vim de um ambiente totalmente aural e entrei num ambiente formal e de uma certa forma o ambiente formal só serviu pra poder se acoplar ao que eu tinha vivenciado muito já anteriormente tocando, tudo mais. Tanto é que eu não tive dificuldade nenhuma nas cadeiras de música. Pra mim foi muito tranquilo. A cadeira que mais reprova gente lá que é solfejo pra mim foi de boa, eu fiz mesmo tranquilo mesmo a cadeira de solfejo, porque eu já tinha muita prática mesmo desde vida intrauterina. Pra mim aquilo ali nada mais era do que uma confirmação de muitas coisas que eu já tinha vivenciado. E muita coisa também se acrescentou, obviamente, não foi só confirmação.

E os dois primeiros anos foram muito bacanas e a gente via aquelas cadeira pedagógicas e eu ficava muito empolgado e eu fui vendo. Eu comecei a dar umas aulas particulares numa escola de música e eu fui me apegando também com o hábito de ensinar música. Eu passei uns seis meses, oito meses ensinando nessa escola particular de música que ficava lá na Cidade dos Funcionários. E eu fui ver que a docência era algo também que me animava. Eu tinha o ânimo do palco e eu tinha o ânimo da docência, que eram dois ânimos diferentes mas os dois me proporcionavam uma inteireza muito bacana.

Passando os dois anos na música entrei para o estágio, e na cadeira de estágio eu tive um choque de realidade. Porque quando eu saí da faculdade e entrei pra dentro de uma escola formal, e não era uma escola pública não, era uma escola particular. Era uma escola super referendada aqui em Fortaleza. Eu fui estagiar nessa escola, e a escola é toda estruturada, com gente pra me ajudar. Os professores lá todos tinham noção de música, tinha repertório pra me passar, tinha tudo. Então eu estava num ambiente assim maravilhoso pra poder praticar a docência porque eu estava com tudo. Eu estava com estrutura, eu estava com pessoal, eu estava com alunos capacitados, eu estava com pais que acompanhavam esses alunos, então eu estava com o melhor ambiente possível pra poder desenvolver o trabalho lá. Mas não foi o que aconteceu. Eu tive uma dificuldade absurda nesse primeiro momento, porque primeiro eu nunca tive experiência com turma, de dar aula pra turma e eu sempre dei aula particular; e segundoneu nunca dei aula dentro do contexto de educação básica, que é um baque muito grande. Eu sou professor na ONG, então é muito diferente o contexto da ONG para o contexto da educação básica. Então, por exemplo, um negócio desse aqui, que a gente acabou de ver aqui, se tocar eles saem correndo, se você estiver no meio do teu processo, babau, acabou teu processo, e isso é só uma das coisas. Sem falar que os menino nem todos estão aprendendo música porque querem. Nessa escola a música é obrigatória mesmo, não é que nem aqui no município No município a gente vê artes e eu coloco a música por causa da minha formação. Tem muito professor de artes aí que nem arte coloca muito menos música. Lá não a música é obrigatória mesmo. Então a gente vê mesmo ensino formal, partituras, leitura de partituras, flauta e tudo mais. E música lá era matéria, então tinha lá uma matéria de música, uma matéria de desenho, era tudo separado, as artes lá eram separadas e tinham seus professores especialistas. Não foi bom porque os meninos estavam ali e não estavam com aquele apego para aprender música, porque era um sentimento que eu via deles, que pra eles era como se fosse mais outra matéria, outra coisa que estivesse sendo passada. Então tinha muita conversa, eu não sabia controlar a turma, eu queria muito ser aquele professor legal e tudo mais, muito cativo, só que eu não conseguia lidar. Então, dentro desse público eu peguei aluno especial, aluno com dislexia, déficit de atenção, e eu tinha muita dificuldade de trabalhar com esse aluno porque eu não tinha recebido formação nenhuma. Então foi um bolo de dificuldade que eu recebi assim dentro da escola, apesar de ter todo o aparato pra me ajudar, mas eu tive tanta dificuldade, tanta dificuldade que eu desisti da escola no meio do semestre. Eu desisti. Eu não agüentei porque eu estava com muita dificuldade. Eu não conseguia dar aula. Eu não conseguia fazer as coisas. Porque era muita conversa, era menino se batendo. Então eu ficava naquele caos. Pra mim aquilo dali pra mim foi um baque. E eu vi, não! Eu não quero educação básica nunca mais na minha vida. Na época eu comecei a desenvolver a vontade de ser professor universitário. E estava pensando, ah! então eu vou fazer mestrado, eu não vou querer nem saber de pisar na escola, e eu não quero nem saber, eu vou direto pra o mestrado, e vou pra universidade, não quero saber de pisar nessa escola, não quero perder os últimos cabelos da minha cabeça não. E assim fiquei, e de certa forma eu estava tão desgostoso com o contexto da música que eu comecei a estudar pra concurso de banco. Eu estava muito desgostoso mesmo, muito. E eu achava uma puta duma hipocrisia lá dentro da música porque eles romantizavam, falavam de uma forma romântica. Só que a gente que entrou dentro da escola, dar aula pra levar peia, a gente via que não era esses romantismos e achava uma puta duma incoerência, porque tipo assim, na época que eu fiz Estágio 1 nenhum professor tinha pisado na escola pública, nenhum. Só teve um professor, do corpo inteiro docente que tinha pisado ainda na educação básica e foi numa das melhores escolas particulares aqui de Fortaleza. Aí o cara vai querer falar da escola pública do município, que menino pula muro, pula muro com faca, com num sei o que. Aí fala de uma forma romântica e eu já estava de saco cheio.

Então os dois anos seguintes pra mim foram anos assim que eu estava só cumprindo tabela. Eu estava com a cabeça assim, ah! se eu for chamado no banco, se eu passar num concurso do banco eu vou trancar isso aqui. Eu estava meio que totalmente desgostoso porque foi um baque enorme, eu achava uma senhora duma hipocrisia sabe, muito grande. Eu não conseguia ver um salário bom, eu não conseguia ver uma forma de eu trabalhar saudável. E eu sempre pensei assim, poxa professor é aquele profissional que trabalha e dá sua carga horária, mas ele leva trabalho pra casa, ele leva prova pra corrigir em casa, ele planeja aula em casa, quando ele está fora

de casa se ele vê alguma coisa sempre fica pensando como é que ele vai aplicar. Então ele não dá só aquela carga horária. E aí eu me lembrei daquelas palavras daquele professor lá da engenharia das 8 horas, aí eu não, não quero isso pra mim não. Se for de eu estar em uma coisa que eu não gosto prefiro estar em uma coisa que eu não gosto que eu vou dar só minha carga horária, depois bato o ponto e vou pra casa e não quero nem saber. Eu estava com essa cabeça, sabe.

Fiz o concurso do Banco do Brasil e não deu certo, durante esses dois anos que eu estava fazendo a música certo. Fiz o da Caixa Econômica e deu certo, passei, só que até hoje eu nunca fui chamado pra Caixa Econômica, eu passei e nunca fui chamado e nem vão chamar. E o que foi que aconteceu, eu passei esses 2 anos de total desgosto com a faculdade de música e eu reprovei a matéria de estágio, na cadeira de estágio, devido essas coisas desses baques, essas coisas que eu tive. E eu tive que passar mais um ano na faculdade. A faculdade eram quatro anos e eu passei cinco. E no último ano, no quinto ano aconteceu uma série de coisas que me animaram de novo a me formar na música e à prática docente. A primeira é que eu pude conhecer uma professora de estágio e que ela conseguiu introduzir pra gente um outro mundo, uma outra visão de como é que a gente pode estar dentro da escola. E também eu tive a oportunidade de ser bolsista da antiga Casa de Estudos Musicais, que era lá na Casa José de Alencar. Dávamos aula de música e grupo para os alunos das escolas públicas. Era um projeto que tinha. Aí eu comecei a dar aula de teclado nesse projeto e eu comecei a me animar de novo. Inclusive no primeiro dia eu me senti super mal porque eu não tinha planejado nada, eu ia dar aula meio que de qualquer jeito, e eu vi que os meninos estavam tudo afim de aprender e eu me senti muito mal por eu não ter feito uma aula digna da vontade deles. E aí não, eu vou estudar. Vou voltar a planejar as minhas aulas direitinho pra poder fazer um negócio legal.

E aí pronto. Comecei a fazer uns negócios legais lá. Os instrumentos eram separados. E quando eu entrei lá junto com meu colega a gente pegou e colocou todos com os instrumentos pra tocar junto, então aquilo ali me animou de novo pra prática docente. Foi me animando muito.

Aí eu tive a sorte de um instituto que trabalha com música erudita e é uma ONG também, entrar lá na Casa de Estudos Musicais como mais um núcleo do instituto. E estava coincidindo com o meu último ano e eu tive essa sorte de quando eu estava me formando o instituto me contratar pra trabalhar como professor de lá, e eu estou lá até hoje. E eu tive a sorte de ser contratado, de ter um emprego antes de colar grau. Que é uma coisa que não é pra todo mundo. Eu tive uma mistura de sorte com destino, com tanta coisa que entrou que estou até hoje nesse instituto de música de Fortaleza.

Aí fiquei em 2015 nesse instituto. Só trabalhando exclusivamente lá como professor de piano e de teclado. Em 2015 surgiu esse concurso para o município. Aí apareceu e todo mundo comentando cara vamos fazer. Eu disse não por causa das experiências que eu tive no estágio e tudo mais. Eu não vou fazer porque o salário é ruim, porque eu não tenho condição de trabalhar, eu não tenho condição de dar aula de música. Eu vou perder a minha voz. Eu vou perder os meus cabelos. Não vai dar certo. E aí duas coisas me fizeram fazer esse concurso do município. Uma foi um amigo meu que chegou e disse assim, cara aqui o instituto é mantido por uma entidade privada, você pode ter certeza que a crise está chegando, no momento que a crise bater nas empresas desses homens, a primeira coisa que eles vão cortar é a gente cara. Cara, pelo amor de Deus faça esse concurso! Se eu fosse formado eu ia fazer e não estava nem aí. Faça por mim cara, porque eu não sou formado, ainda estou terminando, faça por mim velho porque você estará fazendo uma grande besteira se você não fizer. Foi essa a conversa. E a outra história também que me chamou muito a atenção foi o Profartes. Eu olhei assim e poxa eu vou poder fazer o Profartes, vou poder fazer o mestrado trabalhando.

Eu fiz, passei e estou aqui. E o Profartes não apareceu. Por ironia o Profartes não apareceu porque foram cortados os incentivos com esse novo governo que está aí. Eles fizeram questão de cortar.

A minha experiência com o município. Em 2016, no primeiro semestre eu pensava em pedir exoneração toda semana. Porque foi exatamente meio que um baque. Foi um segundo baque, mas não foi com relação à prática docente, porque eu sabia que tinha canto pra ensinar que valia à pena. Em que todas aquelas coisas que eu tinha lido sobre Paulo Freire, sobre os educadores musicais, todos aqueles ideais meio que se aplicavam no instituto onde eu trabalhava, mas aqui no município eu não conseguia ver nada disso. O que eu via era só o caos, só caos, só caos. Então toda semana eu pensava em pedir exoneração. Toda semana eu pensava. Eu passei o primeiro semestre inteiro, todinho, pensando seriamente em pedir exoneração. E foi mesmo muita paciência que eu tive e a sorte que no segundo semestre as coisas começaram a melhorar. Eu pude vir para outras escolas e comecei a ter mais experiência e tudo mais, e a entender como é que se trabalha na prefeitura. E eu aprendi que dentro da prefeitura, às vezes você tem que fazer umas coisas que a gente nunca iria fazer na vida. Mas para poder a coisa acontecer eu precisei fazer. Então, por exemplo, o *habitus* de no primeiro momento, quando eu conheço a turma, eu obrigar mesmo que todas as cadeiras estejam organizadas, enfileiradas, um atrás do outro. Isso é só um momento mesmo pra eu poder conseguir fazer que a turma entre num nível de centralidade. Mas a partir do nível que eu estou vendo que a turma vai crescendo na maturidade eu vou soltando, a roda começa a acontecer. Mas no primeiro momento. Lá na faculdade eu nunca pensei que eu iria obrigar os meus alunos a ficarem uns atrás dos outros como eu faço aqui no município, em que eu preciso fazer às vezes. Mas só que eu criei esse modelo e as coisas começaram a dar certo, os resultados artísticos começaram a dar certo e aí eu vou dando a liberdade

para o grupo. Tanto é que eu chego a comentar com os meus alunos, olha o meu sonho é eu poder ter tanta confiança em vocês, que vocês podem estar sentados no chão, deitados no chão ou de cabeça pra baixo e eu ter total confiança de que vocês estão produzindo. Se eu tiver essa confiança, vocês podem ter certeza que eu não vou obrigar mais vocês a ficar um atrás do outro, eu não vou obrigar mais a sala estar toda limpa e organizada, porque vocês já vão fazer por vocês mesmos. São essas coisas que eu fui aprendendo dentro do município. Às vezes você tem que ser mais grosso, mais rígido, e porque isso faz parte de um papel de educador. Se a gente for lembrar, pra maioria das pessoas, os maiores educadores são os pais. E pra quem conhece, sabe que os pais em alguns momentos tiveram que ser enfáticos, tiveram que ser grossos, tiveram que dar uma dura mesmo. Eu não queria ser assim, só que eu via que era necessário ser assim em muitos momentos. Então foram essas coisas que eu fui aprendendo com o município, no meu trabalho. E o resultado artístico tem dado cada vez mais certo.

Eu vou comparando as coisas que estão acontecendo comigo aqui nesse começo de ano com o começo do ano passado. Ave Maria! Eu estou no céu. Nesse ano em comparação com o ano passado eu estou no céu.

Enfim, a minha prática docente está nesse sentido e aí você pode até me perguntar. Poxa mais você não falou em nenhum momento da sua prática de músico, como músico durante meu período de universitário. Pronto! É porque é muita coisa. Mas eu posso falar do meu período e do que eu fiz como músico.

Quando eu entrei na universidade eu comecei a trabalhar profissionalmente como músico também. Eu comecei a trabalhar dentro de uma banda, a gente em algumas casas aqui em Fortaleza, nos bares daqui. A gente começou a tocar, tocava muito *rock*, tocava muito *flashback*. Eu comecei a fazer esses trabalhos e tudo mais, fui ganhando um dinheirinho ali acolá. Nesses primeiros momentos era minha única fonte de renda, eu não tinha bolsa na universidade, não tinha nada. Era minha única fonte de renda. Aí eu fui ganhando bolsa, fui ganhando uma renda, meu cachê foi melhorando, comecei a ficar mais conhecido. Eu comecei a tocar sanfona com 22 anos de idade. O contato que eu tive com a sanfona mesmo foi dentro da universidade, não é porque tinha professor não, é porque lá tinha uma sanfona que estava encostada e eu pegava na sanfona. Tinha um professor lá que chegava e dizia assim, tu fica aí inventando de querer tocar esse instrumento aí que é maior do que tu. Eu não estava nem aí, eu queria saber era de tocar. Não estava nem aí.

Eu comecei a tocar sanfona com 22 anos de idade, só que eu me apaixonei. Eu me apaixonei demais pelo instrumento. Me apaixonei e comprei o meu instrumento. Comecei a treinar. Comecei a pegar mais festas. Eu tocava sertanejo, tocava uns “safadões” da vida, tocava essas coisas e comecei a ter uma renda, passei a ser mais requisitado dentro da música. Mas o que acontecia, naquele último ano em que a docência se aflorou de volta pra mim, a prática musical começou a se atrofiar pra mim porque eu não estava mais me sentindo artista. Eu estava me sentindo mais uma caixa de som ligada, porque eu chegava, ia fazer meu trabalho, eu ia tocar e as pessoas não estavam nem aí se eu estava tocando, só queriam saber se elas iriam beber e se iriam pegar alguém. Só estavam preocupadas com isso. Então eu não me sentia bem com isso, não era uma música que me representava, eu não tocava em ambientes que me representavam, eram ambientes que se eu não estivesse lá para tocar eu nunca iria pisar lá. Então essas coisas foram começando a me desanimar em meu trabalho como músico profissional. Então eu comecei mesmo a me desanimar muito mesmo de tocar essas músicas, de tocar essas coisas, de tocar nesses ambientes. Teve muitos momentos em que eu fui enrolado, principalmente na época do carnaval, do cara me enrolar, de não me pagar direito. Aí fui juntando esse bolo de coisas e fui começando a me desestimular a ser só músico. Que também foi uma possibilidade que eu pensei quando eu estava em crise docente. Poxa! Eu poderia ser só músico e deixar a docência pra lá. Mas só que eu via que não dava, que não tinha condição porque era um mercado mesmo que a estabilidade é zero, é totalmente sazonal e não iria me satisfazer do ponto de vista pessoal. Aquele velho pensamento que eu tinha. Poxa, eu saí de um curso de engenharia, um curso que em tese iria me dar uma renda, um dinheiro bom, uma coisa, pra poder continuar fazendo uma coisa que eu não gosto e ainda passar necessidade. Não, não dá certo. Então eu comecei a me desestimular.

Quando eu fui contratado eu comecei a diminuir a frequência que eu tocava. Em 2015 eu toquei bastante. Em 2016 eu toquei também um pouco pra complementar a renda. Só que esse ano eu consegui um aumento salarial no instituto e aí eu vi que dava pra eu pagar as minhas contas. Então hoje eu quase não estou tocando mais. Esses ambientes de tocar safadões, sertanejo da vida e tal, eu não estou mais pegando é nada. O povo me liga e eu digo não cara já estou tocando. Eu invento mesmo porque realmente eu fiquei muito desestimulado. Porque eu saí da engenharia pra ser artista e não saí pra poder ser uma caixa de som no meio de um bar ou de uma casa. E eu também comecei a pensar no sentido mesmo espiritual. Eu não acredito muito em dom musical sabe, mas eu acredito em missão. Se a gente têm tendências, se a gente tem uma habilidade, se a gente tem vivência, se Deus me colocou no contexto em que pude vivenciar a música de uma forma tão forte. Eu tenho certeza que ele não me colocou pra vivenciar, pra me colocar pra uma pessoa ficar bebendo e fazendo coisas que não engrandecem o ser humano. Eu comecei a pensar nisso aí também. No fator missão, comecei a ver que a minha missão com a música não é essa, eu estava longe da minha missão.

Então hoje eu tenho essa prática docente. Eu sou muito feliz. Eu estou muito bem no município. Eu estou em uma situação em que eu vivencio coisas de uma felicidade plena, felicidade profissional mesmo, e estou muito

feliz também lá no instituto. Eu possa trabalhar a música. Então eu não deixei de ser professor de música apesar de estar trabalhando artes no município. Não deixei. Eu estou muito feliz mesmo de estar com essa prática. No município como é que eu trabalho. Eu trabalho música, mas não trabalho só música. Porque penso eu como professor de arte, que eu vou ser um dos poucos momentos, uma das poucas ocasiões que os alunos vão ter contato com a arte, e da mesma forma que eu fui privado da música no ensino formal na escola, e até hoje eu me revolto com a escola por isso, eu não queria privar os meus alunos das outras manifestações artísticas pelo fato de eu ser professor de música. Eu não acho justo isso. Eu não acho justo com eles. Porque têm alunos que querem trabalhar outras artes, têm alunos que querem dançar, tem aluno que quer desenhar, tem aluno meu que quer escrever poesia, tem aluno meu que quer fazer arte plástica. Então eu tenho que abraçar essas pessoas também. Mas elas têm que vivenciar a música também, mas eu tenho que abraçar. Então a gente já trabalha dentro da turma todas as manifestações artísticas, sempre tem os momentos de trabalho com cada manifestação. Eu pego um tema e abordo essa temática de pluri-manifestação artística. Por exemplo, na quadrilha, num evento só eu abordo a dança, eu abordo a música com quem quiser cantar, tocar, eu abordo artes plásticas porque os meninos ajudam na decoração das bandeiras, eles fazem também o indumentário das roupas, eles fazem a maquiagem, então isso é uma forma de arte. Eu abordo também o trabalho em grupo, porque no trabalho em grupo ele tem que se comunicar, ele tem que fazer uma aprendizagem colaborativa, um trabalho colaborativo. Eu trabalho também a arte textual. Eu trabalho um pouco de cordel, eu trabalho fanzine numa temática só. Então dentro de uma temática só eu já trabalho um bolo de manifestação artística que quem quiser se adequa. E também tem momentos que eu coloco só música, coloco só teatro. Aula passada mesmo, como estava chegando no carnaval, eu fui falar de maracatu cearense para os meninos, falei da história do maracatu e tudo mais e fiz uma vivência, muito básica em que todo mundo pode tocar o ritmo do maracatu solene. Eu peguei a palavra maracatu e dividi as sílabas, e com a palavra maracatu eu fiz o ritmo da Alfaia do maracatu solene, ma ra ca tu. Aí os meninos foram fazendo, eu trouxe o ferro do maracatu e todos aprenderam. Assim rápido, 10 minutos eles aprenderam, porque quando eles estão a fim de fazer eles fazem mesmo, rapidão. E aí tum tum tum tum teim, isso na escola todinha. A minha sorte é que tanto aqui quanto na outra escola que eu trabalho, consegui trabalhar isso normal, nenhum professor pediu pra eu parar, nenhum coordenador. E foi massa, os meninos terminam a aula esbravejando, num sei o que, todos felizes com o estímulo pelo triunfo dos outros. Que Swanwick fala muito no benefício da aprendizagem do grupo, estímulo pelo triunfo do grupo. Então quando tem o triunfo do grupo os meninos ficam. Então a gente vai trabalhando essas coisas, e essas coisas me deixam feliz, sabe. E eu estou muito feliz não só como professor, mas como músico. Porque hoje eu toco onde quiser, com quem quiser, no projeto que eu quiser. Com coisas que realmente me representam e que eu me sinta representado. Pretendo sim fazer mestrado.

Agora o meu novo desafio é tentar conciliar o meu mestrado com a minha carga horária que eu não vou ter que reduzir. São 44 horas semanais, só Deus sabe como é que eu vou fazer isso. Mas eu vou ver, vamos ver. E se Deus quiser um dia ser professor universitário pra poder trazer a minha vivência e dar uma visão real da prática pra dentro da universidade, já que eu vou estar num contexto formando pessoas para estarem aqui. E trazer a realidade e a minha experiência. Foi essa função que eu senti que eu vou ter dentro da universidade. Era essa conversa que eu tive com meu pai na época que eu estava em crise aqui no município. Ele falou assim, quantos professores têm passado pela escola pública, falei toda aquela história lá. Pois é sua missão na universidade vai ser essa, vai ser dar uma formação para os meninos, mas já com base em vivência. Você vai ter os teóricos, mas você vai ter a vivência pra poder compartilhar com eles, e isso vai ser fundamental pra eles. Pense nisso rapaz. Dê uma segurada aí nesse negócio. Sei que o negócio está ruim, está difícil, eu imagino. Eu mesmo não conseguiria. Meu pai é professor universitário. Eu não conseguiria estar nesse contexto. Eu ficaria doido. Pois é, mas segure um pouco a barra, segure aí que vai dar certo.

Então são nessas coisas que eu fico me baseando e que realmente eu fico muito feliz com o meu trabalho, com as coisas que eu faço. E tenho meus planos aí e sempre que eu posso contribuir com a academia, de dar entrevistas, de minhas vivências ou poder falar alguma coisa sobre a minha prática aqui, eu fico muito feliz porque a academia precisa é disso mesmo. A academia precisa é estar mais dentro do campo, o campo e a academia têm que estar fundidos mesmo juntos. Em fusão, principalmente quando se fala em licenciatura. Não tem como a gente separar a teoria da prática não. Na educação não tem, não tem mesmo. Tanto é que eu faço questão mesmo de dar entrevista e de poder contribuir com o que puder acrescentar pra academia.

Primeira dificuldade que todas as escolas do município têm é o professor ter que dividir o ensino da música com as outras artes. Essa é a primeira dificuldade que o professor tem em qualquer escola de educação básica com poucas exceções e das escolas que têm a música como matéria obrigatória mesmo.

A segunda: tempo. Se a gente pegar e trabalhar, vamos supor num contexto, se eu tivesse só aula de música. Se eu tivesse 50 minutos por semana pra trabalhar com 30, 40 alunos, já estaria longe do ideal. Só que já não tem isso. Eu só tenho 50 minutos para trabalhar todas as artes uma vez por semana. Então já começa por aí.

Uma terceira situação que dificulta muito é a falta de espaço adequado, de material adequado. Em nenhuma escola que eu trabalhei eu tive material de música pra todo mundo. Quando tem instrumento musical, quando tem alguma coisa é um, é dois, é três, não dá pra trabalhar todo mundo. Inclusive eu estava até doido pra que

tivesse dado certo um negócio que eu tinha visto na prefeitura, um anúncio deles dizendo que estavam com instrumentos de corda, violino e estava com percussão. E eu pedi os de percussão. Só que a percussão que tinha lá era percussão orquestral. Eles estavam querendo montar uma orquestra. Eu fiquei chateado porque primeiro, tudo bem, é instrumento e tal. Mas cara, orquestra é uma coisa tão longe da nossa realidade, podendo colocar, por exemplo, uma percussão que tenha um retorno muito mais rápido. Os meninos nesse negócio do maracatu em 10 minutos eles aprenderam o ritmo solene, que é uma coisa nossa, um ritmo nosso, coisa nossa. E os instrumentos são mais baratos, têm uma manutenção muito mais barata do que os instrumentos de orquestra. Muito mais barato mesmo e poxa a prefeitura está mandando instrumento de orquestra. Tudo bem é melhor instrumento de orquestra que instrumento nenhum. Mas porque, pouquíssimas pessoas têm formação pra dar aula. Eu não tenho vivência quase nenhuma com instrumentos de cordas friccionadas. Eu fiquei tão chateado porque eu sou doido para montar um grupo de percussão dentro da escola e trabalhar maracatu, trabalhar baião, trabalhar coco e outros ritmos, até mesmo banda marcial, com marcha, percussão pra dar marcha e essas coisas também. Mas falta, falta equipamento que é outra coisa também. Falta isso aí também.

E acoplado com a dificuldade de ensinar música tem as outras dificuldades de se aprender outras matérias. Posso elencar aqui a falta de assistência psicossocial dentro das escolas. Pra mim é o principal problema que existe nas escolas hoje. Depois que eu entrei dentro da escola pública como professor, eu cheguei a essa conclusão, que a situação emergencial que precisa melhorar a educação de uma forma geral no país nas escolas não é o salário do professor, não é a estrutura, o professor pode estar ganhando 15 mil reais com uma escola maravilhosa e com um computador por aluno, mas o que adianta se o pai não vai ver se ele está bem. Não adianta de nada ter um computador, o professor estar ganhando 20 mil reais se o pai do aluno não está nem aí para o aluno. Fim.

voz lá junto com meus amigos, era um grupo na segunda voz e um grupo na primeira voz. Cantávamos a primeira vez dizendo a letra da música e a segunda vez as notas musicais e aí tinha um contraponto da segunda voz. Eu não me lembro se eu cantei afinado, eu acho que foi afinado, eu sei que foi muito legal. Eu lembro da minha mãe e do meu padrasto assistindo, os outros pais assistindo. Teve uma apresentação, eu me lembro que foi bem legal essa apresentação, isso foi uma experiência muito significativa pra mim, eu me lembro até hoje desse ponto, foi uma das experiências mais legais que tive quando eu morei com a minha mãe. Isso ficou, marcou minha história. Eu já gostava de cantar um pouco, tinha cantado um pouco na igreja, tem missa e geralmente o pessoal canta em algumas missas, eu também tinha participado disso lá, tinha achado superdivertido um padre novo que tinha vindo. Essas vivências que foram me influenciando a gostar de cantar, minha mãe já tinha cantado, cantou em coral na adolescência dela.

E no ensino médio eu comecei a fazer banda, tocava guitarra porque eu não tinha coragem de cantar. Todo o processo de adolescência fez eu não ter mais coragem de cantar, de não me sentir confortável. Apesar de lá dentro eu não querer ser guitarrista eu queria mesmo é ser cantor. Mas eu era guitarrista, o meu amigo era guitarrista a mais tempo do que eu, ele tocava guitarra solo e eu tocava guitarra base, fazia o acompanhamento. A gente formou a banda inteira, tinha um baixo, tinha bateria e a galera muito boa até a banda que a gente formou, mas não tinha ninguém pra cantar, nós arranjávamos um pessoal pra cantar, vinha umas meninas pra cantar, mas não queriam cantar rock e só queriam tocar MPB. Eu falei então, esse pessoal é muito fresco, vai eu canto! Não tem ninguém pra cantar mesmo! Na verdade eu queria cantar desde o princípio. Eu comecei a cantar, cantava na banda, curtindo mesmo, fazendo um som, cantava pessimamente, não tinha nenhum conhecimento técnico, minha voz não entendia nada, não funcionava.

Mas eu conheci um amigo no ensino médio que não era da banda, ele era um amigo que tocava violino. E ele aprendia na igreja dele, em uma igreja evangélica. E ele me falou: se tu quiser fazer música tem outros empregos que tu pode ter, tu não vai ser só músico, tu pode ser regente, tu pode fazer trilha de cinema, pode ser professor, e isso ficou na minha cabeça como outras possibilidades. E eu fui aprofundando em cantar e tocar na banda, e eu era sempre muito exigente porque eu gostava de fazer algo legal. Tem muita gente de banda de escola que faz a música meio assim: ah! É só Ré não é Ré com sétima não! Eu dizia: não cara, tem a sétima, tem que ter isso aqui, é assim que é, vamos fazer assim! E eu fui começando a gostar mais disso e me dedicar a aprender mais sobre a música. Lá na escola, acho que toda escola faz isso hoje em dia, coloca as notas pra você entrar em tais cursos, coloca a concorrência. Eu fiz o primeiro ENEM que valia pra ingressar na UFC, antes dele era vestibular, tanto que foi uma transição, o que me desmotivou mais ainda em aprender certas matérias na escola, porque a estrutura do currículo estava toda baseada pra preparar você pra fazer o vestibular da UFC, aquele vestibular que tem que decorar fórmula, que tem que saber todos aqueles esquemas daquela forminha que era o vestibular antigo. E aí vem o ENEM e mudou tudo, e os professores não estavam prontos ainda pra isso, os professores de física, de matemática, a maioria deles continuavam a ensinar o vestibular da UFC. Eu queria entrar na UFC e realmente não estava nem aí pra algumas disciplinas. Eu vi lá a concorrência e pra música não era tão alta, porque realmente ninguém se interessava na UFC, que eu vi educação musical que no caso o nome era esse, que é o nome original do curso. Puxa não deve ser tão difícil de eu conseguir entrar, talvez eu consiga entrar, já que eu não tinha saco pra estudar pra vestibular.

Eu fui ver também o curso da UECE, como é que seria se eu fosse pra UECE. E o da UECE tinha um teste de habilidades específicas e eu não tinha conhecimentos suficientes. Eu fui lá no site pra ver se eles tinham os testes passados, e eu vi o teste de habilidades específicas do ano anterior. Tinha que olhar a partitura e harmonizar, e dizer se a harmonia estava certa, tinha que ouvir uma música e dizer quais instrumentos estavam sendo tocados, qual era o estilo da música, tipo assim: tocava uma música clássica da época do Mozart, eu tinha que identificar que ia ter trompete, que ia ter um clarinete, que tinha um oboé, que isso são características da música clássica e eu tinha que descrever tudo isso, eu não sabia nada disso, nunca tinha estudado música formalmente mesmo, sabia tocar violão mais ou menos, guitarra também, cantava do jeito que dava, mas partitura. Ah! Tinha uma parte que também você tinha que ouvir o ritmo e escrever a partitura do ritmo, não tem condição. Vou me inscrever. Vou fazer a prova, mas acho que não vou passar não. Mas me inscrevi pra música, e quando você escolhe música na UECE, você tem a opção de fazer uma segunda opção, se você não passar no teste de habilidades, e eu coloquei Filosofia que era algo que me interessava também.

No dia da prova de habilidades específicas a minha mãe estava aqui no Brasil, porque ela mora na Itália, ela estava aqui me visitando, passou um mês aqui e a gente estava num sítio aqui perto de Fortaleza, não sei exatamente onde, e no dia da prova ou eu ficava no sítio ou voltava pra Fortaleza pra fazer essa prova. Eu falei, não vou fazer, nem passar nessa prova, e fiquei aqui de boa mesmo, e aí fiquei, nem fui fazer o teste de habilidades, eu nem ia passar, pra mim não tinha condição, eu iria fazer se estivesse em Fortaleza, mas como eu estava com a minha mãe fiquei de boa.

Dentro de tudo isso além dessa conversa que eu tive com meu amigo de me dizer que tem essas possibilidades de carreira, eu vi que em 2011 vai ser obrigatório ter professor de música em todas as escolas, então se eu me formar em música. É um curso que ninguém quer fazer porque ninguém tem coragem, eu vou me formar, vou ser um dos poucos formados, vou ter um mercado enorme de trabalho pra mim, tudo bem que não ganha milhões,

mas ganha, vou ter um emprego, que eu não vou ganhar um salário mínimo por 40 horas de trabalho, vou estar ganhando pelo menos 2 salários mínimos, um bom começo, e falei vou fazer isso aqui. Fui ler como era o da UFC, já que eu vi que o da UECE era meio difícil de entrar. Eu fui na UFC e vi o da UFC, e era tudo o que eu queria, li o projeto político pedagógico também. Fui mesmo pesquisar o que era mesmo, e vi que era focado em voz, na época era muito focado em voz. O curso ainda não tinha esses instrumentos de orquestra que tem agora, ele era muito focado em voz, a formação do canto coral, o professor que vai trabalhar o canto coral na escola. Isso aqui é o que eu quero fazer, vamos nessa, vou fazer esse aqui mesmo.

Fiz o ENEM, tirei uma nota boa, mas a minha redação foi o que me desceu, porque eu não era muito bom em escrever. Acho que teve um pouco da influência de eu ter feito muitos translados entre o Brasil e Itália, e o meu português não era muito bom, eu errava em besteira, eu meio que pulei uma série, teve uma série nessa ida e volta pra Itália que eu fui e voltei umas três vezes que eu perdi, eu não sabia colocar a vírgula nos lugares certos, eu não sabia alguns acentos, eu não sabia colocar, e o meu pensamento em si era um pouco caótico, eu não tinha um raciocínio como a gente precisa ter pra escrever um artigo, pra escrever uma monografia, um pensamento que começa, tem um meio, tem um fim, essa aqui é a minha ideia e está aqui meu argumento. Eu não conseguia fazer isso, eu começava um argumento e tinha um sub-tópico e eu ia embora nesse sub-tópico. Na minha prova do ENEM a minha nota ficou tipo 750, 780 o que é consideravelmente bom, mas a minha redação foi tipo 570, minha média ficou tipo 620, 630. E eu não passei na primeira chamada pra música. Fiquei puto, mas pensei: se fizer de novo vai dar certo!

Nesse meio tempo que eu tinha acabado o ensino Médio. Falei com meu pai agora que você não paga mais escola particular – eu estudava no Zenith – pai paga pra mim um curso de música! Pra eu começar a estudar, eu quero estudar música! Fomos ver no conservatório Alberto Nepomuceno, tinha o curso Fórmula, que eram R\$ 100 reais por mês, na época. A minha escola era R\$230 que meu pai pagava com a bolsa parcial. Ele disse beleza eu pago. Fiz três meses, ou foram dois meses de curso Fórmula. Melhorei bastante meu conhecimento em técnica vocal, não exacerbadamente, mas comecei a entender um pouco melhor como funcionava o canto. E cantei no coral pela primeira vez, que eu fiquei meu Deus, que incrível, num coral polifônico, e como adulto, quase adulto, cantamos um arranjo daquela música: “quem sabe isso quer dizer amor, estrada de fazer um sonho acontecer...” do Milton Nascimento, um arranjo pra 3 vozes, vozes masculinas, contralto e soprano, acho que era isso. Eu fiquei ouvindo aquelas vozes, perguntas e respostas, eu chorei a primeira vez que eu ouvi, fiquei emocionado, porque achei realmente uma coisa belíssima o coral, eu nunca tinha percebido ou tido conexão com isso e quando eu vi percebi que era realmente isso que eu queria fazer.

Com um pouco de sorte no SISU teve primeira chamada, segunda chamada, terceira chamada e lista de espera, acompanhei todo esse processo, não passei na primeira, na segunda e na terceira, mas na lista de espera sobraram quatro vagas e eu fiquei tipo na 2ª posição das quatro vagas, ou seja na 30ª, 37ª, 38ª posição. Entrei, que bom passei. E entrei no curso acho que na 3ª semana, 4ª semana. O curso já estava rolando porque a lista de espera vem bem depois, foi até meio chato porque eu perdi as explicações que tem no começo, que eu só fui ver na semana de recepção do ano seguinte. Porque tem a recepção que os professores falam o que é o curso, eu perdi tudo isso.

Saí do conservatório, tinha passado no curso. Então, ia ter o meu conhecimento, era suficiente na universidade, já havia umas coisas que eu não estava gostando muito no conservatório. Fui pra UFC, só na UFC mesmo pra fazer. Me dediquei ao curso. Finalmente eu vou estudar o que eu quero estudar, eu tinha a impressão que até o ensino médio só estudava um bocado de conteúdo que era obrigado a estudar pra fazer vestibular, eu odiava muito estudar para o vestibular, eu achava uma perda de tempo enorme. Mas cheguei na UFC, e agora vou estudar o que eu quero. Eu comecei a ver como é que funcionava a universidade e vi que tinha além da possibilidade de ser professor de ensino básico a possibilidade de ser professor do ensino superior. Que a remuneração era melhor, as condições de trabalho eram melhores. E me interessei por seguir essa carreira acadêmica. O meu plano quando eu entrei na faculdade, era o plano de 10 anos que o Professor Botelho fala na primeira semana de aula no curso de música da UFC. “Vocês entram aqui, fazem a graduação, mestrado e doutorado”. E eu fiquei sabendo disso no segundo ano, dessa conversa inteira. Essa vontade de fazer o ensino superior anteriormente eu vi porque na época que fui ver o currículo do curso de música eu acabei vendo o lattes dos professores que estava elencado lá, do corpo docente, eu vi o lattes de todo mundo e vi quem era doutor, mestre, e disse, ah! É isso! Vi que tinha esse caminho. Então o plano era esse, me formar, ir direto pro mestrado e entrar no ensino superior como professor. A ideia era essa.

Os quatro anos de curso foi dedicação totalmente ao curso. Era o curso, o coral da UFC que logo no primeiro ano eu fiquei sabendo que existia, como é que funcionava. Não conhecia muito, eu conheci depois que eu entrei no curso. Cantei nas disciplinas de coral com uma qualidade melhor, porque era todo mundo estudante de música mesmo e vi como era legal o coral. Fui assistir o “Borandá Brasil” temporada de 2011, no fim de 2011, eu me lembro que eu estava no Solfejo 2 era a disciplina de ler e escrever partitura, o Professor Erwin era nosso professor e era regente do coral, e eu estava sempre querendo mostrar, estou estudando! Fui pra apresentação do coral da UFC e foi um outro nível de maravilhamento, cada vez que tinha contato com os níveis maiores do coral eu ficava mais maravilhado com o coral. Quando vi o Borandá Brasil eu falei, preciso participar também, e em

2012 teve seleção para o coral da UFC e entrei pra o coral. Particpei do Ciclo do Menino do espetáculo Milton Nascimento. Engraçado meu primeiro contato de coral foi com Milton Nascimento e minha experiência mais profunda ainda com coral polifônico foi com Milton Nascimento. Coincidência!

Nessa época eu fazia basicamente só isso da vida. Graduação de manhã, eu era bolsista à tarde. A princípio eu fui bolsista do PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, não sei como está hoje em dia, estavam cortando bolsa. Mas foi a primeira bolsa que eu peguei, que foi na Escola Municipal Santos Dumont no Bom Jardim. Trabalhávamos em cooperação com bolsistas da Pedagogia e a ideia era que observássemos algumas aulas e aplicássemos atividades com a pedagoga em sala, tanto a bolsista quanto a professora. Eu acompanhava turma do 5º ano na época, eu tive bastante dificuldade de ver isso, mas foi o meu primeiro contato com o ensino público e continuava não me vendo como professor do ensino básico. Via e ficava meio, nossa isso aqui é pesado! Isso aqui não dá não!

Continuando no curso, chegou então a disciplina de estágio. Eu vim de fato a ter uma experiência mais longa dentro do ensino público. Porque eu fiquei só seis meses no PIBID, e passei pro PET que era mais o que eu queria, porque o PET são os bolsistas que estudam mais pesquisas pra irem pro mestrado em seguida, e era essa a minha ideia. De manhã eu estava no curso, de tarde eu estava no PET e de noite estava no coral. Então tinha dias que eu saía de casa às sete da manhã e chegava em casa às dez da noite. No começo eu ficava exausto, meu deus eu preciso descansar! E passaram uns três meses nessa e o Erwin falou nos ensaios, tipo eu estou cansado, mas eu estou feliz porque eu estou fazendo o que eu quero, ou então foi algo do tipo: vocês não podem ficar reclamando se vocês escolhem aquilo que vocês querem fazer. Foi algo nessa ideia. Eu falei: é mesmo! Eu estou aqui reclamando, mas é isso que eu quero. E isso aí! E passei a não ficar mais cansado. Cansado fisicamente, mas feliz, e é isso aí que eu quero.

Foi um processo de dedicação muito grande durante o curso e eu sinto falta até hoje em dia. E foram esses quatro anos dentro do curso, fazendo, e a meta era sempre tirar 10 nas disciplinas, e eu só queria tirar 10, 10. Não conseguia. Depois que eu passei do solfejo, que foi o maior sofrimento, eu consegui manter esse padrão mais alto, mas o solfejo foi realmente muito sofrido só passava com 7, 7, 7 e 7, mas consegui, o meu maior medo era eu reprovar, porque se eu reprovasse eu perdia a bolsa.

Eu me formei, mas no 5º semestre do curso apareceu concurso pra ser professor do estado em 2013. Eu falei, cara, vou fazer! Sei lá, experiência, eu aprendo aqui, vou ter que fazer vários concursos mesmo depois que eu me formar. Cento e vinte reais dá pra pagar aqui, eu dou um jeito. Fui lá, paguei o concurso e fui fazer o concurso. Li bem o edital e vi que tinha uns negócios meio capciosos na prova: se você marcasse uma errada você perdia uma certa. Ôpa! Então quando eu não souber eu deixo em branco. Fui fazer a prova, fiz, passei na primeira fase no limite, sem estudar nem nada, só com o conhecimento que eu tinha mesmo. Beleza, passei na primeira fase. Borá lá. Segunda fase tinha que dar uma aula e veio o tema “Hélio Oiticica e os Parangolés”. Vixe! O que é isso. Nunca ouvi falar na minha vida. Fui pesquisar e ler. Ainda preparei uma aula. E dei a aula. E a aula não foi a melhor aula possível, mas foi bom, porque se a minha aula fosse boa eu teria sido chamado antes e não poderia ter assumido o concurso porque eu não era graduado. Então o mínimo para poder passar na segunda fase era 12,5 e eu tirei quase 15 e eu fiquei nos classificáveis, fiquei lá embaixo na classificação, mas não fui chamado, também não podia assumir, ok. É isso aí, fui aprovado no concurso. Eu me formei e me convocaram, me formei e quatro, cinco meses depois eu estava trabalhando já.

Teve um problema que falaram pra mim, você tem que se lotar no interior, porque não tem vaga na capital não. Tinha, só que tinha professor de Português dando aula de Artes. Da mesma forma que eu quando era adolescente odiava o currículo do ensino médio, como agora adulto e professor de artes eu odeio essa de colocarem qualquer pessoa para dar aula de artes. É um problema que talvez entre nesse assunto que você falou da reinserção da música na escola. Essa história de que colocam, ah! Complementação de carga horária, toma artes aí pra ti. Têm professores aqui de história que disseram que já lecionaram artes, professores de matemática que já lecionaram artes. Devido a isso, eu entrando no meio do ano letivo, ou seja, nenhum diretor iria fazer a loucura de deixar uma carência tendo um professor que falta carga horária, também eu entendo a posição do diretor que coloca o cara porque não tem ninguém e vai. Mas o estado também não teve o bom senso de pensar estamos colocando professores de artes aqui, quem é que está dando aula de artes que não é professor de artes, pra esses professores poderem assumir. E falaram assim: ou tu vai para o interior ou tu desiste do concurso. Só tem vaga no interior, não tem vaga aqui em canto nenhum não. Colocaram uma série de cidades do interior do Ceará com vagas. Beleza! Estou desempregado e acabei de me formar e é isso que eu quero, o ano que vem peço transferência pra Fortaleza, devo conseguir.

E me lotei em Canindé, a cidade mais próxima que tinha era Canindé. Eu tinha que optar por 200 ou por 100 horas, optei por 100 horas justamente porque eu não queria me mudar pra Canindé. Durante esse período eu trabalhei de terça a quinta em Canindé, eu ia terça pagando tudo, pagando passagem, pagando hospedagem, pagando comida, do meu salário mesmo pra dar aula. E foi uma experiência bem louca, uma romaria quase pra São Francisco, porque lá é a cidade de São Francisco. Eu trabalhei esse um ano de maio a dezembro e foi muito maluco, entrei no meio do ano letivo e tinham professores substitutos, temporários dando aulas de artes e eu assumi essas carências. E foi muito maluco. Era muito difícil a relação com os alunos. Eu não conseguia ensinar

música e tive muita dificuldade de ensinar música. Acho que me faltava um pouco de método às vezes pra aplicar, e um pouco de autoconfiança. Eu não sabia mostrar pra elas como o mundo da música e do canto pode ser legal. Porque os preconceitos que alguns alunos tinham era muito de ridicularizar algumas coisas da prática da música. É aquela de que eu tenho vergonha de fazer algo, então ao invés de eu assumir minha vergonha e tentar, não, eu ridicularizo pra eu não me sentir envergonhado, é o que os alunos fazem. Só que eu não entendia isso e aí eu ficava puto, ah! esse bando de alunos desinteressados. Vou começar a dar aula aqui na lousa mesmo aqui, normal e pronto, e foi o que eu tive que fazer, porque eu estava ficando louco, tentando dar aula e a galera não estava nem aí ou não prestava atenção, nem me ouviam. Eu estava ficando rouco, às vezes a minha voz. Eu percebi que não valia a pena e passei a usar estudos mais teóricos da arte, tinha um livro o “Arte por toda parte”, e eu passava questões que fossem sobre os temas dos capítulos do livro, a gestão pedia que eu fizesse isso, diziam: ah! Mas você tem que dizer as páginas do planejamento que vão ser trabalhadas. Por que eu não era o único professor de artes, por que lá tem algumas extensões rurais. Canindé tem os polos, são duas escolas polos quem têm, e o município de Canindé é gigantesco, tem vários distritos mais distantes, às vezes até 80 quilômetros dentro do mesmo município. Eram extensões rurais dessas escolas. As carências que eu assumi eram apenas no polo, porque eu não tinha como ir para extensões rurais. Então tinham professores temporários que geralmente iam para essas extensões rurais. Eles se baseavam no meu planejamento, eu fazia o planejamento geral da área de artes e eles seguiam aquilo que eu tinha planejado basicamente. Quando eu colocava os parâmetros do som e eles não sabiam o que eram, eles diziam: que diabo de trabalho é esse aqui! Cadê as páginas do livro. Eu não tinha espaço para dar uma oficina para eles, nem nada, acabei que também não tinha tempo. Meu tempo lá era curto, e tudo o que eu queria era ir embora quando eu chegava, eu ia pra trabalhar. Mas não tinha uma relação tão boa com a cidade em si porque eu não queria trabalhar em Canindé, queria trabalhar em Fortaleza. Mas era aquilo que eu tinha assumido para aquele ano e eu fazia aquilo que eu conseguia fazer.

Passei a usar o livro, questões na lousa, discussões breves, muitas vezes debates curtos, e em algumas turmas eu fazia trabalhos pontuais de musicalização, falar sobre os ritmos, usava mais ritmo, porque ritmo eles não têm tanta vergonha. Quando eu falava vamos cantar essa música aqui, a galera zoava e eles ridicularizavam. Mas quando eu falava vamos fazer esse ritmo aqui na carteira. Colocava um ritmo, oh! Por exemplo, o ritmo do funk é assim, o ritmo rap é assim. Têm outros ritmos além desses ritmos que são mais populares, alguns ritmos cearenses, eu trazia alguns para os ritmos cearenses, vamos ver o maracatu, o baião é assim, e fazia na carteira pra eles reproduzirem. Essas aulas de música foram as que mais deram certo, que chegou no fim do ano. Quando eu comecei a me questionar, quando é que eu vou ensinar música pra essa galera e fui vendo essas soluções. Então esse primeiro ano que eu fiquei em Canindé foi uma grande experiência. A verdade é que o estágio ele dá uma visão do que você vai fazer na escola, mas você vê mesmo quando você está todo dia, quando você é o professor. Porque quando eu era o estagiário, eu era o estagiário que dava aula no lugar do professor de matemática. Então se o aluno ficava se danando, eu dizia: quer voltar pra aula de matemática? Matemática ou música? Música!

Quando você se torna professor mesmo ali da sala a relação com o aluno é outra. Você se torna um professor e você se torna mais um reprodutor daquela opressão. Fique sentado, não converse, cale a boca, preste atenção na aula. Você vira mais um desses, e quando se torna isso é um pouco difícil porque você meio que não se liga que você está fazendo isso. Você se torna um a gente daquilo sem perceber.

Nesse primeiro ano comecei a perceber como lhe dar mais com o aluno, como falar com o aluno. Consegui me transferir pra Fortaleza, mas foi uma lenda. Foi difícil. Não queriam dar o processo de transferência. Não tem carência. Fiquei perturbando o pessoal da SEDUC todo dia durante uma semana. Até que peguei o cara da superintendência da SEDUC e falei pra ele: você vai deixar mesmo a galera que não é professor de artes dando aula de artes, sendo que eu quero dar aula de artes? Você também não é professor? O que é que você acha ver um outro professor que não é da matéria dando a sua matéria? Ele olhou pra mim e disse beleza vem aqui, pegou o computador e pronto, resolveu. Ele entendeu, teve a boa vontade e foi lá e resolveu. Me lotou aqui e na outra escola. Porque eu meio que fiz um trabalho de 007 pra descobrir essas carências aqui, porque ninguém sabia dessas carências aqui. Não por má fé de ninguém, mas porque o setor da lotação é estranho. Não sei, aquilo parece que é segredo as carências que têm, ninguém pode saber as carências que têm. Eu fiquei sabendo porque uma amiga minha que também trabalhou em Canindé nesse mesmo período, que a gente ia junto às vezes até pra lá. Ela era casada com um professor que é efetivo da rede de Fortaleza então ela tem prioridade. Quando ela pede pra transferir pra cá a dela é automaticamente aprovada porque ela tem um casamento, então por lei ela tem o direito de se transferir pra mesma cidade. Ela me disse as carências que tinham, as que ela não assumiu, que eram essas aqui, que tinham 9 horas, parece, 7 horas. E ela falou: olha tem essas carências aqui, e eu falei pois então eu vou lá. Cheguei lá na cara dura, ei! hoje eu vim me lotar aqui! como se tivessem me convocado. Eu vim me lotar por que eu fiz o pedido e hoje eu vim fazer minha lotação. Não! Mas hoje são essas pessoas aqui. E fui desmascarado pra conseguir chegar lá. E conversei com o superintendente e ele me lotou de fato, depois, outro dia que eu fui de novo lá. Porque eu sabia das carências. Se eu não soubesse das carências ninguém ia pegar o computador e olhar onde é que tinha carência pra eu me lotar. Bizarro entendeu. A pessoa não pode parar pra fazer, toma aqui. Estava no período daquela portaria de 2016 que diminuiu hora de biblioteca, tirou PCA, e

estava um caos. Muito professor de português que era PCA estava voltando pra sala de aula, muito professor de português que era regente, mas não era readaptado, teve que voltar pra sala de aula. Estava o caos e quem era professor de arte se dane, porque professor de português é mais importante. E consegui me lotar felizmente aqui e em outra escola.

Fiz o concurso da prefeitura. Queria ser professor da prefeitura também. E aí foi uma experiência totalmente diferente. Na prefeitura de Fortaleza foi choque de realidade, porque as escolas eram péssimas, estrutura horrível e os alunos, eu não acredito que seja só porque os alunos são ruins, acho que é por que a estrutura torna os alunos ruins. Uma coisa é você assistir aula assim, vamos ali pra sala de vídeo, botar uns slides, no ar condicionado, sala limpa, sala organizada. Outra coisa é você estar numa sala totalmente suja, pichada, caindo os pedaços. Tudo bem que muitas dessas foram os próprios alunos que destruíram, eu sei, só que cara era horrível, um forno, as escolas decadentes e os alunos piores ainda, e eu ainda inexperiente. Apesar do meu 1 ano de experiência, eu não era experiente o suficiente para lhe dar com aquela situação. Tive muita dificuldade, de entrar em depressão quase, de quase pedir demissão do município por que eu não aguentava mais dar aula lá.

Tem algumas escolas que têm a estrutura muito boa, mas têm outras que estão sucateadíssimas. Eu trabalhei 9 horas de regência, que é a maior parte das suas 100 horas numa escola dessas, que a estrutura era muito sucateada, os alunos eram muito indisciplinados. Não tinham o menor respeito por nada, que se dane eu estou aqui pra tacar fogo! Eu me estressei muito mesmo, não sabia lhe dar com aquilo, com aquela quantidade de ruído, a galera cantando, fazendo barulho, eu não conseguia pensar, eu escrevia na lousa e perdia o raciocínio, me estressava e descontava também nos alunos. Enfim, era uma loucura.

Nesse outro ano comecei a desenvolver algumas estratégias para lhe dar com isso. E hoje, finalmente eu estou me estabelecendo um pouco melhor, me sentindo um pouco menos frustrado quando eu entro em sala, por que às vezes era muito frustrante. Você está aqui falando com os alunos e tem todo aquele discurso, o aluno é oprimido, o aluno é obrigado a estudar tudo aquilo que ele não quer. A partir disso, esses alunos não devem estar prestando atenção na minha aula por que é um assunto que é desinteressante pra eles. Falei galera o que é que vocês estão a fim, querendo ver em Artes. Vamos ver isso aqui, vocês querem ver sobre o rap! o funk! sobre não sei o que, e a galera não estava nem me ouvindo, e aí fiquei puto naquele dia. Peguei um pincel e destruí o pincel no chão, a os alunos prestaram atenção em mim, por que eu peguei o pincel e arremessei mesmo assim no chão que o bicho se quebrou e fez um barulho enorme, por que e coloquei toda a minha força, da minha raiva naquele momento. Porque não era só aquele dia, mas era uma série de outros dias frustrados dando aula naquela turma e a galera só me dando murro na cara metaforicamente. Fiz isso um dia e os alunos prestaram atenção, falei, mesmo que nada, deu 10 minutos estava o mesmo caos de novo, peguei meu material e fui embora, falei assim: professor, falei para o coordenador, não tenho condição de dar aula aqui, fui embora, puto, puto de raiva. Não conseguia me comunicar com essa turma. Era muito ruim. E era sexta feira à tarde. Era aquela turma que você ía para o final de semana inteiro. Era o seu encerramento de semana aquela turma, eram turmas da tarde. As turmas da tarde que eu tinha no município era um inferno. Eu ía assim para a escola, mas eu ia obrigado, mesmo. Queria morrer, mas não queria ir para aquelas turmas que eu tinha, mas ía, e isso fez eu ficar muito triste na época.

Tinha a problemática de como somos professores de uma hora aula, eu dou aulas em duas escolas do estado e duas do município e como a minha transferência no início do ano não saiu no comecinho, onde eu estava definindo meus horários. Meus horários no ano passado ficaram uma zona. Dava aula quinta feira de manhã na BR, quinta feira à tarde eu estava no Antônio Bezerra. E isso também me cansava muito. Eu já estava cansado. Os alunos eram difíceis, a turma era difícil. Por causa de todo esse contexto que já discutimos. Parecia que eu estava sugando o mundo de dentro de mim. Tive muita dificuldade de trabalhar música com eles. Por que eles não ouviam, não ouviam, não ouviam.

Voltei para o esquema lousa, texto, que era o que eles faziam e eu não ficava doido. Por que eu estava ficando louco. Texto aqui, copie, quem não copiar vai diminuir um ponto, sei lá. Vamos lá. Faz. Os meninos começaram a copiar em silêncio. Quando você colocava pra copiar os alunos é meio que parece que é uma programação. Copiar, certo, ah! vamos cantar, caos. Vez ou outra eu fazia um experimento de música com o ritmo, voltei para o ritmo e conseguia fazer, e voltava para o texto para não virar muito caótico.

Fui entendendo um pouco melhor como funcionavam as coisas, como é que funcionava esse diálogo com os alunos mais jovens, por que eu dava aula para o pessoal do ensino médio quando eu estava em Canindé, e eles eram 6º, 7º ano, galera com a energia assim... Fui entendendo como funcionava. E agora esse ano é que eu fui estabelecer melhor, os meus horários vão ficar mais organizados, possivelmente, e eu vou focar mais no currículo de música o ano inteiro, perene. Vamos ter livro didático esse ano, de artes, que não tinha no ensino fundamental, e eu estou pensando em sempre iniciar a aula com texto, justamente por que eles respondem bem e acalma, de ler, de responder e depois fazer a parte prática. Eu venho fazendo isso no município que já começou o ano letivo. E vem funcionando eu estou ensinando ritmo primeiro, pra depois inserir a voz. Que a voz, eu percebo que eles se sentem muito envergonhados. Não, mas minha voz é feia! Eu não sei cantar! Eu não consigo cantar! Eu não sou capaz! A música é assim, divina, que você cai e vira músico. Sabe que não é. Só que isso é muito, eu percebo que, chutando uma estatística aqui, seriam 90 por cento ou mais da população acham que

música é um dom. Você nasce e você nasceu pra ser cantor, você nasceu pra ser músico. Ah! Tão legal quem é músico, eu queria também! Pois estuda!

E eu estou tentando todo dia fazer aquela conversa, vamos lá, como é que a gente poderia fazer. Mostrando pra eles tentando desmistificar. O processo primeiro da música é desmistificar a música, desmistificar a arte, desmistificar isso, o que é fazer arte, por que a galera acha que é um negócio super-natural, quem é artista é um semideus. É como qualquer outra coisa. Semideus é quem faz aquelas equações que toma a lousa toda. Porque o cara estudou muito. A Arte é a mesma coisa. Então, eu estou tentando fazer isso dentro da disciplina aos poucos. E a ideia é no final do ano ter formado pelo menos um coral. Não sei se eu vou conseguir um coral por sala ou se vai ser um coral com os interessados. A princípio eu achava que tinha que ensinar sempre pra todos, incluir todo mundo, mas eu percebo que alguns não querem ser incluídos, e o processo deles serem incluídos vem de ver o par dele sendo músico. De ver, ele é músico! Também posso ser músico! Então se ele fez coral esse ano, ano que vem talvez vá lá e faça. E de fato é bem lógico porque eu virei guitarrista assim.

A ideia é esse ano consolidar mais a cultura de música na escola. Ano passado eu já fiz um pouco disso, eu consegui fazer um coral no município. O coral se apresentou duas vezes na escola mesmo. Acabou que não consegui manter ele devido ao meu caos de carga horária. E esse ano eu vou fazer isso um pouco mais organizado e um grupo de percussão também que eu preciso fazer. Algo talvez misturado, um pouco dos dois, e manter isso e estabelecer bem isso na escola. Para que fique o grupo de coral o grupo de música da escola, pra que eles se tornem os influenciadores daqueles outros que não se interessaram esse ano.

E meio que isso que eu pretendo fazer no ensino básico esse momento. Inserir mais a cultura da música na escola, por que não existe essa cultura de qualquer pessoa pode fazer música, só pode fazer música quem já é músico, sendo que música a gente sabe que se aprende. Isso é um pouco do resumo do ensino básico.

E pretendo também fazer mestrado, doutorado. Se eu ganhasse mais no ensino básico eu não fazia conta de ir para o ensino superior. Por que eu acho que no ensino básico a diferença que a gente faz é muito maior. Por que no ensino superior, é claro que se não fossem os professores que eu tive na UFC eu não estaria aqui, claro que é uma diferença muito grande que se faz, mas eu me sinto no dever de ficar aqui. Eu vejo alunos meus aqui no projeto de música que a gente tem aqui nessa escola, que a galera diz que me ama porque eu ensinei música pra eles. E tem uma galera aqui se não fosse porque tem como professor de música como eu aqui na escola, nunca iria ter esse contato. Se o salário fosse um pouquinho melhor. Se as cargas horárias não fossem tão bizarras, eu não fazia conta de ir para o ensino superior, ficava no ensino básico ainda por muito tempo. Por que é bom, é legal esse processo de influenciar, de mostrar e fazer diferente. Mas eu pretendo fazer mestrado e doutorado pra quem sabe um dia ir para o ensino superior. Mas hoje eu sou muito feliz por não ter feito aquele caminho graduação, mestrado e doutorado. Por que eu acho que eu vou ser um professor do ensino superior, se algum dia eu for, muito melhor, por ter passado isso que estou passando. Por que alguns dos meus professores eles não tiveram tanto essa experiência do ensino básico mesmo, alguns tiveram, outros não. Eu acho que essa experiência é muito importante, quando vai para o ensino superior, saber identificar mesmo aquele caminho da teoria pra prática, na prática. Eu estudei muito teoria na faculdade e eu achei incrível, realmente me ajudou muito tudo isso que eu tive lá. Mas a prática não substitui nada. A prática mesmo, ser professor do ensino básico, não estágio, não projeto, não, professor do ensino regular, na instituição da escola. Por que você vê como o aluno se porta em sua relação, e como você pode gerar estratégias pra aquilo. Eu acho que se algum dia eu entrar na universidade eu vou ter uma bagagem melhor pra compartilhar do que se eu estivesse feito mestrado e doutorado direto. Sabendo e me conhecendo como eu era, quando eu saí do curso de graduação, eu tinha conceitos muito diferentes do que eu tenho hoje depois que eu vivenciei na realidade, de ver como é ensinar no ensino básico. Acho que é isso a ideia geral. Acho que falei bastante, resumi um pouco do que é minha trajetória com a música e o ensino de música em si na escola.

resposta da criançada. Eu estou fazendo este trabalho mais com os sextos, onde eu estou envolvendo a música mesmo. É quando eles vêm de outra realidade e eu uso a música pra atrair para as aulas de artes. E eu estou notando uma resposta de qualidade no comportamento, de atenção, de mais um montão de coisas, de eles gostarem mesmo disso, de estarem com algo que pra eles é diferente, que eles não tinham antes no fundamental I, e se tinham eu não sei como funcionava.

Desenvolver o meu trabalho aqui, como músico fica a desejar, felizmente aqui a gente tem umas eletivas aonde eu posso criar um pequeno projeto de eletiva e as pessoas se inscrevem e eu posso trabalhar mais tranquilamente. Mas também sou obrigado a entrar nas salas de aula em 50 minutos pra desenvolver um trabalho com outras linguagens, tenho que envolver teatro, a dança, a música obviamente e as artes visuais. Por aí você tira como é que eu consigo lidar com isso em 50 minutos por semana. Eu entro numa turma daqui por 50 minutos e daqui a uma semana eu entro mais 50 minutos nessa turma. Se eu fosse desenvolver um trabalho de artes visuais isso não demora menos que duas horas ou três, porque quando se trata de criatividade você não pode estar dizendo ei menino tá bom! Para aí! Vamos parar aqui de fazer o seu trabalho porque acabou o tempo. Então é bem sofrível pra um professor de artes. Mas quando se trata da música qualquer tempo utilizado é bem utilizado. Isso eu digo porque é verdade, às vezes os meninos conseguem aprender num pequeno espaço de tempo uma música. E aí dá. Eles aprenderam a música e cantaram bonito. A gente trabalhou a voz ali talvez os 50 minutos ali não sejam suficientes, mas já dá melhor do que se eu fosse fazer um trabalho de teatro, por exemplo. É inimaginável em 50 minutos preparar um trabalho, com apenas 50 minutos por aula. Ou mesmo de dança. Bom, não sei! Mas as músicas aprendemos mais facilmente.

E aí eu vou tentando devolver como estava falando. Eu vou tentando devolver para os meus alunos o que eu tive. Que é trabalhar voz, trabalhar o eixo das músicas que eu vou escolhendo como tema das músicas, também eu vou discutindo com eles as letras, por exemplo, do que eles vão cantar. É preciso ser discutido com eles esses temas. Nós vamos usando isso de uma forma interdisciplinar. E o canto coral mesmo assim sem selecionar. Porque na minha época eu fui selecionado pra fazer parte de um grupo que era seletivo da escola, que tinha que ser crianças que fossem absolutamente afinadas, aqui eu não faço nenhuma distinção porque no trabalho do um canto em cada canto, que a gente ia para as comunidades, nós aprendemos que não temos que selecionar ninguém não. Todo mundo pode vir a ser uma pessoa afinada, uma pessoa com a voz trabalhada e tudo mais. Mesmo que isso leve um certo tempo. E é isso que eu venho fazendo aqui com eles. Minha prática aqui com eles maior é cantar, muito embora como eu estava te falando. Seguindo o livro, a gente tem um livro que mudou agora esse ano e ele trás algumas atividades pra você fazer com os alunos e que às vezes o tempo não é suficiente. Está lá discriminando o que você tem que fazer. Tem uma lição, por exemplo, falando sobre um determinado assunto, um determinado artista ou uma determinada técnica. E aí eu vou lá com eles, leio tudo isso e a gente vai tentar aplicar. Mas aí o tempo já acabou. Entendeu. Mas tem que ir. O livro está ali. Os meninos pedem e tudo e a gente vai fazendo. Se você observar na sala ali do lado nós temos quadros pintados pelos alunos, mas ali eu tinha roubado aula de professores. Professor! Por favor, não suba agora não! Eu preciso de mais uma aula pra que eles concluam esse trabalho. Mas isso de artes visuais. É como eu falei, demora muito mais tempo e com a música talvez eu consiga em menos tempo fazer algo efetivo, algo que fique interessante, até porque depois a gente pode repetir. Ah! Os meninos querem cantar a música de novo pra ficar fixo, pra que ela esteja na cabeça. Ah! Vamos ensaiar, aí já vira ensaio deixa de ser algo e vira ensaio e vamos fazendo. Ah! Mas tem um objetivo, vamos apresentar num projeto aqui que a gente está criando que é a sexta cultural, vamos apresentar na sexta cultural. Quem quer cantar sozinho nessa sexta cultural? E por aí a gente vai. O foco é o canto coral mesmo. Tem aluno que pede: ah! Quero um instrumento, eu quero aprender a tocar violão, porque eles me veem tocando. Eu quero aprender a tocar violão. Ah! Eu não posso dar aula de violão para toda a escola, nem tenho tempo suficiente pra isso aqui dentro. Mas seria ótimo se num contra turno ou algo assim, tivessem alunos que pudessem estudar instrumentos também. Se tivesse estrutura. Porque não tem. Pra conseguir uma sala pra gente fazer uma entrevista é complicado.

Com relação a outros trabalhos que eu desenvolvo fora daqui, tem uma banda da qual eu faço parte a 14 anos mais ou menos, 13 pra 14 anos, fazendo Pink Floyd, que é a Caco de Vidro. Ela existe desde a década de 80, 1983 pra ser mais preciso. Mas eu entrei depois, posteriormente, apesar de na época já conhecer. Eu já conhecia o trabalho deles que era autoral na época. Mas aí quando eles foram fazer esse trabalho, de fazer Pink Floyd, eles me chamaram, pra fazer parte cantando apenas. Eu nem tocava guitarra nessa época, eu só fui convidado pra cantar, mas depois o guitarrista saiu e ficamos eu e o Breno que é o guitarrista principal, pra fazermos as guitarras, eu a base e ele o solo.

É um trabalho que talvez me ajude aqui também, de certa forma. Eu mostro os vídeos para os meninos, os vídeos da internet. Eu vou mostrando pra eles, principalmente nas eletivas. Eles acham legal. Ah! Eu tenho um professor que está no palco, que está cantando e tudo. E isso é legal, deles verem, porque abre possibilidades. Eu digo pra eles que eu vim da escola pública e agora tocando no palco, como eles podem vir a estar também. Eu estou sempre fazendo esse link entre o meu trabalho lá pra que eles compreendam quem é esse cara, ele veio da onde. Acho que com música é basicamente isso que eu faço.

Na minha formação lá na universidade eu me especializei muito mais em flauta doce e aí quando tem umas eletivas aqui eu pego e monto um grupo de flauta doce. Infelizmente é só durante seis meses e eu não posso repetir a eletiva. Porque se eu pudesse repetir uma eletiva dessas, pra que eles entrassem no 6º ano e no 7º ano e continuassem até o 8º ano e 9º ano eu teria maior qualidade, um resultado sonoro bem legal. Apesar de que aqui a gente tem alunos que se sobressaíram muitíssimo bem em seis meses. Muitíssimo bem mesmo pra o pequeno tempo, sabe.

E aí são duas aulas, a eletiva são duas aulas. Então eu tenho menos alunos na eletiva, porque nem todo mundo se inscreve, então dá 20, 15 alunos na sala e eu passo duas horas com eles, aí é outra aula. Aí você consegue. Eu tinha aluno que estava começando a ler música, nesses seis meses de uma eletiva. Infelizmente ele saiu daqui porque a mãe não queria que ele ficasse mais integral, mas já estava começando a ler minimamente música e eu achava isso legal, tipo: vou dar uma ferramenta, ele vai já sair daqui, pra ele se virar sozinho depois. E infelizmente só são seis meses e acaba a eletiva. Se for repetir não pode. Há uma orientação de que não se repita as eletivas, infelizmente.

Falando sobre o projeto “Um canto em cada canto” do qual participei e sou sócio-fundador, ele começou com a professora Ana Maria Militão Porto, conhecida como Nininha, e posteriormente entrou junto da gente encampando as coisas, a professora Ângela Linhares. Nós ficamos fazendo este trabalho durante um bocado de tempo. Nós ganhamos um certo *narrow* pra trabalhar com coral infantil e a gente começou a replicar e passar pra vários municípios do interior do estado pra capacitar professores de escolas públicas, pra que eles montassem corais infantis em suas escolas. Nós fizemos isto, nós sistematizamos todo este trabalho. Nós temos dois livros já, um de flauta e o outro de coral. Como funcionam as aulas da gente, onde a gente divide em três momentos, isso lá no um canto em cada canto, porque lá a gente tem mais tempo pra trabalhar com os alunos do que aqui. Umás duas horas e meia. E dividir o tempo que é o do brincar, o eixo central que é a música e tem artes visuais que também envolvíamos um pouco pra no final da aula, às vezes as crianças se divertem um pouquinho. Mas o eixo principal é o canto coral.

Então a gente levava. Eram quase 40 pessoas viajando pelas regiões. Eu já cheguei até a região do Jaguaribe, do Vale do Curú, Cariri, me espalhei pelo Ceará inteiro capacitando professores, professores comuns. Primeiro eles iam rudimentarmente aprender a tocar flauta pra saber qual é a nota que vai começar a música e ter essa mínima noção. Porque normalmente as professoras do Fundamental I, geralmente elas cantam muito grave e os meninos acabam não compreendendo isso, a extensão deles ali com um certo limite e a gente tenta dar essa noção pra os professores e obviamente com a ajuda de um instrumento complementar, que é a flauta. Ensinávamos canções populares, ensinávamos como é que eles fariam para trabalhar a questão de respiração, técnica vocal. Todas essas técnicas, isso que eu acho que você deve conhecer bem. Levando pra todo mundo, pra essas escolas. Era assim uma experiência muito rica. Infelizmente, as experiências ricas quando mudam os governos que eram apoiadores e tudo, nos municípios mudam os prefeitos e tudo mais. Por que era uma parceria: entrávamos com os recursos humanos e eles tinham a contra partida de passagem, de ajuda de custo, e etc. Isso através da secretaria de cultura do estado na época, mas depois a gente conseguiu apoio da UNIDIME e outros órgãos, até com a UNICEF a gente chegou a fechar uma parceria. Mas as coisas são voláteis quando se trata de política. Infelizmente vão se perdendo assim no meio do caminho. E é o que acontece sempre na história desse país. Hoje eu estou aqui com essa obrigatoriedade do ensino de música nas escolas e é bom que tenha mesmo, mas isso pode não durar. Daqui a pouco. Ah! Isso não é necessário, vamos ver se a gente muda. Não sei, tomara que não. Tomara que melhorem a forma de enxergar isso dentro das escolas porque não dá pra fazer um trabalho. É legal, você vê que a gente fez algo diferente, mas não podia ser muito melhor. Não podia ter uma sala aonde eu recebesse os alunos que não fosse essa sala de aula tradicional cheia de mesas e cadeiras. Não podia ter uma sala com um pouco mais de tempo pra se fazer um trabalho legal com esses meninos, tipo mexer o corpo de fato. Se pudesse fazer do trabalho algo mais prazeroso do que desgastante. Porque eu vou dizer, conseguimos fazer um trabalho, mas é desgastante dada a estrutura. Quando falo a estrutura não é só física, mas o tempo que é talvez uma das minhas principais queixas dentro desses 50 minutos. Tu imagina que os meninos eles não entram na sala e ficam caladinhos esperando a chamada, mas eu tenho que ter essa chamada no final da aula. Isso já demanda um certo tempo porque eu vou pedir silêncio, pessoal vamos lá. Já gastei aí uns cinco. Terminada essa chamada vamos partir pra aula em si, mas é pouco tempo cara. Pouquíssimo tempo. Se eu pudesse, eu mudaria essa realidade pra algo mais legal, mudaria valendo.

Vamos ao ensino de música. Como o enfoque é no canto coral eu não vou partir muito pra teoria, a gente vai pra uma certa prática mesmo. Antes, planejando, eu pesquiso músicas legais que tenham a ver com o contexto dos meninos aqui, que acho que eles vão gostar, e levo pra eles, levo pra eles cantando mesmo, eu vou e canto, eles vão ouvir, vão me ouvir cantando. Depois disso eu pergunto: vocês querem aprender essa música? E aí eu vou lá adequado pra um tom mais legal que eu obviamente já percebi isso antes, até faço falsete pra ficar mais legal pra eles escutarem e vamos partir pra fazer um pouquinho de técnica vocal. Vamos respirar pessoal, vamos trabalhar um pouco a nossa respiração, vamos mexer o corpo. Aí eu não tenho tanto espaço assim porque as cadeiras estão ali me enchendo o saco, e se eu for inventar de tirar todas as cadeiras e devolver elas prontas para o próximo professor que for entrar, eu vou levar mais que 20 minutos. Mas tudo bem. De qualquer forma a gente parte pra

um pouquinho de técnica vocal, eu vou falando pra eles também sobre essa questão do som que sobe ou som que desce pra eles tentarem entender essa questão das alturas mesmo. Mas tudo de uma forma muito simples. Vou falando das quatro propriedades de um som qualquer. Se ele é forte, se ele é fraco. Quem é que está fazendo o som, se é um violão ou se é uma flauta, se é a minha voz ou se é a voz do Alex, que é o diretor, isso pra falar de timbre que é a caracterização de um determinado som. Enfim, eu vou falando sobre essas coisas pra eles também pra que um dia eles cheguem em algum lugar pra estudar música e eles já estão sabendo disso, já têm uma algo que talvez eu nem tinha na minha época. Eu cantava legal já.

Engraçado, a coincidência é que quando eu, lá no início, dos meus 7, 8 anos meu pai só gostava de me dar instrumentos musicais de brinquedo, e eu gostava muito desses instrumentos musicais. Então eu já pegava músicas de ouvido. Eu tinha um metalofone pequenininho e eu já tocava músicas de ouvido mesmo, assim valendo, isso aí eu tinha menos idade ainda, eu tinha uns seis anos. E eu lembro bem que as professoras lá na minha escola faziam um círculo assim e pediam pra tocar as músicas, elas acham bonitinho que eu tocasse as músicas que ali estavam decoradas e eu sem saber praticamente nada de música a não ser por intuição, e elas achavam legal. E logicamente quando apareceu a oportunidade de ir para um coral eu fui o primeiro a levantar a mão, lá valendo, ah! Eu quero! Quase que eu levanto as duas. Lembro como se fosse hoje isso. Isso faz quase 40 anos, mas foi muito marcante pra mim. Acredito que qualquer interferência, qualquer intervenção musical que se faça com esses meninos aqui, você também vai causar impacto para o resto da vida deles. Esse é o meu objetivo. É devolver, pelo menos minimamente o que eu tive, e a maior parte das escolas eu não vejo que tenha. Acho que tem um ou outro profissional que é da música, que inclusive são colegas meus da UECE que entraram no município, e acredito que eles desenvolvam trabalhos bem bacanas. Mas se você for pegar a rede como um todo é um número pequeno, mas não importa, se você puder impactar numa dessas crianças que estão aqui, beleza.

Eu tenho sorte que aqui tem alguns alunos que faziam aulas de música na casa José de Alencar num projeto que era ligado à Universidade Federal do Ceará. E alguns desses alunos já estão bem na frente de outros. Eu percebo que já são afinados, já tem uma musicalidade. Ah, a gente brinca um pouquinho de ritmo, de duração. Eu faço desenhos na lousa dizendo que ali vai demorar uma palma, duas, três, pra contar um determinado andamento, só pra brincar com eles com isso, também porque é preciso musicalizar, mais uma forma de musicalizar. Então isso vai acontecendo nas minhas aulas de uma forma meio lúdica mesmo.

Pra mim a estrutura é o mais difícil hoje no ensino de música nas escolas. Porque se você tem uma sala legal, onde você possa aprontar naquela sala, no melhor dos sentidos, com a garotada. Que você possa fazer trabalhos de andar, determinado andamento, brincar com isso. Porque eu aprendi dentro do “Um canto em cada canto” a trabalhar brincando mesmo, a trabalhar da forma mais lúdica possível. Não gosto de um trabalho de música tradicional, onde você vai lá com as notinhas e daí manda os meninos repetirem cantando. Eu acho que isso aí pode vir depois. Eu preciso musicalizar o corpo. É preciso que eles entendam com o próprio corpo, com a própria voz aonde é que os sons vão, aonde é que os sons não conseguem ir pra depois chegarem nesse nível de dizer assim, está aqui a escala de Dó, a escala Jônica, vamos cantar! Vamos cantar essa escala! Pra chegar aí precisaria que eles já tivessem um pouco mais soltos, o corpo um pouco mais musicalizado mesmo, e já mais afinadinhos também. E esse trabalho ele pode acontecer.

Antes de eu nascer o meu pai participava de um grupo de serenata. Acho que ele cantava. Eu não era nascido e foi bem antes de eu nascer. Ele ainda era solteiro, provavelmente, é o que se tem notícia. Ele morreu quando eu tinha 13 anos. Mas se tem notícias de que ele tinha esse grupo de amigos que iam cantar para as pessoas, fazer serenata mesmo na porta de alguém. É daí que eu tenho notícias de pessoas aqui de Messejana mesmo, os mais velhos é que me contam. Então a veia musical não foi aquela convivência dentro da família, alguém com um instrumento, sanfona, e etc. Não! Quem tinha instrumento era eu que ganhava um mini órgão à pilha, que foi o instrumento mais legal que eu ganhei na época, foi esse mini órgão da estrela eu acho, e era muito bacana de tocar. Mas funcionava com seis pilhas grandes e elas não duravam tanto tempo. Era complicado. Porque a gente não tinha muito dinheiro, aliás não tínhamos dinheiro algum. Mas era legal. A música era por aí. E na escola as professoras ficavam babando, achando massa, achando legal isso. Era um menino “apresentado” como dizemos aqui no Ceará, de ficar fazendo isso. Eu ficava até ouvindo umas músicas e tentando aprender pra chegar lá e mostrar depois. Era muito divertido. Eu não tinha uma família de músicos realmente, mas essa influência talvez tenha vindo daí. É tanto que meu pai de certa forma repassou com presentes de instrumentos musicais, que ele já sabia talvez que isso era importante. Eu lembro que ele falou algum tempo antes de ele morrer, eu ainda estava no coral infantil, ele falou pra Nininha minha professora na época de coral, eu e minha irmã tivemos a mesma caminhada, ela também se formou em música e hoje ela é professora da rede particular. Então o meu pai num determinado dia disse: por favor, nunca deixe esses meninos sair desse coral, ele foi dizer pra ela. E o meu pai era um mecânico de máquinas pesadas, uma pessoa de certa forma rústica, gostava de tomar umas, eu também gosto. Ele tinha feito o ensino médio e feito curso técnico nessa área de máquinas pesadas na Marcosa, Caterpila, sei lá, e ele ter essa sensibilidade de dizer olha não deixem os meus filhos saírem desse coral. Ela me conta com os olhos cheios de lágrimas, quando ela fala disso, a Nininha que está com a idade já bem avançada e agora apresentando Alzheimer, o que eu acho de uma tristeza, porque é de um conhecimento valiosíssimo nessa área de canto coral.

Nós fomos aplaudidos durante quase meia hora lá na Bahia em um encontro de corais, num determinado teatro, não lembro direito o nome não, também eu era muito pequeno. Eu tinha 8, 9 anos e isso foi em 1979, 1980 por aí. Eu lembro bem, nós fomos aplaudidíssimos nesse lugar da Bahia. Nós viajamos pra vários lugares do país. Gravamos um compacto naquela época. Era junto o coral adulto e o infantil. Gravar um disco naquela época, em Recife, fomos gravar esse disco, porque aqui não tinha gravadora. Hoje em dia é o pau que rola. Um canto em cada canto fez vários disquinhos. Mas ela se tacar daqui pra lá, sozinha, tinha os adultos que eram jovens, e ela se mandar com dois ônibus cheios de gente, sem saber como conseguiu patrocínio e etc, pra levar, pra gravar esses discos lá. Ficamos hospedados no Geraldão, um ginásio que nem o ginásio Paulo Sarasate, nos hospedaram lá assim. E teve uma outra vez que foi num hotel, no Hotel Guararapes, e esse já foi um pouquinho mais legal. Na Bahia nós ficamos num orfanato, num orfanato com as pessoas internas, com as crianças internas, essa foi a melhor experiência de todas. Nós fomos muito bem tratados pelas crianças de lá desse orfanato. Crianças e adolescentes. Eu lembro que tinha uma menina chamada Sônia, ela vinha servir a gente. Ela dizia que achava lindo a gente cantando ali, éramos todos crianças pequenas e ela já era uma adolescente, e ela ficava feliz da vida de ouvir nosso coral. Ficamos muito gratos nessa viagem porque você ser bem recebido, ser bem tratado é muito bacana. Acho que a música ela faz isso. Faz você ser bem recebido. Ela abre portas. E é uma das coisas que eu acho que esses meninos precisam aqui, todos eles. Eles precisam de música, mais música na vida deles. Mais músicas e menos essas coisas que estão rolando aí. Puxa vida. Estão roubando a infância dos meninos. Eu falo do que é chamado de música e que eu prefiro não chamar assim. Esse lixo que está rolando aí na mídia que vem com umas ideias muito distorcidas, ideias muito pavorosas. Estão roubando a inocência de fato da criança. Você vê hoje em dia menino de 3, 4 anos já está descendo até o chão, fazendo quadradinho de 8, querendo ser a Anita com um certo ar de vulgaridade mesmo. E onde é que isso vai parar? Porque essa é a futura geração. Onde é que isso vai parar se a realidade continua dentro desse âmbito? Então o mínimo que eu posso fazer no meu trabalho é fazer músicas legais. Estamos começando a aprender agora “A Paz” do Gilberto Gil, que a Zizi Possi também gravou, a gente estava cantando essa música na turminha do 6º A. Antes do carnaval preparamos um trecho dela, eles cantaram para o diretor que gosta de subir lá pra ver, sabe. De vez em quando apresentamos umas músicas. E vamos pegando músicas que são legais, vamos discutindo as letras mesmo com eles. Pra valorizar, pra que eles comecem a ter um leque de possibilidades maior do que o funk. Eu não vou chegar dizendo: não escute funk! Não escute forró! Se é que pode chamar de forró, e por aí vai. Eu poderia dizer um monte de coisas. Não vou chegar pra eles e dizer o que eles têm e não têm que escutar. Mas eu posso apresentar músicas legais, pelo menos que eu considero legais e eles fazem a escolha. Eles vão ter mais opções pra fazer escolha do que simplesmente o que vem da mídia, que tem um propósito alienante, que tem um propósito de manter eles onde estão. Então o mínimo que eu posso fazer é isso, Usar a música pra conhecer mais. Muitas vezes eu me uso como exemplo. Eu vou me colocando como exemplo porque eu fui um aluno de escola pública que teve a oportunidade de estar cantando, e que isso fez uma diferença na minha vida.

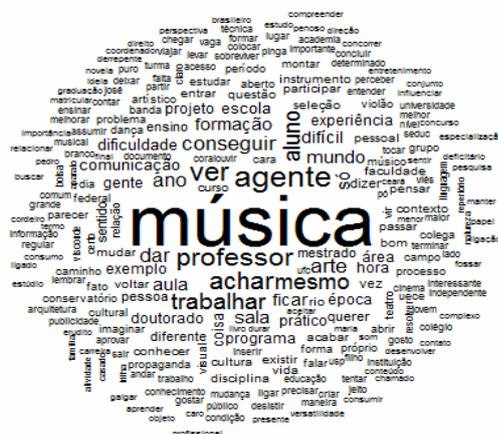
Engraçado que quando eu fui fazer vestibular eu passei pra letras na Universidade Federal e na música parece que eu, por causa de uma questão de física, não entrei na época. Entrei bem colocado na federal, mas não entrei na estadual. Fiquei puto, mas fui cursar. Cursei dois anos e meio na universidade federal e disse, não! Não quero isso não! Abandonei e fui fazer vestibular de novo e passei. E pronto, fui me encaminhando lá pela faculdade de música.

Bem, eu tive um pouco de dificuldade pra concluir em tempo hábil, acho que muita gente ali na UECE. Principalmente se você trabalha, se você não é um estudante profissional. É porque nesse meio tempo nasceu minha filha, acabei sendo pai relativamente jovem. Ela vai fazer 24 anos agora, e quando ela nasceu eu tinha 22. Então isso acabou atrapalhando um bocado porque eu tinha que manter minha filha, não podia deixar na responsabilidade de ninguém. Tranquei a faculdade algumas vezes, morrendo de pena, mas tinha que fazer isso. Graças a Deus, ela está lá fazendo Pedagogia e é o que ela quer.

Espero que tenha ajudado.

- **ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE MÚSICA FÁ DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE FORTALEZA - 18 DE FEVEREIRO DE 2017 (MANHÃ)**

Gráfico 9 – Nuvem de palavras do Professor Fá



Fonte: elaborado pelo autor

Pergunta deflagradora: Pesquise histórias de vida de professores de música da cidade de Fortaleza. Para conhecê-lo melhor e sua realidade peço que narre sua experiência como professor de música considerando a importância da música em sua história de vida e para o currículo escolar, sobretudo no contexto das leis que trouxeram a reinserção das músicas nas escolas. Leve o tempo que quiser. Conte como quiser. Peço apenas que conte livremente o entrelaçar da música em sua vida. Não vou interrompê-lo, apenas avise quando terminar.

Resposta:

Bom dia! Eu vou iniciar falando primeiramente da minha experiência e minha formação, das minhas inclinações artísticas e musicais. Enquanto professor de música eu percebo a arte como algo da natureza do próprio ser. Eu me envolvi com a arte desde sempre, sempre gostei, não só da música, mas na verdade eu atuei e atuo também como professor de design gráfico, sempre misturei bastante as artes, só não dança e teatro, mas artes visuais e música foram lugares comuns durante esses anos de vida pra mim e na minha formação.

As minhas primeiras experiências artísticas relacionadas à música vêm de um pai que tinha alguns instrumentos musicais: sanfona, violão, e que era um autodidata. Por isso a gente acaba criando gosto, e passei a me interessar e acabei ficando com o violão dele, e eu era muito pequeno, acho que na faixa de 10 anos. E aí comecei a querer tocar violão e cantar. Na época tinha alguém para dar aula, mas você morando no interior, eu me criei em Várzea Alegre no interior do Ceará, não tinha professor e eu também não tinha condições para pagar professor. Então era muito mesmo de trocas, havia nessa época a ideia de folhetos, das cifras com letras de músicas. Aos métodos era muito difícil o acesso. Ninguém tinha acesso aos métodos. Ainda mais o violão. Não era fácil de encontrar. E era muito mesmo nessa de autodidata e pegar dicas de colegas, trocas e experiências muito colaborativas, muito no âmbito da colaboração mesmo, você aprendia uma música, passa pra um, e vai. E isso foi construindo esse universo e essa sensibilidade também. Persisti e persisti, mesmo vendo no campo das artes e da música é a dificuldade de profissionalização, não apenas, mas de sobreviver dessa profissão, é algo que maltrata muito e deixa a gente bem angustiado. Alguns conseguem, acho que a maioria não consegue ter um êxito que você possa sobreviver a partir daquilo ali arregaçar e dizer: eu vou viver disso aqui!

Minha formação foi nessa cadeia, juntando e trabalhando com pinturas, com desenho, trabalho semi-profissional porque não era carteira assinada, mas ganhava dinheiro com isso, e a música em paralelo na minha formação. Então eu me beneficieei bastante dessa veia artística por onde eu passei. Eu fiz ensino médio numa escola técnica do Crato, agrotécnica, e me beneficiava por que eu tinha essa veia artística para as artes visuais, para a música e para o esporte que eu sempre pratiquei. Eu era muito relacionado à própria diretoria da escola pra poder fazer trabalhos de divulgação, material publicitário. Participava da banda do colégio, a gente tinha uma banda, montamos uma banda com guitarra, baixo e bateria. Durante os três anos que eu passei interno eu era responsável por muitas atividades e a banda era uma das minhas responsabilidades.

A experiência é muito dessas práticas. Você acaba se apoiando em alguns escritos que a gente consegue que não são muitos. Na época, se você imaginar até 80, era muito difícil você ter acesso a um livro de música, não existia

internet, não existia nada disso. Então era meio essa coisa de descobertas, de experimentar, de tentar desenvolver mais a sensibilidade para poder extrair do que a gente ouvia no rádio, principalmente, para poder pegar algumas técnicas, alguns sons que se fazia e foi somando isso. Eu sempre andei muito em paralelo entre artes visuais e a música. Sempre estiveram presentes e ainda hoje estão presentes em minha vida.

Eu acho bacana é que parece que a pessoa que nasce com essas inclinações artísticas, geralmente ele tem essa facilidade de andar pelos diversos caminhos das linguagens artísticas sem problema nenhum. É muito comum o cara é músico, é desenhista, é teatrólogo isso é comum, parece que é da natureza do artista essa versatilidade.

Quando eu terminei o ensino médio lá no Crato. A família resolveu, minha mãe resolveu vir pra cá pra fazer faculdade, eu principalmente por que eu já estava no estágio de fazer, foi a ideia dela vir pra cá, pra poder dar essa oportunidade porque lá não existia ainda o que a gente tem hoje: a URCA, a Federal do Cariri, não tinha nada disso e a gente tinha que ir buscar. Ela resolveu vir morar aqui, ela era professora do estado, do ensino fundamental. Daquelas professoras antigas que só tinham o normal.

A gente veio e chegando aqui eu fiz vestibular na UFC pra arquitetura e fiz na UECE pra música. Passei na música e não passei em arquitetura. Então fui fazer. Em relação às artes, artes visuais, música, teatro, dança, só tinha essas duas opções, ou você fazia a arquitetura e tinha mais essa pegada com artes visuais, música também, muita gente da arquitetura faz música, o Fausto Nilo, ou então você ia pra UECE fazer música. Eu já gostava, então deu certo, fui pra UECE e fiz a música.

Eu toda vida fui muito aplicado, muito determinado nos meus objetivos. E em 1991 tínhamos um curso bem deficitário. Na época a UECE e o departamento de artes ainda era no conservatório Alberto Nepomuceno. Então a formação era bem deficitária em função mesmo da época, os professores não tinham uma qualificação, não existia essa cultura do doutorado, do mestrado para poder aprimorar mais. Então os professores tinham muita experiência, tinham muitos professores bons, mas era bem deficitário. Poucos alunos conseguiam galgar algo a mais, por que dependia mais da gente do que do próprio professorado, da própria instituição.

Eu sempre me dei muito pra tudo o que eu fiz na vida. Eu me lembro que a gente formava grupos, tinha o Pedro Ipiranga, tinham vários alunos que comigo formavam grupos de estudos naquela época, grupos de estudos assim entre a gente. E isso resultava que a gente estudava os livros independente de o professor dar ou não, concluir ou não aquele conteúdo, a gente ia, fazia todos os exercícios. Fazia todos os estudos. Pedro falava muito, estudava latim, estudava grego, e ele sabia o significado da maioria das palavras em todas as línguas por que ele conhecia. Uma cultura esse professor, a gente estudava muito nessa época. A gente conseguiu formar um grupo bacana e fizemos a faculdade.

Eu acho que tinha uns vinte anos que ninguém terminava no período regular e eu consegui fazer o curso no período regular de quatro anos e meio a muito custo, brigando com muita gente porque eu exigia que fossem oferecidas as disciplinas, porque eu estava regular, e um aluno já é suficiente, eu questionava muito com as várias diretoras que eram ligadas à UECE, ligadas ao conservatório. Nesse período do conservatório eu fiz aulas com o professor José Mario de violão, fiz conservatório de violão clássico. Veio meu casamento, casei ainda na faculdade. Filho no período da faculdade. Foi um período bem definidor para o que poderia ser o que deixou de ser e o que foi. Assim que eu terminei em 1991 eu já era casado, já tinha a primeira filha e soube que ia ter a segunda no período que viajei para o Rio para fazer prova e seleção de mestrado, eu terminei já fui logo. Alguns amigos mais experientes do que eu diziam tanto faz você fazer o curso em quatro anos e meio, em cinco, em seis, em sete, em oito, em dez, é a mesma coisa, você vai aprender a mesma coisa, por que eu tinha colega que fazia bem espaçado pra poder aproveitar mais. Enfim, eu dei o gás e terminei em quatro anos e meio.

Eu viajei para o Rio. Eu fiz a seleção no Conservatório Brasileiro de Música, que tinha o professor José Maria Neves, eram muitos professores renomados, víamos e líamos e estudávamos muito os livros deles, eram as pessoas que faziam a pós-graduação no Brasil nessa época, lá no Rio de Janeiro, no conservatório brasileiro de música. Então eu fui, fiz a seleção, fui aprovado. Coincidiu com o governo Collor e ele cortou todas as bolsas. Eu fazia a matrícula, eles me dispensavam de qualquer taxa, mas eu tinha que me manter. Fiz a matrícula ainda por dois semestres na tentativa de esperar algo melhorar. Nessa época não fui e abandonei a ideia porque não tinha condições de me manter no Rio. Já era casado. Soube que iria ter a segunda filha quando eu estava lá, no período minha mulher ligou e disse que estava grávida. Esses acontecimentos foram determinando meus caminhos.

Então voltei e fui trabalhar com artes visuais em uma empresa de comunicação visual. E depois eu só fui entrar no magistério pra música no concurso de 1997, que só foi chamado em 2002. Então 2002 foi que de fato eu assumi, passou esse período todo e eles só chamaram já no final. Músico e quando a gente vai para escola e começou de fato o momento mais importante, que era o choque, essa de você ir realmente pra sala de aula. Eu iniciei em duas escolas eu tinha 200 horas, mas já tinha o pé na universidade.

Antes de entrar para o estado eu já vinha naquele negócio de fazer pós porque eu queria fazer carreira acadêmica, eu sempre quis. Então eu participei da seleção do mestrado em dois lugares. Participei na federal da Bahia em convênio com a UESC, a maioria dos professores daqui foram e fizeram esse mestrado juntos: o Erwin, o Pedro Rogério, o Evelter, a Elídia, a Magui, o pessoal do instituto federal, pessoal do curso de música da UFC, UECE e UFC. Não lembro quantas vagas, o curso interinstitucional foi feito entre essas instituições

públicas federais e a UFBA era exatamente para qualificar os professores da casa. Expandiram e abriram vagas pra externos e eu tive a sorte, fiz por onde, passei em primeiro lugar, tanto que eu fui o único aluno que teve direito à bolsa integral de mestrado, porque eu fui bem qualificado na prova de seleção. Fomos e fizemos o mestrado.

Eu tinha feito o concurso em 1997 e nunca tinha sido chamado e quando eu estava voltando do mestrado já concluído eu fui chamado em 2002. E assumi. Foi tudo perfeito. Fiz o mestrado com bolsa. Foi difícil já era casado, já tinha os dois filhos. Foi difícil pra caramba. A parte financeira você faz um buraco grande e depois você vai tampar. Foi o que eu fiz. Fiquei devendo a muita gente, a banco. Mas consegui, terminei. Os outros colegas tinham o vínculo, tinham o salário da universidade e tinha bolsa ainda, a Funcap andou dando bolsa pra alguns professores por conta de ser professor universitário, ser de uma instituição pública.

Assumi 200 horas e consegui me lotar em duas escolas, uma no Conjunto Ceará e outra no centro de Fortaleza. Fiquei nessas duas escolas. Como eu já tinha mestrado. Antes do mestrado eu fiz uma especialização na UFC na área de comunicação, eu já mexia com essas coisas todas, fiz uma especialização na comunicação social. Então eu sempre trabalhei a música, mas a música pelo viés da comunicação, da propaganda, do cinema, do teatro, da dança, essa música aplicada. Claro que já fiz recitais, já toquei em teatro, já fiz umas apresentações assim, até na época em que fazia conservatório, o pessoal do José Mario na área de violão, se apresentava e tudo. Na verdade eu gosto mesmo é de trabalhar com essa música aplicada. Música de propaganda, música de cinema, música de espetáculo de dança, animação, games. Não tem muito espaço ainda hoje, se formos ver as faculdades nem ensinam isso, o cara às vezes vai por esse caminho, mas vai pelo conhecimento que você vai buscando, as faculdades de música, pelo menos até onde eu sei, não tem uma disciplina que trabalhe esses diferentes pontos da música. A música parece que é algo engessado e está desligada do mundo, como se a música sobrevivesse sem fazer parte do mundo como um todo.

Consegui fazer a especialização depois fiz o mestrado, voltei e assumi no estado. Em um ano um ano e pouco eu acabei desistindo de 100 horas, eu já era professor da federal, substituto na comunicação, eu tinha vínculo com outras instituições particulares de nível superior em outras Faculdades. Eu vi que não compensava ficar 200 horas no estado e perder essa oportunidade que eu queria que era do ensino superior. E eu desisti de 100 horas e fiquei só com 100 horas. Trabalhei muito com projetos. Eu gostava muito na área de música trabalhar com projetos, não só na área de música, mas de artes, não tinha ainda essa determinação da música separada das demais, da arte em si. Eu trabalhava muito com projetos na área de artes visuais, que eu sempre fiz: desenho, pintura e computação gráfica quando já passou a ter, e música também, criava bandas no colégio. Aprovei vários projetos na SEDUC, em uma época que tinha essa abertura, eu acho que não tem mais, a gente aprovava o projeto, tinha um investimento, você comprava os equipamentos e montava tudo. Montamos uma banda na Escola Visconde Do Rio Branco com todos os instrumentos: com som, com mesa e a gente se apresentava, participava daqueles festivais.

Da prática do ensino de música, algo, por exemplo, que me incomodavam bastante, que eu acho que mudou, mudou muito a consciência da importância da música no contexto escolar no contexto cultural, na formação do educando. Mas era vista muito como uma parte recreativa, uma atividade que não se encaixava muito como disciplina, tanto que pra você reprovar um aluno nessa área era quase impossível, não fazia sentido pra direção e pra os professores. Por outro lado eu percebia que as artes conseguem trabalhar em uma direção que nenhuma outra disciplina consegue, em termos de você alcançar objetivos na mudança de atitude e comportamento de determinados alunos, que outras disciplinas não conseguem. Outra coisa que a gente percebe também é o fato do não reconhecimento da importância da música no contexto escolar e na formação cultural do aluno. Você vê que quem vai pra música, para esses projetos, a escola tem o cuidado de colocar os alunos mais indisciplinados, os alunos com o menor rendimento. Os bons alunos, por exemplo, os bons alunos no contexto, os mais conteudistas. Esses alunos na verdade eles nem deixam que se aproximem porque parece que ali é como se fosse uma terapia. Então também tinha essa configuração. A gente geralmente trabalhava com os alunos mais indisciplinados, com menor rendimento, com menor instrução, por que geralmente nessa parte de instrução eles são mais deficientes, por conta às vezes do mundo em si que eles vivem.

Eu nunca me preocupei muito nas práticas de música que eu vi e nas práticas de música que eu faço, com a questão da virtuosidade, por exemplo, pra mim isso é muito pequena, ou então de o aluno não participar de um coral de uma atividade, desafinado, ou porque não consegue fazer o ritmo. Então isso pra mim não era problema não. Era uma forma de colocar o aluno para que ele pudesse desenvolver no potencial dele. Eu não via muito por esse lado de não participar. Fazer seleção pra saber quem poderia participar ou não participar é até complicado. Mesmo em uma banda, num conjunto de uma escola, ninguém fazia essa seleção. Claro que tinham as pessoas que na hora do vamos ver podiam assumir a responsabilidade de cantar determinada música tocar determinado instrumento Mas assim ninguém nunca eliminava alguém porque ele fosse desafinado ou por que não tivesse ritmo, por isso aí.

Eu tive uma experiência boa na prática de projetos. Projetos por que não eram sala de aula propriamente. Era um sistema bem interessante por que diferentemente de você dar a disciplina em sala de aula, que você sai pingando uma aula em cada sala de aula, isso era uma dificuldade. Eu ainda tive a sorte também que todas as duas escolas,

que me acolheram muito bem, tiveram o cuidado de preparar uma sala pra artes. Por que faz toda a diferença. Por exemplo, na escola do Conjunto Ceará rápido eles deram um jeito pra pegar uma sala e transformar em sala de artes, pra poder concentrar tudo, então eu não precisava estar me deslocando de pinga-pinga, de aula pra aula, ir levando instrumento, levando aparelho de som, levando o que fosse pra dar aula. Não, os alunos na hora da minha aula, todo mundo ia pra, fazia a aula voltava pra sala, e as outras e as outras, então o pessoal até reclamava porque que esse professor chegou agora e já conseguiu, tem direito a isso uma sala especial só pra ele. Eu fazia por onde eu sempre procurei fazer por onde merecer isso. Havia um engajamento. Rápido mobilizava a escola, e todo mundo queria participar, e todo mundo valorizava as apresentações do grupo. Hoje a gente não tem esse benefício, a gente vê poucas escolas que favorecem de repente você montar uma sala de artes, como montam um laboratório de química, como montam um laboratório de biologia, porque é muito particular, muito específica, é uma aula muito específica pra você dar numa sala comum, não tem acústica, não tem instrumento, não tem aparato de nada. Então fica difícil. E essa é uma dificuldade que acho que trava muito o trabalho de muitos colegas, porque você não pode estar levando todos os instrumentos, a sala não é apropriada, os alunos não têm a condição. É diferente de você sair de uma sala normal e ir pra uma sala totalmente ambientada com o universo da arte, é totalmente diferente porque não só tinha música, mas tinha artes visuais, tinha tudo. Então eu acho que este seria um ponto que eu acho que ainda precisa melhorar muito essa parte de infraestrutura pra o ensino de artes, acho que precisa ser mais valorizado na escola para que o professor pudesse render mais e os alunos também ter mais interesse e se motivar mais.

Então eu tive essa experiência positiva neste início de trabalho. Acabei desistindo de 100 horas dessa escola no Conjunto Ceará, acharam ruim porque fizeram de tudo pra que eu ficasse lá a vida toda. Tive que desistir para poder eles me contratarem na UFC como substituto. A partir daí eu fiquei com 100 horas e trabalhando somente na escola do Centro só com projetos. Pouquíssimas vezes na minha carreira de professor eu fui pra sala de aula assim pra essa aula como a gente conhece do pinga-pinga. Eu posso dizer que eu fui sortudo, um beneficiado, por que é raro você ver esse percurso.

Minha experiência com música é nesse sentido na formação de grupo, seja de banda de conjunto, seja de coral também, experiência com coral também. Eu fiquei no colégio até a seleção para o doutorado em 2006, eu fiquei de 2002 a 2006, por que na verdade eu queria mesmo era galgar a universidade, sempre foi esse o objetivo, e parti para o doutorado sozinho na raça e na coragem. Eu sondei as várias universidades. Eu trabalho muito com a comunicação e eu acabei vendo esse viés, juntar a música e a publicidade. Que foi o meu objeto de pesquisa nesses anos todos foi essa relação entre música e publicidade. Então eu parti pro doutorado e pensei eu não vou fazer mais na área de música, não vou mais fazer doutorado no programa de música, eu vou fazer num programa de comunicação, exatamente por que eu queria galgar a universidade e os concursos são muito fechados, formação nisso, mestrado nisso e doutorado nisso, e eu queria trabalhar mais na comunicação do que na música, por que eu acho que a comunicação abre mais pra isso, é menos preconceituosa nesse sentido do que a música, mas mudou e está mudando, os colegas que eu conheço estão mudando isso. A música está aberta pra muitas coisas.

Eu peguei e em 2006 fui fazer a seleção na USP, uma dificuldade na época, eu viajei, fiz, e fui aprovado, por que era um programa difícilíssimo o programa de comunicação da USP, a USP em si já é uma das maiores do mundo da América Latina, e a comunicação você imagina, é a elite. O curso de comunicação da USP é um dos cursos tão concorrido quanto a medicina, e tem ano que extrapola. Você conseguir uma vaga de doutorado num programa de excelência, top, porque você concorre com estrangeiro do mundo todo, acho que eram 17 pra uma vaga, tinha gente do mundo todo concorrendo pra essa minha vaga, por que a gente concorre pra o professor no programa. Então eu fiz e fui aprovado e não teve outra, eu larguei tudo pra fazer o doutorado.

A maior dificuldade minha no doutorado foi que eu estava na escola do Centro e eu tentei a licença com a remuneração, e na época ainda era mais difícil ainda, protocolou durante um ano, eu entrava com recurso eles indeferiam. Eu estava no direito total só que eles não dão é muito difícil. Pra fechar essa história eu fui pra o doutorado, o pessoal da escola não me deu falta e acabou me colocando como projeto, eu continuei, sem me prejudicar por que seu estava em processo, tinha um processo na SEDUC. O doutorado no programa da USP são quatro anos e eu tinha que estar presencial os quatro anos, não tinha isso de você ficar viajando e fazendo as disciplinas, tinha que estar lá, era uma condição que o professor impôs, então eu fui com tudo. Fui só, a família ficou aqui, essa também era uma dificuldade, eu sei que o processo da SEDUC durou um ano, o programa eram quatro, o processo durou um ano, quando foi deferido de fato, que eu consegui realmente, e não tinha mais como eles indeferir, porque eu fiz no prazo, eu entreguei todos os documentos, mesmo sem existir, eles pediam um documento, por exemplo, eles pediam o documento de matrícula sendo que no prazo que eles davam ainda não tinha aberto a matrícula do programa pra eu fazer e pegar um documento comprovando que eu estava matriculado, sei que a cada ora era um documento novo e eles acabavam indeferindo por isso. O fato e que no final o processo, foi até um pouco chato, mas é verdade, o advogado da SEDUC chegou pra mim e me perguntou se eu não tinha uma pessoa ligada à política, algum contato com deputado, alguma pessoa da secretaria ou do governador, que possa dar uma palavra, eu disse: tenho sim! um primo e esse primo conhece! E sei que no final foi assim que resolveu. Eu falei com a secretária de educação, e ela entendia, mas assim, não se resolvia. Esse

ano do processo durou o processo todinho, foi o primeiro ano do doutorado, que quando o processo foi deferido eles só contaram a partir daí, então eu tinha três anos a mais e eram os três anos que faltavam no doutorado. Deu certo por isso, porque eu fui com o meu salário de professor do estado e eu era coordenador de um curso de uma faculdade aqui na área de comunicação, e ela me manteve também lá. Então você vê a dificuldade. Eu falo isso é mais pela dificuldade que temos para fazer as coisas aqui no Ceará, por que é difícil. Os programas daqui tudo bem, você tem um programa de educação, você tem um programa em sociologia, mas assim também não é fácil. Eu me lembro que o doutorado mesmo, quando eu estava tentando na USP. Eu fiz contato com a Federal daqui, com alguns professores da sociologia e fiz contato com a federal do Rio Grande do Sul. Todas elas me acolheram e abriram essa possibilidade pra eu participar da seleção. Eu digo: não! quer saber? Eu vou ariscar logo tudo é na maior mesmo, vou tentar e deu certo.

Eu fui para o doutorado e voltei em 2011 e quando eu voltei eu andei uns dois anos, um ano e meio até parar aqui nessa escola. Por que eu não consegui mais voltar pra a escola do Centro. Eu cheguei lá e não tinha mais ambiente, sentia que não dava mais, o corpo docente já não era o mesmo, mudou muito e a direção também não pareceu bem, não deu uma acolhida, então eu disse: não vou ficar aqui não! E essa lotação foi difícil. De início foi difícil. Quando eu voltei do doutorado eu fiquei em uma escola na Vila União, que foi muito boa a experiência do um colégio lá na Vila União e acabei indo pra o Mais Educação, pra poder ser coordenador do Mais Educação, que aí era mais ou menos a minha praia de trabalhar de outra forma, em projetos também, de uma coisa bem mais interessante do que sala de aula pra ensinar isso aquilo outro. Então foi essa também a minha passagem pelo Mais Educação. Depois eu vim pra uma escola no Benfica pra ser coordenador também. Então a minha experiência com o ensino de artes, com o ensino de música, foi muito mais na questão de projetos, seja em projetos que você entra pela SEDUC, ou seja, pelo Mais Educação. Poucos anos mesmo da minha vida eu trabalhei mesmo em sala de aula, pra ir, pra trabalhar música, pra trabalhar todo o programa de música ou de arte de uma forma geral, a arte como uma linguagem toda completa de música, e dança e teatro e tal. Eu tive pouca experiência nessa prática de sala de aula, essa de pinga pinga, uma aula aqui outra ali. Então a minha experiência é mais com projetos. A não ser que você consiga trabalhar com sala de artes, eu tive o privilégio de ter minha sala, isso foi um benefício, então eu não tive muito sofrimento não, a gente sabe que o trabalho do professor de música, do professor de artes é bem penoso, é muito mais difícil até porque também não tem essa cultura artística, não existe essa disseminação da cultura artística como um valor.

O que eu percebo assim do ensino de música que eu possa falar. Com relação aos conteúdos eu vejo um problema. Porque é difícil você trabalhar, principalmente hoje com todos esses aparatos da tecnologia que a gente tem da informação e da comunicação, da WEB, o aluno é outro, quem tem quinze, vinte anos de magistério, esse aluno mudou muito por conta de todas essas mudanças da cultura. O mundo hoje é muito mais complexo, e nesse sentido a gente precisa estar atualizado. Então eu vejo muito essa questão de você seguir de repente uma cartilha que na verdade não se aplica mais àquele público. Eu tenho esse receio. Primeiramente por que o público hoje é outro, o acesso à informação, muitas vezes o aluno vem e o aluno está cheio de conhecimento, ele já conseguiu acessar dados que você mesmo não tem, ou você não teve tempo de ver. Então o aluno é diferente, ele tem um perfil diferente. Eu vejo que a desvantagem também é porque a gente tem que trabalhar o grupo, você não pode dispensar nenhum aluno, a sala é essa, são 40 alunos, tem que trabalhar com 40 alunos, essa é uma dificuldade que eu vejo pra gente trabalhar com música, não são todas as práticas que você consegue fazer com 40 alunos, é muito difícil. Essa de você ter um aparato que seja atraente assim. Se você é um músico prático e tem realmente essa prática, e tem essa versatilidade, como o próprio maestro Glaydson Carvalho, o cara toca vários instrumentos e ele tem essa disponibilidade de levar, de montar. Isso é bom, mas na maioria das vezes ninguém tem esses equipamentos, as escolas não têm, ou se tem não dá pra você ficar transportando tudo. Então eu acho que a maior das dificuldades é essa, de você não ter um local apropriado pra trabalhar música, às vezes eu penso que é melhor você sair da sala de aula e ir para debaixo de uma mangueira, um lugar reservado e fazer uma prática musical ao ar livre, que muitas vezes permanecer em uma sala cheia de ruído, sem acústica, com um professor de um lado, um professor de outro, e os alunos dispersos por que pra eles é uma aula como as outras, não é, tem que ver que é diferente, tem uma especificidade diferente. Então eu vejo esses problemas com o ensino de música. Outra coisa que eu vejo é a questão de repertório, é complicado se trabalhar com repertório, os repertórios para os quais somos treinados, às vezes eu vejo problema também, porque eles não têm esse background, eles não tem esse conhecimento musical de todo o cancionário. E claro que eles gostam, toda música boa, vamos dizer assim, boa no sentido de que ela tem algo a mais, ela independente de ser um funk, independente de ser um erudito, independente de ser uma MPB, ela vai conquistar as pessoas, cativar as pessoas, eu me lembro que eu trabalhava muito as músicas, pra poder trabalhar, por exemplo, uma bossa nova eu pegava uma música que estivesse na novela, parece que quando entra pela mídia, atrelado a um filme, a uma novela, eles esquecem que aquela música é de uma categoria diferente da música que ele consome dia a dia. Eu percebia muito isso. Tom Jobim esses meninos não tem a disponibilidade pra ouvir isso, por que não é do habitus dele, da prática deles. Mas quando toca na novela que ele ouve tanto, associa a um personagem, associa a um tema, a uma trama narrativa. Parece que pra eles fica mais interessante. Eles aceitam até música puramente instrumental, erudita, você vê que eles até ouvem, colocam no playlist deles. De outra

forma é impossível, você vê que demora muito você inserir algum tipo de música que não seja a que eles consomem no dia a dia. Porque a gente sabe da força que tem a mídia na formação cultural desses jovens.

O ensino da música nesse sentido ele é um pouco fora da realidade do aluno. Eu acho que é também pela preparação. Eu me lembro da minha formação em música, ninguém fazia nada, nada, nada, fazia muito pouco, a gente fazia mais na prática de coral, você fazia o cancionero popular. Músicas nas disciplinas de instrumento, por exemplo, eram todas músicas eruditas, não tinha um viés voltado para uma harmonia, pra uma música popular, pra uma cantiga de roda, um arranjo pra isso, pra aquilo, era muito pautado pelos deuses da música. É algo totalmente fora do contexto da nossa cultura. Que eu estranhava e eu ainda estranho muito isso. Acho que o maior problema que a gente tem é isso. Falta assim, tem um pouco de formação. Eu não posso falar da formação de hoje porque eu sei que melhorou muito. Se você for ver o programa desses cursos da UFC da UECE do próprio Instituto Federal. É outro nível, são outros professores, mas na minha época era muito difícil.

Quando eu fui pra o mestrado, na banca mesmo de seleção, o fato de eu estar trabalhando com música de publicidade, de dizerem isso não é música, imagine o nível de achar que isso não é música. De achar que música de cinema, música de publicidade, música de teatro, música de dança não é música. Música pra ele é música pura, quer dizer, difícil. Ainda bem que teve uma alemã que foi, entrou na minha onda e me aprovou e me aceitou como orientando. Nos trâmites da academia existe essa barreira, essa dificuldade de aceitar. Os caras até entendem que uma trilha de cinema, desses autores mais famosos. Tudo bem até aí é música. Mas entrou na propaganda aí é lixo puro. É consumo. Que não é, na verdade precisam de profissionais de música pra fazer tudo isso. Tem que ter profissionalismo nisso também.

Como eu resolvi trilhar um caminho diferente, pela minha natureza dessa versatilidade, eu não gosto de só um só, gosto das coisas ligadas, eu acho que tudo tem a sua ligação, acho que nada está solto. Talvez eu tenha me desvirtuado desse caminho da academia. Essa foi minha grande dificuldade porque eu tenho uma formação muito aberta nesse sentido. E acabou que o pessoal da música dizia: sim, mas não e melhor você ir pra a comunicação? E o pessoal da comunicação: mas você é músico, não é melhor você ir pra música? Eu tive essa dificuldade. Esse foi um problema pra mim. Em vez de ser um agregado, de valores a mais, por um certo lado eu acho que prejudicou um pouco. Porque eles não querem uma pessoa com a cabeça aberta pra diferentes possibilidades. Eles querem em um departamento de comunicação é jornalista e publicitário e estamos conversados. Nesse sentido. Músico é um cara que trabalha só com música. Eu via muito essa dificuldade, eu mesmo quando criava algo pra propaganda, que eu chamava algum colega pra fazer um instrumento, os caras não tem prática de estúdio não. Um amigo, conhecidíssimo na música, com as gravações, maior dificuldade de gravar em estúdio, porque ele é um músico prático de palco, faz e ali ele desenrola, mas na hora do estúdio que tem tempo, que tem marcação, que tem isso, tem aquilo, a dinâmica e diferente, o cara trava de um jeito que passa horas, horas e horas e não consegue.

Eu acho que o campo da música é muito penoso. Os colegas que eu conheço da minha época da faculdade. A gente era da mesma turma, eu, Paulo Façanha, o Júnior, o Martan que depois foi pra percussão. Da turma que entrou não na turma que concluiu, porque eu conclui logo e teve gente que demorou dez anos pra se formar. A turma que entrou era uma turma boa, tinha muita gente que conseguiu. Mas você vai ver, por exemplo, um cara como Paulo Façanha, talvez uma das expressões que foi bem, que nem se formou em música na verdade, nem acabou fazendo a faculdade e abandonou logo, você vê que os caras não conseguiram essa expressão. Sobrevivem, certamente sobrevivem, mas não sei como, se realmente eles conseguiram encaixar de uma maneira. Então na maioria deles eu vejo uma dificuldade danada. Quem não está na academia e que está no mercado, essa galera sofre, eu conheço gente que continua o mesmo, evolui profissionalmente, mas assim em termo de realização a gente não vê muita mudança. E eu tinha muito medo disso porque eu já tinha família, não podia vacilar, esse era o problema também, o fato de eu já ter duas filhas na época, não podia vacilar não, tinha que ralar mesmo, tinha colocar comida dentro de casa, por conta disso eu tive que procurar algo que dê um retorno legal, tocar em barzinho e fazer carreira como todo mundo faz é penoso demais.

Foi uma opção minha ter trilhado esse caminho que eu trilhei. Então a minha experiência com música é muito por esse viés. Eu teria muito mais pra falar sobre esses campos interligados que a música permeia, está sempre presente, mas que as pessoas não entendem como fazendo parte do campo da música. Eu prefiro estudar, por exemplo, a música na dramaturgia, entender como é que a música se relaciona com uma peça de teatro, encenação, movimento, dança, do que necessariamente estudar a música pura, pura harmonia, composição, embora eu estude, mas assim eu prefiro estudar essas relações e saber como é que a música se comporta nisso, naquilo outro, é isso que eu venho fazendo é por isso, pra mim é muito mais interessante e não pensar no mundo isolado.

Em termos de perspectiva futura, eu vejo que só tende a melhorar, eu acho que foram avanços importantes, essas recentes conquistas, essa da inserção da música como uma disciplina obrigatória acho que só vem confirmar a importância da música na formação do jovem, da cultura, principalmente na nossa cultura brasileira. Mas ainda sinto essa falta de pensar o mundo como tudo ligado, não separar muito, eu me preocupo quando eu vejo muito tudo no seu quadrado. Eu acho que a própria formação de música deveria ser mais aberta, nesse sentido assim, se não num nível de graduação, mas num nível de pós pelo menos. Eu não sei se na pós, eu não conheço as linhas

de pesquisas, as pesquisas que se faz, bastaria saber se existe esse viés da música ligada às áreas interdisciplinares. Então eu vejo muito nesse sentido.

Na escola em si o que eu penso é que com o acesso à informação que a gente tem hoje no mundo da web e tantas outras formas, o avanço da tecnologia também que proporcionou tantos softwares de aplicação pra tantas coisas, que cada vez mais a figura do professor em si, do professor de música, esse professor que a gente imagina um professor tradicional, fica mais comprometido assim o seu papel, o seu desempenho, porque o jovem hoje ele tem acesso ao que ele imaginar, ele tem informação, uma demanda, um absurdo pra ele aprender. Outra coisa que até a maneira, os hábitos de consumo destes jovens é impressionante. É uma forma de consumo, ele não consome do mesmo jeito que a gente e nem ouve do mesmo jeito que a gente, por exemplo, consegue filtrar coisas que a gente não consegue. Porque o mundo deles já é esse mundo complexo, ele está ligado, interligado, já nasceu assim, praticamente já cresceu assim. Então pra ele tem certas coisas que não faz mais sentido. Porque também essa era uma dificuldade da gente que ensinava música, justificar a prática musical na escola regular. Que embora a lei está tudo ai amparado, os documentos mais lindos do mundo, que dão bases a essas diretrizes curriculares. É uma questão cultural a valorização do que é cultura, e do que é até as questões mais técnicas e questões mais da imediatez da sobrevivência. Então a gente vê muito esses preconceitos em relação às artes, em relação à música, ainda existe, é uma questão cultural. Mas eu sinto que se não mudar, mudar em todos os sentidos. O que é importante pra música. Por exemplo, quem é o professor de música que em vez de ensinar, é claro que é importante ele entender a linguagem da música pra poder compreender a profundidade aquela linguagem seja ela mesma, ou seja, ela inserida em outro tipo de manifestação, no cinema. Mas a gente não vê que não tem preparo, a maioria dos professores não têm preparo pra fazer essas relações. Tentar entender como é que funciona a trilha sonora de um filme, por exemplo, uma análise, em vez de pensar, ou então até mesmo a propaganda, como é que a música se insere na propaganda, qual é a função dela, não, é música pela música, eu acho um pecado. Porque de repente fica difícil você justificar o papel da música na tua vida, a música não é só entretenimento, música é conhecimento, são várias maneiras de você se relacionar com o mundo. E eu vejo isso, a gente insistindo na mesma tecla, claro que compreender a linguagem é parte pra poder você se tornar um apreciador com mais balizas, pra você fazer uma apreciação melhor do que é uma música isso, do que é uma música aquilo, não dizer boa ou ruim porque eu não estaria sendo correto, ter critérios pra você elo menos saber ouvir e avaliar uma música, a gente também não treina muito, por exemplo, eu acho também que peca um pouco na prática de ensino da música essa coisa da análise, de você imaginar que a música é um objeto de conhecimento, é uma prática que você tem toda forma e conteúdo você vai trabalhar aqui os diferentes estilos e gêneros, a própria linguagem assim de forma geral, mas você esquece que essa música é feita por gente, que tem influências diversas, tem questões de marcas de autor. Então todo o contexto sócio-cultural desse cara influencia na música que ele faz, que influencia um receptor que está inserido em um contexto cultural. Então uma música que tem um sentido pra uma determinada pessoa ou cultura já não tem pra outra porque o contexto dela é outro, a música faz isto. A gente vê que essa parte é muito focada no objeto música, na materialidade música e aí trabalha conceitos, trabalha teoria, trabalha até mesmo a técnica de você desenvolver, é importante, mas eu acho que faltam essas ligações pra você sair um pouco desse campo da música e ver aonde é que ela se insere e que papel ela assume. Não só no entretenimento, mas até mesmo na vida pessoal, da pessoa ver como é que a música te influencia, no estado de ânimo em outras linhas que a música consegue. Então eu vejo muito por aí.

Eu acho que a perspectiva pra gente é a perspectiva de mudança. De mudança para que seja possível a gente compreender que o mundo mudou e vai estar sempre mudando, e a complexidade também, não dá nem pra dizer que o mundo é muito mais complexo. Eu acho que tem muitos mais elementos pra gente explorar, eu acho que a gente explora pouco. Eu penso assim, eu acho que o caminho é esse, é abrir mais, cada vez abrir mais para trabalhar mais ainda a questão da interdisciplinaridade e fazendo essas ligações pra não deixar a coisa fora do contexto, fora das inter-relações com as outras áreas, porque a música está em tudo, a música está na área da saúde, está na área da comunicação, está na área de entretenimento, está na vida das pessoas, do indivíduo. Eu acho que falta, mas é tudo formação, eu acho que depende muito da formação, se você não tem uma formação aberta pra isso fica difícil, fica difícil você imaginar uma maneira diferente de abordar, quem não se dá por curiosidade pra buscar esses conhecimentos fora do eixo, fica difícil, porque ele não conhece, ele não vai falar, ele não vai saber, não vai despertar nada pra o que não conhece, então tem que partir lá atrás, tem que abrir os programas, seja na pós seja na graduação, tem que pensar que o músico se preparar para o mundo real, um mundo em que as pessoas têm toda essa demanda.

Eu sempre lamentei muito, por exemplo, a gente vê os grandes profissionais de algumas áreas, quando você vai olhar o histórico e ele não passou por uma academia. Você vê o pessoal que faz música pra teatro, música pra dança, pra trilha, música até mesmo pra cinema, pra material áudio visual, pra propaganda, eles nunca sentaram num banco de faculdade e nem por isso deixam de ser reconhecidos. E o cara é músico, sobrevive daquilo ali, o dia a dia dele é mexendo com música. Eu acho que falta isso, essa preparação mais aberta, essa visão mais holística. Acho que teria que abrir pra isso, pensar que o mundo da música é um mundo, mas ela está inserida em todas essas teias, nessa rede, se desliga ela funciona mal.

- **ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE MÚSICA SOL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE FORTALEZA - 24 DE FEVEREIRO DE 2017 (MANHÃ)**

Gráfico 10 – Nuvem de palavras do Professor Sol



Fonte: elaborado pelo autor

Pergunta deflagradora: Pesquisa histórias de vida de professores de música da cidade de Fortaleza. Para conhecê-lo melhor e sua realidade peço que narre sua experiência como professor de música considerando a importância da música em sua história de vida e para o currículo escolar, sobretudo no contexto das leis que trouxeram a reinserção das músicas nas escolas. Leve o tempo que quiser. Conte como quiser. Peço apenas que conte livremente o entrelaçamento da música em sua vida. Não vou interrompê-lo, apenas avise quando terminar.

Resposta:

Bom dia! Falar aqui algumas palavras a respeito da minha experiência enquanto professor e minha trajetória até chegar nesse lugar.

A música sempre foi importante pra mim, eu tenho lembranças da minha infância que remontam aos meus 3, 4 anos de idade, onde a música já tinha muita força, muita influência pra mim. Eu posso dizer que eu já compunha música aos 4 anos. Eu tinha uma facilidade muito grande de criar melodias com aquilo que eu ouvia, então se eu ouvia um fragmento musical, aquele fragmento musical ele crescia, se desenvolvia, embora eu não soubesse dar nome àquilo que estava fazendo e nem tivesse total consciência daquilo que eu estivesse fazendo, fazer pela própria ludicidade que movia aquele processo. Constante nos processos musicais de maneira geral.

Isso foi me acompanhando por toda infância. Na minha família meus pais eles não têm um interesse direto pela música, mas na minha família têm pessoas que têm habilidade musical, alguns familiares. Desde muito cedo eu sempre tive interesse pela música, pela música cantada, pela música instrumental e isso me acompanhou no meu desenvolvimento. Em um determinado período, talvez essa latente ela ficou adormecida, mas posteriormente ela se mostrou mais forte novamente.

Eu aproveitei de modo muito natural esse interesse pra minha própria satisfação. Mais tarde quando eu já estava próximo da fase adulta, adolescente pra fase adulta, eu consegui adquirir um violão. E quando eu comprei esse violão eu comecei a me desenvolver nessa parte musical, a tocar, estudar as músicas que eu gostava, o repertório que eu gostava e eu tinha muita habilidade pra pegar as músicas que eu queria. Pra aprender a tocar o violão foi muito rápido e desenvolver as músicas que eu gostava de tocar e compor as minhas próprias músicas também isso não demorou muito.

Cheguei a fazer alguns trabalhos de noite, que a galera chama de tocar em barzinho, restaurante, pouco mas fiz algumas vezes, mas eu preferi estudar violão mais pessoalmente e procurar desenvolver sem necessariamente ter aquela responsabilidade de estar me apresentando. Isso pra mim no início foi mais desse jeito, dessa maneira.

Então eu toquei violão mais ou menos por uns seis, sete anos até ter o meu primeiro professor de violão, que foi o professor Carlinhos Crisóstomo, lá no conservatório IFCE. Eu fiz o curso técnico em música no IFCE, que foi extremamente útil pra mim, no que diz respeito à questão educacional, um curso muito bom, com profissionais muito competentes e antes de me formar no IFCE, passei também por projetos musicais e culturais que fortaleceram o meu currículo musical, a minha compreensão do universo no que diz respeito à parte social, a

música, a parte étnica da música, vamos dizer a etnomusicologia, a história da cultura musical do Brasil, do Nordeste do Brasil também.

Em 2004 eu ingressei no curso de Música da UECE, curso de licenciatura plena pela Universidade Estadual do Ceará, que também foi um período muito engrandecedor. É fantástico! A possibilidade de ter uma surpresa muito grande, porque eu achava que eu já sabia muito de música, e quando eu cheguei no curso de música da UECE, logo no primeiro mês, eu descobri que eu sabia pouquíssima coisa, foi muito surpreendente. Mas aí fui buscando entender melhor o que eu queria, eu sempre me aprofundei muito na questão do violão, do instrumento e das maneiras diferentes de expressar o violão e de alguma forma alguma poesia que eu soubesse fazer, então eu ia escrevendo alguma música, escrevendo arranjo pra clarineta, violoncelo, viola, violino e alguns outros instrumentos pra nesse laboratório poder ouvir como é que eu estava entendendo de música. Eu acho que a questão da criação musical deveria fazer parte do exercício musical de qualquer músico em formação. Por mais que a pessoa não tenha o maior de todos os interesses em fazer a composição e estudar a composição com profundidade, mas é um exercício muito interessante. Pra mim foi muito recompensador, muito formador no meu caso. Posso dizer que o que eu compreendo de música, grande parte eu devo à questão do exercício de compor.

Na UECE, no curso de licenciatura plena da UECE, foi que eu pude decidir o que é que eu iria fazer. Eu não tinha nenhum interesse em ser professor, na minha imaginação eu iria tocar, simplesmente isso, tocar, poderia até viver da profissão de músico ou compositor, ou arranjador, ou coisa do gênero, mas aí a possibilidade da licenciatura me permitiu ver que a sala de aula também pode ser um lugar agradável, também pode ser um lugar bom pra nós nos desenvolvermos, compartilhar o que a gente sabe e nesse trabalho a gente crescer também, e dar a contribuição pra aproximar as pessoas daquilo que a gente acha tão importante.

Então fui procurando fazer os meus trabalhos no curso de música da UECE. Tive a oportunidade de participar de alguns festivais de composição, que também foram muito úteis pra mim. Fui aluno bolsista também. Durante a faculdade de música ministrei aula de alguns projetos musicais, sempre voltados para o violão e a história da música brasileira, que é muito interessante, tem muito pra gente saber e múltiplas maneiras de fazer as pessoas se interessarem pelo assunto. O fazer musical dos atores em questão, no caso da história da música brasileira, ela pode ser muito aprazível, conhecer essa história.

Eu trabalhei dessa maneira até que concluí o curso e música da UECE, e continuei dando aulas em alguns lugares até chegar na secretaria de educação do estado, como professor da disciplina de artes do estado. E estou no meu terceiro ano e trabalho como professor, embora seja professor há alguns anos. Tenho alguma experiência, não muita, no que diz respeito ao ensino. Já dei aula pra crianças, já ministrei aula pra crianças de berçário até pessoas na terceira idade. Já ministrei aula para uma grande gama de faixas etárias. Mas nesse momento a concentração ela vai dos alunos do 8º ano ao 1º ano do ensino médio, no caso das escolas do estado.

Nessa evolução percebo que em cada fase existem alguns desafios, algo pra se refazer, pra se melhorar e as coisas que a gente tem pra ficar feliz como se fosse uma vitória que se tenha chegado. Então é muito interessante no caso de nós músicos talvez a percepção de que a música seja algo fundamental, ou digamos assim pra ampliar essa perspectiva de que a arte ela seja fundamental a questão da educação, por trazer a pauta de uma perspectiva de linguagem não linear, aquela que transcende as limitações da linguagem formal e permite a perspectiva de uma linguagem que ela é por seus próprios meios, chegar a lugares mais íntimos, mais profundos em uma pessoa e permitir que a pessoa possa expressar determinadas experiências que a linguagem formal não permitiria, tem uma riqueza muito grande, tem um valor muito grande. Pelo menos na perspectiva de nós músicos, imagino que sim, pra mim tem.

Percebo que quando a gente chega pra dar aula, quando nós somos procurados pra receber um aluno que está interessado em aprender música é uma perspectiva diferente, já quando nós somos lotados, num determinado espaço pra ministrar uma disciplina de artes pra um grupo de pessoas que pertence ao contexto social e invariavelmente, nós estamos falando das escolas públicas do estado do Ceará, que poderiam ser as escolas públicas de qualquer estado desse país. É interessante a gente perceber o seguinte, que nós sabemos, nós temos consciência de que a nossa educação ela está muito longe do mínimo que nós precisamos. Muito longe do mínimo que nós precisamos pra nos desenvolvermos, pra gente tomar consciência do que é o nosso papel, vamos dizer assim. Colocar de uma maneira ordeira aquilo que nós devemos fazer numa determinada situação enquanto professor, enquanto estudante. Não são raros os casos das dificuldades dos professores em sala de aula, não só da disciplina de artes, mas qualquer que seja a disciplina que tenha o objetivo de repassar o conhecimento que aprendeu. Fundamentalmente não por dinheiro, porque aprendeu que o retorno financeiro nessa profissão é motivo pra uma outra pesquisa com certeza. Mas por ter consciência de que o combustível gerador do movimento de transformação de uma sociedade ele passa pela aquisição de conhecimento e aplicação do mesmo. O conhecimento não é poder o conhecimento aplicado é poder, mas até chegar na aplicação desse conhecimento existe a necessidade do repasse desse conhecimento. Os professores estudam muitas ferramentas pra aplicação desse conhecimento, e no caso da música não é diferente, da arte, de maneira geral não é diferente. Como já falei essa linguagem, que transcende a linguagem formal, convencional e linear pra chegar num patamar, pra chegar primeiro na emoção, tocar o coração da pessoa.

Aparentemente os corações estão embrutecidos, aparentemente o contexto social muitas vezes ele cria um muro de concreto que pra penetrar é preciso muita persistência e muita habilidade. Então nós temos um quadro social, que ele implica, muitas vezes, surpresas indesejáveis, surpresas que não são positivas, mas elas estão assim como se fossem num campo de batalha em que o professor tem que saber como se conduzir pra poder chegar no objetivo. Não só o professor de música ou arte, mas de qualquer disciplina, ele se multiplica num educador emocional, ou seja, ele dá o exemplo, ele procura aconselhar também àqueles que necessitam e que podem ouvir e que se permitem ouvir, a educar a si enquanto cidadãos, a fim de que eles possam se organizar pra poder entender o papel deles ali enquanto estudantes. Às vezes, os alunos eles não tem sequer essa perspectiva e a gente precisa entender que a música, a música dá um exemplo muito interessante. Numa orquestra, o resultado sonoro da orquestra, um dos fatores fundamentais é a questão da ordem, é a ordenação musical. Não estou dizendo uma ordem militarista, imposta à força, mas a ordem que faz com que elas produzam a sensação de equilíbrio.

E todos os dias aparentemente nós temos desafios diferentes em sala de aula. O grande desafio que o professor pode ter, acredito eu é o cuidar de si afim de que possa cuidar melhor daqueles que estarão sobre a sua responsabilidade durante aquele período daquela aula. É necessário um cuidado primário que o professor tem afim de que o desgaste que ele vai ter não seja muito grande. A educação do ser humano é uma tarefa muitíssimo árdua, e pode ser muitíssimo desgastante se a gente não souber como fazer. E invariavelmente nós vamos encontrar quem não quer aquilo que nós vamos dar de bom grado, então é preciso ter habilidade pra gente saber doar a quantidade de doação que nós vamos fazer.

Observando por uma perspectiva positiva, é muito interessante a gente perceber os benefícios que são adquiridos no que diz respeito ao sucesso desse repasse desse conhecimento. Eu já tive muitos alunos que eles ingressaram inclusive na carreira musical, ou então perceberam, tiveram uma oportunidade de remodelar, de reforjar as lentes de leitura da realidade que usam atualmente, foram remodeladas por conta da perspectiva que a arte lhes permitiu. O contato com a arte, não só com a música, mas o contato com a arte em geral sob uma perspectiva educativa é transformador sim. É possível uma educação pela arte, sim, é possível. Obedecendo alguns parâmetros, por exemplo, um deles é a questão de falar a linguagem que o aluno quer ouvir, ou pelo menos, buscar a comunicação dessa arte com o aluno a partir de uma linguagem que é natural do próprio aluno. E a partir desse primeiro contato, apresentar outras formas de manifestação artísticas que não só necessariamente aquela que é diretamente ou que dá um retorno de satisfação imediato para o aluno, ou que já é do conhecimento imediato do aluno. E aí nós temos o crescimento, a questão da evolução do conhecimento propriamente. E essa visão de mundo se multiplica, ela se torna maior e ela avança. E a partir desse momento, tudo o que acontece na vida dessa pessoa ela também será vista de uma forma diferente, de uma perspectiva maior. Então a arte ela tem todas essas especificidades e ela permite esse crescimento.

Nós temos aliados, mas nós temos também aquele que joga contra, nós temos um sistema e um sistema é uma coisa ampla. O sistema ele tem características que precisam ser bem trabalhadas a fim de que nós possamos chegar ao nosso objetivo. Por exemplo, nós vivemos num sistema que nós temos tudo em alta velocidade de maneira imediata. São toneladas de informação, não necessariamente úteis em alta velocidade, passa a impressão de que a quantidade de informação é o que importa, ou necessariamente a quantidade é o que importa. Então nós temos 500 canais de televisão em uma TV por assinatura, mas lógico que não damos conta de assistir 500 canais de televisão. Então nós temos o que é feito numa escala industrial, e ela já é feita descartável, já tem essa necessidade, precisa ser descartável, é um produto. E nós temos uma geração que nasceu e que está crescendo, ou que cresceu já sob essa perspectiva. E o conhecimento que essas pessoas têm é esse, é descartável, e pronto, ela serve, ela tem esse objetivo. E se a gente pensar que a música tem usos, e a cada uso que nós damos à música ela aponta a função que ela tem. Então, por exemplo, nós temos uma música que eu vou usar pra alegrar uma pessoa, então digamos que eu use um samba bem animado. A função daquela música, de acordo com o uso que eu estou dando pra ela vai cumprir com essa função de alegria. Mas a música ela também tem a função de inspirar, reflexão, ou digamos assim, de ser direcionada a autorreflexão, a música também pode ser assim. A gente sabe que existem pelo menos dez possibilidades, ela pode inspirar a questão do ritmo, da dança, como também ela pode fazer parar, tem usos e cada uso tem sua função. Mas aparentemente as pessoas estão esquecendo das funções da música, e a música está se tornando meramente a trilha sonora de um comercial, basicamente. E isso não é assim uma coisa apartada de um contexto maior. O próprio ser humano ele está se esquecendo-se do ser e passando ao ter. Então se a pessoa tem a calça jeans da moda, provavelmente ela é feliz, ou o tênis da moda e ela é feliz. Quando a pessoa se vê numa situação onde algo parece frustrante. Os veículos de comunicação, a mídia em geral estabelece um modelo de resposta, um modelo de comportamento, e esse modelo de comportamento parece perfeitamente normal, porque um veículo que tem tanta força quanto a televisão repassa ele, aparentemente só pode ser normal, então a ausência do exercício de criticidade faz com que aquilo pareça normal. Só que quando isso acontece em sala de aula nós temos um problema muito sério, porque aparentemente essa velocidade, o não pensar ou o agir impulsivo, como presas das emoções ou ante a necessidade de autoafirmação. Pelo modelo estabelecido, pelos veículos de comunicação de massa ele tem se tornado cada vez mais agressivo e cada vez mais violento. A nossa sociedade tem se tornado cada vez mais

agressiva e cada vez mais violenta porque o ser humano está esquecendo o que é que é o ser humano, e está todo mundo querendo ter humano, ou sobre o seu controle, ou algo parecido.

O professor ele vivencia muito isso em sala de aula por que a juventude ela é o suprasumo da sociedade. A gente espreme a sociedade e o que sai da sociedade é a sua juventude, a juventude absolve tudo o que acontece nela, está inserida no contexto dela, aí quem está mais próximo de vivenciar, de ver isso aí, além dos pais são os professores. Muitas vezes os professores são mais próximos que os pais. Eu vivenciei no ano passado uma experiência numa escola da periferia de Fortaleza, em que nós tínhamos a escola em uma região extremamente desassistida pelo poder público, onde a anomia está, ou seja, a ausência do estado, a inação do estado em permitir a ação do poder paralelo, do poder que não é estabelecido pelo povo mas ele é tomado à força por alguns elementos dentre o povo, e fazer com que essas pessoas na comunidade tenham autoridade. Então em determinados casos a palavra de quem organizava o crime naquela região era mais forte. Isso chegava ao ponto de interferir nas ações da própria escola. É assombroso a gente ver assim a distorção, a alucinação completa da realidade. É uma responsabilidade de dizer a realidade, porque a realidade o que é que seria, seria o estado que é responsável teoricamente pela formação, se formos remontar assim o que é formação do cidadão no pensamento grego, o estado tem a responsabilidade de formar. Mas o estado naquela situação, ou na situação de muitas escolas hoje em dia, em uma radiografia do nosso próprio país, ele é ausente e por conta disso o crime organizado ele cresce e toma força. Porque as pessoas precisam de heróis. Mas numa sociedade desorganizada o herói também é distorcido. E os anti-heróis aparecem também como espelho e estabelecedores de modelo de comportamento para outras gerações. Isso é um problema seríssimo, porque os nossos jovens já crescem querendo imitar aquele exemplo. Bom, o estado não está aqui então fulano, que tem o poder porque ele tem uma arma, ele resolve, ele resolve sem demora, sem a demora do estado, sem a letargia do estado. Então esse poder influenciava diretamente dentro da escola. Então algumas decisões que a direção da escola tinha que tomar, ela precisava consultar o poder paralelo pra poder fazer ou não fazer determinadas coisas. Parece história, parece coisa de filme, mas isso é verdadeiro.

Então até mesmo quando alunos tinham um comportamento que passava do limite e quase praticamente todos os dias algum fato desse tipo acontecia. Pra citar só um caso, teve um aluno que ele apontou uma arma de brinquedo pra cara de uma professora no meio de uma aula, mas ninguém percebeu que era uma arma de brinquedo, principalmente a professora que estava numa situação de refém daquela ação, daquele momento. Olha só a situação, aquela pessoa, aquele aluno, o que foi que ele fez, ele experimentou o resultado de uma tomada abrupta de poder e controle. Então naquele momento quem mandava em sala de aula era ele, ele estava com a arma na mão. Então a professora ficou paralisada sem saber o que fazer, momentos depois foi que se percebeu, que ele disse que era uma arma de brinquedo, e ali foi só uma brincadeira! Foi só uma brincadeira, mas naquele momento ali ele viu que ele tinha possibilidade, ou ele tem a possibilidade de ter o controle de alguma determinada coisa imediatamente, em alta velocidade, ignorando se aquilo é de forma abrupta ou violenta. Invariavelmente aquilo ali foi alguma forma de educação, foi uma deseducação do ser humano, foi uma distorção do ser humano. Mas não foi a primeira com certeza, foi o resultado de uma cadeia de eventos. Mas aí a direção da escola ia fazer o que nessa situação? O que foi que a direção da escola fez? A direção da escola pediu pra que a professora não denunciasse, porque se ela o fizesse, muito provavelmente ela iria ter uma represália forte. E aí entrou em contato com o traficante da área, que tem um ponto que fica na rua de trás da escola, pra que o traficante da área desse um corretivo na ação daquele aluno, naquele aluno.

Eu fico imaginando a situação em que se encontra um diretor de uma escola desse tipo, numa situação dessa, tendo que administrar esse tipo de coisa, que não é um fato isolado, outras coisas que aconteceram que também não foram nada agradáveis e mostram o quanto é desafiadora essa profissão nesse contexto social. A professora ela não denunciou e o aluno também não foi punido da maneira que a gente pensava que ia ser punido. Pegou uma suspensão acho que de uns três dias e pronto voltou pra escola. Mas aquilo ali marcou, obviamente marcou negativamente tanto para a professora, para os colegas que presenciaram e para o aluno que cometeu aquilo ali. Antes de fazer um julgamento, eu não compactuo com nada que aconteceu aí, mas antes de fazer um julgamento apressado vamos pensar, vamos nos colocar na posição de quem vivenciou aquela situação ali pra imaginar os fatores causadores, desencadeadores daquela situação e as atitudes que as pessoas escolheram tomar no sentido de, vamos dizer assim, de tentar continuar conduzindo os elementos atuantes da escola em seus lugares. Então isso é um caso que aconteceu. Posso citar em uma outra escola, porque eu fui lotado em duas escolas. Em uma outra escola que eu fui lotado no curso noturno e aí um aluno fez o seguinte, eu estava pedindo ordem para as pessoas e um aluno se levantou e disse assim, professor se eu quiser eu posso ir aí dar uma mãozada no professor, não é? Bom, aí todos os alunos ficaram assim parados sem saber o que esperar. A resposta que tive pra dar foi: poder você pode! Agora você vai ter que arcar com as consequências. Então são coisas que a gente lida todos os dias em sala de aula.

Aí você imagina assim uma pessoa que ela é músico, que ela tem como trabalho fundamental a arte que é algo imaterial. A música não dá pra mensurar, não dá pra chegar no mercantil e dizer me dê 300 gramas de música. Não dá pra fazer isso. Ela é algo que tem um principio universal, tem um princípio que ele é gerador da própria energia fundamental e primordial. Vem dessa energia. Mas que em cada sociedade ela encontra os elementos que

vão transformar em música. Então a música é o suprassumo de uma sociedade, e os músicos eles são artífices dessa coisa que não tem nada a ver com a matéria. Ela serve pra desentortar o que nós somos por dentro ou entortar.

Nós temos esses desafios pela frente, temos que perceber maneiras de fazer com que o ser humano entenda determinadas coisas, entenda até porque que ele está ali naquela situação. Então nesse caso a música também pode ser muito útil pra gente poder perceber a nossa situação social, a gente ter um pouco mais de consciência da situação que nós estamos vivendo. Mesmo com todos esses desafios, com consciência do tamanho da responsabilidade que nós temos e vamos dizer assim, eu vou falar como músico, da dádiva que recebemos. Só o músico ele sabe o quanto a música tem um valor, da maneira dele, sim, com certeza. Outras pessoas podem premiar, podem achar muito bonito, aplaudir, comprar o CD, pagar o show, mas o músico ele tem, ele sabe qual é o valor que a música dele tem pra ele. E de maneira geral a gente pode ter mais consciência disso quando a gente compartilha isso. Mas no metiê do professor, esse compartilhar tem sido cada vez mais desafiador por conta de diversos fatores. Como eu já citei antes, o ser humano esqueceu, é o ter humano. Então se eu tenho o aparelho que toca a música no meu celular, não importa a música que eu estou ouvindo, não importa o que eu estou consumindo se a gente pensar a música como alimento.

São diversas histórias, têm histórias positivas também, pessoas que conseguiram fazer da música algo presente em sua própria vida, fazer da arte algo mais presente, e pessoas que melhoraram a sua condição de vida, sua condição social. A contribuição que essas pessoas retornam à sociedade a partir daquilo que receberam e do reconhecimento daquilo que receberam. Vamos sonhar com uma sociedade mais justa, mais equilibrada, mais humana, mais respeitável, onde as pessoas respeitem o lugar de cada coisa, sem querer tomar a frente uma das outras. E onde as coisas funcionem. Eu também acredito nessa sociedade, mesmo vivenciando diretamente as deficiências e o resultado das deficiências, que a gestão, não só aqui na nossa situação mais em diversos lugares. Essa perspectiva materialista das coisas, a realidade puramente material das coisas, ela aparentemente está sob o jugo de uma lei física que é que a matéria ela é finita. Existe uma lei, que é a lei da finitude da matéria, então na perspectiva material da realidade ela também leva todas as coisas pra um fim, ela não permite uma perspectiva além disso. As pessoas aparentemente estão vivendo nesse comercial, intervalo comercial puramente. A escola ela também pode ser um lugar, ela é um lugar onde as pessoas podem tomar uma vacina de realidade, nesse contexto social onde nós podemos encontrar sim o ser humano, o que há de ser humano em cada pessoa, essa partícula digamos assim, mais positiva. Porque o contrário também é a barbárie. Apesar da barbárie, nós enquanto professores precisamos encontrar meios de encontrar o melhor, o que é mais correto, o que é mais equânime, dar oportunidade pra aquelas pessoas que têm tão pouco possam abrir um pouco o coração, abrir os ouvidos para o ouvir, pra interagir afim de crescer um pouco mais e fortalecer e poder vivenciar o resultado da educação, a função da educação é isso, pegar pela mão e elevar, colocar em um lugar mais alto. Infelizmente a gente não pode pegar assim e arrastar com toda força, às vezes dá até vontade, mas não dá pra fazer isso. A realidade do professor ela passa por isso e a realidade do professor de artes ela tem essas características, porque até hoje nós lutamos com a questão da necessidade da arte. Eu vou fazer isso, mas pra que serve essa sinfonia, pra que é. Uma porta ela serve pra abrir, um interruptor de luz a gente aperta e de modo impressionante a lâmpada ascende, a cadeira serve pra sentar, o carro pra se deslocar, mas pra que é que serve uma música, pra que é que serve um quadro. Ah! Quadro a gente pinta, bota na parede, pode vender e aí é útil por causa disso. Então essa questão da utilidade ela precisa ser repensada porque toda arte é útil. Agora a gente tem que ver qual é o tipo de utilidade que a gente emprega. Porque se a gente pensar o seguinte, que o mais importante que a gente tem em todo um sistema seja o ser humano. Então por exemplo, se nós pensarmos existe a sociedade protetora dos animais, existe o instituto do patrimônio histórico, mas o ser humano ele tem a declaração universal dos direitos humanos. Porque nesse mundo somos os seres capazes de decidir e de tomar as decisões da nossa própria vida. O que nos faz diferente dos animais não é a inteligência, podemos perceber que um cachorro chega na calçada pra atravessar, ele para, dá uma olhada pra um lado e para o outro e depois atravessa. Tem cachorro que faz isso e tem cachorro que não. Mas tem cachorro que faz. Então não é a inteligência que nos faz diferente dos animais e sim a capacidade de tomar decisões. E nós precisamos tomar as decisões e ainda arcar com as consequências das decisões. E a nossa sociedade está esquecendo disso, ela esquece disso aí. Nós precisamos de menos carnaval, e mais uma consciência e valorizar o que nos faz diferente de todo o resto. A música, a educação, a arte ela é uma ferramenta fundamental, sempre foi em todas as culturas da humanidade, sempre foi o retrato daquela sociedade, a música que é a minha formação. O retrato de uma sociedade, a maneira que se pode conhecer uma sociedade escute a música que toca naquela sociedade, então aquela sociedade é daquele jeito, é um retrato daquela sociedade e também a maneira de conduzir as pessoas a uma outra perspectiva. Perceber a arte é não só, ah! Isso aqui é uma disciplina que tem que estar no currículo. Vamos pensar em uma escola que não tivesse paredes, que não tivesse merenda escolar, que não tivesse a estrutura física. Mas a escola enquanto uma instituição imaterial, ela tem o objetivo de concentrar as pessoas a fim de que essas pessoas recebam um conhecimento e que possam fundamentalmente, com esse conhecimento que esse conhecimento ele não é um objeto que a pessoa carrega no bolso e leva pra onde quer e liga esse conhecimento, e ouve música por conta desse conhecimento, se conecta com outra pessoa por causa desse conhecimento, não é

isso. Mas a sua função fundamental é transformar, é ser o combustível transformador da vida da pessoa, e essa pessoa como ser atuante na sociedade transformar a sociedade em que vive.
Então é isso que eu tenho pra dizer, talvez tivesse mais algo pra falar mas no momento é só.

Tive algumas aulas, mas não pude ficar muito tempo. Eu fiquei talvez uns dois a três meses, mas foi importante aquilo ali porque já deu uma clareada, já me mostrou assim o caminho do que eu precisava aprender. Eu tinha uma prática, tinha um ouvido muito bom, mas faltava dar nome aquilo que eu sabia fazer.

Comecei a tocar, e o que eu ganhava num final de semana equivalia o que eu ganhava o mês inteiro dando aula. Resolvi optar, talvez até por questão praticidade, tinha muito trabalho, eu era muito jovem dando aula, então tinha muito trabalho com questão de disciplina eu fiquei meio perdido nessa época.

Então resolvi mudar de faculdade, fiquei mais de três anos no curso de história, era na mesma área, fiz uma seleção e consegui mudar de curso, era na mesma área na Universidade Estadual, na UECE. Em 1996 em conclui a faculdade, e foi quando surgiram as possibilidades de ensinar e de trabalhar com música. Eu tenho um grande amigo que me ajudou em vários períodos da minha vida: o Rogério Jales, que é maestro, regente, é um amigo sabe!

A primeira escola de música que eu trabalhei foi a Tocata que é a escola do Rogério Lima, que ainda hoje funciona. Rogério Lima é um grande violonista, o filho dele também já está tocando, já dá aula. A primeira escola que eu trabalhei foi a Tocada, foi uma experiência maravilhosa, inclusive eu trabalhei com o Pedro Rogério, que hoje é professor da UFC, coordenador do curso de Música. Essa experiência lá foi interessante, a gente passou algum tempo, violão popular e a gente começou a aprofundar alguns estudos. Depois da Tocata eu recebi um convite também através do Rogério de dar aula no conservatório. Então eu passei, não sei exatamente quanto tempo, mas passei uns dois ou três anos trabalhando no conservatório dando aula de violão popular. Tinha o professor José Mário, ainda era vivo. Muita gente passou por ele, e eu tinha muito contato com ele, gostava muito de conversar com ele, a experiência que ele tinha. E tive essa experiência e saí do conservatório por conta do concurso que eu fiz em 2003 para professor do estado.

Em 2001 teve o concurso para professor de artes da prefeitura e nesse momento eu estava assim, dando aula em escolas de música e tocando. Tocava em bares, em eventos particulares. Em 2001 eu fiz o concurso da prefeitura para professor de artes e eu tive que aumentar a minha pesquisa relacionada à arte. Porque até o momento eu visualizava, estudava somente a música. E com essa possibilidade da aula de artes eu tive que enveredar por outros caminhos porque nas escolas a gente trabalha artes visuais, a questão do desenho, da cultura, do cinema, da fotografia. São coisas que eu sempre eu achei interessante, mas não tinha parado ainda para aprofundar. A gente trabalha a questão da dança, o teatro e a música. A música é um dos elementos que fazem parte do currículo das escolas, tanto no estado como na prefeitura.

Eu comecei a dar aula em 2001 na prefeitura e já comecei trabalhando em três escolas diferentes porque a carga horária é muito reduzida, tem que dar uma aula de 50 minutos. Na época era sufocante, tinha que ter 20 turmas, durante a semana eu dava quatro aulas por dia, então ao final da semana eu tinha 20 turmas. Hoje em dia isso já está bem mais tranquilo, porque a gente conseguiu as horas de planejamento, e pra não trazer trabalho pra casa nós temos alguns dias de planejamento.

Então em 2001 entrei na prefeitura, 2003 entrei no estado eu fiz concurso pra 100 horas. Eu pude relaxar um pouco com relação a tocar, não fiquei vivendo exclusivamente da música enquanto instrumentista. Isso foi bom pra mim. Tanto pela questão da estabilidade financeira como os horizontes que se abriram a partir daí. Eu fui meio que forçado a fazer o primeiro concurso, recebi um empurrão bem importante da minha esposa, que ela também é professora, e nós dois entramos em 2001 pela prefeitura e em 2003 eu entrei pra o estado.

Vendo a necessidade de aprimorar os conhecimentos e me aprofundar, eu fiz na UECE também, por volta de 2007 ou 2009, não tenho certeza da data, mas fiz uma especialização em metodologia do ensino das artes, que foi assim algo maravilhoso, porque conheci pessoas de outras áreas e teve uma troca muito legal, uma troca muito importante. Aprofundamos em algumas leituras bem interessantes. E aí a gente começa a modificar a forma de ver a arte e o que é necessário ensinar. E a questão do ensino é uma questão muito dinâmica sabe, você começa, faz uma aula e daqui a pouco você vê que aquela aula faltou algo e você vai incrementando. No começo você chega só empurrando informações para os alunos e daqui a pouco você percebe que é bom que eles tragam esse retorno.

Dando um exemplo aqui rápido. Eu chegava e passava a definição de arte na primeira aula, arte é isso, arte é aquilo. Copiava, explicava e tchau. Quando foi depois eu disse: deixe eu saber o que os alunos já sabem! E começava a perguntar pra eles o que é arte? A partir das definições que eles davam nós construímos em sala um conceito de arte. Aí eu percebi que isso é interessante, ter esse feedback que chama, com os alunos. Eles veem que estão participando do processo de elaboração de um conceito, não estão apenas recebendo.

Então nós tivemos a especialização e eu entrei em contato com o povo da dança, do teatro, foi uma algo muito interessante e houve uma modificação agora com a inclusão da música, isso em 2008, a data foi determinada pra música ser efetivada nas escolas. Eu fiquei muito animado e lembro que falei pra os meus amigos, agora chegou a minha vez. Só que na prática não foi bem o que aconteceu. Primeiro que veio primeiro a lei, importantíssima, mas faltou o acompanhamento, é tanto que eu penso que as cabeças pensantes aqui do governo, da prefeitura e do estado ficaram sem saber o que fazer. Resultado no estado chegou na nossa escola instrumentos de uma fanfarra, que chegaram e ficaram por lá. Porque assim, eu não tenho uma prática com instrumentos de metal, instrumentos de sopro, então foi meio surreal.

Antes de falar sobre o momento atual, eu me lembrei aqui a questão de alguns trabalhos que eu tive com os alunos, alguns projetos que eu trabalhei música. Eu ensinei em uma escola no Autran Nunes, lá é uma área conhecida aqui como bem perigosa, uma área pobre violenta. Eu fui trabalhar nessa escola e por iniciativa minha e apoio também da direção eu resolvi fazer um trabalho de música. Mas foi meio sem planejamento, depois que eu fiz o projeto foi que eu percebi. Esse projeto esta relacionado diretamente com a minha especialização, vou já explicar por que. Eu fiz um projeto que eu aproveitei o que tinha de materiais na escola. A diretora da escola disse: eu não tenho recurso pra comprar, a gente pode comprar depois. Mas já tinha várias flautas, tinha um violão, tinha uns dois violões e somava com o meu que era elétrico. Começamos com violão e flauta. Eu pensei o seguinte: vou trabalhar aqui com os alunos, não vou apresentar teoria no início, porque a minha ideia é a seguinte, sempre foi, prática, vamos praticar, depois quando o aluno já estiver se familiarizado com o instrumento aí eu vou apresentar a teoria. Porque na minha concepção é o seguinte: se você apresentar teoria pra o aluno sem ele ter o conhecimento vai soar muito estranho. Eu acho que a teoria tem que ser aplicada, a leitura de uma partitura, leitura das notas, a harmonia; tem que ser quando o aluno já está familiarizado.

Então o que é que eu fazia, na flauta eu anotava o nome das notas, não fazia ainda a leitura musical que eu resolvi deixar pra um momento posterior. Teve até uma professora da UECE que brigou comigo quando eu falei isso pra ela. Não! Já comece com a teoria! Mas eu já vi vários autores que falam exatamente o contrário. É a vivência, pra depois você dar nome aos bois. Inclusive o Swanwick, que tem um livro “Ensinando música musicalmente”, que eu achei fantástico. É ensinando música de verdade, não é só jogando teoria não, é indo a fundo, pesquisando e tudo mais.

Nessa escola eu fiz um projeto que começou com um grupo pequeno, e foi criando uma proporção e eu resolvi incrementar. A flauta vai fazer a melodia das músicas, o violão vai fazer a harmonia, às vezes o violão pode fazer um solo, mas no geral a divisão era esta. Mas eu sentia a falta do ritmo. Conversando com os coordenadores, o que é que eu posso fazer, eu queria um instrumento, um acompanhamento, veio a sugestão, que foi até engraçado: tem os instrumentos da bandinha da educação infantil que estão lá encostados os instrumentos. Pegamos o chocalho, tinha um pandeirinho, depois eu vi que na escola tinha um pandeiro mesmo, grande. Comecei a juntar esses instrumentos e a chamar os alunos perguntando quem já tinha alguma prática com instrumento. Tinha um maluco lá que eu fiquei impressionado com o tanto que ele tocava pandeiro. Eu disse: mas eu quero um tambor! E veio outra sugestão: rapaz tem o atabaque ali da capoeira. Eu disse: pronto! Está feita a banda. Então nossa apresentação era assim, tinha um triângulo... Se resumia da seguinte forma: o atabaque fazendo o som grave, fazendo o surdo, a gente microfônava, colocava ele em pé ou deitado, geralmente era em pé, colocava o microfone pra ele fazer o som grave, a parte aguda ficava com o triângulo e o pandeiro dependendo da música. Se fosse um xote era o triângulo, se fosse um samba era o pandeiro, isso tinha uns dois, três alunos responsáveis. Ficou o violão fazendo a harmonia e a flauta a melodia. Um grupo instrumental. O repertório, eu indicava algumas músicas, mas teve músicas, que pra incentivar os alunos eu queria que eles escolhessem. Tinha umas músicas na época, dessas de programas de TV, não sei qual era o programa, mas as meninas gostavam muito, eu escutei a música, achei legal e pronto, essa aqui a gente vai colocar. Tocávamos Aquarela do Brasil, tocava Beatles, o repertório era super variado. Teve um evento específico que me chamou muito a atenção, começamos a ser chamados pela regional pra fazer apresentação, nós fomos chamados pra uma escola que depois virou a minha escola, que é a minha escola atual. Lá nessa apresentação teve um evento muito interessante, os alunos ficaram muito contentes, ficaram muito empolgados porque no final da apresentação ficaram dando autógrafos. Foi muito interessante e num momento X da apresentação eles disseram: professor vamos fazer Aquarela do Brasil. Eu tinha entregue a melodia e a harmonia da música, mas não tinha tido tempo de ensaiar. Eu falei pra eles: mas a gente não ensaiou! Eles me falaram: não, mas o Glauco (que era o menino da flauta que era o mais velho e o que mais tinha domínio de instrumento). Não, mas o Glauco ensaiou com a gente! Eles apresentaram a música e ficou perfeita, e eu fiquei assim impressionado com a capacidade. Quer dizer, eles já estavam tomando iniciativa.

Desse projeto eu fiz umas observações importantes. Tinham uns dois ou três alunos que eles eram muito danados, eles eram muito indisciplinados, mas com a participação do projeto eles mudaram muito o comportamento na sala. Foi até uma muito interessante, os professores chegavam: rapaz o que é que tu fez com esse menino, que o menino está comportado? E eu lembro demais, porque às vezes eu dizia assim: olha gente vamos prestar atenção aqui! E um deles que era da turma dos danados dizia assim: não gente! Vamos fazer aqui senão a gente não vai conseguir não. Quer dizer: ele já percebeu a importância de levar a sério. Só que do mesmo jeito que tem esse lado positivo, teve o lado negativo da gente não ter continuidade. Os projetos que eu fiz em escolas eles nunca tiveram uma continuidade, parece que não é o desejo deles que a coisa continue. Eles adoram, que você leve, apresente, mostrar que são os alunos da rede, mas dar o apoio dificilmente eles fazem.

Tive outra oportunidade em uma escola do Bomsucesso, lá também tivemos um projeto, só que lá era violão e flauta. Foi uma luta do diretor na época pra poder implementar. Ele queria mesmo o projeto, então ele levou assim, quase que na marra, sabe.

Então se você chegar com uma proposta dessas lá nas regionais, na SEDUC, no geral eles barram. A não ser que seja uma necessidade deles. Mas se você chegar: não! Não pode não, professor tem que estar em sala! Essa é a

realidade para os projetos, que é algo que me desestimulou muito. Agora mesmo, recente, semana passada eu fui, recebi uma proposta para trabalhar em outra escola do estado, trabalhar música com os alunos, mas eu acabei desistindo dessa proposta porque, por uma série de fatores, a questão da distância que era mais longe, eu fiquei meio que desmotivado depois de alguns projetos que eu já fiz.

No estado, uma das escolas que eu trabalhei no Henrique Jorge, na pracinha, a direção veio e pediu pra fazer um projeto. Eu fiz o projeto, todo bonitinho, com objetivos, metodologia. Disseram: professor! Foi aprovado o projeto! Quando a gente chegou lá pra fazer a lotação perguntaram: projeto? Está aqui! Quem é o professor? É esse professor! Ele é efetivo? A pergunta foi assim da funcionária lá: ele é efetivo? É! pois não pode. Eu entendi naquele momento o seguinte é porque não é pra ser fixa, é temporário, é só o momento. Escolhe o professor temporário, faz o projeto naquele momento, depois acaba e fica por isso mesmo. Não tem esse sentido da continuidade. Eu fiquei triste.

Voltando aqui pra questão das escolas. Essa questão da efetivação da lei foi um negócio meio complicado. Hoje mesmo eu recebi uma proposta da minha diretora de trabalhar música com os alunos. Porque ontem teve uma apresentação junto com o prefeito. Tinha uma banda lá tocando, uma banda de uns alunos de uma escola tal, ela achou bonito, e já disse, olha eu vou tirar você de alguns momentos da sala, algumas horas, pra você trabalhar isso. Vamos ver se vai dar. Mas no geral funcionam os projetos quando o diretor compra a briga, se você comprar junto também. Não é muito efetiva. Recentemente eu estava na escola da prefeitura, eu não estava em sala, eu estava exatamente com o projeto de música com os alunos, e eu até consegui vários instrumentos, 10 violões, lá já tinha flauta. Eu estava nesse projeto e quando houve a mudança de gestão, no primeiro mandato do Roberto Cláudio. Aí veio o Ivo Gomes e disse não, professor é em sala de aula. E pra não ficar de bobeira e perder a minha escola eu digo não, sem problemas. Eu só faço obedecer, vou para a sala.

De lá pra cá, o que eu tenho trabalhado em sala é a teoria musical, levo alguma música pra gente analisar, e a gente percebe muito que eles são muito carentes de conhecimento musical. E eu até quando falo pra eles, eu digo vocês estão perdoados. Porque tudo conspira pra vocês terem um mau gosto musical. A mídia está aí trabalhando. Agora quando a gente apresenta uma música nova pra eles, no geral eles tem uma boa receptividade. Eu fiz um trabalho em sala com Pavão Misterioso, pra apresentar o maracatu, foi uma aula muito legal e ainda hoje eles falam dessa aula. Porque o que eu fiz, eu peguei o cordel do pavão misterioso que é inspirado num cordel Eu levei o cordel pra gente analisar. Ele é muito grande, são mais de 100 estrofes, eu levei uma parte do cordel pra perceber de onde veio a inspiração. Eu consegui uma animação na internet sobre a história do pavão misterioso, é uma animação que não foi feita aqui no Ceará, não sei se é de Pernambuco, e fizeram a animação contando a história da princesa que aparecia uma vez no ano, um cara se apaixonou e pediu pra o cientista inventar e fazer um pavão mecânico pra ele poder chegar lá na princesa. Então, uma história bem interessante, bem ao nível do cordel mesmo, bem fantasiosa, do começo do século, metade do século 20, mais ou menos. Vimos o cordel do pavão misterioso, vimos essa animação e eu apresentei também a versão que ficou famosa na voz do Ednardo, a versão que ele fez usando o ritmo do maracatu. Usei várias linguagens e eles ficaram assim muito encantados com a música.

Uma percepção minha é que às vezes eu chego com uma música pra eles e às vezes fazem uma cara feia. Eu lembro de uma música, também do Ednardo que eu fui apresentar, Terral, que quando eu comecei a escrever a letra um aluno disse assim: essa música é besta! Eu perguntei: você já conhece? Não! Então você não pode me dar sua opinião, só pode dar sua opinião quando você escutar. Depois que eu terminei de tocar a música, ele disse: professor! Legal essa música! Eu digo: está vendo, a gente tem que tirar esse preconceito. É uma música antiga.

Só falando um pouco da minha trajetória. Eu falei um pouco das histórias da sala de aula, falei um pouco da especialização e ano passado eu concluí o mestrado também na área musical, fazendo uma entrevista com um coral de uma escola. Fiz uma pesquisa com eles, umas entrevistas justamente buscando saber o que tinha modificado no modo ver a música após o contato deles com a música cearense. Por que o coral Filos é um coral de adolescentes de uma escola pública que agora é uma escola profissionalizante, e eles têm uma característica de trabalhar exclusivamente com músicas cearenses. Eu já achei muito interessante, como é que você consegue montar um grupo e delimitar o que é que o grupo vai fazer. Mas é uma experiência bem interessante. Nesse contato com a música cearense, percebemos na fala dos participantes que modificou, eu gosto muito de utilizar uma palavra, quando eu vou falar sobre essa questão do ensino, é a questão do oportunizar. Precisamos mostrar o que há além do que está surgindo aí na mídia e na televisão. E nós que temos um conhecimento musical sabemos que é não é de tão boa qualidade. Eu questiono muito com eles a questão que muita gente fala, não só apenas os alunos, ah! Mas hoje não tem mais música boa. Eu digo pra eles: mas tem muito artista bom, muito artista talentoso. Até saio dizendo uma relação de artistas da atualidade, mas eles não conhecem nenhum Só que infelizmente temos que buscar, temos que pesquisar pra conhecer.

Não sei se eu estou respondendo tudo, mas a minha euforia com a questão da implementação do ensino de música, perdeu um pouco do encanto. Depois que vamos vendo na prática que essa questão é complicada. Então. Em resumo é assim, eles querem que tenha a música eles aplaudem, tiram foto junto quando estão se apresentando. Mas o proporcionar isso na escola não é tão fácil. No momento atual estamos vivendo o que, até

professores afastados por motivo de saúde estão sendo chamados pra fazer novamente a perícia pra voltar pra sala. Existe uma carência de professores e eles estão buscando todas as alternativas pra voltar pra sala. Então não é fácil você implementar um projeto de música nas escolas nesse contexto. Voltando professor pra sala e você vai sair pra fazer projeto.

- **ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE MÚSICA SI DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE FORTALEZA - 02 DE MARÇO DE 2017 (MANHÃ)**

Gráfico 12 – Nuvem de palavras do Professor Si



Fonte: elaborado pelo autor

Pergunta deflagradora: Pesquise histórias de vida de professores de música da cidade de Fortaleza. Para conhecê-lo melhor e sua realidade peço que narre sua experiência como professor de música considerando a importância da música em sua história de vida e para o currículo escolar, sobretudo no contexto das leis que trouxeram a reinserção das músicas nas escolas. Leve o tempo que quiser. Conte como quiser. Peço apenas que conte livremente o entrelaçamento da música em sua vida. Não vou interrompê-lo, apenas avise quando terminar.

Resposta:

Eu comecei a estudar música já na Faculdade. O meu interesse de estudar música foi dentro da universidade. Eu terminei o terceiro ano e comecei a estudar música na Universidade Federal do Ceará, e um ano após eu entrar na universidade eu comecei a participar de um projeto chamado PIBID, que é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, em que nós íamos pra dentro de sala de aula juntamente com alunos de pedagogia pra trabalhar música para o Fundamental 1. Era um trabalho mais individualizado, um trabalho que era apenas com uma sala, com um professor específico do Fundamental 1. Se eu fosse lotado no 2º ano, então eu passaria todo o ano de 2012, 2013 trabalhando no Fundamental 1. Foi uma experiência muito gratificante pra minha vida, pro meu aprendizado dentro dessa sala de aula. Também participei de um projeto de extensão da UFC, diversos projetos de extensão como professor de música, como regente, não dentro de sala de aula, mas como regente de coral. E também participei de um intercâmbio que visava promover a música brasileira fora do país, que foi o projeto com o coral da UFC, Gula.

Dentro de sala de aula comecei a trabalhar na prefeitura no ano de 2015 como professor substituto e em 2016 como professor efetivo.

A respeito de trabalhar música em sala de aula é um pouco complicado de se trabalhar. Por exemplo, nós não temos infraestrutura adequada pra ensino de música da forma como eu fui formado. Por exemplo, minha formação ela é em voz, então assim, pra eu trabalhar voz em sala de aula é um pouco complicado, até porque cada pessoa ela tem uma individualização sobre o que ela gosta, qual instrumento ela quer seguir, nem todo mundo quer cantar, nem todo mundo quer tocar um instrumento. Então assim, trabalhar música dentro de sala de aula, também tem esse desafio, não só de trabalhar aquele instrumento que aquele professor domina, mas de dominar vários instrumentos. Além disso uma das dificuldades que eu tenho em sala de aula é a superlotação em sala de aula, hoje em dia eu tenho sala de aula com 40 alunos. Então é muito complicado você trabalhar só música com 40 alunos, só atividades práticas, só atividades teóricas sobre música, quando eles não têm nenhuma formação de nada. Eles não sabem o que é música, não são trabalhados desde a educação infantil. É diferente quando uma criança é trabalhada desde a educação infantil, por exemplo, como os meus alunos do 2º ano. Foi nessa escola que eu fiz o PIBID, que eu trabalhava musicalização infantil com eles. Quando eu cheguei, agora no 6º ano eles eram meus alunos novamente. Eles já tinham mais facilidade de eu trabalhar música com eles. Em algumas salas em que eu já tenho aqueles alunos que eu já trabalhei música, já trabalhei musicalização infantil é mais fácil trabalhar música, mas nas outras é muito complicado.

Além disso na prefeitura a disciplina não é música, a disciplina é artes. A música é um conteúdo obrigatório dentro da disciplina de artes, mas não é propriamente o ensino da música, não é a disciplina música. Dá pra se

trabalhar música com certeza, eu trabalho muito em cima da questão da apreciação musical, da composição. Tem até um autor que tem um livro “Ensinando música musicalmente”, e eu trabalho justamente naquela proposta dele que é a apreciação musical, trabalho com composição, trabalho com a literatura. Então, é em cima de algumas características da metodologia de ensino dele que eu tento trabalhar em sala de aula. É a forma que eu consigo trabalhar, até mesmo por diversas situações: é uma escola pública, é um grupo muito heterogêneo, não é uma escola de música que a pessoa vai querer fazer a formação naquela coisa específica. Então eu tenho que abranger o máximo que eu posso da minha linha de conhecimento.

Eu comecei a cantar na igreja. Então dentro da igreja eu participava de um grupo de música da igreja. E lá eu comecei aquela paixão por cantar, aquela paixão por voz. Basicamente começou dentro da igreja quando eu tinha dez, onze anos de idade. Eu aprendi a tocar teclado também dentro da igreja, aprendi a tocar piano e fui me desenvolvendo musicalmente lá. Pra aprender música mesmo, pra aprender teoria, pra aprender técnicas de voz, pra aprender tudo isso foi dentro da universidade. Realmente eu tive até uns cursos de canto, tive alguns professores, mas nada muito profundo, nada muito além do que o amadorismo. Eu era muito amador dentro da igreja.

Aqui dentro da escola eu procuro trabalhar bastante a apreciação musical e o conhecimento deles sobre cantores, sobre artistas, sobre movimentos culturais da nossa realidade dentro do nosso contexto social. Então eu já trouxe pra cá Maracatú, pra que eles pudessem conhecer a nossa cultura. Todo começo de ano eu trabalho com eles maracatu de Fortaleza e as manifestações culturais de Fortaleza. Na semana de conscientização da cultura negra, que é no mês de novembro, eu já trabalhei bastante também a música negra, o samba que se origina nas favelas do Rio de Janeiro, a questão do preconceito. E aí eu já vou envolvendo toda uma conscientização política e deles perceberem que a os negros tem uma forte influência sobre a nossa música, o nosso estilo. E trabalho também o baião, o xaxado, trabalho a realidade que eles encontram, e também nos temos um livro. A prefeitura, ela adotou um livro. Pedem pra que a gente possa seguir o livro. O livro do ano passado era o livro Radix e durante o livro ele falava um pouco de música, mas determinados momentos, por exemplo, mostraram a cantora Carmem Miranda e eles ficaram super interessados por ela, aquela moda extravagante dela, aquelas roupas e tal. E o assunto era sobre a arte de se enfeitar. Então o que foi que eu fiz, trouxe um documentário sobre Carmem Miranda, trouxe a história e mandei pesquisarem sobre a Carmem Miranda, trouxe música pra eles ouvirem sobre a Carmem Miranda. Então assim, eles ficaram fascinados por ela. Se você for perguntar, fazer uma entrevista com qualquer aluno aqui do 7º ano, manhã ou tarde, eles conhecem a Carmem Miranda, eles sabem a história dela, sabem onde foi que ela nasceu, sabem quando ela morreu, sabem porque que ela morreu, sabem aonde ela fez sucesso, sabem de tudo. Então eu pego características aqui e acolá que vão surgindo. Não é ter uma metodologia de apenas ensinar aquilo que eu quero, aquilo que eu proponho. Não, surgiu ali, aconteceu, eles se interessaram, vou lá busco e trago uma pesquisa. É muito livre, a disciplina de artes, pelo menos aqui na minha escola, ela é muito livre. Eu sou livre pra trabalhar em sala de aula o que eu quiser. Se eu precisar trabalhar só o livro eu trabalho só o livro, mas se eu quiser trabalhar outro conteúdo, eu trabalho outro conteúdo.

Sempre durante o ano eu falo sobre música. Eu trago música. Eu trabalho uma música folclórica com eles. Alguma música eles vão fazer. Mas é muito, muito difícil. Principalmente pela questão da infraestrutura da escola que vai além da questão da direção, a questão da coordenação, mas uma questão mais ampla de que as escolas públicas estão superlotadas devido à crise econômica. Então, muitas escolas particulares fechando, então estão superlotando essas escolas. Têm salas de aula aqui que nem eram salas de aula e transformaram em sala de aula pra poder agregar a comunidade que não tem escola, tem lista de espera de alunos e turmas muito, muito, muito lotadas.

Eu considero a voz um instrumento musical. Então o meu instrumento que eu posso trabalhar que é acessível a todos é a voz. Não tem pra onde correr. Mas a escola não dispõe de instrumentos musicais, não dispõe de nenhum mesmo, então não tem como trabalhar. Além disso, se eu for trabalhar com flauta, eu também sei tocar flauta. Se eu for trabalhar flauta nessa sala aqui no 7º ano A, a sala do outro lado vai se incomodar, e com razão, porque vai dispersar os alunos, vai dispersar a escola. Então também tem essa questão do ambiente, onde trabalhar a música. Porque não tem nenhuma sala fechada, exclusivamente fechada pra se trabalhar aquilo ali. Então instrumento musical físico, teclado, violão, flauta a escola não dispõe de forma alguma. O que eu possa trabalhar o corpo como instrumento musical incluindo a voz.

Nessa reinserção da música existem muitos professores que trabalham artes, por que como eu te disse, não foi incluído música definitivamente, foi incluído artes. E tem muito professor, por exemplo, de português ando aula de artes. Ele não tem formação nenhuma em música, não tem formação nenhuma, só tem formação em artes plásticas. Eu já tive alunos que quando eu cheguei e perguntei o que eles tinham trabalhado em sala de aula, na aula de artes. Não tio, a tia só mandava a gente desenhar. A música eu acredito que não esteja assim tão forte como se espera estar. Desde 2010 que a música deveria ter sido replantada definitivamente, mas é um processo longo, não é um processo rápido. Acredito que se fosse trabalhado a música desde o Fundamental 1, seria mais fácil. Mas não tem formação pra isso. Os professores, eles não receberam nenhuma formação pra trabalhar música dentro das escolas. Quando tem música é a partir do Fundamental 2 quando se tem um professor que é formado em música. Não é tão fácil e não é tão aparente quanto se parece ser o ensino da música.

ANEXO A – DOCUMENTO MÚSICA NAS ESCOLAS ENCONTRADO NA PÁGINA INSTITUCIONAL DA SEDUC-CE



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ

Secretaria da Educação

Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem-CODEA

Ensino de Música nas Escolas

**“Sem a música, a vida seria um erro”
Friedrich Nietzsche**

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC cumpre o que determina a Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Nº 9394/96, em seu Art. 26, § 2º - “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” e, aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNEM, que define a arte como ferramenta de grande valor, igual as demais disciplinas do currículo escolar sendo valorizada e vivenciada na Área do Conhecimento, da qual faz parte – Linguagens e Códigos e suas Tecnologias.

Com essa nova visão, a Arte foi contemplada através do Art. 26 § 6º da Lei nº 11.769/2008, inserindo: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular”. Nesse contexto os alunos das escolas públicas e privadas de todo o Brasil aprofundarão os estudos e conhecimentos sobre música.

Logo, a palavra-chave é sensibilizar e despertar nos alunos o gosto pela música, Visando melhorar a qualidade do ensino da linguagem musical na disciplina de Arte nas escolas cearenses da rede estadual, em outubro de 2010, as escolas (576), de Ensino Médio, foram beneficiadas com instrumentos musicais repassados pelo Governo do Estado/SEDUC. As escolas receberam kits sonoros com as seguintes composições: violões acústicos, teclados, flautas doces, timbas pequenas, pandeiros, triângulos, afoxés, surdos mor com baqueta, repiques, ganzás, reco-recos, agogôs, atabaques etc. Mais 50 escolas foram beneficiadas com bandas de fanfarra, com objetivo de preservar nosso patrimônio e aumentar o repertório

musical nacional e internacional. Possibilitar, portanto, uma condição de aprendizagem musical através do apreciar, interpretar, criar, improvisar e aprender com os outros.

Para esse afimco, nossas escolas (alunos e professores) participaram da VI Semana de Educação Musical da UFC – valorizando a Arte Cearense, no período de 23 a 27 de maio de 2011. O tema debatido foi “Música nas Escolas Estaduais”, para debate no Café Mundial, e de várias oficinas: Arranjo, Flauta transversal – Nível Básico, Semiologia e sedução (na escola), leitura e Notação Rítmica, Prática Coletiva de Violão, Gaita, Princípios de técnica vocal e fisiologia da voz, improvisação e Musicologia Braille.

Foi discutido, em Audiência Pública, a aplicação da Lei 11.769/2008, que trata da obrigatoriedade do ensino da música, dia 14/06/11, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Vários segmentos da educação, se fizeram presentes nessa discussão: professores e alunos da rede estadual de ensino; especialista em Arte, Professora Maria Darcy Leite Menezes e o Coordenador do Aperfeiçoamento Pedagógico Professor Rogers Vasconcelos Mendes, representando a SEDUC.

Com o objetivo de fortalecer os conhecimentos de música, 90 alunos da Rede Pública Estadual participaram, em julho de 2011, do Festival de Música de Viçosa.

No período de 26/02 a 04/03/2011, 90 alunos participaram do Festival de Jazz & Blues de Guaramiranga-CE, promovidos pela Via de Comunicação e Cultura, que se propôs, no seu programa de formação e capacitação, integrar oficinas de curta duração, denominadas “Residências Artísticas”. O evento culminou com apresentações/show musicais dos nossos alunos, no período de 05 a 08/03/2011, objetivando o despertar pela música e pelo aprendizado de instrumentos musicais.

Em Janeiro de 2012, a SEDUC, novamente em parceria com a Via de Comunicação, promove o Projeto “Música é para a Vida”. O mesmo foi dividido em duas etapas: a primeira ocorreu nas CREDE - Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação, com oficinas na abrangência de cada Macro regional. Nessa etapa 420 alunos e 100 professores, participaram e interagiram suas experiências e vivências nas Oficinas de Sensibilização Musical.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem-CODEA

No período de 11 a 17/02/2012, ocorreu a segunda etapa do projeto com a participação de 100 alunos e 20 professores que foram selecionados nas oficinas para participar das Residências Artísticas. A residência aconteceu durante os sete dias que antecedem o Carnaval, nas cidades de Guaramiranga e Pacoti, no mês de fevereiro de 2012. Serão formados grupos de estudantes e professores para aulas práticas. O conteúdo pedagógico foi organizado em dois grandes módulos: pela manhã, professores residentes, músicos de renome, darão aulas práticas de instrumento (guitarra, violão, baixo, bateria e percussão, teclado e instrumentos de sopro); à tarde acontecem as aulas de prática de conjunto e aulas teóricas de leitura musical, análise e harmonia, improvisação e história do jazz. Somado a isso, professores e alunos irão conviver em um ambiente que propicie a integração e troca de experiências musicais para além dos momentos de aulas.

E para a culminância do Projeto “Música é para a Vida”, de 18 a 21/02, em Guaramiranga, foi realizado o **Festival de Jazz & Blues**, onde todas as experiências musicais foram apresentadas no **Teatro Raquel de Queiroz, em Guaramiranga-CE**, com a participação dos nossos alunos e arte educadores.

Em março de 2012, nos dias 2 e 3, no BNB Clube – Sede Aldeota, 100 (cem) alunos e 20 (vinte) professores das escolas estaduais participaram do **I Festival Nordestino de Arte e Cultura**. O evento, de cunho educativo e de integração, despertou nos alunos a participação efetiva nas oficinas de pintura, teatro, dança, canto e mostra de curtas. Houve atrações artísticas, como a percussão de Samuka Batera, voz e violão com músicos e artistas de renome.

O referido Festival é uma parceria do Instituto Nordeste Cidadania (NEC) e Instituto Semente das Artes, e conta com o apoio do Banco do Nordeste.

Questões referente ao processo de implementação da música no Currículo das Escolas da Rede Estadual.

- A música sempre teve espaço no currículo escolar na disciplina de Arte que agrega outras modalidades de arte e cultura, como artes visuais, teatro, dança, dentre outras. Antes da Lei (11.769) o ensino da música nas escolas estaduais do Ceará, funcionava nos CAIC, através de projetos enviados para a Escola Viva, do PROARES: Programa de Assistência Social. Os projetos de artes, (música, dança, teatro e artes visuais) oriundos das escolas estaduais eram enviados e selecionados pelos técnicos da Área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias. (disciplina artes). Em 2007 o Governo do Estado do Ceará disponibilizou recursos para as Orquestras Filarmônicas. Essas orquestras despertaram nos alunos o gosto pela música.

- O ensino da música faz parte do ensino de Arte, não se caracterizando como disciplina específica do Currículo, com professor específico. Assim, os professores de Arte incluem em seu planejamento, obrigatoriamente, o ensino da música ao lado das outras manifestações culturais que devem ser trabalhadas e integradas.

- A Lei não trata especificamente da formação do Professor, mas deixa nas entrelinhas a necessidade de focar a formação artística desse profissional. No Estado do Ceará, essa formação já vem acontecendo nas Universidades, com cursos de Graduação e Especialização. Para efetivar uma aprendizagem com qualidade, estamos contribuindo nas discussões que envolvem questões sobre a formação de profissionais educadores que trabalham com Arte.
É um grande desafio a formação de professores qualificados para a inclusão



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ

Secretaria da Educação

Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem-CODEA

do ensino de música nas escolas. Sabemos que esta formação não pode ser a curto prazo, pois o preparo e tempo necessários para absorção de conteúdos e experiências musicais requerem a vivência da linguagem musical.

Maria Darcy Leite de Menezes
Técnica de Aperfeiçoamento Pedagógico

Gilvana Linhares
Articuladora de Aperfeiçoamento Pedagógico